

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA



A literatura egípcia do Império Médio: espelho de uma civilização

I volume

*

Telo Ferreira Canhão

Doutoramento em História

(História Antiga)

2010

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA



A literatura egípcia do Império Médio: espelho de uma civilização

I volume



Telo Ferreira Canhão

Tese orientada pelo Professor Doutor Luís Manuel de Araújo
(Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

Doutoramento em História
(História Antiga)

2010



ÍNDICE

Volume I



Índice	3
Nota prévia	7
Abreviaturas e títulos	13
Introdução geral	19
I – Antologia	31
Introdução	33
1. <i>Khufu e os Mágicos</i>	51
2. <i>História de Sinuhe</i>	69
3. <i>Conto do Náufrago</i>	89
4. <i>Conto do Camponês Eloquente</i>	99
5. <i>As Admoestações de Ipu-uer</i>	121
6. <i>Diálogo de um Desesperado com o seu ba</i>	143
7. <i>As Profecias de Neferti</i>	153
8. <i>As Lamentações de Khakheperréseneb</i>	163
9. <i>Ensino de Amenemhat I ao seu filho Senuseret</i>	169
10. <i>Ensino Lealista</i>	175
11. <i>Ensino de Kheti</i>	183
12. <i>Hinos a Senuseret III</i>	195
II – Transliterações	201
Nota prévia	203
1. <i>Khufu e os Mágicos</i>	209
2. <i>História de Sinuhe</i>	221
3. <i>Conto do Náufrago</i>	234
4. <i>Conto do Camponês Eloquente</i>	241
5. <i>As Admoestações de Ipu-uer</i>	258
6. <i>Diálogo de um Desesperado com o seu ba</i>	272
7. <i>As Profecias de Neferti</i>	278
8. <i>As Lamentações de Khakheperréseneb</i>	283
9. <i>Ensino de Amenemhat I ao seu filho Senuseret</i>	285



10. <i>Ensinamento Lealista</i>	288
11. <i>Ensinamento de Kheti</i>	292
12. <i>Hinos a Senuseret III</i>	299

III – Análise do <i>corpus</i> literário do Império Médio em antologia e anexo documental	303
Introdução	305
1. Tempos conturbados: do Primeiro Período Intermediário à XII dinastia.	323
2. A XII dinastia: o tempo da <i>maat</i> vivenciada	355
3. Relações afectivas e sociabilidades	421
Conclusão	467
Bibliografia	485

Volume II

Índice	3
IV – Anexo documental	5
Introdução	7
Convenções	15
1. <i>Khufu e os Mágicos</i>	21
1.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos. Sinopse	23
1.2. Texto hieroglífico, transliteração e tradução comentada	29
2. <i>História de Sinuhe</i>	77
2.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos. Sinopse	79
2.2. Texto hieroglífico, transliteração e tradução comentada	87
3. <i>Conto do Náufrago</i>	133
3.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos. Sinopse	135
3.2. Texto hieroglífico, transliteração e tradução comentada	139



4. <i>Conto do Camponês Eloquente</i>	159
4.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos. Sinopse	161
4.2. Texto hieroglífico, transliteração e tradução comentada.....	169
5. <i>As Admoestações de Ipu-uer</i>	243
5.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos. Sinopse	245
5.2. Texto hieroglífico, transliteração e tradução comentada.....	251
6. <i>Diálogo de um Desesperado com o seu ba</i>	303
6.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos. Sinopse	305
6.2. Texto hieroglífico, transliteração e tradução comentada.....	313
7. <i>As Profecias de Neferti</i>	329
7.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos. Sinopse	331
7.2. Texto hieroglífico, transliteração e tradução comentada.....	337
8. <i>As Lamentações de Khakheperréseneb</i>	361
8.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos. Sinopse	363
8.2. Texto hieroglífico, transliteração e tradução comentada.....	369
9. <i>Ensino de Amenemhat I ao seu filho Senuseret</i>	381
9.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos. Sinopse	383
9.2. Texto hieroglífico, transliteração e tradução comentada.....	393
10. <i>Ensino Lealista</i>	413
10.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos. Sinopse	415
10.2. Texto hieroglífico, transliteração e tradução comentada.....	423
11. <i>Ensino de Kheti</i>	439
11.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos. Sinopse	441
11.2. Texto hieroglífico, transliteração e tradução comentada.....	449
12. <i>Hinos a Senuseret III</i>	479
12.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos. Sinopse	481
12.2. Texto hieroglífico, transliteração e tradução comentada.....	485
Bibliografia	497





Nota prévia



NOTA PRÉVIA





Quando em 1979 concluí a licenciatura em História (Modalidade D – Arqueologia), na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, estava longe de imaginar que alguma vez chegasse tão longe. Tanto mais que a minha vida profissional evoluiu num caminho diferente: o ensino secundário. Um caminho paralelo, mas bem diferente daquele que viria a retomar mais tarde. Mesmo quando, em 1998, iniciei um mestrado em História das Civilizações Pré-Clássicas (Área de Egiptologia), na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, ainda assim, não me passou pela cabeça que pudesse fazer um doutoramento. Mas as contingências da vida foram empurrando neste sentido e acabei por atingir um patamar que nunca antes tinha ambicionado e que, diga-se em abono da verdade, do ponto de vista profissional, agora pouco ou nada serve. Contudo foi e é fundamental para a sanidade mental. O prazer de voltar a estudar seriamente, de pôr hipóteses, de encontrar explicações, de ler os mestres e, justificadamente, concordar ou discordar deles, foi fundamental para o equilíbrio emocional, para não me afundar com o ensino secundário que, de há trinta anos a esta parte, tem piorado de ano para ano. Primeiro lentamente e, agora, vertiginosamente.

Com a conclusão do mestrado em 2003, inesperadamente, aconteceram duas coisas: por um lado, fiquei franca e agradavelmente surpreendido pela beleza e alguma actualidade da produção literária do Egipto faraónico, em particular com a que era conotada com o Império Médio; por outro lado, espicçou-me ver à minha volta pessoas que, embora há mais tempo dedicadas ao estudo da egiptologia, navegavam agora num marasmo incompreensível. Por isso a pergunta começou a fervilhar: se sou capaz porque não ir mais longe? O facto de durante o mestrado me ter deslocado ao Egipto por duas vezes, uma por quinze dias (2001) e outra por mês e meio (2002), durante as quais fui de Alexandria a Abu Simbel, viajando tanto pelo Nilo quanto pelo deserto, visitando uns lugares mais turísticos e outros nem tanto, foi fundamental para decidir o prosseguimento dos estudos.

Se no mestrado me deu grande prazer o estudo de um texto apenas, agora pretendia-se estudar a literatura mais representativa de toda uma época. Pegar num número significativo de textos, traduzi-los e dissecá-los de forma a esclarecer através deles formas de pensamento e de vida do longínquo Império Médio. Por isso, sem grandes perdas de tempo, para evitar esmorecer,



apresentei um projecto de tese e o respectivo pedido de candidatura a doutoramento na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que foi aceite no início de 2004. Inicialmente com o título de «Precocidade, homogeneidade e longevidade do Egipto faraónico. A literatura egípcia do Império Médio: espelho de uma civilização», à medida que os estudos foram avançando, fui percebendo as críticas que pessoas amigas fizeram a este título, por ser excessivamente ambicioso e obrigar à busca de continuidade de então até aos dias de hoje, passando por diferentes épocas e culturas. Assim, avançando com a metodologia proposta no projecto apresentado, abdiquei da parte inicial do tema e fixei-me apenas na sua segunda parte.

Sendo a realização de uma tese de doutoramento, de um modo geral, um acto solitário, o facto é que nunca me senti só. E para isso contribuiu de forma inenarrável, o Professor Doutor Luís Manuel de Araújo, a quem tive a feliz lembrança de pedir que me orientasse na minha investigação. Na perspectiva de orientador, a sua erudição e rigor só foram suplantados pela amizade que se estabeleceu entre nós. Sempre pronto a criticar, emendar e sugerir, sempre atento às ideias ou explicações, convenceu-me a participar em diversas iniciativas da egiptologia portuguesa, algumas de parceria com o Professor Doutor José das Candeias Sales ou com ele próprio, tendo por base as minhas capacidades e os meus conhecimentos egiptológicos, que, embora marginais à minha profissão, partilho com bastante gosto. Da organização e participação em congressos à leccionação em cursos de egiptologia, passando por conferências diversas, colaboração fotográfica em publicações suas em actividades da Associação Cultural de Amizade Portugal-Egipto, tem sido uma actividade de vários anos em intensa colaboração.

Tive ainda a grata oportunidade de partilhar ideias e recolher contributos do Professor Doutor José das Candeias Sales e o Professor Doutor Rogério de Sousa. Com o primeiro partilhei conferências, com o segundo foi redigido um artigo que foi apresentado em Rodes, no X Congresso Internacional de Egiptólogos, em Maio de 2008.

Não posso deixar de mencionar dois outros bons amigos: o Professor Doutor Francisco Caramelo e o Dr. Miguel Conde. Uma amizade de «caserna» nunca se desfaz! O destino juntou-nos no mesmo quarto do apartamento de Sakara, mesmo em frente da pirâmide de Djoser, cerca de mês e meio. Já no ano anterior tínhamos estado juntos no Cairo e, depois, em Abu Simbel, Assuão, Lucsor... cerca de quinze dias. Eles os dois com um pouco mais de tempo, uma vez que só cheguei mesmo já para o VIII Congresso Internacional de Egiptólogos e quando parti para ver o Sul do Egipto só o Miguel me acompanhou. Francisco Caramelo, um professor, dos melhores que tive em toda a minha vida, que se tornou amigo, e Miguel Conde, a quem o tempo teimou em aconchegar, o colega que se tornou também um amigo. O seu apoio incondicional tem-me acompanhado todos estes anos, impedindo-me algumas vezes de parar com este trabalho.



No meu local de trabalho, a Escola Secundária de Sacavém, desde um conjunto de colegas que tem desaparecido aos poucos por força das reformas antecipadas, a um Conselho Diretivo que, dentro das suas possibilidades legais, e percebendo o vazio em que muitos de nós cáímos, sempre me facilitou a vida para poder dedicar mais tempo à egiptologia. Uma conferência aqui, um congresso acolá, uma rápida saltada ao Egipto... Em particular à professora Filomena Velho da Costa e à professora Nazaré Barros, o meu obrigado pelas ajudas que foram proporcionando. Dos meus bons amigos e colegas professores Luís Boavida, José Carlos Callixto, Eulália Callixto e Teresa Gomes, já só resta na Escola esta última, mas todos eles sempre me apoiaram e incentivaram. À professora Teresa Gomes acrescentem-se as professoras Leonor Silva e Teresa Ricardo pelos muitos apoios em traduções, em particular do alemão, mas também de algum inglês mais erudito.

As últimas referências para os mais prejudicados: a família. Se por um lado o seu apoio foi sempre incondicional, por outro foram aqueles que mais sentiram a má disposição, que por vezes a concentração e o pensamento longínquo na busca de soluções que os livros disponíveis não comportam, ou a indisponibilidade de quem passou muitos e muitos fins-de-semana e férias atulhado de dicionários, gramáticas e manuais de todos os tipos e feitios e em diversas línguas. Da minha mulher, Maria do Rosário, recebi a compreensão de quem trilha caminhos paralelos, dos meus filhos, Ana Rita e Guilherme, o tempo que passou e que não permitiu mais e melhores complicitades. Finalmente, do meu pai, que foi adiando os males que a idade lhe foi impondo e quase se aguentou firmemente até este dia, só pelo prazer de não perder o momento do marco da história familiar de um grau académico cujos pilares mais profundos são humildes: um guarda-florestal do pinhal de Leiria e uma professora primária de uma aldeia que nem no mapa consta: Moinhos da Barosa. E, no entanto, acabei por fazer bem menos, pois sempre orientei o meu trabalho numa perspectiva caseira, enquanto o meu pai, Joel Ferreira Canhão, levou o seu nome e, obviamente, o da família, a numerosos países europeus, americanos, africanos e asiáticos.

Por fim, dando cumprimento ao ponto 1 do artigo 41º do Regulamento de Estudos Pós-Graduados da Universidade de Lisboa, declaro que dos textos apresentados, o *Conto do Camponês Eloquentemente* já tinha sido por mim estudado e apresentado como prova de dissertação de mestrado: «*O meu caminho é bom*». *O Conto do Camponês Eloquentemente. Texto hieroglífico, transliteração, tradução comentada e análise de uma fonte documental*, Lisboa, dissertação de mestrado em História das Civilizações Pré-Clássicas (Área de Egiptologia), Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (texto policopiado), 2003. Foi todo revisto e melhorado em alguns aspectos que antes não tivera oportunidade de abordar. O texto hieroglífico e a sua transliteração nunca foram publicados, mas alguns capítulos desse estudo foram dados à es-



tampa na revista *Cadmo* («O Conto do Camponês Eloquente na Literatura do Antigo Egipto», em *Cadmo* 14 (2004), 125-143; «Datação e Temática do Conto do Camponês Eloquente», em *Cadmo* 15 (2005), 163-187; «O Conto do Camponês Eloquente», em *Cadmo* 16 (2006), 11-54; «Khuenanupu um camponês eloquente», em *Cadmo* 17 (2007), 81-112; «O grande intendente Rensi», em *Cadmo* 19 (2009), 25-45. Também foi dado a conhecer publicamente no Segundo Congresso Internacional para Jovens Egiptólogos, realizado em Lisboa, em 2006, e posteriormente publicado em inglês, nas respectivas Actas do congresso, em 2009, um texto da nossa autoria respeitante ao estudo do erotismo e da sensualidade em dois contos do *Papiro Westcar*: «Eroticism and sensuality in *Papyrus Westcar*» (edição de L. M. Araújo e J. C. Sales, em CD, pp. 567-585).

Enfim, concluindo que está este aliciante trabalho de investigação, que agora fica à disposição da comunidade científica, em especial a comunidade egiptológica, pode dizer-se, à guisa de remate, como faziam os antigos escribas egípcios, que ele «acabou, do princípio ao fim, como o que se encontrou na escritura». Que a sua leitura proporcione a todos «vida, prosperidade e saúde».



Abreviaturas e títulos



ABREVIATURAS E TÍTULOS





- AAWB* *Abhandlungen der preussischen Akademie der Wissenschaften*, Berlim. Continuada pela APAW.
- AcOr(B)* *Acta Orientalia*. Acad. scientiar hungar., Akad. Kiadó, Budapeste.
- AcOr(C)* *Acta Orientalia*. Soc. orient. batava, danica, fennica, norvegica, suecica, Lund, Copenhaga.
- AJA* *American Journal of Archaeology*, Nova Iorque.
- APAW* *Abhandlungen der deutschen Akademie der Wissenschaften zu Berlin, phil.-hist. Kl.* Continuação da AAWB.
- ÄUAT* *Ägypten und Altes Testament*, Festschrift für Gerhard Fecht, Jürgen Osing e Günter Dreyer (eds.), Wiesbaden.
- ASAE* *Annales du Service de Antiquités de l'Égypte*, Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire, Cairo.
- BCLE* *Bulletin du Cercle lyonnais d'Égyptologie Victor Loret*, Lyon.
- BFA* *Bulletin of the Faculty of Arts*. University of Cairo, Cairo.
- BIE* *Bulletin de l'Institute égyptien*, depois *Bulletin de l'Institute d'Égypte*, Cairo.
- BIFAO* *Bulletin de l'Institut Français d'Archéologie Orientale*, Cairo.
- BSEG* *Bulletin de la Société d'Égyptologie*, Société d'Égyptologie, Genève.
- BSFE* *Bulletin de la Société Française d'Égyptologie*, Société Française d'Égyptologie, Paris.
- Cadmo* *Cadmo, revista de História Antiga*. Revista fundada pelo Instituto Oriental da Faculdade de Letras de Lisboa e actualmente do Centro de História da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- CahKarn* *Cahiers de Karnak*. Centre franco-égyptien d'étude des temples de Karnak. Continuação da anterior revista *Kêmi*.
- CdE* *Chronique d'Égypte*. Fondation Égyptologique Reine Élisabeth, Bruxelas.
- CIREF* *Centre d'information, de recherches et d'études francophones*, Paris.
- Cultura* *Cultura*. Revista de História e Teoria das Ideias do Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- DE* *Discussions in Egyptology*, A. Mibbi, Oxford.
- Egypte* *Egypte. Afrique et Orient*. Centre vaclusien d'égyptologie, Avinhão. Continuação de *Egyptes*.



- Egyptes* *Egyptes. Histoires et Cultures*. Centre vaclusien d'égyptologie, Avinhão. Continuada pela *Egypte*.
- GM* *Göttinger Miszellen*. Universität Göttingen, Göttingen.
- Hathor* *Hathor, Estudos de Egiptologia*. Associação Portuguesa de Egiptologia, Lisboa.
- ICAD* *Institut Cheikh Anta Diop*. Université de Libreville, Gabão.
- IOS* *Israel Oriental Studies*. Faculty of Humanities, University of Tel-Aviv, Tel-Aviv.
- JAOS* *Journal of the American Oriental Society*, New Haven (Conn.).
- JARCE* *Journal of the American Research Center in Egypt*, American Research Center in Egypt, Nova Iorque.
- JEA* *Journal of Egyptian Archaeology*, Egyptian Exploration Society, Londres.
- JNES* *Journal of Near Eastern Studies*, University of Chicago, Chicago.
- JSSEA* *Journal of the Society for the Study of Egyptian Antiquities*, Toronto.
- JSTOR* *Journal of the American Oriental Society*, University of Michigan, Ann Arbor.
- Kêmi* *Kêmi*. Revue de philologie et d'archéologie égyptiennes et coptes, Paris. Continuada pelos *CahKarn*.
- Kush* *Journal of the Sudan Antiquities Service*, Sudan Antiquities Service, Khartoum.
- LÄ* *Lexikon der Ägyptologie*, Otto Harrassowitz, Wiesbaden.
- LingAeg* *Lingua aegyptia*. Journal of Egyptian Studies Semin. für Ägyptologische und Koptologische, Göttingen.
- MÄS* *Münchener ägyptologische Studien*, Münchener Universitätschriften, Berlim, Munique.
- MDIK* *Mitteilungen des Deutschen Archäologischen Instituts*, Cairo.
- NSSEA* *Newsletter of the Society for the Study of Egyptian Antiquities*, The Society for the Study of Egyptian Antiquities, Toronto.
- OLA* *Orientalia lovaniensia analecta*. Departamento de Orientalismo, Lovaina.
- OrAnt* *Oriens antiquus*. Rivista internazionale del Centro per le Antichità e la storia dell'ante del Vicino Oriente, Roma.
- Orientalia* *Orientalia*. Comment. periodici. Pontificio Istituto Biblici, Roma.
- OSO* *Orbis Biblicus et Orientalis*, Biblical Institut of the University of Fribourg, Fribourg.
- PUF* *Presses Universitaires de France*, Paris.
- PSBA* *Proceedings of the Society of Biblical Archaeology*, The Society of Biblical Archaeology, Londres.
- RdE* *Revue d'Égyptologie*, Société Française d'Égyptologie, Paris, Lovaina.
- REgA* *Revue de l'Égypte ancienne*, Paris. Continuação da *RevEg*. Continuada pela *RdE*.
- RevEg* *Revue égyptologique*, Paris. Continuada pela *REgA*.
- RHR* *Revue de l'Histoire des Religions*, Paris
- RT* *Recueil de travaux relatifs à la philologie et à l'archéologie égyptiennes et assyriennes*, Paris.



- SAK* *Studien zur Altägyptischen Kultur*, Hamburgo.
- SAOC* *Studies in Ancient Oriental Civilization*, The Oriental Institute of the University of Chicago, Chicago.
- SCO* *Studi classici e orientali*. Università degli studi di Pisa. Istituto per le Scienze dell'Antichità, Pisa.
- Serapis* *Serapis*. American Journal of Egyptology, Chicago (Illinois).
- Sphinx* *Sphinx*. Revue crit. embrassant le domaine entier de l'égyptologie, Uppsala.
- StudAeg* *Studia aegyptiaca*, Budapeste.
- ZÄS* *Zeitschrift für Ägyptische Sprache und Altertumskunde*, Hinrichs'sche Buchhandlung /Akademie-Verlag, Leipzig, Berlin.



ABREVIATURAS E TÍTULOS





Introdução geral





Como qualquer introdução que se preze, esta parte é a última a ser redigida, depois de terminado todo o trabalho. Por muitos memorandos que ao longo do tempo se juntem numa parte que desde o início se designa por introdução, a verdade é que, de uma forma geral, ela é constituída pelas derradeiras linhas de qualquer tarefa académica deste tipo, pois tem que reflectir o que o leitor vai encontrar no trabalho que, no início, obviamente ainda não foi escrito.

Concluída, então, a redacção da tese, ao olhar para trás a primeira verificação a fazer é que ela ocupou cerca de onze anos da minha vida. Depois de uma licenciatura em História no ano de 1979, dediquei-me à docência no ensino secundário sem nunca pensar em obter quaisquer outras habilitações. E assim se passaram perto de vinte anos. Um dia, nos finais de 1998, uma iniciação nos estudos egípcios acabou por fazer emergir uma velha paixão que estava latente; em 2003 apresentei como dissertação de mestrado um estudo sobre o texto do Império Médio dedicado ao inspirador *Conto do Camponês Eloquentes*; e eis que agora, em 2010, esse passo inicial foi ampliado para um trabalho com um nível mais abrangente e demonstrativo do panorama literário do Império Médio.

Porquê a literatura do Império Médio? Em primeiro lugar, porque a minha formação académica de pós-licenciatura incidiu sobre o médio egípcio. Logo aí, na abordagem inicial, no *Conto do Camponês Eloquentes*, apercebi-me que o egípcio clássico, o médio egípcio, era o que estava mais ao alcance. Inclusivamente, comparando gramáticas do médio egípcio e do neo-egípcio, foi fácil verificar que estas últimas eram mais complexas, parecendo que não estava ainda preparado para desenvolver estudos baseados no neo-egípcio. Essa conclusão evidente levou a pôr de lado o Império Novo, ainda que, na verdade, parte dos textos do Império Novo sejam em médio egípcio, como aliás se demonstra neste trabalho. De facto, o egípcio clássico continuou a ser escrito até ao século IV da nossa era, mesmo quando os Egípcios já dispunham da escrita demótica e, embora de uma forma circunscrita, da escrita copta, para as quais também não disponho de qualquer preparação.

Apercebi-me igualmente que já desde há algum tempo tinham sido publicadas várias obras com transcrições hieroglíficas de textos cujos arquétipos eram considerados do Império Médio; umas mais antigas, outras mais modernas, umas mais fáceis de obter outras mais difíceis. Por outro lado, conclui que podia obter fotografias, fotocópias e obras fac-similadas com os respectivos textos hieráticos do Império Médio, não para fazer o trabalho a partir da leitura dessas reproduções, mas para tirar dúvidas em situações concretas. A utilização do papiro pelos letrados



e burocratas egípcios, as reformas administrativas que fomentaram um claro desenvolvimento das escolas de escribas no Império Médio e a crença na vida para além da morte que levou os defuntos a incluir nos enxovais funerários textos variados, foram outros preciosos aliados na recolha de fontes para alicerçar a investigação.

Acrescente-se que o Império Antigo também não era opção, pois isso obrigaria a que, para o efeito, fosse necessário ir até ao Egipto ou a alguns museus em diversos países, por temporadas mais ou menos longas, uma vez que os escritos em egípcio antigo ou em egípcio arcaico estão mais ligados a túmulos reais (os «Textos das Pirâmides»), a objectos cerimoniais (como a paleta de Narmer ou as cabeças das maçãs do suposto «rei Escorpião» e de Narmer), a estelas, a cilindros-selos e a carimbos tumulares, a inscrições em vasilhas de olaria ou pedra, usualmente identificando o dono ou o seu conteúdo. Do ponto de vista estritamente literário, ou que a ele pode ser equiparado, existe uma série de inscrições monumentais em túmulos ou noutros materiais líticos, sejam os famosos e já muito estudados «Textos das Pirâmides», sejam autobiografias ou mesmo algumas instruções. Não era este o meu gosto pessoal, e continuava a não ser essa a formação de base já adquirida, além de que por questões profissionais essas deslocações ao Egipto eram impossíveis.

A este conjunto de razões práticas juntou-se uma outra questão, agora de conteúdo, e para a qual o mencionado *Conto do Camponês Eloquente* foi assaz determinante: a intencionalidade da literatura do Império Médio. Não só a produção literária dessa época áurea passou a ser elaborada para alcançar determinados fins, tendo um pendor fortemente pedagógico e político, como essa característica parece ter deveras contribuído para o seu aperfeiçoamento, levando os responsáveis pelos diversos textos a produzirem belas páginas de literatura, algumas desenvolvendo mais as características narrativas, outras perdendo-se na imensidão de uma filosofia muito pragmática. Parece mesmo que os novos géneros literários do Império Médio, o conto, a narrativa e a profecia¹, surgiram ligados a esta necessidade de formação desenvolvida nesta época de restauração do poder monárquico. O Império Médio é uma fase de transição de costumes e de ideias, antecedido por outra um tanto instável e turbulenta, o Primeiro Período Intermediário, que não só são visíveis nos textos como, de facto, comportam matéria e temas que me seduzem.

Desta súpula de ideias resulta que o objecto de estudo do presente trabalho seja a literatura egípcia do Império Médio. Não toda a literatura, mas aquilo que julgo ser uma amostragem significativa daqueles que se podem considerar os melhores textos dessa época e que permitem tirar algumas conclusões gerais, com o objectivo de mostrar como viviam e pensavam os Egípcios.

¹ J. N. CARREIRA, *Literatura do Egipto Antigo*, p. 62.



cios de então. Não pretendo elaborar uma exposição sobre as formas de literatura do Império Médio, nem, muito menos, fazer qualquer tipo de abordagem política, económica ou propor outra visão geral do Império Médio que outros já fizeram com grande mérito.

O objectivo é mostrar que a literatura egípcia do Império Médio, como a literatura de qualquer época e país, reflecte formas de viver e pensar dos Egípcios de então, que há travesmestras do pensamento egípcio que se serviram da literatura para serem compreendidas, divulgadas e assimiladas. Aliás, não é apenas o Império Médio que desperta interesse. Fazendo a diferenciação entre datação literária e datação histórica, veremos o que nos dizem esses textos dos tempos conturbados do Primeiro Período Intermediário e do final da XI dinastia, e da XII dinastia. Procurar-se-á também explicar possíveis intenções desses aliciantes textos. E porque falaremos de homens e de mulheres, serão tratados ainda alguns pormenores das relações afectivas e de diversas sociabilidades que então se desenvolviam e que achei por bem destacar.

São apenas duas das trinta dinastias faraónicas (e mesmo assim só caberá neste cômputo a segunda metade da primeira, uma vez que só o seu quinto rei, Nebhepetré Mentuhotep, ou seja, Mentuhotep II², conseguiu restabelecer a unidade do Egipto) mas, na verdade, o Império Médio (c. 2040-1640 a. C.)³ é a época em que a história do Egipto atingiu o seu esplendor. Sobretudo no tempo do sexto e antepenúltimo rei da XII dinastia, Amenemhat III (c. 1844-1797). A língua, e através desta a literatura que aí se desenvolveu, serviram de modelo. A arte desse tempo foi igualmente brilhante. Enquanto a XI dinastia (c. 2040-1991) criou condições para a unidade das Duas Terras e para a consolidação e desenvolvimento posteriores, ainda que se mostrasse débil no seu final, a XII dinastia (1991-1783) introduziu notórias mudanças a todos os níveis: Amon tornou-se o protector da monarquia e deus nacional; a capital passou de Tebas para Iti-tauí; o Faium recebeu grandes obras hidráulicas e viu-se um centro de importantes recursos agrícolas; foram feitas reformas administrativas significativas, grande parte delas visando cortar o poder dos notáveis, o que nunca foi verdadeiramente conseguido antes de Senuseret III; universalizou-se o conceito de *maat*; a política externa recuperou contactos comerciais a norte e a sul; as defesas do Egipto foram reforçadas nas zonas fronteiriças do Delta Oriental e da Núbia, que foi alvo de intensa exploração.

² Sobre este rei cfr. página 341 do volume I**.

³ A cronologia é um dos assuntos mais controversos do estudo do Egipto, variando de autor para autor, que, de um modo geral, concordam com as grandes divisões da história do Egipto, discordando apenas com o início e/ou o fim de cada uma delas e, por isso, sujeitando os reinados a variações. Em termos gerais tentámos coordenar nesta questão a informação recolhida em três obras: R. SCHULZ e M. SEIDEL (eds.) Egipto. O Mundo dos Faraós, pp. 528-531; J. BAINES e J. MÁLEK, Egipto. Deuses, Templos e Faraós, pp. 36--37; P. CLAYTON, Crónicas dos Faraós. Na primeira, Regine Schultz elaborou as suas tabelas segundo Jürgen von Beckerath. As datas aqui consideradas constam da segunda obra indicada, sendo que a última é dada como precisa e as restantes têm uma margem de erro mínimo. Aliás, a maior parte das datas da XII dinastia são conhecidas com precisão.



Metodologicamente este trabalho começou pela escolha de doze textos:

- Khufu e os Mágicos (Papiro Westcar)
- História de Sinuhe
- Conto do Náufrago
- Conto do Camponês Eloquentemente
- As Admoestações de Ipu-uer
- Diálogo de um Desesperado com o seu ba
- As Profecias de Neferti
- As Lamentações de Khakheperréseneb
- Ensino de Amenemhat I ao seu filho Senuseret
- Ensino Lealista
- Ensino de Kheti
- Hinos a Senuseret III

Desde o início do projecto uma intenção se tornou premente: dotar a comunidade portuguesa de um conjunto de textos hieroglíficos, com a sua transliteração e tradução para português. São importantes fontes das quais se poderá partir para uma multiplicidade de trabalhos, e que até agora se encontravam dispersas em obras estrangeiras, sendo algumas delas de difícil acesso. Até ao momento, em Portugal, não havia nada que se comparasse.

Por isso foi feita a tradução para português dos doze textos seleccionados. Trata-se, é bom sublinhar, de uma tradução comentada. Durante muito tempo pareceu ser esse o cerne do trabalho, ao qual se juntaria uma introdução. Mas o pensamento inicial evoluiu e agora pode-se concluir que, de facto, é um trabalho primordial, pois são traduções dotadas com notas de rodapé que procuram ser bastante completas e explícitas, indo desde simples referências filológicas a enquadramentos históricos, de comparações com outras traduções às opções pessoais acompanhadas das respectivas explicações, de comparações entre o egípcio hieroglífico e o egípcio hierático, a variadíssimas justificações a diversos níveis, sendo a origem de tudo o que se seguiu e podendo ser o ponto de partida de muitas outras tarefas neste âmbito de investigação e estudo. Para mim e para outros que porventura o queiram aproveitar.

Uma coisa é certa: este trabalho nunca foi estático. A vontade de o melhorar cada vez mais fez com que se antevissessem sempre novas possibilidades. Em determinada altura, avançou-se com a ideia de criar uma antologia, uma vez que tinha sido reunido um número considerável de textos. Embora mantendo inalterada a apresentação das fontes hieroglíficas, da sua transliteração e da respectiva tradução para português, na intenção de satisfazer os leitores mais especia-



lizados, foi decidido criar uma apresentação mais ao sabor do leitor comum, apreciador de literatura mas sem conhecimentos de egípcio hieroglífico. Nesta altura pesou também uma hipotética futura publicação que, com os hieróglifos, poderia ser muito difícil e atingiria sempre um público mais restrito.

Então, e uma vez que as traduções já representavam cerca de 500 páginas, decidiu-se relegá-las para um anexo que concentrava a matéria-prima da antologia, dando espaço a esta, que seria o corpo principal do trabalho. À semelhança da maior parte dos anexos, e devido às características próprias do material que encerrava, este volume foi considerado o segundo e dotado de uma introdução direccionada para o trabalho específico da tradução. Introduziram-se no princípio as convenções utilizadas nas traduções e, como são traduções comentadas, considerou-se conveniente acrescentar-lhe a bibliografia consultada no fim. O primeiro volume não existiria sem este segundo, mas prevendo-se já eventuais problemas editoriais, foi, conscientemente, idealizado com possibilidades de sobrevivência autónoma. Para isso contribuiu também o seu número de páginas: uma vez que a tese só poderia ter cerca de 300/400 páginas, a sua entrada foi considerada como anexo e a sua paginação iniciada do princípio, uma vez que não seria contabilizada para o corpo principal da tese.

Entretanto, numa participação no X Congresso Internacional de Egiptólogos, que teve lugar em Rodes, em 2008, quando foi da aprovação para publicação do trabalho por mim enviado, um trabalho em co-autoria sobre a *História de Sinuhe*, ele recebeu a crítica da apresentação da tradução não estar em conformidade. Isto é, apresentei as frases hieroglíficas e a transcrição toda seguida, contrariando a normal apresentação das frases separadas, uma por linha. Embora trabalhando de uma forma aparentemente menos correcta, para fazer um trabalho como o que agora apresento, estou sujeito ao cumprimento de certas regras, entre as quais o cumprimento de um determinado número de páginas que foram estipuladas para a tese. Se apresentasse os textos egípcios traduzidos a uma frase por linha só para as traduções eu necessitaria de, pelo menos, três vezes mais espaço, ou seja, só para as traduções seriam precisas cerca de 1500 páginas.

Com esta regra percebe-se logo se o tradutor sabe, de facto, as noções básicas do médio egípcio: a construção das frases. Isto é, a base da gramática egípcia, uma vez que, conforme o tipo de frase, os diferentes elementos que a compõem têm um lugar específico no seu interior. Por exemplo: numa frase nominal, a maioria das frases em médio egípcio, para além das reconhecidas excepções (como plurais demonstrativos, pronomes independentes, demonstrativos do tipo moderno – *p3* (este, o), *t3* (esta, a), *n3* (estes, estas, os, as), os quantificadores *ky* (outro), *kt* (outra), *kywy* (outros, outras), o numeral *w^c* (um), ou os números de milhares ou de milhões), surge sempre primeiro o determinado e só depois o determinante; isto é, de uma forma geral, o



substantivo determinado vem no princípio do grupo nominal e precede os seus determinantes. Todos estes têm uma posição fixa na frase: em primeiro lugar de precedência vem o pronome sufixo (com funções possessivas); em segundo lugar vem o quantificador *nb* (cada) ou um número; em terceiro lugar vêm os demonstrativos, no quarto lugar surgem os adjectivos, no quinto lugar aparecem os regidos de um genitivo indirecto; e em sexto lugar os *nisbes* preposicionais, seguidos do seu regido, os particípios, as formas relativas e as construções introduzidas pelo adjectivo relativo *nty* (que). Uma frase pode ter ou não todos estes elementos. Para demonstrar esse conhecimento, resolvi acrescentar ao trabalho, depois da antologia, que já por si é uma forma de divisão de frases, um capítulo com os poemas em que as respectivas frases egípcias aparecessem transliteradas e devidamente demarcadas. Ora esta apresentação tem uma outra vantagem: em termos pedagógicos será possível utilizar este capítulo para treinar com afínco a tradução. Passaria a ser este volume o corpo principal da tese, que seria composta por dois volumes, em que o segundo, os anexos, podem vir a ser publicados conjuntamente ou não.

Contudo, ao debater com diversos colegas alguns dos aspectos do presente trabalho, em particular com o orientador da tese, Professor Doutor Luís Manuel de Araújo, fui notando uma forte inclinação para a necessidade de explorar o conteúdo dos textos no sentido de justificar o título da tese, uma vez que a tradução, por si só, não o fazia. Do fecundo diálogo foram brotando ideias que, não as tendo inicialmente, acabaram por fazer sentido. Mas surgia entretanto um problema: o tempo de entrega da tese estava a esgotar-se. Tinham passado seis anos, e, não só por motivos legais mas também por motivos financeiros, não era possível ultrapassar a data de entrega. Mal tinha começado a análise dos textos e já estava na altura de imprimir o que estava concluído. Foi feito, então, um volume II, um anexo documental com as traduções, considerado o IV capítulo do todo, para o qual se fez uma introdução e onde se apresentaram também as convenções utilizadas nas traduções, e um volume I com a antologia no capítulo I e as transliterações no capítulo II. Cada capítulo com a sua própria introdução, mais direccionada para o conteúdo do respectivo capítulo. Como é hábito, no início, no volume I, existe, também, uma nota prévia onde se incluem os agradecimentos, seguida de uma resenha das abreviaturas e de títulos de revistas que aparecem ao longo do trabalho, fundamentalmente, nas notas de rodapé.

Na contingência de haver ainda a hipótese de entregar o capítulo III sobre a análise dos textos, idealizou-se um processo que evitasse retirar da secretaria os treze exemplares da parte do volume I, entregues no penúltimo dia do prazo legal, que teria que ser simplesmente destruída, o que representaria grande perda de tempo e dinheiro. Para isso acrescentou-se ao volume I um asterisco. O capítulo em falta se viesse a ser entregue teria que ser igualmente impresso e seria incluído na respectiva ordem sendo destacado com um volume identificado por dois asteriscos:



volume I**. Não é um terceiro volume, é a conclusão do volume I, e por isso mesmo é que a sua paginação surge em contínuo em relação ao material do volume I*. Para manter o figurino, foi dotada também de uma introdução específica. É no final destas duas partes que surge a conclusão do trabalho. À bibliografia foram acrescentadas duas ou três obras, tendo sido colocada de novo no final do primeiro volume.

A este respeito outra questão logo aflorou: com o tipo de comentários feitos nas traduções, não fazia sentido apresentá-las sem bibliografia. Mas como as traduções eram anexos, então ficava o volume principal sem bibliografia? Na forma de conduta adoptada, sempre que se justificou, julgou-se preferível pecar por excesso e nunca por defeito. E assim se chegou à conclusão que o menor dos defeitos seria duplicar a bibliografia.

A oportunidade para concluir o trabalho veio ao meu encontro da pior maneira. Por motivos de doença vi-me forçado a um prolongado período de baixa médica e as provas de doutoramento tiveram que ser retardadas. Graças a esse atraso tive a possibilidade de concluir o trabalho e entregar ainda a segunda parte do volume I. Por razões técnicas e práticas foi subdividido na presente forma, mas não deixa de ser um todo:

- O volume I, dividido em três capítulos, um deles com três sub-capítulos:

I – Antologia

II – Transliterações

III – Análise do *corpus* literário do Império Médio em antologia e anexo documental

1. Tempos conturbados: do Primeiro Período Intermediário à XII dinastia
2. A XII dinastia: o tempo da maat vivenciada
3. Relações afectivas e sociabilidades)

- O volume II com um capítulo:

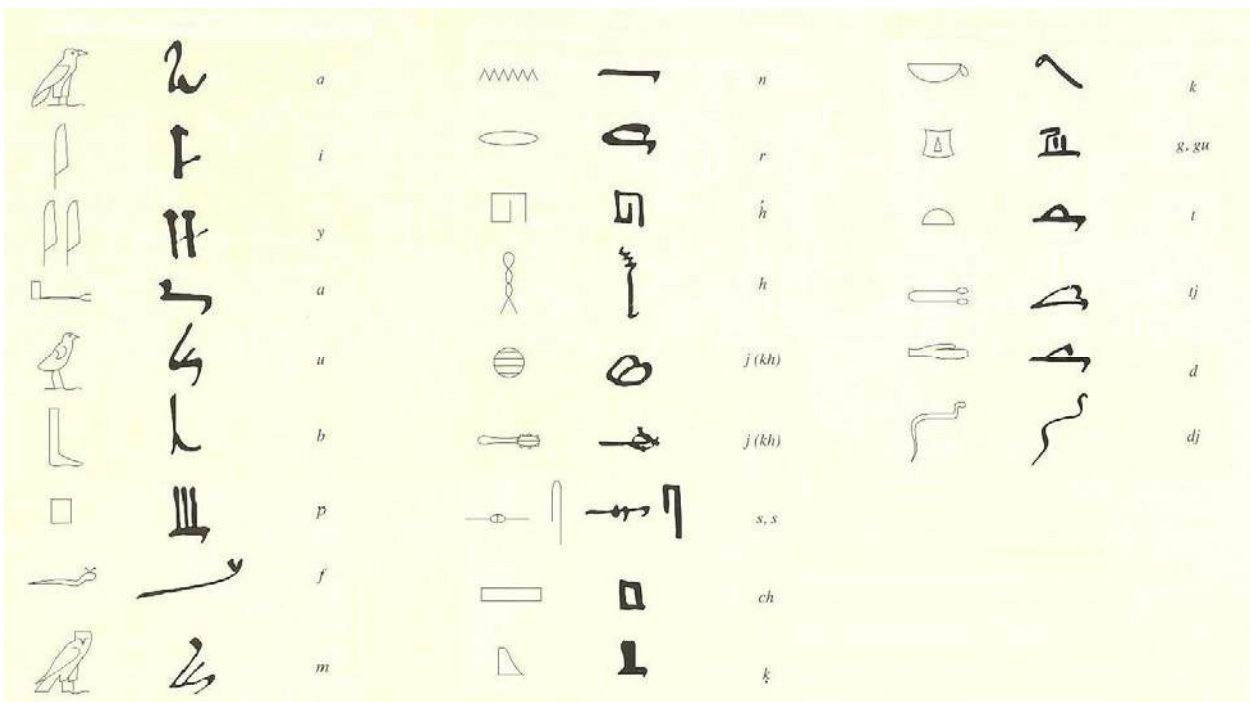
IV capítulo – Anexo documental

O meu trabalho foi feito a partir de numerosas fontes, todas devidamente assinaladas na bibliografia final e postas em evidência nas notas de rodapé sempre que foi considerado necessário, mas que, mesmo assim, merecem aqui alguns apontamentos. A tarefa não era a transcrição dos originais em escrita hierática para escrita hieroglífica. Ainda assim dotei-me do maior número possível de originais hieráticos, os quais me foram chegando através de fotografia, fotocópias ou obras fac-similadas. Através deles, de algumas obras de referência e de visitas a alguns museus em períodos de férias onde foi possível observar vários papiros originais (os principais fo-



ram: Museu Egípcio do Cairo, Museu do Louvre, Museu Britânico, Museu Nacional da Irlanda, Chester Beatty Library, em Dublin, Museu Arqueológico Nacional, em Madrid, Museu Egípcio de Budapeste, Museu Egípcio de Turim e Museu Egípcio de Florença), tentei descrever o estado actual dos papiros e, principalmente, tirar eventuais dúvidas de anteriores transcrições suas para hieróglifos.

Uma vez que os estudos da língua egípcia que levei a cabo se debruçaram sobre o egípcio hieroglífico, para as leituras feitas nos papiros em escrita hierática, cujas regras ortográficas são as mesmas da escrita hieroglífica, apenas se diferenciando desta pelos seus traços que são mais simples e rápidos, conforme se pode verificar na imagem que se segue, foi fundamental a obra de Hans Goedicke, *Old Hieratic Paleography*, ou mesmo, a um nível praticamente de iniciação, o útil livro de Maria Carmela Betrò, *Geroglifici, 580 segni per capire l'Antico Egitto*, onde ao lado dos signos hieroglíficos surgem várias formas cursivas hieráticas. Considere-se também que nos escritos de tipo literário, a caligrafia usada era normalmente muito esmerada, ao contrário dos textos administrativos e cartas, onde os traços eram mais rápidos e esquemáticos.



Ainda assim, o presente estudo foi basicamente feito a partir de fontes impressas de transcrições hieroglíficas feitas por reconhecidos filólogos da egiptologia: Adolf Erman, Alan Gardiner, Aylward Blackman, Wladimir Golénischeff, Richard Parkinson, Raymond Faulkner, Hans Goedicke, Francis L. Griffith, Wolfgang Helck, Gaston Maspero, Aksel Volten, Georges Posener, Winfried Barta, Helmut Brunner, Wolfgang Helck, Kurt Sethe, Émile Suys, Gillian Vogelsang, Roland Enmarch, Gerald E. Kadish e Jesus Lopez. Algumas destas obras foram im-



pressas nos finais do século XIX ou nos princípios do século XX, nas quais muitas vezes houve, simplesmente, que acreditar, porque se o estado de alguns papiros já era mau na época em que aqueles autores fizeram a sua leitura, em alguns casos agora é bastante pior, havendo zonas que já nem é possível ler. Ainda assim, da leitura das notas de rodapé das traduções aqui propostas, é possível deduzir que muito foi possível fazer.

Agora que a tarefa foi dada por concluída, volto a olhar para trás e vejo o «Tema, plano de investigação, fundamentos científicos, metodologia e objectivos» que em 2003 foi apresentado à Faculdade de Letras de Lisboa para aprovação da candidatura às provas de doutoramento, e concluo que não me afastei muito daquilo que inicialmente se pretendia fazer. Apenas foi expurgada a componente menos exequível, que levaria a seguir um percurso longo e contínuo desde o antigo Egipto até à actual sociedade ocidental, atrás dos valores éticos e morais.

No final da redacção desta tese terminemos com uma evocação. Ela consta num emocionante texto retirado de um «canto de harpista», feito para exaltar a tarefa daqueles que escrevem e para sublinhar o valor intemporal do acto de escrever, que os letrados egípcios tanto cultivaram. A verdade é que, dizia já o escriba egípcio de há quatro mil anos, muitos túmulos de pedra se desmoronaram e caíram no esquecimento, e com eles o nome dos seus proprietários, no entanto, os nomes dos escritores serão sempre recordados:

«Vale mais um livro que uma lápide funerária gravada,
que a parede de uma capela solidamente construída,
o livro serve de morada e de pirâmide para que se pronuncie o seu nome.

Um homem desaparece, o seu corpo transforma-se em pó,
e todos os seus parentes voltaram à terra,
mas um livro faz com que ele seja mencionado pela boca de quem o lê.

Vale mais um livro que uma casa ou um túmulo no Ocidente,
é melhor que uma torre bem construída
e que uma estela comemorativa num templo.»⁴

⁴ Traduzido e adaptado de F. DAUMAS, *La Civilization de l’Egypte Pharaonique*, pp. 347-348.





I - ANTOLOGIA





Introdução



INTRODUÇÃO





Reconhecer os textos egípcios como prosa ou verso nem sempre é fácil. Por vezes existem certas características gramaticais que nos ajudam, por exemplo, verbos ou frases narrativas, mas como a definição dos tipos literários depende muitas vezes da estrutura métrica, torna-se muito difícil em relação aos originais egípcios. Nalguns casos é mesmo impossível esse reconhecimento, uma vez que não utilizavam nem vogais nem acentuação, e usavam, de uma forma geral, proposições muito curtas. Para os Egípcios, a simples definição de «verso» (*versus* = linha escrita, mais tecnicamente um *cólon*, em latim, ou um *stich*, em grego), é problemática. Segundo nos informa R. Parkinson, há apenas dois exemplos que, reconhecidamente, são apresentadas neste tipo de escrita: um manuscrito da XXVI dinastia, o *Ensino de Amenemope*, e um texto funerário demótico do princípio do primeiro século da nossa era⁵. A própria apresentação manuscrita é bastante importante.

Os casos em que este tipo de escrita surge no Império Médio não correspondem a versos, aparecendo arranjos em linha para evitar a duplicação dos refrões (casos dos hinos de El-Lahun para Senuseret III e da biografia da estela de Antef), ou sem a repetição de elementos, assinalando algumas separações de máximas (*Papiro Ramesseum II*). Em documentos administrativos onde a informação é apresentada em tabelas ou listas em colunas, surgem, por vezes, marcas gráficas que terminam cada *cólon*; nos manuscritos literários surgem como forma de incorporar certos arranjos particulares, como os casos já encontrados neste estudo, da lista de produtos no *Conto do Campônês Eloquente* (B1 1-14) ou a carta do rei na *História de Sinuhe* (B 178-199)⁶.

Estas dificuldades levaram a que os egiptólogos desde A. Erman virassem a sua atenção para a forma métrica. G. Fecht acabou por propor um sistema comparável ao do verso copta, que não rima, mas é ritmado, onde cada verso é medido por grupos de palavras, tendo cada uma, uma determinada acentuação; o número de acentuações, as sílabas tónicas, é fixo, enquanto as sílabas não acentuadas, as sílabas átonas, não contam, podendo-se produzir versos de extensão irregular. Fecht só aceitava versos de duas ou três *cola*, mas têm sido apresentados alguns exemplos em que essa regra parece não ter sido cumprida. Não tantos casos que ponham em causa os princípios de Fecht, mas são divergências que podem sugerir que a contagem da quantidade dos *cola* por verso deve ser mais flexível. Aliás, não nos parecem sustentáveis posições inflexíveis em relação a uma língua da qual não sabemos o que se perdeu entre o tempo em que era falada e escrita, e os dias de hoje⁷. Esta sucessão de sílabas fortes e fracas, com intervalos mais ou menos regulares, a que

⁵ R. B. PARKINSON, *Poetry and Culture*, p. 113.

⁶ R. B. PARKINSON, *Poetry and Culture*, p. 113.

⁷ R. B. PARKINSON, *Poetry and Culture*, p. 116.



chamamos ritmo, encontramos, também, nos versos portugueses⁸. Depois o ritmo da linguagem vai modificando as regras gramaticais que permitem a identificação destas acentuações, pelo que se deve contar sempre com possíveis variações que não se podem traçar gramaticalmente.

Contudo, ao contrário dos modelos grego ou latino, que apresentam uma métrica quantitativa com uma alternância regular de sílabas tónicas e átonas, no modelo copta, embora a métrica egípcia fosse uma métrica acentuada, os «componentes da acentuação da frase» eram contabilizados através de uma contagem dos *cola*. Portanto, um discurso era dividido por possíveis pausas para respirar, que surgiam a separar dois *cola*, desenvolvendo-se de pequenos para grandes grupos de palavras, originando um crescendo cada vez mais forte da própria acentuação. Os conjuntos de versos em que todos têm o mesmo número de tónicas dizem-se metricamente puros, designando-se por misturados quando cada um tem um número de tónicas diferentes⁹. Quando não é possível uma clara correspondência entre a palavra «frase» (*ts*) e um simples «verso» segundo as regras de Fecht, deve-se usar a primeira: há casos em que dois versos distintos constituem uma *ts*¹⁰. Os versos agrupam-se em estâncias, designadas por *hwt*, «mansões», palavra etimologicamente paralela a «estância», que em português é sinónima da palavra «estrofe», cuja origem grega, *strophé*, significa «volta», «conversão», e constituem agrupamentos rítmicos formados por dois ou mais versos (em português: dístico, terceto, quadra, quintilha, sextilha, estrofe de sete versos, oitava, estrofe de nove versos, décimas e estrofes livres¹¹).

Embora surja desde a VI dinastia aplicada aos «Textos das Pirâmides», concebidos como «mansões de signos» em forma de colunas, só foi utilizada com este sentido no Império Novo, quando foi aplicada a algumas composições das canções de amor do *Papiro Chester Beatty* e em *Amenemope*. No Império Novo as estâncias eram separadas umas das outras escrevendo algumas ou todas as palavras do primeiro verso com tinta encarnada, uma prática que vinha desde o Império Antigo para destacar secções do texto cursivo. Nos manuscritos do Império Médio não foi encontrada qualquer tipo de marca padrão de estâncias, «sugerindo que as divisões atestadas podem ter resultado de codificações tardias e práticas educativas»¹².

Enquanto a narrativa e os escritos de características mundanas (administrativos, políticos, etc.) seguem a sintaxe habitual em qualquer linguagem dando origem à prosa, a poesia é, essencialmente, um artifício, um uso artístico da palavra e da gramática, para criar efeitos especiais na

⁸ C. CUNHA e L. F. LINDLEY CINTRA, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, p. 665.

⁹ W. BARTA, *Das Gespräch eines Mannes mit seinem Ba*, p. 59.

¹⁰ R. B. PARKINSON, *Poetry and Culture*, p. 113-114.

¹¹ Cfr. C. CUNHA e L. F. LINDLEY CINTRA, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, pp. 676-691.

¹² R. B. PARKINSON, *Poetry and Culture*, pp. 114.



mente dos leitores ou ouvintes. Ela pode variar no próprio uso, podendo ser criada pelo simples desejo do seu criador satisfazer a sua própria necessidade criativa, isto é, numa concepção da arte pela arte, ou para servir algum desejo específico, como uma oração a uma divindade, devoção a um chefe, expressão de sentimentos acerca de um assunto, entretenimento, etc. Na poesia do antigo Egito a «unidade geral» básica é a proposição completa ou «unidade-ideia», constituída por pequenas entidades, em que a mais pequena a fazer sentido é a palavra. Pode ser um substantivo («cão», «pôr-do-sol»), um conceito ou condição («gentileza», «felicidade»); um adjectivo que ajude a qualificar um substantivo («verde», «sábio», «pesado»); um verbo ou uma palavra-de-acção («sorrir», «andar» «ser surpreendido»); ou um advérbio que qualifica uma acção (andar «rapidamente», sorrir «gentilmente»). Mas as palavras não funcionam isoladamente, raramente carregando uma mensagem completa: ajudam-se umas às outras e usam partículas de ligação, de modo a formarem frases com as quais se formam quadros na nossa mente: «no jardim das rosas», «voando a velocidade supersónica». Podem mesmo ser usadas fórmulas contrastantes («falar para», «falar contra», «falar em», «falar acerca»), todas querendo dizer coisas diferentes. De preferência as palavras surgem juntas formando frases completas e dando origem a «unidades de mensagem». Depois, as proposições completas ou frases simples, podem ser combinada em frases complexas.

Em todas as linguagens existem formas de organizar as palavras para fazer frases compreensíveis, isto é, há regras de sintaxe definidas. Em português, os tipos de versos monossílabos e dissílabos não são frequentes, mas a partir dos trissílabos existem numerosas possibilidades: tetrassílabos, pentassílabos ou versos de redondilha menor, hexassílabos, heptassílabos ou redondilha maior, octossílabos, eneassílabos, decassílabos, hendecassílabos e o dodecassílabo ou verso alexandrino, no que respeita ao sistema de versificação isossilábico, porque ainda podemos considerar a versificação acentual, os metros bárbaros e o verso livre, que não obedecem ao princípio isossilábico). O dodecassílabo, nas suas diferentes expressões – o alexandrino francês clássico (6+6 ou 3+3+3+3) ou o alexandrino romântico francês (além daqueles, ainda 4+4+4 ou 3+5+4 ou 4+5+3) – é o verso mais longo utilizado pelos poetas de língua portuguesa¹³.

O Egito antigo, no caso vertente a sua poesia, embora apresente as suas idiosincrasias, não escapa a esta realidade. A proposição completa ou frase simples é a unidade básica com que os poetas Egípcios realizaram os seus trabalhos, à qual acrescentaram o conceito de «paralelismo». Contudo, como nos explica K. Kitchen, não se ficaram por aí e rapidamente levaram o processo de «paralelismo» muito mais longe: se duas linhas podiam ser postas em paralelo para pro-

¹³ Cfr. C. CUNHA e L. F. LINDLEY CINTRA, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, pp. 700-708.



duzirem determinados efeitos, isso também podia ser feito com três, quatro, ou mais linhas, para atingir os mais variados efeitos poéticos¹⁴.

Seguindo a nomenclatura e respectivos exemplos propostos por K. Kitchen, vejamos as diferentes hipóteses de versejar, utilizadas pelos Egípcios, começando pela unidade.

1a – Cada frase completa ou unidade de pensamento é uma «linha», isto é, um *cólon*. Se aparece como unidade única num poema, pode ser chamada de *monocólon* (ou *monostich*).

1b – Mas o característico dualismo egípcio deu origem ao caso muito comum em que cada «linha» pode consistir em duas metades balançadas, criando um paralelismo interno onde o que cada metade diz corresponde ao que diz a outra metade, formando um «paralelismo sinónimo». A cada meia-linha pode-se chamar *meio-cólon*. Uma vez que a segunda linha retoma o mesmo tema, cada linha completa pode ser emparelhada com uma segunda linha completa, relacionando-se o seu significado. Exemplo:

Os céus são azuis, a cripta funerária é azul
os céus retêm o seu firmamento de cor azul.

2 – Duas linhas ou unidades de pensamento aparecem frequentemente juntas formando um verso: é o que se chama uma *copla* ou *bicólon*. É o tipo mais comum de verso-unidade poético na poesia do antigo Egipto (e do Próximo Oriente antigo, onde os Salmos bíblicos são os exemplos mais acessíveis à tradição cultural do Ocidente). Há quatro possibilidades:

2a – *Paralelismo sinónimo*. As duas linhas da copla dizem a mesma coisa por palavras diferentes. Por exemplo:

Louva Amon, e ele proteger-te-á,
adora Amon-Ré, e ele guardar-te-á.

2b – *Paralelismo sintético*. Ambas as linhas partilham o mesmo tema básico, mas a segunda acrescenta algo ao que é dito na primeira. No exemplo, o tema da vitória é comum, mas à morte do inimigo da primeira linha, a segunda acrescenta a destruição das suas residências.

O faraó chacinou os seus inimigos,
o falcão destruiu as suas cidades.

2c – *Paralelismo de antítese*. A segunda linha expressa um contraste ou oposição à primeira linha.

Acaricia um cão, e ele amar-te-á,
bate num cão, e ele morder-te-á.

¹⁴ K. A. KITCHEN, *Poetry of Ancient Egypt*, pp. xiii-xiv.



2d – *Paralelismo positivo negativamente*. Uma afirmação positiva na primeira linha, harmoniza-se, por contraste, com o negativismo expresso na segunda linha, que simplesmente confirma a primeira mas de forma oposta:

O Rei venceu todos os seus inimigos,
nenhum rebelde pode resistir ao seu braço poderoso.

2e – *Paralelismo complementar*. Duas linhas estão em paralelo como duas proposições independentes, em que o significado da segunda é distinto do da primeira, sendo, contudo, suplementar ou complementar para ela. No exemplo, a primeira linha afirma a perícia da rapariga (o seu cabelo, como um laço, «captura» o rapaz), a segunda assinala, com algum humor, que ela não tem suporte familiar para tal perícia. A única ligação entre as duas linhas independentes é a utilização do «laço»:

Como ela sabe atirar o laço, a amada,
Mesmo sem ser filha de um criador de touros!

2f – *Coplas balanceadas*. Uma proposição completa é dividida por duas linhas, sendo o sentido da primeira frase completado no segundo verso.

O amor dele arrebatava o coração
de todos os que passassem pelo caminho.

3 – *Tricólon* ou «tripla»: três linhas formavam um verso. Três casos podiam acontecer:

3a – Cada uma das três linhas mostra paralelismo sinónimo ou sintético (como as coplas) entre si (1+1+1), como neste exemplo em que fala do perfume no «Olho de Hórus»:

Ele dotar-te-á de uma renda,
ele dotar-te-á de energia,
ele engrandecer-te-á.

3b – Três linhas formam uma copla seguida de uma linha «de seguimento» (2+1), as três formando um todo conceptual, como no exemplo da metáfora do amante «capturado»:

O ganso bravo voa e pouso,
acabando por cair na rede,
enquanto inúmeros pássaros voam em redor.

3c – Uma linha-chave seguida de uma copla (1+2), como neste exemplo dos «Textos das Pirâmides»:

Na realidade, Unas transformou-se num *akh* imperecível,
aquele que desejar que ele viva, certamente viverá,
aquele que desejar que ele morra, certamente morrerá.



4 – Quadras. Quatro linhas formam uma totalidade, sendo um conceito único. Existiam quatro variações poéticas:

4a: Paralelismo simples (1+1+1+1). Ao contrário das *bicólon* ou das *tricólon*, as *quadras* raramente têm um paralelismo simples, como no exemplo seguinte («Textos das Pirâmides»):

Os grandes são para a sua refeição da manhã,
os médios são para o seu jantar,
os pequenos são para a sua ceia,
os velhos, macho e fêmea, são para as suas estatísticas.

4b: A ligação de duas coplas sucessivas (2+2), formando uma unidade-verso («Textos das Pirâmides»):

Tu és poderoso,
possas tu banir todo o mal de Osíris, este rei,
tu não deverás permitir-lhe que ele se volte contra ele,
no nosso nome de Hórus não precisamos de repetir este trabalho.

4c: Uma linha mais uma copla mais uma linha (1+2+1), («Textos das Pirâmides»):

É o viajante que apunhala os senhores,
que os estrangulará para o rei,
que lhes extrairá as entranhas para ele,
ele é o mensageiro que ele (o rei) manda para os capturar.

4d: *Tricólon* mais uma quarta linha (3+1), («Textos das Pirâmides»):

Ó Ré, dá a tua mão ao rei,
Para que Chu pegue nele, para ser companheiro de Chu,
O rei bebeu leite das duas vacas negras,
as amas das almas de Heliópolis.

4e: Dois conjuntos de linhas intercaladas, a 1^a + 3^a e a 2^a + 4^a (A+B, A'+B'), («Textos das Pirâmides»):

É abençoado por mim, e por ele,	(A)
é reconfortado por mim, e por ele,	(A')
no abraço do meu pai,	(B)
no abraço de Atum.	(B')

5 – Foram ainda reconhecidas unidades conceptuais maiores, também atestadas desde os tempos mais remotos, como as unidades de cinco linhas, por vezes constituídas por um *tricólon* mais um *bicólon* (3+2), outras por dois *bicólons* mais uma linha isolada (2+2+1). Podem ainda



aparecer formações de seis ou sete unidades e mais.

6a – *Eclipse*. Frequentemente, em coplas ou *tricolons*, os poetas egípcios julgavam poder melhorá-las evitando a repetição da primeira metade de uma linha na linha seguinte, onde apenas expressavam a segunda metade, que se manifestava em paralelo com a segunda metade da primeira linha, e ambas dependiam da primeira metade da primeira linha.

A *fórmula completa* seria:

Presto adoração a Hathor,
presto louvores à minha soberana.

Com a eliminação da repetição na segunda linha:

Presto adoração a Hathor,
e louvores à minha soberana.

6b – *Pivot*. Outro artifício podia ser a utilização de uma palavra comum na junção de duas linhas ou coplas, sem que estivesse incluída em qualquer uma delas e servindo para ambas as linhas.

Um dia feliz (é) a minha visão de ti,
meu irmão,
um enorme prazer é (apenas) observar-te¹⁵.

Ora como a maioria dos textos do Egipto antigo, em qualquer suporte, em escrita hieroglífica ou hierática, não separavam as palavras com espaços e, aparentemente, também não utilizavam quaisquer marcas de pontuação, apresentando-se o texto todo seguido do princípio ao fim, a pontuação que os tradutores hoje utilizam deriva da junção de uma vertente mais objectiva, a estrutura gramatical, com outra mais subjectiva, a percepção do tradutor, com uma subvertente implícita que é o facto de cada tradutor estar integrado num determinado meio técnico-cultural que diverge de língua para língua e de país para país, por vezes divergindo mesmo dentro da mesma língua ou do mesmo país.

Contudo, na escrita hierática surgem, em bastantes e diversificados manuscritos, pequenos pontos encarnados que separam conjuntos de palavras gramaticalmente organizadas. Estes pontos encarnados, ou como lhes chama R. Parkinson, «pontos de verso»¹⁶, parece que só no final do Segundo Período Intermediário passaram a ser um hábito, tornando-se comuns nos manuscritos da literatura hierática do Império Novo. Nem sempre indicavam um verso, pois há exemplos onde os pontos de verso indicam apenas um simples *cólon* e não um verso, como é o caso do *Conto da Verdade e Mentira no Papiro Chester Beatty II*¹⁷. Por isso e porque não são exclusivos dos textos literários, podiam indicar também locais de respiração em textos que eram para serem reci-

¹⁵ K. A. KITCHEN, *Poetry of Ancient Egypt*, pp. xv-xx.

¹⁶ R. B. PARKINSON, *Poetry and Culture*, pp. 115-117.

¹⁷ R. B. PARKINSON, *Poetry and Culture*, p. 117.



tados, como já havia pensado Fecht, por exemplo, em contextos litúrgicos¹⁸. Aliás, a primeira vez que os pontos de verso aparecem é no final da XII dinastia, exactamente associados, e em exclusivo, a textos rituais. É em cópias do Império Novo, ou posteriores, que surgem em diversos textos do Império Médio, literários e não literários, escritos tanto por candidatos a escribas como por escribas já formados. Nem sempre estão colocados segundo as regras estipuladas por Fecht, e se alguns casos podem ser apontados a erros do escriba, ou a corrupções que passaram de copista para copista, outros parecem indicar a possibilidade de que devemos ser mais flexíveis do que Fecht, como já antes expressámos, e considerar outras possibilidades de emparelhamento dos *cola* por linha e verso, mais na senda de K. Kitchen.

Para uma melhor compreensão da questão da composição poética, apresentamos dois exemplos em verso, alternando a cor dos *cola* que neste texto estão devidamente marcados. No papiro que contém *As Lamentações de Khakheperréseneb* o texto distribui-se por quatro parágrafos de tamanho variável. A separação dos parágrafos é visível pelo maior espaçamento deixado entre cada um dos conjuntos de linhas: quatro no primeiro, cinco no segundo, outras cinco no terceiro e seis no quarto. Cada parágrafo desses é uma estrofe, igualmente de tamanho variável, onde os versos são marcados por pontos de verso, podendo ser formados por um, dois ou três *cola*. A métrica aqui apresentada para a primeira estrofe, de treze versos, é 2+2+2+3+2+2+1+2++2+2+2+1+2. Para a segunda, de doze versos, é 3+3+2+2+2+3+2+2+2+3+3+2. Para a terceira, de dezassete versos, é 2+2+2+2+2+2+2+2+2+2+2+2+2+3+2. Para a quarta, de dezanove versos, é 3+3+2+2+2+2+2+2+2+2+2+2+2+3+2+2+2+3+2.

As Lamentações de Khakheperréseneb

shwy md(w)t kdf tsw
 dfr hnw m hhy n ib
 tri.n w^cb n twnw
 sny-s3 h^c-hpr-r^c-snbw ddw n.f n^chw
 ddf h3 n.i hnw hmmy
 tsw hppy m mdt m3wt tmt
 swt m whmmyt
 nn ts n sbt r hrw ddt.n tpw^cw
 sh3k.i ht.i hr-ntt im.s
 m fh n dd nb hr-ntt rf whmw ddt
 tw ddt d
 nn b^cw mdt imyw h3tyw
 gml is imyw hitw

n dd dd dd ddt.fy gmy ky ddf

n mdt n mdt hr-s3 iry tri n.sn dr^c

nn mdt ntt k3 sdd.s(n) hhy pw r 3k
 grg pw nn sh3t.fy rn.f n kt-hy
 dd.n.i nn hft m3.n.i
 s3^c r ht tpyt nfrty r tw hr-s3
 sny.sn r sw3t h3 3 rh.i hm ny kywy
 m tmmt whmy ddt.i st wsb n.i ib.i

Colecção de palavras, conjunto de conhecimentos.

Resultado da investigação numa forma habilidosa de discurso, realizada pelo sacerdote de Iunu,

Khakheperréseneb, filho de Séni, chamado «Aquele que vive».

Ele diz: «Possa eu ter palavras desconhecidas, fórmulas inéditas com palavras novas que nunca tenham ocorrido,

sem quaisquer repetições, um discurso nunca transmitido pela voz dos antepassados!

Que eu faço sair do meu corpo porque está nele, em ruptura com todo o homem que tenha falado, porque o que foi dito pode ser repetido.

E o que foi dito foi (bem) dito!

Não há nenhum exagero nas palavras dos antepassados

e o que está nelas é apreciado pelos sucessores.

Aquele que está a falar não deve falar, a fim de falar aquele que deverá falar, a fim de que um outro possa encontrar de que falar.

Não um contador de histórias depois delas acontecerem, porque isto foi há muito tempo;

não um contador do que deverá ser dito, (isso) é procurar o sofrimento,

é mentir; ninguém lembrará o seu nome a outros.

Eu disse isto de acordo com o que vi,

desde a primeira geração até às que virão depois.

Elas devem imitar o passado. Possa eu saber o que outros ignoram!

Mesmo o que foi silenciado (sem nunca ser) relatado, eu di-lo-ei e o meu coração

¹⁸ R. B. PARKINSON, *Poetry and Culture*, pp. 116 e 117.



shđ.l n.f r mn.i
win.l n.f 3tpw nty hr psd.i
hrw m sfn n wl sđr.i n.f mnt.i m-^cf
đđ.l ih hr srf.i

ink pw hr nky m hprt shrw hpr ht t3
hprw hr hpr nn mi rnpt sf
dns l rnpt r snnwt.s
sh3 t3 hpr m hđl(.n.i) trw m [... ...]
rdl.tw m3^ct rwtv isft m-hnw sh
hnn.tw shrw ntrw wnt {w} mhrw.sn
wnn t3 sny-mny i3tyw m nbt
niwwt sp3wt m i^cnw hr-nb twt hr tw

šfyt rdw s3 r.s tkw nbw sgrw
nhpw hr hpr r^c nb
hr tnbh r hprt dl.i r hr.sn
3tp w.i snnw.i hr lb.i
whđw sw h3p ht.i hrf
ksi pw ky lb ir lb kn m st ksnt

sn pw n nb.f
h3 n.i lb m rh whđw k3 try.i shny hrf
3tpw sw m mđwt nt m3tw dr.i n.f mn.i

đđ.f n lb.f mi m lb.i mđw.i n.k
wšb.k n.i tsw.i wh^c.k n.i n3 nty ht t3

ntyw hđ pth ink pw hr k3y m hprt
lhw bs m min nhpw n sw3 đrdw
hr-nbw gr hrf t3 r-đrf m shrw 3w

nn ht šwt m tww bw-nbw twt hr lrt st
h3ty snmw đđ(w) hr m đđw n.f hr
lb n sny hrw đw3.tw r.s m hr hrw r^c
n win.n st lbw hrt sf im mi p3 hrw
hr sni rs n 33w hr đrt
nn r^ck šs3f nn đnd dl.f r

đw3.tw r whđw r^c nb 3ww wdn mn.i
nn phty n m3ir m r.f m wsr r.f

h3yt pw gr r sđmt lhw pw wšb n hm

hsf hn hr shpr rkw n šsp.n lb m3^ct
n whđ.tw smi n mđt mri nb s tšf

bw-nbw grg hr h3bb bti mtw mđt

đđ.l n.k lb.i wšb.k n.i n gr.n lb ph

mk hrt b3k mi nb 33 wdn hr.k

responder-me-á.

Eu elucidá-lo-ei em relação ao meu sofrimento,
a fim de transferir para ele a pesada carga que trago às costas,
Falarei da minha dor, informá-lo-ei do meu sofrimento na sua dependência
e direi «ah!» com o meu entusiasmo.

Eu penso no que aconteceu, nas coisas que ocorreram em toda a parte da terra.
Aconteceram transformações. As semelhanças com o ano anterior já não existem.
Cada ano é mais opressivo do que o outro.
A turbulência da terra aumenta a (sua) destruição, ela transforma-se num [deserto?].
A ordem foi lançada fora; o caos está no interior da sala do conselho.
Os planos dos deuses são transgredidos; as suas ordens são negligenciadas.
A terra está na miséria, a carência está por todo o lado.
As cidades e as províncias estão desoladas, toda a gente está submetida de igual
modo ao mal.

Viramos as costas ao respeito, os senhores do silêncio estão perturbados.
Em cada madrugada o sol levanta-se,
o rosto contrai-se por causa do que aconteceu e eu falo contra eles.
Oprimem os meus braços e eu aflijo-me no coração.
É penoso guardar silêncio a este respeito.
Um outro coração ficaria prostrado, mas o bravo coração que está num lugar de
sofrimento,
ele é o irmão do seu mestre.
Possa eu ter um coração que saiba sofrer! Então eu farei dele um lugar de repouso.
Ele está carregado de palavras de lamentações e eu afastá-lo-ei do meu sofrimento».

Ele diz ao seu coração: «Vem, meu coração, que eu falo-te!
Possas tu responder às minhas palavras, possas tu explicar-me o que se passa na
terra,
(onde) os que brilham são derrubados! Eu penso no que aconteceu.
A miséria instalou-se no dia de hoje, e pela manhã (ainda) não se foi embora.
Toda a gente está silenciosa quanto a isto. A terra inteira encontra-se numa grande
agitação.

Ninguém está vazio de mal. Toda a gente faz o mesmo.
Os corações estão tristes. Aquele que dava ordens é um dos que recebe ordens
e os corações dos dois está feliz. Uma pessoa levanta-se sujeita a isto diariamente
e os corações não rejeitam isto. Os hábitos de ontem são como os de hoje
porque transgrediram, de facto, muito. O rosto (dos homens permanece) insensível;
não há ninguém que compreenda uma sabedoria, nem nenhum homem
(suficientemente) zangado para falar.

Uma pessoa levanta-se todos os dias para sofrer. Longa e pesada é a minha doença.
O miserável não tem forças para (se proteger a) si próprio, daquele que é mais
poderoso do que ele.
É doloroso (guardar) silêncio em relação ao que se ouve. É miserável responder a
quem é ignorante.

Rejeitar um discurso provoca inimizade. O coração não aceita a verdade.
Ninguém é tolerante (com) as notícias correntes. Todo o homem gosta das suas
(próprias) palavras.

Cada um se estabelece sobre (a sua) desonestidade. A rectidão abandonou os
discursos.

Eu falo contigo, meu coração, possas tu responde-me! Um coração agressivo não
pode ser silenciado!

Olha, as necessidades do dependente são as mesmas das do senhor! É muita a carga
sobre ti!

Do mesmo modo, apresentamos o poema *Diálogo de um Desesperado com o seu ba*, alternando a cor dos *cola* para facilitar a sua contagem. Os três discursos do homem e o terceiro discurso do *ba* têm quatro estrofes cada; o primeiro discurso do *ba* está incompleto, o segundo e o quarto são constituídos, cada um, por pequenos grupos de versos que não se organizam em estrofes. A numeração dos discursos é em função do texto existente; na primeira fala do *ba* é impossível atribuir estrutura métrica (provavelmente seria de três tónicas); as frases introdutórias de cada discurso são narrativas e constituem versos isolados, não contabilizáveis nas estrofes.

No primeiro discurso do homem nada temos a opor à divisão que Barta faz em quatro es-



trofes¹⁹, concordando com a proposta de quatro tónicas para as lacunas das linhas 8 e 9, não só por serem compatíveis com o tamanho das falhas, como pela comparação com outras partes do texto; discordamos, no entanto, da métrica por ele apresentada para os oito versos da primeira estrofe (3+2+3+2+2+2+2+2) e propomos 3+3+2+2+2+2+2+2. Na segunda estrofe, também de oito versos, em vez de uma métrica de 3+3+2+2(?) + 2(?) + 2+3+3, propomos: 3+3+3+3(?) + 2+2+ + 2+2. A terceira estrofe de sete versos que agrupa em (1+2)+2+2 e atribui uma métrica de 3+2+2+2+2+2+3, consideramo-la apenas de seis versos (2+2+2) com uma métrica de 3+3+3+ + 2+2+3. Na quarta estrofe concordamos inteiramente com a sua métrica de 3+2+3+2+3+2.

No segundo discurso do *ba* alteramos a métrica de 3+2+3 para 2+3+2. O segundo discurso do homem também é constituído por quatro estrofes. Na primeira, de forma atípica, mas à qual nada temos a opor, contabiliza-se o verbo inicial: são sete versos agrupados em 2+2+(2+1) e com a métrica 3+2+2+2+2+2+3. Concordamos também com a métrica da segunda estrofe de quatro versos (3+2+3+2) e com a da terceira de oito versos (2+2+2+2+3+2+3+2), mas discordamos da métrica de 2+3+3+2 da quarta estrofe, também com quatro versos, propondo 3+2+3+2.

O terceiro discurso do *ba* é o seu único discurso longo, constituído igualmente por quatro estrofes, ainda que uma seja decomposta em duas metades. Na primeira, uma estrofe de cinco versos, 2+(2+1), nada temos a dizer em relação à sua métrica de 2+2+2+2+3. Na segunda, uma estrofe de nove versos, (2+1)+2+2+2, também mantemos a métrica 2+2+2+2+2+3+3+3+2. Na terceira, Barta apresenta uma divisão dos dezasseis versos em duas meias estrofes, uma com sete, 2+2+(2+1), e outra com nove versos, 2+2+(1+2)+2, ambos com a métrica 2+2+2+2+2+2+3+2+ + 2+2+2+2+2+3+3+3. Não compreendemos a necessidade da divisão desta estrofe. A primeira parábola parece-nos funcionar como uma única estrofe de quinze versos, uma vez que consideramos que a primeira metade de Barta é constituída por apenas seis versos: 2+3+3+2+2+3. Na segunda metade fazemos uma métrica diferente: 2+2+2+2+2+3+2+3+3. A quarta estrofe, segunda parábola, por analogia com outras passagens deverá ter em falta quatro *cola*, compondo-se de nove versos, 2+2+(2+1)+2 e uma métrica de 2+2+2(?) + 2(?) + 2+2+3+3+3, que mantemos.

No terceiro discurso do homem surgem quatro canções, onde aparecem as nossas maiores discordâncias. A primeira canção, que Barta diz ser constituída por dezanove versos arrumados em oito grupos, 2+2+3+2+3+2+2+3, umas vezes incluindo a frase inicial, outras vezes não. Julgamos que ela é composta por vinte e quatro versos organizados em triplas, onde uma linha-chave é seguida de uma copla, ficando (1+2)+(1+2)+(1+2)+(1+2)+(1+2)+(1+2)+(1+2)+ +(1+2). A linha-chave é sempre a mesma e desta forma é sempre incluída, apresentando as coplas cinco compara-

¹⁹ W. BARTA, *Das Gespräch eines Mannes mit seinem Ba*, p. 12-13.



ções com *r sti* e outras cinco com *r*. Nas restantes, o segundo verso completa a ideia do primeiro. À métrica proposta por Barta, 3+2+3+2+3+2+2+2+2+3+2+2+2+2+2+3+2+2+2, opomos 2+3+2+3+2+4(2+2)+2+3+2+4(2+2)+2+3+2+3+2+4(2+2). As três construções de quatro tónicas, raras quando verdadeiras, podem ser decompostas em construções de duas tónicas, sem ser posta em causa a estrutura gramatical. Contudo, a unidade de sentido leva-nos a manter esta métrica. Na segunda canção, aos 42 versos opomos 48, em vez de 3+2+2+3+3+2+3+3+3+3+3+2+3+3+2+2, propomos (1+2)+(1+2)+(1+2)+(1+2)+(1+2)+(1+2)+(1+2)+(1+2)+(1+2)+(1+2), organizados em triplas. De igual modo, as construções aparentemente de cinco tónicas podem ser decompostas, mantendo a estrutura gramatical: 3+2+2+3+3+3+3+3+2+2+3+2+2+3+3+3+2+3+3+2+2+3+2+3+3+2+3+3+2+2+3+2+3+3+3+2+2+3+3+3+2+3+2+2+2+3+3+3+3; 3+4(2+2)+3+3+3+3+3+4(2+2)+3+4(2+2)+3+3+3+5(2+3)+3+4(2+2)+3+5(2+3)+3+5(2+3)+3+4(2+2)+3+4(2+2)+3+5(2+3)+3+5(2+3)+3+3+3+3+3. Na terceira canção, mantemos a organização da estrofe proposta por Barta, de dezoito versos organizados em seis grupos de três. Contudo, na apresentação, a métrica de 3+2+2+3+2+2+3+2+2+2+3+2+2+3+2+2+3+2+2, transforma-se em 3+4(2+2)+3+4(2+2)+3+4(2+2)+3+4(2+2)+3+4(2+2)+3+4(2+2). Aos sete versos da quarta canção contrapomos seis e à métrica de 2+2+2+2+2+2+2+2+2+2+2+3+3.

No quarto discurso do *ba* mantemos a mesma estrutura: oito versos em quatro grupos de dois versos cada, com a métrica de 2+2+2+3+3+3+2+2.

No cólofon, julgamos que a organização em dois versos está correcta, mas para a métrica propomos a inversão de 2+3 para 3+2.

Diálogo de um Desesperado com o seu *ba*

Primeiro discurso do *ba*

... .. *tn r dđ*
 *n nm^c.n [ns.s]n*
i[w] r h3[bb ...] db3w n nm^c.n ns.sn

... .. vós, destinado a dizer
 As suas línguas não podem ser parciais!
 Isso pode ser uma retribuição ... desonesto! As suas línguas não podem ser parciais!»

Primeiro discurso de homem

iw wpi.n.i r3.i n b3.i wšb.i dđt.n.f
iw n3 wr r.i m mtn n mdw b3.i hn^c.i
iw grt wr r ^cb^c iw mi wsf.i imi
šm b3.i ^ch^c.f n.i hr.s

nn
m ht.i m šnw nwh
nn hpr m^c.f
rwi.f hrw ksnt

Eu abri a minha boca para responder ao que o meu *ba* dissera:
 «Isto hoje é demais para mim! O meu *ba* discorda de mim!
 Isso agora é um grande exagero! Isso é como que ignorar-me!
 O meu *ba* não deve partir. Deve permanecer firme comigo nisto.

 Não
 no meu corpo como uma armadilha de corda.
 Isso não acontecerá por seu intermédio,
 se ele partir no dia da morte!

mtn b3.i hr thit.i n sđm.n.i n.f
hr st3.i r mi n lit n.f
hr h3^c hr ht s3mu.i

tkn.f im.i hrw ksnt
^ch^c.f m pf gs
mi tri nhpw p3 ls pw
prr ini.f sw r.f

Vejam, o meu *ba* está a enganar-me! Eu não devo ouvi-lo.
 Arrasta-me para a morte antes de (eu) lá chegar!
 Lança (me) ao fogo para que eu me queime!

 Ele tem que estar perto de mim no dia da morte!
 Ele deve ficar deste lado,
 como «o que reza» faz, na verdade!
 É ele quem deve ir à frente, uma vez que ele foi a sua própria origem!

b3.i wh3 r sdh 3hw hr ^cnh

O meu *ba* foi ignorante ao minimizar o sofrimento relativamente à vida!



ihm wl r mt n lit.i n.f
 snqm n.i imnt in tw ksnt pw
 phrt pw nh
 tw htw hr.sn
 hnd r.k hr lsft w3h m3lr.i

wq^c wl dhwty htp ntrw
 hsf hnsu hr.i s8 m m3^ct
 sqm r^c mdw.i sg w3
 hsf isds hr.i m t dsr[i]
 [hr] ntt s3lr.i wdn m [3tpw (?)] f3l.n.f n.i
 ndm hsf ntrw st3w ht.i

ddt.n n.i b3.i
 n ntk ls s tw.k tr nh
 ptr km.k mhy.k
 hr nh mi nb-^chw

dd.i n sm.i tw n3 r t3
 nhmn tw hr tft nn nwit.k
 hnr nb hr dd tw.i r t3t.k
 tw grt.k mt rn.k nh
 st n3 nt hnt
 fd(i) nt ib
 dmi pw imnt hnt ks hr

ir sqm.n.i b3.i tw[ty] b3
 twt ib.f hnc.i tw.f r m^cr
 rd.i phf imnt mi nty m mr.f
 hc.n hry-t3 hr krs.f

tw.i r irt ni3l hr h3t.k
 sqdm.k ky b3 m ntw
 tw.i r irt ni3l lh tm.f hsw
 sqdm.k ky b3 nty t3w
 swr.i mw hr b3b3t t3y.i swyt
 sqd[m.k ky b3 nty hkr
 ir ihm.k wl r mt m p3 ki
 nn gmi.k hnt.k hr.s m imnt

w3h-ib.k b3.i sn.i
 r hprt tw^cw.i drpty.fy
 h^ct.fy hr h3t hrw krs
 s3yf hkyt nt hrt-nr

wpl.n n.i b3.i r3f w8b.f ddt.n.i
 ir sh3.k krs nh3t-ib pw
 init rmyt pw m sind s
 sdit s pw m pr.f
 h3^c hr k33
 nn pri.n.k r hrw m33.k r^cw

kaw m lnr n m3t
 hwsiw m mrw nfrw m k3wt nfrwt
 hpr skaw m ntrw
 b3w iry wsw mi ntw
 mtw hr mryt n g3w hry-t3
 t3i.n nwy phwyfi sw m mitt iry
 mdw.n.sn rmw spt n mw
 sqm.r.k n.i mk nfr sqm n rm3w
 sms hrw nfr smh mh

tw nds sk3.f sdw.f
 tw.f 3tp.f smw.f r hnw dpt st3.f skdwt
 hb.f tkn m3n.f prit wht nt mhyt
 rs m dpt
 r^c hr k
 pri hnc hmt.f msw.f

3k tp s sn
 m grh hr mryt

Deténs-me em relação à morte e eu (ainda) não cheguei lá!
 Faz com que me seja agradável o Ocidente! Isto é difícil!
 A vida é um estado transitório;
 (só) as árvores caem!
 Esmaga o mal e acaba com a minha miséria!

Possa Tot, aquele que apazigua os deuses, julgar-me!
 Possa Khonsu, aquele que escreve verdade, defender-me!
 Possa Ré, aquele que controla a barca sagrada, ouvir o meu discurso!
 Possa Isdés, na sala sagrada, defender-me!
 Para que o meu sofrimento seja (mais) forte, ele aumentou o peso sobre mim!
 Será agradável aos deuses protegerem os segredos do meu corpo!»

Segundo discurso do ba

Ao que o meu *ba* me disse:
 «Tu não és um homem? Na verdade, estando vivo,
 o que ganhas em ponderar
 sobre a vida como um homem rico?»

Segundo discurso de homem

Eu disse: «Eu ainda não morri!
 De facto, se te escapares não te importará!
 Todos os prisioneiros dizem: “Eu vou agarrar-te com firmeza!”
 Além disso, quando estiveres morto, o teu nome estará vivo
 e aquele será um lugar iluminado,
 atractivo para o coração.
 O Ocidente é o cais viagem à vista!

Se o meu *ba* me ouvir sem maldade,
 com o seu coração de acordo com o meu, será bem sucedido.
 Eu farei com que alcance o Ocidente, como alguém que está na sua pirâmide
 e de cujo enterro era esperado um sobrevivente.

Eu farei uma cobertura para o teu cadáver
 e tu farás inveja a (qualquer) outro *ba* cansado.
 Eu farei uma cobertura, assim serás aquele que não é frio,
 e farás inveja a (qualquer) outro *ba* que seja quente.
 Irei beber água nos remoinhos da margem do rio (onde) farei aparecer sombra
 e tu farás inveja a (qualquer) outro *ba* com sede.
 Mas se tu me impedes de morrer desta maneira,
 não irás encontrar um lugar onde descansar no Ocidente!

Sê paciente, meu *ba*, meu irmão,
 até o meu herdeiro chegar,
 aquele que fará oferendas, que permanecerá no túmulo no dia do enterro
 e preparará a cama na necrópole.»

Terceiro discurso do ba

O meu *ba* abriu a boca para responder ao que eu dissera:
 «Se pensares no enterro, será doloroso!
 Isso provoca as lágrimas, fazendo do homem um miserável!
 Isso é como tirar um homem de sua casa
 e abandoná(-lo) no deserto!
 Não te voltarás a erguer para ver o sol!

Aqueles que constroem em granito,
 que levantam bons túmulos de excelente construção,
 quando os construtores se tornam deuses,
 as suas mesas de oferendas estão vazias, como a morte
 dos que morrem nos bancos de areia por não haver um sobrevivente,
 quando as águas e o sol já se apropriaram do seu fim,
 e os peixes e as margens da água falam com eles!
 Ouve-me! Olha, é bom para as pessoas ouvir!
 Abraça um dia feliz e esquece as preocupações!

Um camponês lavra a sua parcela de terra.
 Carrega a sua colheita num barco e reboca a embarcação.
 O seu dia de festa aproxima-se e ele vê aparecer a escuridão de uma tempestade vinda do norte.
 Ele aguardou no barco
 até ao pôr do sol.

Então saiu com a mulher e a criança,

e passaram um mau bocado num lago repleto de crocodilos
 durante a noite por causa dos crocodilos.



dr.in.f hmsi
psš.f m hrw
hr dd n rmi.i n tš mst
nn n.s prit m imnt
r kt hr tš
mby.i hr msw.s sqw m swht
mššw hr n hnti n nht.sn

iw nds dbh.f mšrwt
iw hmt.f dd.s n.f
iw ... r
... .. msyt
iw.f pri.f r hntw
r sst r 3t
nn.f sw r pr.f iw.f mi ky
hmt.f hr šš.n.f n sqm.n.f n.s
st.n.f wš lb n wptwyw

(hw wpt.n.i rš.i n bš.i wšb.i ddt.n.f
mk b^h rn.i m^{-c}.k
r sti šsw
m hrww šmw pt tšt
mk b^h rn.i m^{-c}.k
[r sti] šsp sbnw
m hrw rsf pt tšt
mk b^h rn.i m^{-c}.k
r sti špsw
r bwšt nt trtw hr msyt
mk b^h rn.i m^{-c}.k
r sti hšmw
r hšsw nw sšw hšm.n.sn
mk b^h rn.i m^{-c}.k
r sti mšhw
r hmslt hr ldbw hr mrryt
mk b^h rn.i m^{-c}.k
r sti hmt
dd grg r.s n tšy
mk b^h rn.i m^{-c}.k
r hrd kni
dd rf iw.f n msdwf
mk b^h rn.i m^{-c}.k
[r] dmi n ity
šnn bštw mšš sšf

dd.i n m min
snw bin
hnmsw nw min n mrl.ny
dd.i n m min
wn ibw
s nb hr tšt ht snw.fy
[dd.i n m min]
tw sf šk
nht hr hštw n bw nbw
dd.i n m min
htp hr bin
rdi r.f bw nfr r tš m st nbt
dd.i n m min
sh^r s m spf bin
ssbt.f bw nbw [m] iw.f dw
dd.i n m min
tw h^cdš.tw
s nb hr tšt snw.fy
dd.i n m min
btšw m k⁻lb
sn irr hn^c.f hpr m hfy
dd.i n m min
n šhšt sf
n lrit n tr m tš 3t
dd.i n m min
snw bin
inn.tw m drdrw r mtt nt lb
dd.i n m min
hrw htm
s nb m hr m hrw r snw.f
dd.i n m min

Quando finalmente se sentou,
 quebrou o silêncio
 e disse: “Eu não choro aquela mãe,
 para quem não há regresso do Ocidente
 para outra permanência na terra!
 Eu preocupo-me com os seus filhos, apertados no ovo,
 que viram o rosto de Khenty antes de terem nascido!”

Um camponês pergunta pela refeição da noite.
 A sua mulher diz-lhe:
 “É ... para
 o jantar.”
 Ele saiu para o exterior
 para vociferar por um momento.
 Quando voltou para casa estava como (qualquer) outro (homem):
 a sua mulher argumentava e ele não a ouvia.
 Ao queixar-se, destruiu o espírito da família.»

Terceiro discurso de homem

Abri a minha boca para responder ao que o meu *ba* dissera:
 Olha, o meu nome é detestado por tua causa,
 mais do que o cheiro dos abutres
 nos dias de verão quando o céu está quente.
 Olha, o meu nome é detestado por tua causa,
 mais do que o cheiro de uma pescaria
 num dia de pesca em que o céu está quente.
 Olha, o meu nome é detestado por tua causa,
 mais do que o cheiro dos patos,
 mais do que um abrigo de juncos cheio de aves aquáticas.
 Olha, o meu nome é detestado por tua causa,
 mais do que o cheiro dos pescadores,
 mais do que as enseadas dos pântanos onde pescam.
 Olha, o meu nome é detestado por tua causa,
 mais do que o cheiro dos crocodilos,
 mais do que estar sentado na borda de um rio cheio de crocodilos.
 Olha, o meu nome é detestado por tua causa,
 mais do que aquela mulher
 cujas mentiras são denunciadas ao seu marido.
 Olha, o meu nome é detestado por tua causa,
 mais do que uma criança saudável
 de quem se diz ser de alguém que lhe tem ódio.
 Olha, o meu nome é detestado por tua causa,
 mais do que uma cidade do rei
 em completa rebelião nas suas costas.

Com quem posso falar hoje?
 Com os irmãos é mau,
 os amigos de hoje não amam.
 Com quem posso falar hoje?
 Com os corações é ambicioso,
 cada homem apropria-se dos assuntos do seu igual.
 Com quem posso falar hoje?
 A piedade pereceu,
 a violência tomou conta de toda a gente.
 Com quem posso falar hoje?
 Um está satisfeito com o mal,
 e por todo o lado o bem foi atirado ao chão.
 Com quem posso falar hoje?
 Aquele que enfurece um homem com a sua má conduta,
 escarnece de toda a gente com o seu mau comportamento.
 Com quem posso falar hoje?
 Eles pilham,
 cada homem rouba o seu igual.
 Com quem posso falar hoje?
 O malfeitor é um amigo íntimo,
 o irmão que fará com quem (qualquer) acontecimento se torne um inimigo.
 Com quem posso falar hoje?
 O passado não é lembrado,
 ninguém ajuda aquele que antes o ajudou.
 Com quem posso falar hoje?
 Com os irmãos é mau,
 um regressa ao estrangeiro por amizade.
 Com quem posso falar hoje?
 Os rostos estão inexpressivos,
 cada homem está cabisbaixo em relação aos seus irmãos.
 Com quem posso falar hoje?



ibw ʿwn
nn wn ib n s rhn.tw hr f
dd.i n m min
nn m3ʿtyw
t3 spl n iriw lsft
dd.i n m min
iw šw m ʿk-ib
inn.tw m h̄mm r sr̄ht n.f
dd.i n m min
nn hr-ib
pf3 šm hnʿf nn sw wn
dd.i n m min
iw.i 3tp.kwi hr m3ir
n g3w ʿk-ib
dd.i n m min
nf hwi t3
nn wn phwy.fy

iw mt m hr.i {m} min
[mi] snb mr
mi prit r h̄ntw r-s3 lhmt
iw mt m hr.i min
mi sti ʿntyw
mi h̄msit hr ht3w hrw t3w
iw mt m hr.i min
mi sti sšnw
mi h̄msit hr mryt nt tht
iw mt m hr.i min
mi w3t h̄wyt
mi iw s m mšʿ r pr.sn
iw mt m hr.i min
mi kft pt
mi s šht im r h̄mt.n.f
iw mt m hr.i min
mi 3bb s m33 pr.sn
irt.n.f rnpwt ʿš3t m n̄rt

wnn ms nty im m n̄r ʿnh
hr h̄sf iw n irr sw
wnn ms nty im ʿhʿ m w3
hr rd̄it d̄it stpt im r r-prw
wnn ms nty im m r̄h-ht n h̄sf.n.t[w].f
hr spr n rʿ h̄ft m̄dw.f

ddt.n n.i b3[i]
imi r.k nhwt hr h33
n(y)-sw.i pn sn.i
wdn.k hr ʿh
dmi.k hr ʿnh mi dd.k
mri wi ʿ3 win.n.k imnt
mri hm ph.k imnt s3h hʿw.k t3
hny.i r s3 wrd.k
ih irt.n dmi n sp

tw.f pw h3t.f r ph.fy
mi gmyt m sš

Os corações são ávidos,
 não há nenhum coração humano que seja de confiança.
 Com quem posso falar hoje?
 Não há homens justos,
 a terra foi abandonada aos malfetores.
 Com quem posso falar hoje?
 Falta um amigo íntimo,
 um regressa como um desconhecido para se lamentar.
 Com quem posso falar hoje?
 Não há ninguém que esteja satisfeito,
 aquele com quem se caminhava não existe mais.
 Com quem posso falar hoje?
 Estou sobrecarregado pela miséria,
 por falta de um amigo íntimo.
 Com quem posso falar hoje?
 Deambular errático pela terra;
 não há fim para isso.

Hoje a morte é para mim
 como a cura para um homem doente,
 é como sair para o exterior depois de estar detido.
 Hoje a morte é para mim
 como a fragrância da mirra,
 é como estar sentado sob um toldo num dia de vento.
 Hoje a morte é para mim
 como a fragrância do lótus,
 é como estar sentado na margem embriagado.
 Hoje a morte é para mim
 como um caminho muito trilhado,
 é como um homem que chega a casa depois de uma expedição.
 Hoje a morte é para mim
 como o céu límpido,
 é como um homem que descobre o que antes ignorava.
 Hoje a morte é para mim
 como um homem desejoso de ver a sua casa,
 depois de ter passado muitos anos em cativo.

De facto, aquele que está no Além é um deus vivo,
 que pune as más acções daquele que as faz.
 De facto, aquele que está no Além deve manter-se firme na barca sagrada,
 distribuindo aos templos alimentos cuidadosamente aí escolhidos.
 De facto, aquele que está no Além é um sábio sem oposição,
 quando fala ao apelar a Ré.»

Quarto discurso do *ba*

Ao que o meu *ba* me disse:
 «Atira as lamentações por cima da sebe!
 Meu companheiro, meu irmão!
 Possas tu fazer oferendas ao braseiro
 e manteres-te com vida de acordo com o que disseste!
 Ama-me aqui e põe de lado o Ocidente!
 Quando for desejável que alcances o Ocidente, então o teu corpo juntar-se-á à terra
 e eu alinharei logo após tu morreres.
 Então alcançaremos o cais juntos.

Cólofon

E acabou, do princípio ao fim,
como o que se encontrou na escritura.

Esta problemática, que não está de modo algum encerrada, leva a que os diferentes tradutores apresentem os textos egípcios antigos essencialmente de três formas diferentes: uns, normalmente os mais antigos, mas não só, como A. Erman ou G. Lefebvre²⁰, apresentam as suas co-

²⁰ A. ERMAN (trad. A. M. Blackman) *Ancient Egyptian Poetry and Prose*; G. LEFEBVRE, *Romans et contes égyptiens de l'époque pharaonique*.



lectâneas totalmente em prosa; outros, como R. B. Parkinson ou P. Vernus²¹, apresentam-nas totalmente em verso; e outros, como W. K. Simpson e M. Lichtheim²², utilizam simultaneamente os dois, prosa e verso. Isto é possível porque, por um lado, a escrita egípcia, em prosa ou verso, é uma escrita contínua, em que as linhas ou colunas não correspondem a versos, podendo uma mudança de linha ocorrer a meio de uma frase, ou mesmo a meio de uma palavra; por outro, porque ao desconhecermos a sonoridade do egípcio antigo falado, temos dificuldade em compreender cabalmente noções do tipo, por exemplo, de «rima» ou «ritmo», aplicadas aos seus trabalhos literários, se é que existiam conforme os entendemos hoje; por outro, ainda, porque o nosso desconhecimento nesta área não nos permite concluir com segurança que todas essas obras literárias estão sujeitas a determinadas disposições de acentuação e ritmo donde resulte a cadência aprazível que encontramos na generalidade da poesia ou, pelo contrário, não têm dessas sujeições e são simplesmente prosa.

Além de tudo isto, há que considerar ainda a hipótese da existência de textos antigos que se possam enquadrar em modelos daquilo que actualmente se designa por prosa poética, textos que sendo escritos em prosa, isto é, sem apresentarem quaisquer traços estruturais dos versos, possam conter certos temas escritos de forma de tal modo empolgante, com uma escolha de palavras e uma construção de frases adequadas, que servem um certo ritmo de leitura e são agradáveis de ler ou ouvir. No lado oposto, também é possível pensarmos na possibilidade de poder haver narrativas enquadradas nos versos, ou seja, de os próprios versos contarem histórias e, por isso, terem que contemplar elementos gramaticais ou lexicais normalmente conotados com a prosa.

Em todo o caso, «é pacificamente aceite pela generalidade dos autores que uma grande parte da literatura egípcia está exarada em verso – todas as sentenças e conselhos dos sábios, profecias e lamentações, parte dos diálogos do *Cansado da Vida*, discursos e hinos do *Camponês*. É que os poetas não se limitaram a entoar cantigas de amor e hinos aos deuses e aos reis. Só em poesia se transmitiam conselhos de bem viver e de bem governar, reflexões sobre a condição humana e ensaios de teodiceia. A forma poética invade até os domínios da prosa em contos e narrativas»²³. Estas palavras de Nunes Carreira são o eco das palavras proferidas por E. Blumenthal na obra editada por A. Loprieno²⁴, que na mesma obra afirma em relação aos textos egípcios que «o que faz os textos literários merecerem um discreto tratamento é a sua função *primária*, que pode

²¹ R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe and other ancient egyptian poems (1940-1640 B. C.)*; P. VERNUS, *Sagesses de l'Égypte pharaonique*.

²² W. K. SIMPSON (ed.), *The literature of Ancient Egypt. An anthology of stories, inscriptions and poetry*; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature, vol. I (The Old and middle Kingdoms)*.

²³ J. N. CARREIRA, *Literatura do Antigo Egipto*, p. 36.

²⁴ E. BLUMENTHAL, «Die Literarische Verarbeitung der Übergangszeit Zwischen Altem und Mittlerem Reich», em A. Loprieno (ed.), *Ancient Egyptian Literature. History and Forms*, pp. 125-126.



ser descrita como “poética”, isto é, uma designação específica orientada em direcção à própria mensagem»²⁵.

Será pois de forma poética que apresentaremos doze, de cerca de quarenta, textos literários do Império Médio²⁶ que constituem a base do nosso trabalho, procurando o equilíbrio nos pratos da balança: de um lado o médio egípcio e a cultura egípcia faraónica do Império Médio, do outro a língua portuguesa e a nossa cultura contemporânea. O fiel desta balança será o rigor científico. Contudo, tivemos que fazer algumas concessões à língua portuguesa e à poesia moderna para tornar os textos mais compreensíveis, sobretudo na ligação de frases e na clarificação de ideias com a introdução de algumas palavras, que em nada prejudicam a ideia original. Nesta modernização dos poemas procurámos manter, tanto quanto possível, o fim de cada linha dos versos originais e seguir os princípios métricos propostos por K. Kitchen, com as necessárias adaptações à terminologia portuguesa, segundo C. Cunha e L. F. Lindley Cintra.

²⁵ A. LOPRIENO, «Defining Egyptian literature: ancient texts and modern theories», em A. Loprieno (ed.), *Ancient Egyptian Literature. History and Forms*, p. 42.

²⁶ R. B. PARKINSON, *Poetry and Culture*, p. 111.



1. Khufu e os Mágicos





Primeiro conto (apenas a oferenda final)

.....

Então, a majestade do rei do Alto e do Baixo Egipto Khufu, justo de voz, disse:

«Que sejam oferecidos mil pães,
cem jarros de cerveja,
um boi e duas bolas de incenso
ao rei do Alto e do Baixo Egipto Djoser, justo de voz,
e juntamente que seja oferecido um bolo, um jarro de cerveja,
uma porção de carne,
uma bola de incenso ao sacerdote leitor chefe ,
pois eu vi o seu acto de sabedoria.»

E foi feito exactamente como sua majestade ordenara.

Segundo conto: o marido enganado

Então, o príncipe Khafré levantou-se para falar e disse:

«Eu vou dar a conhecer à tua majestade um prodígio
que aconteceu no tempo do teu pai Nebka, justo de voz,
quando ele se dirigia ao templo de Ptah, senhor de Ankhtai.
Ora, agora sua majestade partia para fazer uma oferenda em Ankhtai.
Sua majestade, ela própria, ocupou-se do rito
e o sacerdote leitor chefe Ubainer estava com ele.

Então, a mulher de Ubainer enamorou-se de um homem

.....
.....
.....
.....

Então, ela mandou levar-lhe uma caixa
cheia de roupa

Ele veio com a serva.

Passados alguns dias sobre isto,
como havia um pavilhão no jardim de Ubainer,
logo o homem disse à mulher de Ubainer:

“Há certamente um pavilhão no jardim de Ubainer!



Pois bem, vamos passar um momento aí!”

Então, a mulher de Ubainer enviou uma mensagem ao chefe dos servidores que estava encarregue do jardim, para dizer:

“Manda preparar o pavilhão do jardim.”

Ela passou aí o dia a beber
com o homem feliz ...

E quando a noite veio,
logo ele fez o convite de descer para o lago
e então a serva

o o chefe dos servidores Ubainer.

E quando nasceu o dia seguinte,

o chefe dos servidores foi

... .. este assunto

... ..

... .. este

... .. ele fez o lago

ele permitiu ao seu senhor

... .. da água.

Então

Então Ubainer disse-lhe:

“Traz-me

... .. de ébano e ouro fino.”

... .. construiu um crocodilo de cera
de sete dedos de comprimento.

Leu alto, sobre ele, uma fórmula mágica,

lendo-a assim: “Aquele que vier tomar banho no meu lago
... [agarra esse] homem [com a tua boca].”

Depois ele deu-o ao chefe dos servidores

e disse-lhe: “Quando o homem descer para o lago,
como é seu hábito fazer diariamente,
atirarás logo o crocodilo ... depois dele.”

O chefe dos servidores foi-se embora,
levando o crocodilo de cera na mão.



Então, a mulher de Ubainer enviou (uma mensagem) ao chefe dos servidores,
que estava encarregue do jardim,
para dizer: “Manda preparar o pavilhão do jardim.
Olha, eu virei para aí repousar!”
Então, o pavilhão foi preparado com todo o tipo de coisas boas.
Elas foram para aí
e passaram um dia agradável com o homem.
E quando a noite veio,
o homem fez o que era seu hábito (fazer) diariamente.
Então, o chefe dos servidores atirou o crocodilo de cera
logo a seguir para a água.
Então ele transformou-se num crocodilo de sete côvados
e agarrou o homem [com a sua boca].
Entretanto, Ubainer teve que ficar
com a majestade do rei do Alto e do Baixo Egipto Nebka, justo de voz, durante sete dias,
[enquanto] o homem permanecia [no fundo da água]
[sem] respirar
E quando os sete dias passaram,
o rei do Alto e do Baixo Egipto Nebka, justo de voz, fez-se
Então o sacerdote leitor chefe Ubainer
pôs-se à sua frente e disse-lhe:
“Que a tua majestade venha comigo,
para que veja o prodígio que acontece no tempo da tua majestade:
[um] homem [de baixo de água.]”
[Então, sua majestade foi com] Ubainer.
Então, Ubainer [chamou] o crocodilo para dizer:
“Traz o homem!”
[O crocodilo] saiu [da água trazendo-o.]
O crocodilo
Então, o sacerdote leitor chefe Ubainer disse:
[“Esse homem! Larga]-o!”
Então ele [largou]-o. Então ele largou-o [sem] lhe [ter causado nenhum ferimento.]
[Então], a majestade do rei do Alto e do Baixo Egipto Nebka, justo de voz, disse:
“É de facto um crocodilo aterrorador!”



Ubainer baixou-se e então agarrou-o.

Na sua mão, logo se transformou num crocodilo de cera.

O sacerdote leitor chefe Ubainer contou

o que o homem tinha feito em sua casa com a sua mulher,
à majestade do rei do Alto e do Baixo Egipto Nebka, justo de voz.

Então, sua majestade disse ao crocodilo:

“Leva contigo o que é teu!”

E o crocodilo desceu

para [o fundo] do lago,

nunca mais se tendo sabido para que lugar terá ido, levando-o consigo.

Então, a majestade do rei do Alto e do Baixo Egipto Nebka, justo de voz,
fez conduzir a mulher de Ubainer para um pequeno terreno
a norte do palácio.

Então fez com que fosse queimada (e ordenou que lançassem) os restos ao rio.

Eis um prodígio que aconteceu

no tempo do teu pai, o rei do Alto e do Baixo Egipto Nebka,
que foi feito (pelo) sacerdote leitor chefe Ubainer.»

A majestade do rei do Alto e do Baixo Egipto Khufu, justo de voz, disse:

«Que sejam oferecidos mil pães,

cem jarros de cerveja,

um boi e duas bolas de incenso

ao rei do Alto e do Baixo Egipto Nebka, justo de voz,

e juntamente que seja oferecido um bolo, um jarro de cerveja,

uma porção de carne,

uma bola de incenso

ao sacerdote leitor chefe Ubainer,

pois eu vi o seu acto de sabedoria.»

E foi feito exactamente como sua majestade ordenara.

Terceiro conto: o passeio de barco

Então, Bauefré levantou-se para falar e disse:

«Eu vou dar a conhecer à tua majestade um prodígio

que aconteceu no tempo do teu pai Seneferu, justo de voz,

que foi feito pelo



sacerdote leitor chefe Djadjaemankh

... .. ontem sucesso

... .. [até] hoje,

isto nunca tinha acontecido!

[Um dia, sua majestade o rei do Alto e do Baixo Egito Seneferu, justo de voz,]

[percorria] todas [as salas] do palácio, v.p.s.,

à procura [de algum divertimento sem o encontrar.]

[Então disse:] “Ide! Trazei-me o [sacerdote leitor] chefe

e escreva [dos registos, Djadjaemankh.”]

E ele foi-lhe trazido imediatamente.

Então disse-lhe sua majestade:

“Andei às voltas por todas as salas do palácio, v. p. s.,

à procura de algum divertimento sem o encontrar!”

E Djadjaemankh disse-lhe:

“Possas a tua majestade dirigir-se ao lago do palácio, v. p. s.,

e providenciar uma barca

com todas as beldades do interior do teu palácio!

O coração da tua majestade acalmará

vendo o seu alarido remando

para baixo e para cima.

E irás ver os belos pântanos do teu lago.

Verás os seus campos e as suas belas margens.

O teu coração acalmará com isso.”

“Vou, certamente, fazer o meu passeio de barco!

Que me tragam vinte remos de ébano

cobertos de ouro,

com punhos de sândalo

cobertos de electro.

Que me tragam vinte mulheres

com belos corpos,

de seios firmes e cabelo entrançado,

e que não tenham ainda dado à luz.

E faz com que me tragam (também) vinte redes

e dêem essas redes às mulheres quando despirem as suas roupas.”



Então foi feito exactamente como sua majestade ordenara.

Elas iam remando para baixo e para cima

e o coração de sua majestade estava feliz de as ver remar.

Então uma, aquela que estava no remo da popa,
ficou com a trança enleada
e um pingente pisciforme de turquesa nova,
caiu à água.

Ela parou logo, deixando de remar
e a sua equipa (também) parou e deixou de remar.

Sua majestade disse: “Vós não remais?”

Então elas disseram: “A nossa remadora da popa parou e não está a remar!”

Então sua majestade disse-lhe:

“Porque é que tu não remas?”

E ela respondeu: “O pingente pisciforme de turquesa nova,
caiu à água.

Então ele fez com que
... .. queres substitua?”

Mas ela respondeu: “Eu gosto mais do meu objecto do que de outro igual a ele!”

E sua majestade disse: “Ide e trazei-me
o sacerdote leitor chefe Djadjaemankh!

E ele foi-lhe trazido imediatamente.

Sua majestade disse-lhe: “Djadjaemankh, meu irmão,
eu fiz como tu me tinhas dito,

e o coração de sua majestade acalmou-se ao vê-las remar.

Mas o pingente pisciforme de turquesa nova
de uma, da remadora da popa,
caiu à água

e ela parou logo, deixando de remar e desfazendo a sua equipa.

Então eu disse-lhe: “Porque é que tu não remas?”

E ela respondeu: “O pingente pisciforme de turquesa nova
caiu à água.”

Então eu disse-lhe: “Rema! Eu próprio substituí-lo-ei.”

Mas ela respondeu-me:

“Eu gosto mais do meu objecto do que de outro igual a ele!”



Então, o sacerdote leitor chefe Djadjaemankh
pronunciou palavras mágicas
e logo pôs metade da água do lago sobre a outra,
encontrando o pingente pisciforme que estava sobre uma concha (de tartaruga).
Então foi buscá-lo e deu-o à sua proprietária.
Quanto à água, que era de doze côvados (de profundidade) no meio (do lago),
acabou por ficar com 24 côvados depois de ter sido sobreposta.
Então pronunciou as suas palavras mágicas
e conduziu as águas do lago à sua posição normal.
Sua majestade passou o (resto do) dia em festa
na companhia de toda a casa real, v. p. s.
Depois ele recompensou o sacerdote leitor chefe Djadjaemankh
com todo o tipo de coisas boas.
Eis um prodígio que aconteceu
no tempo do teu pai, o rei do Alto e do Baixo Egipto Seneferu, justo de voz,
que foi feito pelo sacerdote leitor chefe
e escriba do rolo de papiro, Djadjaemankh.»
Então, a majestade do rei do Alto e do Baixo Egipto Khufu, justo de voz, disse:
«Que sejam oferecidos mil pães,
cem jarros de cerveja,
um boi e duas bolas de incenso
à majestade do rei do Alto e do Baixo Egipto Seneferu, justo de voz,
e juntamente que seja oferecido um bolo, um jarro de cerveja
e uma bola de incenso
ao sacerdote leitor chefe e escriba do rolo de papiro, Djadjaemankh,
pois eu vi o seu acto de sabedoria.»
E foi feito exactamente como sua majestade ordenara.

Quarto conto: o mágico Djedi

Então o príncipe Hordedef levantou-se para falar e disse:

«... ..»

ao nosso conhecimento que morrem:

não distingues a verdade da mentira.

Mas existe junto à tua majestade, no teu próprio tempo,



(alguém) que não é (teu) conhecido

... ..»

Sua majestade disse: «Quem é ele,
Hordedef, meu filho?»

O príncipe Hordedef respondeu:
«Existe um homem chamado Djedi,
que vive em Djedseneferu, justo de voz.
Ele é um homem de 110 anos de idade,
que come quinhentos pães,
um quarto dianteiro de boi de carne,
e bebe cem jarros de cerveja,
ainda hoje.

Ele sabe como voltar a juntar uma cabeça cortada;
ele sabe como fazer andar um leão atrás de si, com a trela por terra;
ele conhece o número de câmaras secretas do santuário de Tot.»

Ora, a majestade do rei do Alto e do Baixo Egito Khufu, justo de voz, passava o tempo
a procurar ele próprio as câmaras secretas
do santuário de Tot,
de modo a poder fazer o mesmo no seu horizonte.

Então sua majestade disse: «Tu próprio,
Hordedef, meu filho, irás trazê-lo à minha presença.»

Então foram preparados barcos para o príncipe Hordedef
e ele viajou para sul
em direcção a Djedseneferu, justo de voz.

Quando estes barcos chegaram e atracaram no cais,
ele continuou a viagem por terra,
sentado num palanquim de ébano
e varas de transporte de madeira *sesnedjem*
embutidas a ouro.

Quando chegou a (casa de) Djedi,

o palanquim foi posto no chão
e [Hordedef] levantou-se para se dirigir a [Djedi]
e encontrou-o deitado numa esteira
à entrada de sua casa:



um servo a segurar-lhe a cabeça, que ia unguindo,
outro massajava-lhe os pés.
Então o príncipe Hordedef disse:
«O teu estado é como
de quem vive antes (de atingir) muita idade
– na velhice ficamos moribundos,
em estado de meter no sarcófago, de enterrar –
(de quem) dorme até o dia amanhecer,
livre de doenças e sem tosse.
Saudações a este venerável!
Eu vim aqui para te chamar,
numa missão do meu pai Khufu, justo de voz.
Tu comerás coisas valiosas dadas pelo rei
e alimentos reservados aos que estão ao seu serviço.
Ele far-te-á passar uma boa vida
até (te juntares aos) teus pais que estão na necrópole.»
Então Djedi respondeu: «Em paz, em paz,
Hordedef, príncipe, amado de seu pai!
Possa o teu pai Khufu, justo de voz, favorecer-te!
Possa ele avançar a tua posição entre os anciãos!
Possa o teu *ka* combater contra o teu inimigo!
Possa o teu *ba* saber os caminhos
que conduzem ao portal que abriga quem vê!
Saudações a este príncipe!»
Então o príncipe Hordedef
estendeu-lhe os braços e depois levantou-o.
Depois ele foi consigo para a margem do rio,
dando-lhe o braço.
Então Djedi disse: «Faz com que me seja dada uma barca,
para que me traga (os meus) filhos e os meus rolos de papiro.»
Então dois barcos e suas equipagens foram postos ao seu serviço
e Djedi veio em direcção ao norte
no barco do próprio príncipe Hordedef.

Assim que chegou ao palácio,



o príncipe Hordedef entrou
para informar a majestade o rei do Alto e do Baixo Egípto Khufu, justo de voz.
O príncipe Hordedef disse:
«Soberano, v. p. s., meu senhor, eu trouxe Djedi.»
Sua majestade respondeu: «Vai! Trá-lo à minha presença.»
Depois, sua majestade dirigiu-se para a colunata do pátio de entrada do palácio, v. p. s.,
e Djedi foi introduzido nela.
Sua majestade disse: «Como é isto,
Djedi, que eu nunca te tinha visto?»
Djedi respondeu: «Aquele que é chamado vem,
soberano, v. p. s.!»
Chamaram-me e eis que eu vim!»
Sua majestade disse: «O que dizem é verdade?
Que tu sabes como voltar a juntar uma cabeça cortada?»
Djedi respondeu: «Sim. Eu sei,
soberano, v. p. s., meu senhor.»
Sua majestade disse: «Que me tragam
o prisioneiro que está na prisão, a sua sentença será executada.»
Djedi respondeu: «Mas um ser humano não,
soberano, v. p. s., meu senhor!»
Olha, não é permitido fazer semelhante coisa à espécie humana!»
Então trouxeram-lhe (um) ganso, a quem tinham cortado a cabeça.
Depois puseram o ganso no lado direito da colunata do pátio de entrada
e a sua cabeça no lado esquerdo da colunata do pátio de entrada.
Então Djedi pronunciou palavras mágicas.
O ganso levantou-se bamboleando-se
e a sua cabeça fez o mesmo.

Assim que uma alcançou a outra,

o ganso parou e grasnou.
Depois fez com que lhe trouxessem um (ganso) *khetaá*
e fez o mesmo com ele.
Sua majestade fez ainda com que lhe trouxessem um touro
cuja cabeça fora deitada por terra.
Djedi pronunciou palavras mágicas



e o touro pôs-se de pé atrás dele,
com a corda por terra.

Então, disse o rei Khufu, justo de voz: «Também se diz
que conheces o número de câmaras secretas do santuário de Tot.»

Djedi respondeu: «Por favor! Eu não conheço o seu número,
soberano, v. p. s., meu senhor! Mas sei o lugar onde isso fica.»

Sua majestade disse: «Onde?»

E Djedi respondeu: «Há um cofre,
de sílex, numa sala
chamada de “inventário”, em Iunu.

Olha, é aí nesse cofre!»

Sua majestade disse:

«Vai! Trá-lo para mim!»

Mas Djedi respondeu: «Soberano, v. p. s., meu senhor!

Olha, na verdade não serei eu que ta trarei!»

Sua majestade disse: «Quem mo trará então?»

Djedi respondeu: «Será o mais velho dos três filhos
que estão no ventre de Reddjedet quem to trará.»

Sua majestade disse: «Eu quero-o!

Mas diz: quem é Reddjedet?»

Djedi respondeu:

«É a mulher de um sacerdote de Ré, senhor de Sakhebu,
que está grávida de três crianças de Ré, senhor de Sakhebu.

Ele disse a seu respeito: “Eles vão exercer esta generosa função
em toda esta terra

e o mais velho entre eles
irá ser grande vidente em Iunu.”»

O coração de sua majestade caiu na tristeza por causa disto.

(Mas) Djedi disse: «Porque age assim o teu coração,
soberano, v. p. s., meu senhor?

É por causa das três crianças que mencionei?

Nessa ocasião o teu filho, em seguida o filho dele e (só) depois um dos deles.»

Sua majestade disse:

«Quando é que Reddjedet dará à luz?»



«Ela dará à luz no primeiro mês de Peret, dia 15.»

E sua majestade disse:

«É quando os bancos de areia do canal dos Dois Peixes estão a obstruir.

Servidor, eu próprio passá-los-ei e então irei ver o templo de Ré, senhor de Sakhebu.»

Djedi respondeu: «Então eu farei com que haja quatro côvados de água sobre os bancos de areia do canal dos Dois Peixes.»

Então sua majestade dirigiu-se para o palácio,

dizendo: «Que seja ordenado a Djedi

para (ir) para casa do príncipe Hordedef e que more com ele.

Que lhe sejam asseguradas provisões de mil pães,

cem jarros de cerveja,

um boi e cem feixes de vegetais.»

E foi feito exactamente como sua majestade ordenara.

Quinto conto: o nascimento da V dinastia

Num desses dias

chegou o sofrimento de Reddjedet e o seu trabalho de parto foi difícil.

Então disse a majestade de

Ré, senhor de Sakhebu,

a Ísis, Néftis,

Meskhenet, Heket e Khnum:

«Possam então ir e libertar Reddjedet

das três crianças que estão no seu ventre

e que irão exercer esta generosa função

em toda esta terra.

Eles construirão os vossos templos, eles aprovisionarão os vossos altares,

eles farão prosperar as vossas mesas de oferendas, eles aumentarão as vossas oferendas.

As deusas (então) partiram

depois de terem tomado a forma de mulheres músicas

e Khnum ia com elas transportando a bagagem.

Eles chegaram à casa de Rauser

e encontraram-no em pé com a tanga em desordem.

Elas deram-lhe de presente os seus colares e as matracas

e ele disse-lhes: «Minhas senhoras!



Vede! A mulher está a sofrer! O seu trabalho de parto está difícil!»

Então elas disseram: «Deixa-nos vê-la. Olha! Nós sabemos como fazer um parto!»

Ele respondeu-lhes: «Ide.»

Eles entraram e dirigiram-se a Reddjetet.

Depois fecharam o quarto com ela e eles lá dentro.

Então Ísis colocou-se diante dela, Néftis atrás

e Heket apressou o trabalho de parto.

E Ísis disse: «Não sejas tão forte no seu ventre!

O teu nome será User-ref!»

E a criança precipitou-se nos seus braços.

Era uma criança com um côvado e ossos fortes.

Tinha os membros revestidos a ouro

e um toucado de verdadeiro lápis-lazúli.

Elas lavaram-no, cortaram-lhe o cordão umbilical

e puseram(-no) numa cama de tijolo.

Depois Meskhenet foi até junto dele

e disse: «Um rei que assumirá a realeza

em toda esta terra.»

E Khnum deu vigor ao seu corpo.

Ísis colocou-se (novamente) diante dela, Néftis atrás

e Heket apressou o trabalho de parto.

Ísis disse: «Não resistas no seu corpo!

O teu nome será Sahré.»

E a criança precipitou-se nos seus braços.

Era uma criança com um côvado e com ossos fortes.

Tinha os membros revestidos a ouro

e um toucado de verdadeiro lápis-lazúli.

Elas lavaram-no, cortaram-lhe o cordão umbilical

e puseram(-no) numa cama de tijolo.

Depois Meskhenet foi até junto dele

e disse: «Um rei que assumirá a realeza

em toda esta terra.»

E Khnum deu vigor aos seus membros.

Ísis colocou-se (novamente) diante dela, Néftis atrás



e Heket apressou o trabalho de parto.
Ísis disse: «Não permaneças nas trevas do seu corpo!
O teu nome será Keku.»
E a criança precipitou-se nos seus braços.
Era uma criança com um cômado e com ossos fortes.
Tinha os membros revestidos a ouro
e um toucado de verdadeiro lápis-lazúli.
Depois Meskhenet foi até junto dele
e disse: «Um rei que assumirá a realeza
em toda esta terra.»
E Khnum deu vigor aos seus membros.
Elas lavaram-no, cortaram-lhe o cordão umbilical
e puseram(-no) numa cama de tijolo.
Os deuses saíram
depois de terem libertado Reddjedet das três crianças
e então disseram: «Alegra o teu coração Rauser,
pois nasceram-te três crianças!»
Ele respondeu-lhes: «Minhas senhoras,
que posso eu fazer por vós?
Por favor, dêem este saco de 48 litros de cevada ao vosso transportador de bagagem
e fiquem com ele para vós como pagamento.»
E Khnum carregou o saco de 48 litros de cevada.
Então eles seguiram para o lugar de onde tinham vindo
e Ísis disse aos deuses:
«Viemos aqui para quê,
se não fizemos nenhum prodígio a estas crianças
que possamos anunciar ao seu pai que nos enviou?»
Então elas criaram três coroas reais, v. p. s.,
e puseram-nas no saco de 48 litros de cevada.
Depois elas fizeram aparecer no céu uma tempestade de vento e chuva,
voltaram-se em direcção a casa
e disseram: «Vamos pôr o saco de 48 litros de grão
aqui numa sala selada,
para quando regressarmos ao norte (para) tocar música.»



E puseram o saco de 48 litros de grão numa sala selada.

Então Reddjedet purificou-se
com uma purificação de catorze dias.

Depois ela disse à sua serva: «A casa está abastecida?»

Ela respondeu: «Está abastecida de todas as boas coisas,
excepto de jarros [de cerveja]. Eles não foram produzidos.»

Reddjedet disse: «E porque é que, de facto, não foram produzidos os jarros [de cerveja]?»

A serva respondeu: «Não há nada aqui para os fazer,
excepto o saco de 48 litros de cevada das mulheres músicas
que está na sala com a sua marca.»

Reddjedet disse: «Desce e trá-lo para aqui.

Rauser logo lhes dará o equivalente disso quando regressar.»

A serva então foi, abriu a sala
e ouviu uma voz a cantar, a fazer música,
a dançar, a aclamar,
tudo o que era feito para um rei, no quarto.

Ela foi e contou tudo o que tinha escutado a Reddjedet.

Esta percorreu a sala mas sem encontrar o local onde ele [o barulho] era feito.

Então encostou a sua frente ao saco
e descobriu que era feito no seu interior.

Ela pô-lo então num caixote,
que foi posto dentro de outra arca,
que foi coberta com uma pele de couro.

Ela pôs isto (tudo) numa sala
onde estavam os seus bens e selou-a.

Quando Rauser regressou,
vindo dos campos,

Reddjedet contou-lhe esta questão.

O seu coração ficou feliz com todas estas coisas.

Ele sentou-se e passaram um dia feliz.

Passados alguns dias, eis que

Reddjedet tem uma desavença por qualquer coisa com a serva,
fazendo-a punir com pancada.

Então a serva disse às pessoas que estavam em casa:



«Porque foi feito isto contra mim? Ela deu à luz três reis!
Irei contá-lo à majestade do rei do Alto e do Baixo Egípto Khufu, justo de voz.»
Ela foi e encontrou o seu meio-irmão mais velho
a fiar linho na eira.
Então ele disse-lhe: «Onde vais tu, rapariguita?»
Ela contou-lhe o assunto
e o seu irmão disse-lhe:
«Faz-se o que estás a fazer,
vindo previamente ter comigo para me associares a essa denúncia?»
Então ele pegou num molho de linho contra ela
e deu-lhe uma forte pancada.
A serva então foi
para fugir arrastando-se pela água,
mas um crocodilo apanhou-a.
O seu irmão foi contar isto a Reddjedet
e encontrou Reddjedet sentada,
com a cabeça sobre os joelhos
e o coração em grande sofrimento.
Então ele disse-lhe: «Minha senhora,
porque está o teu coração assim?»
Ela respondeu-lhe: «É a pequena
que cresceu nesta casa!
Olha, na verdade ela saiu
dizendo: “Eu vou denunciar”!»
Então ele baixou a cabeça
e disse: «Minha senhora,
ela veio para me contar
Na verdade, quando chegou ao pé de mim
eu dei-lhe uma forte pancada.
Então ela foi arrastando-se pela água
e um crocodilo apanhou-a.»



2. História de Sinuhe





Apresentação

O membro da elite, o governador,
o dignitário e administrador dos domínios reais nos países dos Asiáticos,
o conhecido do rei, o que ele ama verdadeiramente,
o companheiro Sinuhe diz:
«Eu era um companheiro que seguia o seu senhor,
um servidor do harém real
e da grande dama, a muito louvada
esposa real de Senuseret em Khenemsut,
filha real de Amenemhat em Kaneferu,
Neferu, a venerada.

Morte de Amenemhat I

No ano 30, no terceiro mês de Akhet, dia 7,
o deus subiu para o seu horizonte,
o rei do Alto e do Baixo Egípto Sehetepibré
subiu para o céu
e juntou-se ao disco solar,
o corpo divino fundiu-se com aquele que o tinha criado.
O palácio estava em silêncio,
os corações em aflição,
a grande porta dupla estava fechada,
a corte estava de luto,
os membros da elite em lamentações.

A sucessão ao trono e a fuga de Sinuhe

Ora, sua majestade tinha enviado um exército ao país dos Líbios
e o seu filho mais velho era quem o comandava,
o bom deus Senuseret,
que tinha sido enviado para atacar os países estrangeiros
e para abater os Líbios.
Agora ele voltava e trazia prisioneiros líbios



e toda a espécie de gado, sem limites.

Os amigos do palácio
enviaram (uma mensagem) para o lado ocidental,
para dar a conhecer ao filho do rei
os acontecimentos que tinham ocorrido na corte.

Os mensageiros encontraram-no na estrada
e alcançaram-no à noite.

Rapidamente ele se pôs a correr muito:
o falcão levantou voo junto com os seus seguidores,
sem dar conhecimento ao seu exército.

De igual modo, tinham mandado (mensagens) para os filhos do rei
que o tinham acompanhado neste exército,
e um deles tinha sido chamado.

Ora, eu estava lá
e escutei a sua voz quando ele falou.

Eu estava a pouca distância.

O meu coração perturbou-se, os meus braços estenderam-se,
um tremor abateu-se sobre todos os meus membros.

Eu retirei-me com um salto
para procurar um lugar para me esconder.

Coloquei-me entre dois arbustos
para deixar a estrada para os viajantes.

A travessia do Delta e da região do Suez

Caminhei em direcção ao Sul.

Eu não pensava chegar ao palácio,
(pois) previa que acontecesse uma luta
à qual podia não sobreviver.

Atravessei Maati, nas imediações do Sicómoro,
e cheguei à ilha de Seneferu.

Passei o dia lá, no limite da terra cultivada,
e parti ao amanhecer.

Encontrei um homem em pé no meu caminho.

Ele saudou-me com respeito (mas) tive medo dele.



Chegou a hora do jantar
quando passei pela localidade de Negau.

Atravessei numa barca sem remo axial
graças à força do vento de oeste.
Passei a este da pedreira
por cima da Senhora da Montanha Vermelha.
Pus-me a caminho em direcção ao norte
e cheguei aos Muros do Soberano,
que tinham sido construídos para reprimir os Asiáticos
e para esmagar os Beduínos.
Escondi-me num arbusto,
com medo de (poder) ser visto pela sentinela
sobre o muro, aquela que estava de serviço.

Pus-me a caminho ao anoitecer
e ao amanhecer cheguei a Peten.
Parei numa ilha de Kemuer
e a sede caiu rapidamente sobre mim;
eu queimava, a minha garganta estava ressequida.
Disse para mim mesmo: «Isto é o sabor da morte!».
Desanuviei o espírito, animei-me
e (então) ouvi barulho de mugidos de vacas e vi asiáticos.
Fui reconhecido pelo chefe deles
que já tinha estado no Egipto.

Pela Palestina até à Síria

Então ele deu-me água
e aqueceu-me leite.
Fui com ele para a sua tribo
e o que eles fizeram por mim foi bom.
Fui de terra em terra.
Parti para Kepeni e segui para Kedem.
Passei um ano nesse lugar.
Então, Amunenchi veio buscar-me.



Ele era o rei de Retenu Superior
e disse-me: «Tu estarás bem comigo.
Tu escutarás a linguagem do Egípto.»
Ele disse isto porque conhecia o meu carácter
e tinha ouvido falar da minha sabedoria,
porque as pessoas do Egípto que estavam lá com ele
testemunharam por mim!

Ocultação da verdade e elogio do novo rei do Egípto

Então ele disse-me: «Porque é que tu vieste para aqui?
Aconteceu alguma coisa no palácio?»
Então eu respondi-lhe: «O rei do Alto e do Baixo Egípto Sehetepibré
subiu para o horizonte
e não se sabe o que se passou a esse propósito.»
Mas eu disse, deturpando a verdade:
«Eu regressava de uma expedição ao país dos Líbios
quando me contaram. O meu espírito vacilou,
o meu coração, que não estava mais no meu corpo, lançou-me para os caminhos da fuga.
Ninguém falou acerca de mim, não fui cuspidos na cara,
não ouvi acusações, o meu nome não foi ouvido na boca de (nenhum) arauto.
Eu não sei o que me trouxe a este país estrangeiro! Foi como que um plano do deus,
como ver um homem do Delta em Abido ou um homem dos pântanos na Núbia.»

Então ele disse-me: «Como será esse país
sem ele, esse deus poderoso,
cujo terror se estendia a todos os países estrangeiros,
como Sekhmet num ano de peste?»

Eu disse respondendo-lhe:

«Certamente o seu filho entrou no palácio
e tomou posse da herança de seu pai.

É agora um deus sem igual.

Antes de si não existiu ninguém.

É o senhor da sabedoria: excelente de conselhos e perfeito nas ordens.

Vamos e vimos conforme as suas ordens!

Ele subjogou países estrangeiros.



O seu pai estava ainda no palácio
e ele fez-lhe um relatório depois de ter realizado o que ele lhe ordenara.

Agora é um campeão que age com o seu braço poderoso.
Ninguém é tão activo como ele
quando o vemos carregar sobre os inimigos e entrar no combate.
Ele verga a cornamenta e enfraquece as mãos dos seus inimigos,
para que não se ponham em ordem de batalha.
Ele pune as afrontas e despedaça crânios.
Ninguém pode endireitar-se perto dele.
Ele é um corredor rápido que destrói os fugitivos.
Ele não tem limites para com aquele que lhe der as costas.
Ele tem um espírito persistente no momento do ataque.
Ele enfrenta sem virar as costas.
Ele tem um espírito corajoso quando vê uma multidão.
Ele não permite que a indolência ocupe o seu coração.

Ele fica impaciente quando contempla o Oriente.
Ele rejubila quando carrega sobre os estrangeiros.
Ele agarra o seu escudo e esmaga (os inimigos).
Ele não repete o seu golpe quando mata.
Ninguém escapa à sua flecha, ninguém estica o seu arco.
Os estrangeiros fogem das suas mãos como do poder da Grande.
Em combate, ele prevê o fim e não tem em conta mais nada.

É possuidor de encanto e grande de doçura.
Conquistou por amor.
A sua cidade ama-o mais do que ele próprio,
ela regozija-se mais com ele do que com o seu deus.
Os homens e as mulheres passam e aclamam-no.
Ele é o rei. Ele conquistou (quando estava ainda) no ovo,
o seu rosto está (virado) para isso [a realeza] desde que ele nasceu.
Ele multiplica os que nasceram com ele.
Ele é único, um dom de deus!
Feliz é este país governado por ele.



Ele alargou as fronteiras,
ele conquistou os países do Sul, sem deixar de pensar nos países do Norte,
porque ele foi criado para bater os Asiáticos e para esmagar os Beduínos.
Manda alguém até ele e faz com que ele conheça o teu nome,
como alguém a averiguar a distância a que está de sua majestade!
Ele não deixará de fazer bem a um país que lhe é leal.»

Instalação e sucesso de Sinuhe entre os Beduínos

Então ele disse-me: «Ora bem! O Egipto ficará feliz
por ser informado da sua força!
Olha, tu estás aqui comigo, eu far-te-ei bem.»
Ele considerou-me antes dos seus filhos
e casou-me com a sua filha mais velha.
Ele fez com que eu escolhesse para mim do seu país,
o melhor do que era seu,
na sua fronteira com outro país.
Era uma bela terra,
chamada Iaa.
Aí havia figos e uvas;
era mais abundante o vinho do que a água;
o seu mel era abundante e o seu óleo em quantidade;
havia todos os tipos de frutos nas suas árvores;
havia cevada e trigo em quantidade ilimitada;
o gado de todas as espécies era numeroso.
Agora, o que me foi dado foi pelo amor que eu inspirava:
ele fez-me chefe duma tribo na melhor parte do seu país.
Faziam-me pão todos os dias,
vinho em porções diárias, carne cozinhada,
pato assado, assim como animais de caça.
Caçavam para mim e punham diante de mim,
(além) da caça para os meus cães.
Preparavam-me muitas coisas
com leite em tudo o que era cozinhado.
Passaram por mim muitos anos,



os meus filhos tornaram-se homens fortes,
cada um dirigindo a sua própria tribo.
O mensageiro que viajasse para o Norte ou para o Sul, para o palácio,
ficava comigo porque eu fazia parar toda a gente
e dava água a quem tinha sede.
Eu fazia com que o perdido voltasse à estrada e socorria o que fora roubado.
Quando os Asiáticos se tornaram hostis,
opondo-se aos chefes dos países estrangeiros, eu opus-me aos seus movimentos.
O rei de Retenu
fez-me passar muitos anos como comandante do seu exército.
Cada terra contra a qual eu avançava,
eu vencia-a.
Destruía-lhe as pastagens e as suas cisternas,
capturava-lhe o seu gado, trazia comigo a sua população
e apoderava-me das suas provisões.
Eu destruía as pessoas assim: com o meu braço forte, com o meu arco,
com as minhas manobras e com os meus planos excelentes.
Isso foi útil para mim no seu coração:
ele amava-me porque ele sabia que eu era corajoso.
Ele pôs-me à cabeça dos seus filhos, porque viu a força dos meus braços.

O duelo

Um homem forte de Retenu
veio provocar-me à minha tenda.
Era um campeão sem igual que tinha vencido toda a gente.
Ele disse que combateria comigo porque pensava vencer-me
e planeava espoliar-me do meu gado, por conselho da sua tribo.
O rei veio conferenciar comigo
e eu disse-lhe: «Eu não o conheço.
Na verdade, eu não sou seu companheiro para ir livremente ao seu acampamento.
Por acaso abri a sua vacaria ou atravessei as suas vedações?
É por rancor, porque ele vê-me cumprir as tuas ordens!
De facto, eu sou como um touro que pertence a uma manada no meio de outra manada;
o touro desta manada ataca-o,



o touro dos longos cornos procura alcançá-lo.

Haverá algum homem de condição inferior que seja amado quando decide ser chefe?

Nenhum estrangeiro se alia a um homem do Delta!

Quem pode fixar o papiro à montanha?

É por um touro gostar de combater,
que um touro feroz toca em retirada,
com medo de que ele o iguale?

Se o seu coração quer combater, que lhe transmita o seu desejo!

Haverá um deus que ignore as suas próprias ordens,
ou sabe de facto quais são?»

Durante a noite, eu encordei o meu arco, atirei as minhas flechas,
fiz deslizar a minha adaga e poli as minhas armas.

Fez-se dia e o Retenu veio.

Ele incitara as suas tribos e reunira
metade pertencente aos países vizinhos,
porque ele pensava neste combate. Todos os corações ardiam por mim.
As mulheres e os homens murmuravam, cada coração sofria por mim.
Eles disseram: «Não há outro campeão que lute contra ele?»

Foi então que o seu escudo, o seu machado
e a sua braçada de dardos, caíram (sobre mim).

Depois de ter escapado às suas armas
e de fazer passar por cima de mim as suas flechas, em vão,
uma a seguir à outra de perto,

ele aproximou-se de mim e eu atirei sobre ele:
a minha flecha fixou-se no seu pescoço.

Ele gritou e tombou sobre o nariz.

Eu acabei com ele com o seu (próprio) machado.

Soltei o meu grito de guerra sobre as suas costas.

Todo o asiático gritou.

Fiz uma oração a Montu,
(enquanto) os seus simpatizantes carpiam sobre ele.

O rei Amunenchí abraçou-me.

Então, eu apoderei-me dos seus bens e capturei o seu gado.



Aquilo que ele tinha planeado fazer-me, eu fi-lo contra ele.
Tomei posse do que ele tinha na sua tenda e pilhei o seu acampamento.
Tornei-me grande com isso, largo nas minhas riquezas
e opulento com o meu gado.

Assim, deus terá agido para apaziguar aquele que ele tinha erguido contra ele
quando o desviou em direcção a outra terra.

Hoje o seu coração está lavado.

Um fugitivo fugia no seu tempo;

(agora) a minha fama chegou ao palácio.

Um retardatário arrastava-se por causa da fome;

(agora) eu dou pão ao meu vizinho.

Um homem abandonava o seu país por causa da sua nudez;

(agora) eu tenho roupas brancas de linho fino.

Um homem corria por não ter quem enviar;

(agora) eu sou rico em servos.

A minha casa é bela, o meu domínio é vasto;

(agora) lembram-se de mim no palácio.

O desejo de regresso ao Egipto

Ó deus, qualquer que sejas, que decidiste esta fuga,
possas tu apaziguar-te e fazer-me voltar para o palácio!
Certamente farás com que eu veja o lugar onde o meu coração passa o tempo!
O que é que há de mais importante do que ser enterrado
na terra onde nasci? Vem em meu auxílio!
Ocorreu um feliz acontecimento: eu fiz com que deus fosse apaziguado!
Possa ele fazer o mesmo para dar um bom fim àquele a quem ele afligiu.
Possa o seu coração compadecer-se por aquele que ele excluiu,
para viver numa terra estrangeira!
Se hoje ele está apaziguado, possa ele escutar a prece daquele que está longe!
Possa ele trazer de novo aquele a quem ele deu uma vida errante,
ao país de onde ele o tirou!
Possa o rei do Egipto ser clemente comigo,
possa eu viver da sua paz!



Possa eu saudar a senhora do país, que está no seu palácio!
Possa eu escutar as mensagens dos seus filhos!
Então, que o meu corpo rejuvenesça, porque a velhice chegou.
A debilidade dominou-me; os meus olhos estão pesados;
os meus braços estão fracos; as minhas pernas recusaram-se a seguir;
o (meu) coração está cansado. Eu estou perto da partida!
Que eles me conduzam para as cidades da eternidade.
Possa eu acompanhar a «senhora de tudo»!
Possa ela falar bem de mim aos seus filhos!
Possa ela passar a eternidade por cima de mim!

Ora, quando falaram à majestade do rei do Alto e do Baixo Egipto Kheperkaré, justo de voz,
desta condição em que eu me encontrava,
logo sua majestade me enviou
(emissários) com presentes reais,
para que eles aumentassem o coração do servidor aqui presente,
como para o rei de qualquer terra estrangeira.
E os filhos reais, que estavam no seu palácio,
fizeram-me ouvir as suas mensagens.

O decreto real

Cópia do decreto que trouxeram ao servidor aqui presente,
relativamente ao seu regresso ao Egipto.

«Hórus: que vive nos nascimentos;
o das Duas Senhoras: que vive nos nascimentos;
rei do Alto e do Baixo Egipto: Kheperkaré;
filho de Ré: Amenemhat,
que viva para sempre, eternamente!
Decreto real para o companheiro Sinuhe.
Vê, trouxeram-te este decreto do rei
para te fazer saber: tu percorreste países estrangeiros;
tu foste de Kedem para Retenu;
andaste de terra em terra
sob conselho do teu coração.
O que fizeste para que alguém aja contra ti?



Tu não injuriaste (de modo a) alguém punir as tuas palavras!

Tu não falaste contra o conselho dos oficiais, (de modo a que) alguém se oponha aos teus discursos.

Esta decisão foi o teu coração que a trouxe, não havia nada no (meu) coração contra ti!

Este teu céu que está no palácio, ele está estável e próspero hoje;

a sua cabeça ornada como soberana do país;

os seus filhos estão na sala de audiências.

Acumula as riquezas que eles te derem, tu viverás da sua extensão.

Volta para o Egípto!

Vê a casa na qual tu nasceste!

Beija a terra da grande porta dupla!

Junta-te aos amigos!

Na verdade, hoje tu começaste a envelhecer. Tu perdeste a virilidade.

Pensa no dia do enterro,

na passagem ao estado de bem-aventurado.

Uma noite ser-te-á destinada, com óleos

e faixas de mumificação, das mãos de Tait.

Far-te-ão um cortejo funerário no dia da união à terra,

a máscara da múmia será de ouro,

a cabeça de lápis-lazúli,

o céu estará por cima de ti quando fores posto no sarcófago.

Serás puxado por bois

e precedido por cantores.

Será executada a dança dos mortos à entrada do teu túmulo,

será recitada para ti a lista de oferendas

e farão sacrifícios diante da tua mesa de oferendas.

Os teus pilares serão construídos em calcário,

no meio das crianças reais.

Tu não morrerás num país estrangeiro!

Os Asiáticos não te enterrarão!

Tu não serás depositado numa pele de carneiro, nem te farão um túmulo (qualquer).

Já é tarde para uma vida errante!

Pensa no (teu) cadáver e regressa!»



Manifestação de alegria e resposta ao decreto real

Este decreto chegou-me quando eu estava no meio da minha tribo.

Foi-me lido em voz alta e eu deitei-me sobre o meu ventre,

toquei no (pó do) chão

e fiz com que ele se espalhasse sobre o meu cabelo.

Percorri o meu acampamento aos berros dizendo:

«Como é que isto pode ser feito a um servidor
cujo coração se perdeu pelas terras estrangeiras?

Na verdade, boa é a clemência que me salva da morte!

O teu *ka* vai fazer com que eu passe o fim dos meus membros em casa.»

Cópia da resposta a este decreto:

«Este servidor do palácio, Sinuhe,

diz com satisfação:

É muito bom saber que esta fuga que foi feita pelo teu humilde servidor na sua ignorância,

seja conhecida pelo teu *ka*, (ó) deus perfeito, senhor das Duas Terras,

amado de Ré, favorito de Montu senhor de Tebas,

de Amon senhor do trono das Duas Terras,

de Sobek-Ré, de Hórus, de Hathor,

de Atum e da sua Enéade,

de Sopedu-Neferbau-Semseru o Hórus do Oriente,

da senhora de Imehet, possa ela envolver a tua cabeça,

do conselho que dirige a Inundação,

de Min-Hórus que vive nos desertos,

de Ureter senhora de Punt,

de Nut, de Horuer-Ré

e de todos os deuses do Egipto e das ilhas do Grande Verde.

Possam eles dar vida e poder ao teu nariz!

Possam eles dotar-te com os seus dons!

Possam eles dar-te uma eternidade sem fim

e uma duração sem limites!

Possa o medo que tu inspiras repercutir-se por planícies e montes

porque tu dominaste (tudo) o que rodeia o disco solar!

É a prece deste servidor ao seu senhor,

que o salva do Ocidente!



O senhor da percepção, que compreende o povo,
ele soube na majestade do palácio,
aquilo que o vosso servidor tinha medo de dizer.
É como uma coisa excessivamente grande para se repetir!
O grande deus, imagem de Ré, dá sensatez àquele que trabalha para si próprio!
O servidor está na mão daquele que pergunta por si.
Por isso, faz com que esteja sob a sua autoridade!
A tua majestade é Hórus, o conquistador;
os teus braços são mais poderosos do que todos os países.
Possa agora a tua majestade ordenar que ele traga Meki de Kedem,
Khentiuiauch de Khentekechu
e Menus das duas terras de Fenekhu.
São soberanos de nomes famosos
que cresceram no amor a ti,
sem mencionar o Retenu, que é teu como os teus cães de caça!

Na verdade, esta fuga que foi feita pelo servidor,
ela não foi planeada, ela não estava no meu coração,
eu não a imaginei! Eu não sei o que me separou do (meu) lugar!
Foi como uma espécie de sonho,
como se um homem do Delta se visse em Elefantina,
ou um homem dos pântanos na Núbia!
Eu não tive medo, ninguém correu atrás de mim,
eu não ouvi acusações, o meu nome não foi ouvido.
Apesar disso, o meu corpo arrepiou-se
e as minhas pernas puseram-se em fuga.
O meu coração orientava-me.
O deus que determinou esta fuga conduziu-me,
porque eu não sou presunçoso:
frente ao medo, o homem conhece o seu país!
Ré instalou o temor a ti em todo o país
e o terror a ti em todos os países estrangeiros!
Olha, eu estar no palácio ou estar neste lugar,
pertence-te, na verdade, cobrir este horizonte,
pois é segundo o teu desejo que o sol se ergue,



que a água do rio é bebida por tua vontade,
que o ar do céu é respirado se tu o disseres!

O servidor aqui presente vai legar (o poder)
à descendência que criou neste lugar.

O servidor faz a sua aproximação!
Que a tua majestade faça como ela desejar!
Vive-se do ar que tu dás!

Possam Ré, Hórus e Hathor amar
esta tua augusta narina,
possa Montu, senhor de Tebas, desejar
que ela viva eternamente!»

O regresso ao Egipto

Fizeram-me passar (mais) um dia em Iaa,
a fim de transmitir os meus bens aos meus filhos.
A minha tribo e todos os meus bens ficaram na sua posse:
os meus servos, todo o meu gado,
os meus frutos e todas as minhas árvores de fruto.
(Este) servidor iniciou o regresso em direcção ao sul.

Fiz uma paragem nos Caminhos de Hórus
e o comandante que estava aí e que tinha o encargo de patrulhar a fronteira,
enviou uma mensagem para o palácio para informar.

Sua majestade enviou um intendente da confiança dos camponeses do domínio real
acompanhado de barcos carregados,
que levavam presentes do rei
para os asiáticos que me tinham acompanhado
no meu percurso até aos Caminhos de Hórus.

Eu chamei cada um deles pelo seu nome,
e todos os servidores foram fazer as suas obrigações.

Parti navegando
e amassaram e coaram ao meu lado
até acabar por tocar em Itju.



No palácio real

Então, na aurora do segundo dia,
vieram chamar-me:
dez homens vieram
e os dez homens conduziram-me ao palácio.

Eu toquei com a cabeça o chão, entre as esfinges.
As crianças reais estavam de pé no pórtico para me acolher.
Os amigos (que tinham sido) admitidos no pátio de entrada com colunas,
mostravam-me o caminho para sala de audiências.
Eu encontrei sua majestade num grande trono
num pórtico dourado.
E logo eu me prostrei sobre o meu ventre,
inconsciente de mim próprio na sua presença.
Este deus dirigiu-se a mim amigavelmente,
mas eu estava como um homem tolhido pela escuridão!
O meu *ba* enfraqueceu, o meu corpo estremeceu
e o meu coração, ele não estava no meu corpo!
Eu vi a vida em direcção à morte!

Sua majestade disse a um dos amigos:

«Ergue-o e faz com que ele me fale!»
(Depois) sua majestade disse: «Vê, tu voltaste!
Tu percorreste países estrangeiros empreendendo a fuga.
A idade atacou-te mas tu atingiste a velhice.
Não é coisa pequena o teu cadáver!
Não serás inumado pelos estrangeiros!
Não ajas, não ajas agora!
Não fales (até) o teu nome ser pronunciado!
Tens medo de uma punição?»
Eu respondi a isto como responde um homem cheio de medo:
«Que me disse o meu senhor? Que respondo eu a isto?
Nada posso fazer: na verdade é a mão do deus!
O medo, ele está no meu corpo como o que provocou a fuga ordenada.
Olha, estou aqui na tua presença e a minha vida é tua!»



Possa a tua majestade agir como ela desejar!»

Fizeram entrar as crianças reais
e sua majestade disse, então, à esposa real:
«Vê! Sinuhe voltou como asiático,
criado pelos Asiáticos!»
Ela lançou um grito muito grande
e as crianças reais,
gritando a uma só voz,
disseram perante sua majestade:
«Na verdade não é ele, ó soberano, meu senhor!»
Então sua majestade disse: «Na verdade é ele.»
Ora, elas traziam os seus colares,
as suas matracas e os seus sistros na sua mão
e elas presentearam com isto sua majestade:
«Que as tuas mãos (se estendam) para a Bela, rei eterno,
(para) os ornamentos da senhora do céu!
Possa a Dourada dar vida ao teu nariz!
Possa a senhora das estrelas unir-se a ti!
Possa a coroa do Alto Egipto descer em direcção à coroa do Baixo Egipto
e juntas unirem-se
na palavra da tua majestade!
Possa Uadjit ser posta na tua frente,
porque tu tiraste os pobres do mal!
Que te seja agradável Ré, senhor das Duas Terras!
Saudações para ti, como para a senhora de tudo!
Distende o teu arco e alivia a tua flecha!
Dá ar àquele que sufoca!
Dá-nos a nossa bela festa (na pessoa) deste chefe nómada,
filho do vento do Norte,
estrangeiro nascido no Egipto!
Ele pôs-se em fuga por temor a ti!
Ele deixou o país por ter muito medo de ti!
Não empalidecerá mais o rosto daquele que viu a tua face;
não terá mais medo o olho que olhou para ti!»



Sua majestade disse: «Ele não terá medo.
Ele não estará mais em condição de ter muito medo.
Ele será um amigo entre os oficiais,
ele será posto no meio dos cortesãos.
Ide vós aos (seus) aposentos privados para fazer o seu serviço!»

Reinstalação no palácio real

Eu saí do interior da sala de audiências
e as crianças reais vieram dar-me as suas mãos.
De seguida nós fomos para a grande porta dupla
e eu fui instalado na casa de um príncipe,
cheia de luxos: tinha uma casa de banho e espelhos.
Havia aí coisas preciosas que pertenciam ao tesouro:
roupas de linho real,
mirra e óleo fino do rei
e dos oficiais que ele amava, em cada quarto.
Todos os servidores estavam na sua função.

Fizeram com que os anos fossem eliminados do meu corpo:
barbearam-me, cortaram-me o cabelo.
A sujidade foi dada ao deserto
e as roupas aos beduínos.
Vestido de linho fino,
ungido com óleo fino
e estendido sobre uma cama,
deixei a areia para os que aí vivem
e o óleo de árvore para os que se ungem.

Então deram-me uma casa de proprietário de jardim
que tinha pertencido a um amigo.
Numerosos trabalhadores (re)construíram-na
e todas as suas árvores foram plantadas como novas.
Traziam-me comida do palácio
três ou quatro vezes por dia,
sem contar com a que me davam as crianças reais



sem pararem um momento.

A eternidade no horizonte

Construíram para mim uma pirâmide de pedra

no meio das pirâmides.

O intendente dos talhadores de pedra da pirâmide escolhe o local,

o intendente dos tesoueiros faz a escrita,

(o intendente) dos escultores grava,

o intendente dos trabalhadores que estavam na necrópole estava atarefado com ela.

Todo o mobiliário que iria ser posto no túmulo

teria os seus elementos feitos aí.

Deram-me sacerdotes funerários

e fizeram-me um domínio funerário,

com terras aráveis, em frente, no lugar certo,

como deverá ser feito para um primeiro amigo.

A minha estátua foi coberta de ouro

e o seu saiote de electrum:

foi sua majestade que o mandou fazer.

Não há outro homem comum por quem tenha sido feito o mesmo!

Eu obtive os favores do rei até ao dia da morte.

E acabou, do princípio ao fim,

como o que se encontrou na escritura.

Possa ele viver, prosperar e ter saúde!



3. Conto do Náufrago



CONTO DO NÁUFRAGO





Preâmbulo

Então o excelente companheiro diz:

«Sossega o teu coração, comandante!

Vê, nós chegámos à pátria.

O maço está empunhado, o cabeça de amarração cravado,
a amarra da proa posta em terra.

Façamos uma oração. Louvemos deus!

Cada um abraça o seu companheiro.

A nossa equipagem regressou sã e salva,
sem perdas na nossa expedição.

Atingimos os confins de Uauat e passámos Senmut.

Eis-nos de volta em paz
à nossa terra, nós alcançámo-la.

Escuta-me (ó) comandante,

porque eu não exagero.

Lava-te! Verte água sobre os teus dedos
e poderás responder quando se dirigirem a ti.

Fala ao rei com toda a franqueza
e responde sem balbuciar.

A boca de um homem pode salvá-lo,
o seu discurso pode fazer com que o perdoem.

Age segundo o teu desejo.

É cansativo falar contigo!

Início do conto

Eu vou contar-te qualquer coisa idêntica

ao que me aconteceu pessoalmente,
quando me dirigia para a região mineira do soberano.

Eu descia em direcção ao Grande Verde
num barco de cento e vinte côvados de comprimento
por quarenta côvados de largura,
com cento e vinte marinheiros a bordo, dos melhores do Egipto.



Vigiassem o céu ou vigiassem a terra,
o seu coração era mais bravo (do que) o dos leões.

A tempestade e o naufrágio

Eles podiam prever um vendaval antes da sua chegada
e uma tempestade antes da sua formação.
Um vendaval eclodiu quando estávamos no Grande Verde,
antes que conseguíssemos alcançar terra.
O vento levantou-se, ele bramia,
e as vagas atingiam os oito côvados.
A madeira partiu-se a meu favor
e depois o barco afundou-se.
Dos que estavam aí, não restava um só.
Então fui depositado numa ilha
por uma vaga do Grande Verde.
Passei três dias sozinho,
(só com) o meu coração por companheiro.
Estendido inerte no interior
de (um abrigo de) madeira, eu recolhi-me à sombra.
Depois caminhei à procura de comida.

Encontrei ali figos e uvas, todo o tipo de excelentes legumes,
figos de sicómoro maduros e figos de sicómoro verdes,
e pepinos como se tivessem sido cultivados;
havia (também) lá peixes e aves.
Não havia nada que não estivesse lá!
Então, saciei-me e pus no chão
o que era difícil de suportar nos meus braços.
Agarrei num pau para fazer fogo,
acendi um fogo e fiz um sacrifício aos deuses.

Aparecimento da serpente

Foi então que ouvi um barulho de trovão
e imaginei que fosse uma vaga do Grande Verde.



As árvores estalavam
e a terra tremia.
Destapei a cara e vi que era uma serpente que se aproximava.
Ela media trinta côvados
e a sua barba passava os dois côvados.
O seu corpo estava coberto de ouro,
e as suas sobrancelhas eram de verdadeiro lápis-lazúli.
Ela inclinou-se para diante.

Então abriu a boca para mim,
enquanto eu permanecia sobre o meu ventre diante dela,
e disse-me: «Quem te trouxe?
Quem te trouxe, homenzinho?
Quem te trouxe?
Se demoras a dizer-me
quem te trouxe para esta ilha,
eu farei com que tu te lembres reduzindo-te a cinzas
e tornando-te invisível!»
«Tu falas-me e eu não escuto (nada) do que dizes!
Estou aqui diante de ti, mas perdi a consciência de mim próprio!»
Então ela pegou-me com a boca
e levou-me para a sua toca
(onde) me depôs sem me fazer mal,
de boa saúde e intacto.

Ela abriu a boca para mim,
enquanto eu permanecia sobre o meu ventre diante dela,
e então disse-me: «Quem te trouxe?
Quem te trouxe, homenzinho?
Quem te trouxe para esta ilha do Grande Verde,
que tem os seus dois lados na água?»

A história do naufrago

A isto, respondi-lhe então
(com) os braços caídos diante dela,



dizendo-lhe: «Eu descia
para as minas com uma mensagem do soberano,
num barco de cento e vinte côvados de comprimento
por quarenta côvados de largura.
Estavam a bordo cento e vinte marinheiros, dos melhores do Egipto.
Vigiassem o céu ou vigiassem a terra,
o seu coração era mais bravo (do que) o dos leões.

Eles podiam prever um vendaval antes da sua chegada
e uma tempestade antes da sua formação.
Cada um deles era mais valente
e forte do que o seu companheiro!
Não havia nenhum incompetente entre eles.
Um vendaval eclodiu quando estávamos no Grande Verde,
antes que conseguíssemos alcançar terra:
o vento levantou-se, ele bramia,
e as vagas atingiam os oito côvados.
A madeira partiu-se a meu favor
e depois o barco morreu.
Dos que estavam aí não restou um só, excepto eu,
que estou aqui na tua presença.

A resposta da serpente

Então, eu fui depositado nesta ilha
por uma vaga do Grande Verde».
Então ela disse-me: «Não tenhas medo,
não tenhas medo, homenzinho!
Não empalideças! Tu estavas-me reservado!
Vê, deus fez com que tu vivesses
e conduziu-te à ilha do Ka,
no interior da qual não há nada que não se encontre.
Ela está cheia de tudo o que é bom.
Olha! Tu passarás mês após mês
até completares quatro meses de permanência nesta ilha.
Então, um barco virá do (teu) país,



com marinheiros teus conhecidos.
Tu partirás com eles para o (teu) país
e morrerás na tua cidade.

Como é feliz aquele que pode contar aquilo por que passou,
(depois de) ultrapassados os maus momentos!
Eu vou contar-te então uma coisa parecida
que aconteceu nesta ilha.
Eu estava aqui com os meus companheiros,
entre os quais havia crianças.
Na totalidade éramos 75 serpentes,
juntando as minhas crianças com os meus companheiros.
E não me esquecerei de te mencionar uma filhita
que obtive por meio de preces!

Então, uma estrela caiu
e eles pegaram fogo por sua causa.
Isto aconteceu quando eu não estava (com eles),
e eles arderam sem que eu estivesse entre eles.
Então eu (fiquei como) morto por causa deles,
(quando) os encontrei numa única pilha de cadáveres.
Se és forte, controla-te!
Abraçarás os teus filhos,
beijarás a tua mulher, verás a tua casa.
E estas coisas serão o melhor de tudo!
Alcançarás o país onde vivias
no meio dos teus irmãos
e tu existirás de novo!»
Estendido sobre o meu ventre, toquei no chão diante dela.

Resposta do homem e reacção da serpente

«Deixa-me então dizer-te. Falarei do teu poder ao soberano,
farei com que ele seja informado da tua grandeza.
Farei com que te tragam láudano (?), *hekenu*,
iudeneb, canela (?)



e incenso dos templos, para agradar a cada deus.
Contarei então o que me aconteceu, quando eu vi os seus poderes.
Agradecer-te-emos na cidade,
perante os notáveis do país inteiro.

Matarei para ti touros em imolação,
sacrificarei para ti aves,
farei com que te tragam barcos
carregados de todas as riquezas do Egipto,
como devemos fazer por um deus que ama os homens,
num país longínquo que os homens não conhecem.»

Então ela riu de mim, daquilo que eu tinha dito
de insensato segundo ela.
Ela disse-me: «(Então) a mirra não é importante para ti?
Tornaste-te possuidor de incenso?
Na verdade, eu sou o soberano do Punt:
a mirra pertence-me!
Aquele *hekenu* que tu afirmaste que me trariam,
é a coisa mais importante desta ilha!
Chegará, na verdade, (o momento) em que deixarás este lugar
e jamais voltarás a ver esta ilha que submergirá.»

O regresso a casa

Então esse barco veio,
como ele tinha predito anteriormente.
Eu fui, subi a uma árvore alta
e reconheci aqueles que estavam no seu interior.
Então eu fui para contar isto (à serpente),
mas encontrei-a (já) sabedora do assunto.
Ela disse-me então: «Adeus!
Adeus, homenzinho!
Para casa ver os teus filhos!
Faz com que o meu nome seja bom na tua cidade!
Olha, é (tudo) o que peço que faças por mim!»



Então eu pus-me sobre o ventre,
(com) os braços estendidos diante dela,
e eis que ela me deu um carregamento de mirra,
hekenu, iudeneb,
canela (?), *tichépés,*
chaasekh, galena,
caudas de girafa,
resina de terebintina,
um grande pedaço de incenso,
dentes de marfim, cães de caça,
macacos, babuínos
e todo o tipo de riquezas de qualidade.

Depois carreguei isto no barco.
Ela chegou e eu pus-me sobre o meu ventre para lhe agradecer.
Ela disse-me então: «Olha! Chegarás ao país em dois meses,
abraçarás os teus filhos
e rejuvenescerás no interior da tua sepultura.»
Então desci até à margem, para junto do barco,
e chamei os soldados que estavam no barco.
Dei graças, sobre a margem,
ao senhor da ilha
e aqueles que estavam a bordo fizeram o mesmo.

(Depois) fizemos a viagem em direcção ao norte,
para o palácio.
Chegámos ao país
em dois meses, tal como ela tinha dito.
Fui então levado à presença do soberano
e ofereci-lhe os presentes
que tinha trazido da ilha.
Então ele agradeceu-me na presença dos notáveis de todo o país.
Então eu fui feito companheiro
e dotado de duzentos servidores.

Conclusão



«Olha para mim depois que eu toquei terra,
depois do que eu vi, do que experimentei!
Ouve-me, portanto!
Vê, é bom escutar as pessoas!»
Então ele disse-me: «Não faças de excelente, meu amigo!
Quem dará água à ave pela alvorada,
para ela ser abatida pela manhã?»

E acabou, do princípio ao fim,
como o que se encontrou na escritura,
na escrita do escriba de dedos hábeis,
Amenaá, filho de Ameni.
Possa ele viver, prosperar e ter saúde!



4. Conto do Camponês Eloquente





Introdução

Era uma vez um homem

que se chamava Khuenanupu.

Era um camponês de Sekhet Hemat,

Cuja mulher se chamava Meret.

O camponês disse à sua mulher:

«Olha! Vou descer ao Egípto
para trazer comida para as minhas crianças.

Vai e pesa-me

a cevada que está no celeiro, o que resta da cevada do último ano.»

Então ele pesou para ela seis alqueires de cevada.

O camponês disse à sua mulher:

«Olha! [tu tens] vinte alqueires de cevada de provisões
para ti e para as tuas crianças.

Faz-me desses seis alqueires de cevada

pão e cerveja para os dias em que estarei de viagem.»

O camponês desceu para o Egípto

tendo carregado os seus burros

de juncos, de plantas *redemet*,

de natrão, de sal,

de madeira de [...] *tiu*, de varas de Taihu,

de peles de leopardos, de couros de cães selvagens,

de coentros, de pedras *anu*,

de plantas *tenem*, de plantas *kheperuer*,

de *sahut*, de *saksut*,

de plantas *misut*, de pedras *senet*,

de pedras *abu*, de hortelã,

de plantas *inbi*, de pombos,

de pássaros *naru*, de pássaros *ugués*,

de feno, de plantas *tebesu*,

de grãos *gengent*, de «cabelos da terra»,

de grãos *inset*,



uma quantidade de todos os bons produtos de Sekhet-Hemat.

O camponês foi em direcção ao sul,
em direcção a Neninesu
e chegou ao distrito de Perfefi, ao norte de Medenit.
Encontrou um homem em pé sobre a margem
cujo nome era Nemtinakht.
Era filho de um homem chamado Iseri,
um dos dependentes do grande intendente
Rensi, filho de Meru.

Então Nemtinakht disse quando viu os burros do camponês
que agradavam ao seu espírito:
«Ah! Se eu tivesse algum ídolo
através do qual eu pudesse apropriar-me dos bens deste camponês!»
Ora, a casa de Nemtinakht era junto ao caminho ribeirinho que era estreito.
Não era tão largo que excedesse
a largura de uma peça de estofa;
um dos seus lados estava debaixo de água
e o outro debaixo da cevada.

Então Nemtinakht disse ao seu dependente:
«Vai e traz-me um bocado de pano de minha casa».
E ele foi-lhe trazido imediatamente.
Então estendeu-o sobre o caminho na margem do rio,
assentando a sua franja sobre a água
e a sua bainha sobre a cevada.
O camponês vinha andando num caminho público
e Nemtinakht disse: «Presta atenção, camponês!
Tu não vais caminhar sobre as minhas roupas».
O camponês disse: «Eu farei o que te agradar, (mas) o meu caminho é bom».
Então ele foi para o lado de cima
e Nemtinakht disse: «Será que a minha cevada te vai servir de caminho?»
O camponês disse: «O meu caminho é bom,
a margem é alta, o caminho está debaixo da cevada
e tu obstróis ainda o nosso caminho com as tuas roupas.



Tu não permites que nós passemos pelo caminho?»

Mal acabara de falar quando um dos burros encheu a boca com um molho de cevada.

Então Nemtinakht disse: «Olha! Eu vou ficar com o teu burro, camponês, porque ele comeu a minha cevada!

Vê, ele vai pisar grão por causa da sua ofensa»!

E o camponês disse: «O meu caminho é bom.

Sendo um lado impraticável,

levei o meu burro sobre o (lado) interdito

e tu toma-lo porque ele encheu a sua boca com um molho de cevada!

Aliás, eu conheço o senhor deste domínio.

Ele pertence ao grande intendente Rensi, filho de Meru.

E é justamente ele que pune todos os ladrões no país inteiro!

Serei eu espoliado no seu domínio?»

Então Nemtinakht disse: «É este o provérbio que as pessoas dizem:

“O nome do pobre só é pronunciado por causa do seu mestre”?

Eu é que falo contigo e é o grande intendente que tu queres evocar!»

Então pegou numa vara de tamargueira verde contra ele

e fustigou-lhe todos os membros com ela.

Apoderou-se dos seus burros que foram introduzidos no seu domínio,

e logo o camponês se pôs a chorar muitíssimo pelo mal feito contra ele.

Então Nemtinakht disse: «Não levantes a tua voz, camponês!

Vê, tu vais em direcção à cidade do senhor do silêncio!»

E o camponês disse: «Tu bates-me, roubas os meus bens

e tiras-me até o queixume da minha boca!

Ó senhor do silêncio possas tu devolver-me os meus bens

que então eu pararei de chorar para tua terribilidade»!

O camponês vai queixar-se ao grande intendente

O camponês esperou uma semana inteira

apelando a Nemtinakht, mas ele não lhe prestou atenção.

Então o camponês caminhou em direcção a Neninesu

para apelar ao grande intendente Rensi, filho de Meru.



Encontrou-o prestes a sair da porta de casa
para descer até à sua barca oficial.
O camponês disse: «Ah! Possas tu permitir que eu alegre o teu coração com este assunto.
Será caso para me enviases o dependente que desejares,
para que eu te o reenvie (com uma comunicação) sobre este assunto».
O grande intendente Rensi, filho de Meru,
fez com que o seu seguidor predilecto fosse até ele,
e o camponês mandou-o de volta
com a questão em todos os seus detalhes.
E logo o grande intendente Rensi, filho de Meru,
denunciou Nemtinakht aos magistrados que estavam com ele.

Eles disseram-lhe: «Provavelmente é um dos camponeses
que veio junto de um outro como ele.
Olha, isso é o que eles fazem aos seus camponeses
que se dirigem para outros para além deles!
Sim, é o que eles costumam fazer.
É isto razão para que punamos este Nemtinakht
por causa de um pouco de natrão
e de um pouco de sal?
Ordenemos-lhe que restitua aquilo e ele restituirá aquilo.»
O grande intendente Rensi, filho de Meru,
ficou em silêncio.
Não respondeu aos magistrados
nem ao camponês.

Primeira petição

Então o camponês veio apelar
ao grande intendente Rensi, filho de Meru,
e disse: «Grande intendente, meu senhor!
O maior dos maiores,
guia de tudo o que existe e de tudo o que não existe!

Se desceres para o Lago da Verdade
navegarás nele com uma brisa.



O pano da tua vela não será arrancado; o teu barco não se irá atrasar;
nenhum acidente afectará o teu mastro; as tuas vergas não se quebrarão;
não te afundarás quando tocares em terra; não serás arrastado pelas águas;
não experimentarás a malvadez do rio; não verás um rosto que tenha medo.
Mas os peixes deixar-se-ão apanhar rapidamente por ti,
juntamente com o mais gordo dos pássaros.

Porque tu és um pai para o órfão,
um marido para a viúva,
um irmão para a mulher divorciada,
o saiote daquele que não tem a sua mãe.
Permite que te faça neste país o nome acima de toda a boa lei:
és aquele que é um guia vazio de rapacidade,
aquele que é o mais vazio de vilania;
aquele que aniquila a mentira;
aquele que dá existência à verdade!
Vem à voz daquele que apela.

Eu falo para que tu entendas.
Faz justiça, ó glorioso que glorifica aqueles que são glorificados!
Destrói a minha miséria. Olha, eu (estou) oprimido pelo [... ...] desgosto!
Vê, eu (estou) debilitado por causa dele!
Examina-me; vê, eu (estou) na miséria»!

O grande intendente avisa o rei

Ora o camponês fazia este discurso
no tempo da majestade do rei do Alto e do Baixo Egipto Nebkauré, justo de voz.
E o grande intendente Rensi, filho de Meru,
foi diante de sua majestade
e disse: «Meu senhor, encontrei um destes camponeses
bom orador na realidade.
Ele foi despojado dos seus bens por um homem que está ao meu serviço.
Vê, ele veio suplicar-me sobre esse assunto.»

Então sua majestade disse: «Se tu desejas ver-me de boa saúde



deves retê-lo aqui
sem responder a nada do que ele possa dizer.
E para que ele continue a falar, cala-te.
Então, que as suas palavras nos sejam trazidas por escrito para que possamos ouvir isso.
Mas assegura o sustento da sua mulher e dos seus filhos!
Vê, um destes camponeses só vem ao Egipto
(quando) a sua casa está vazia!
Assegura também o sustento deste próprio camponês.
Tu farás com que lhe sejam dadas provisões,
mas sem permitir que ele saiba que foste tu quem lhas deu.»

E assim foram-lhe dados dez pães
e dois jarros de cerveja por dia.
O grande intendente Rensi, filho de Meru,
deu isso.
Ele deu isso a um amigo seu e foi este quem as deu [ao camponês].
Então, o grande intendente Rensi, filho de Meru,
mandou o governador de Sekhet-Hemat
assegurar a alimentação da mulher deste camponês
com três galões por dia.

Segunda petição

Então o camponês veio apelar-lhe uma segunda vez
e disse: «Grande intendente, meu senhor!
O maior dos maiores!
O mais rico dos ricos!
Aquele em quem os grandes têm alguém que é o maior
e os ricos têm alguém que é o mais rico!
Leme do céu!
Esteio da terra!
Fio-de-prumo que suporta pesos!
Leme, não te afastes!
Esteio, não te inclines!
Fio-de-prumo, não osciles!
Um grande senhor toma (daquele que) não tem senhor e por causa disso



pilha alguém isolado, enquanto a tua porção está em tua casa.
Um jarro de cerveja e três pães,
que mais precisas tu de dispensar para saciar os teus dependentes?
Um mortal morre tão bem quanto os seus dependentes!

Serás tu um homem da eternidade?

Não é errado a balança de mão inclinar-se,
o pêndulo [da balança] desviar-se,
um homem honesto mudar e desviar-se?
Vê, a justiça escapa debaixo de ti
expulsa do seu lugar!
Os magistrados estão a proceder mal;
a qualidade do discurso
mostra parcialidade;
os juízes roubam quando obtêm desonestamente.
Isto quer dizer que aquele que deturpa o seu exacto significado
fá-la [à justiça], portanto, vacilar.
Aquele que deve dar o pão falta na terra;
aquele que torna as coisas fáceis faz ofegar;
aquele que é mediador torna-se um saqueador;
aquele que deve afastar a necessidade ordena que ela seja criada.
O porto está ele próprio submerso;
aquele que deve castigar o que está errado pratica o mal».

Então o grande intendente Rensi, filho de Meru, disse:

«Os teus bens são mais importantes para o teu coração
do que o meu dependente ser preso»?
E o camponês disse: «O medidor dos montes de cereais defrauda em seu favor.
Aquele que enche [os celeiros] para outro rouba os seus bens.
Aquele que devia orientar-se segundo as leis comanda o roubo.
Quem, portanto, reprimirá o mal
quando aquele que deve repelir o defeito é precisamente aquele que permite os desvios?
Um (parece) ser justo indo por vias tortuosas
e o outro coloca-se (claramente) do lado do mal.
Encontras tu (aqui alguma coisa) para ti?



Corrigir é rápido, o mal dura muito tempo.

Uma boa acção volta ao seu lugar de ontem.

É justamente o preceito: age para com aquele que age para fazer com que ele aja.

Isto é agradecer a alguém por aquilo que ele faz,

isto é evitar qualquer coisa antes de ser lançada,

isto é dar uma instrução a alguém que é mestre artesão.

Oh! Se num instante pudesse trazer a ruína,

destruir a tua rede *rui* de pássaros,

diminuir os teus pássaros,

destruir a tua caça de água!

Aquele que via tornou-se cego,

aquele que ouvia tornou-se surdo,

aquele que devia guiar tornou-se um falso guia!

(Eu) causei um *beru* e tu passaste por cima?

Porque ages tu contra ti?

Olha, vê! Tu és forte e poderoso.

O teu braço é activo e o teu coração é ambicioso.

A piedade passou ao teu lado!

Como é miserável o pobre homem que tu destruístes!

Tu pareces um mensageiro de Khenti!

Olha, tu superas a senhora da pestilência!

Se não tens nada, ela não tem nada;

se não há nada contra ela, não há nada contra ti;

se tu não actuares, ela não actua!

O senhor do pão deve ser clemente, a violência é para o criminoso.

Roubar convém àquele que não tem bens,

quando os bens são roubados pelo criminoso.

Um mau comportamento daquele que não cumpre não deve ser proclamado.

Ele procura por ele próprio (os seus meios de subsistência).

Mas tu estás saciado com o teu pão

e bêbado com a tua cerveja!

Tu és rico com todas as coisas.

O rosto do timoneiro está virado para a frente



e o barco vai à deriva como ele deseja.
O rei está no palácio,
o leme está na tua mão
e o mal está instalado à tua volta.
Demorado é o (ofício) do queixoso! Profunda é a divisão!
“O que é que se passa ali?”, pensarão.
Age como um porto de abrigo! O teu porto está tranquilo,
(mas) olha, o teu cais está infestado de crocodilos!
Que a tua língua seja justa (e) não te enganes.
Um membro do homem pode ser a sua ruína.

Não digas mentiras! Vigia os magistrados!

Um cesto engorda os juízes!
Dizer mentiras é o seu pasto,
isto é uma coisa ligeira para o seu coração.
És o mais sábio de todos os homens
e ignoras simplesmente os meus problemas?
Tu que afastas todas as pequenas necessidades de água,
vê, eu tenho um percurso e estou sem barco!
Tu que salvas todo aquele que se está a afogar, (tu que salvas) o náufrago,
socorre-me antes que chegues ao teu fim»!

Terceira petição

Então o camponês veio apelar-lhe uma terceira vez

e disse: «Grande intendente, meu senhor!
Tu és Ré, senhor do céu, com os teus cortesãos.
A subsistência de todos os homens vem de ti como a inundação!
Tu és Hapi que faz reflorescer os prados e fertiliza as terras exaustas.
Destruidor e castigador do ladrão, protector do pobre:
não te transformes na vaga contra o queixoso!

Presta atenção, a eternidade aproxima-se! Deseja viver muito tempo,
de acordo com o provérbio: respirar pelo nariz é como fazer justiça.
Pune aquele que deve ser punido
e ninguém se aproximará da tua rectidão.



Errará a balança de mão?

A balança de suporte inclinar-se-á para um dos lados?

Será Tot clemente? Se assim for, então tu podes fazer o mal!

Iguala-te a estes três.

Se os três são clementes, então tu podes ser clemente!

Não respondas ao bem com o mal.

Não ponhas uma coisa no lugar da outra.

O (meu) discurso irá crescer mais do que a planta *senmit*,

mais do que o que é bom para o odor.

Não respondas a isto, (pois) o mal destina-se a fazer com que o revestimento (vegetal)

crezca três vezes para fazer com que ele aja.

Se tu manobrares o leme de acordo com a vela

a corrente arrasta(-te) para fazer justiça.

Tem cuidado que tu encalhas por causa da corda do leme!

O equilíbrio do país é praticar a justiça.

Não digas mentiras porque tu és grande.

Não sejas ligeiro porque tu és (um homem) de peso!

Não digas mentiras porque tu és a balança (de mão)!

Não (te) desvies porque tu és a rectidão!

Vê, tu não fazes senão como uma balança (de mão):

se ela se inclina, também tu te inclinas!

Não te desvies quando manobrares o leme!

Puxa a corda do leme!

Não agarres quando agires contra o ladrão:

não é certamente um grande, o grande que é ganancioso!

A tua língua é o pêndulo (da balança),

o teu coração os pesos (da balança),

os teus lábios são os seus braços.

Se tu cobres o teu rosto contra o violento, quem então repelirá o mal?

Vê, tu és como um miserável lavadeiro,

um ganancioso que prejudica um amigo

e abandona um dos seus íntimos em favor de um dos seus clientes.

É seu irmão aquele que vem e lhe traz (presentes).



Vê, tu és um barqueiro que atravessa todo aquele que paga,
um justo cuja justiça está despedaçada.
Vê, tu és como um chefe de armazém
que não deixa passar o pobre imediatamente.
Vê, tu és um falcão para o povo,
vivendo por cima dos pássaros mais fracos.
Vê, tu és um carnicheiro
que se alegra com a carnificina, a mutilação não é nada para ele.
Vê, tu és um pastor:
então não é mau para mim que tu não saibas avaliar?
Tu mostras menos respeito do que o crocodilo voraz.
Os lugares de refúgio faltam nas cidades de todo o país.
Ouvinte, na verdade tu não escutas!
Deste modo, porque é que não escutas?
É porque hoje eu reprimi um agressor?
O crocodilo retira-se?
Qual é, portanto, o teu lucro com respeito a isto?
A secreta verdade será encontrada e fará cair a mentira por terra.
Não faças planos para o amanhã antes de ele chegar!
Ninguém sabe os males que há nele!»!

Ora o camponês fazia este discurso
ao grande intendente Rensi, filho de Meru,
à entrada do escritório.
Então (Rensi) fez levantarem-se dois servidores contra ele com chicotes
e fustigarem-lhe todos os membros com eles.

O camponês disse: «O filho de Meru continua a errar.
O seu rosto está cego perante aquilo que vê,
surdo àquilo que ouve,
pouco sensato em relação ao que lhe mencionam.
Olha, tu és como uma cidade sem governador,
como uma companhia sem um chefe,
como um barco sem capitão,
uma associação sem o seu chefe!



Olha, tu és como um polícia que rouba,
um governador que aceita (subornos),
um superintendente de distrito que defende a pilhagem
e se torna o modelo para aquele que agiu (mal)».

Quarta petição

Então o camponês veio apelar-lhe uma quarta vez.
Encontrou-o prestes a sair da porta
do templo de Herichef
e disse: «Ó louvado, possa Herichef,
do templo de quem tu vens, louvar-te!
O bem pereceu. Não há nenhuma ligação a ele.
A mentira foi atirada ao chão!
Se a sua barca (já) regressou, como conseguiremos atravessar (o rio)
quando isso é feito de má vontade?
Atravessar o rio sobre as sandálias
é fazer uma boa travessia? Não!
Quem é que agora dorme até o dia amanhecer?
Perecer é caminhar na noite,
viajar de dia é deixar um homem defender a sua própria verdade legal.
Olha, não serve de nada dizer-te isto:
“A piedade passou ao teu lado! Como é miserável o pobre homem que tu destruíste”!

Olha, tu és um caçador que satisfaz o seu desejo,
que está ocupado a fazer (apenas) o que lhe agrada,
que arpoa hipopótamos, trespassa touros selvagens,
pesca peixes e apanha no laço pássaros.
Nenhum discurso rápido está livre de precipitação,
nem há ninguém inteligente que não seja vagaroso em relação aos seus desejos.
Se fores paciente então conhecerás a verdade!
Controla a tua escolha para o bem daquele que é introduzido humildemente!
Nenhum homem apressado pratica a excelência, nenhum impaciente produz efeito (com) o
[braço.

Possam os olhos ver, que o coração será informado!



Não sejas cruel só porque és poderoso, assim o mal não te atingirá!

Passa por cima de um caso e os seus problemas duplicarão.

Aquele que come saboreia;

aquele que foi posto em causa responde;

aquele que dorme sonha.

Quanto ao juiz que merece ser punido,

ele é um modelo para aquele que agiu (mal).

Louco, olha! Tu estás a ser atingido!

Ignorante, olha! Tu estás a ser interrogado!

Despejador de água, olha! Tu estás a encalhar!

Timoneiro, não deixes o teu barco à deriva!

Distribuidor de vida, não (nos) deixes morrer!

Destruidor, não (nos) deixes perecer!

Sombra, não ajas como a luz do sol!

Porto de abrigo, não deixes que o crocodilo (nos) apanhe!

É a quarta vez que apelo para ti! Vou então passar todo o meu tempo com isto»?

Quinta petição

Então o camponês veio apelar-lhe uma quinta vez

e disse: «Grande intendente, meu senhor!

O pescador *khudu* está [... ..]; [... ..] ilude e mata o peixe *ii*;

o pescador de arpão arpoa o peixe *aubeb*;

o pescador *djabehu* vai contra os peixes *pakeru*;

o pescador de rede destrói o rio.

Olha, nisso tu és como eles!

Não roubes a um pobre os seus bens!

Um (homem) fraco que tu conheces.

Respirar para o miserável (são) os seus bens;

aquele que os rouba tapa o seu nariz.

A razão pela qual foste nomeado foi para ouvir casos,

para julgar entre as partes, para punir o gatuno.

(Mas) olha, o que ele faz é apoiar o ladrão!



Tu que devias ser de confiança ages como um transgressor!
Tu foste colocado como um dique para impedir o pobre de se afogar.
Olha, tu és o seu lago que o inunda»!

Sexta petição

Então o camponês veio apelar-lhe uma sexta vez
e disse: «Grande intendente, meu senhor!
Um senhor menospreza a mentira. Um criador da verdade
cria o bem para toda a gente e destrói (o mal)!
Como a saciedade quando vem acaba com a fome,
o vestuário acaba com a nudez.
Como o céu quando acalma depois de uma grande tempestade,
aquece todos aqueles que têm frio.
Como o fogo cozinha o que está cru.
Como a água mata a sede.
Vê por ti próprio: aquele que divide é um saqueador;
o apaziguador cria o sofredor;
aquele que deve remover os obstáculos é um criador de sofrimento.

Mas aquele que engana, diminui a verdade!
Para satisfazer convenientemente a justiça,
nem faltas nem excessos.
Se tu adquires (qualquer coisa),
então (dá-o) ao teu igual,
“palrar” (apenas) é desprovido de seriedade.
Mas o meu sofrimento conduz-me à separação;
a minha acusação provoca a partida.
Não saberemos, na realidade, o que está no coração.
Não sejas indolente! Age em relação à acusação!
Se tu divides, quem juntará de novo?
A vara de sondagem está na tua mão,
como uma vara que abre (caminho) quando o infortúnio acontece na água!
Se o barco encalha, então os seus salvados serão destruídos
e a sua carga ficará no fundo de cada um dos bancos de areia.



Tu és instruído, inteligente e completo,
mas não no que respeita ao roubo!
Tu devias ser o modelo de todos os homens,
mas os teus casos oscilam de um lado para o outro!
A honestidade engana todo o país!
O jardineiro do mal
rega o seu jardim com crimes
para fazer crescer no seu jardim a mentira,
para regar de problemas (todo) o estado»!

Sétima petição

Então o camponês veio apelar-lhe uma sétima vez
e disse: «Grande intendente, meu senhor!
Tu és o leme de toda a terra.
A terra navega apenas sob o teu comando!
Tu és igual a Tot,
que julga sem pender para um lado.

Senhor, sê paciente
quando um homem te suplica em relação à sua causa legítima.
Não te zangues: isso não é para ti!
Aquele que é prudente tornar-se-á compreensivo:
não te alegres com o que ainda não chegou,
nem com o que ainda não aconteceu!
A indulgência prolonga a amizade:
aquele que destrói um caso
torna-se alguém que não sabe o que está no coração.
Se a lei é subvertida e a ordem destruída,
nenhum homem pobre pode viver:
ele é roubado e a justiça não se dirige a ele.
Além do mais, o meu corpo está cheio, o meu coração pesado!
(Na verdade), o que sai do meu corpo deve-se ao seu estado!
Tal como a brecha de um dique deixa que se escoem rapidamente as suas águas,
também a minha boca se abre para falar!



Então manobrei a minha vara [de conduzir o barco], deitei fora a minha água,
despejei o que estava no meu corpo, lavei a minha roupa suja.
O meu discurso está feito. A minha miséria acaba perante ti.
De que mais precisas tu?

A tua indolência faz-te seguir por mau caminho,
a tua rapacidade enganar-te-á,
a tua cobiça criar-te-á inimigos.
Mas encontrarás tu outro camponês como eu?
Um preguiçoso mantém um queixoso à entrada de sua casa?

Não há nenhum silencioso que tenhas feito falar,
nenhum adormecido que tenhas acordado,
nenhum deprimido que tenhas animado,
ninguém de boca fechada a quem a tenhas aberto,
nenhum ignorante a quem tenhas feito um sábio,
nenhum tolo a quem tenhas instruído.
Os magistrados devem combater o mal, eles são os senhores do bem,
os artífices que criam o que é, que voltam a pôr no lugar a cabeça cortada».

Oitava petição

Então o camponês veio apelar-lhe uma oitava vez
e disse: «Grande intendente, meu senhor!
Uma grande queda por causa da cobiça.
O rapinante não tem sucesso;
o seu sucesso falhou.
Tu és ganancioso: isto não é para ti.
Tu roubas: não é benéfico para ti.
Deixa um homem defender a sua própria verdade legal.
A tua porção está em tua casa; o teu ventre está cheio;
a medida de grão transborda.
Ela transborda e o seu excedente espalha-se pelo chão.

Ladrão, gatuno, saqueador!
Os magistrados que foram nomeados



para reprimir o mal
são um refúgio para o agressor!
Os magistrados foram nomeados
para reprimir a mentira!
Não ter medo de ti faz(-me) apelar para ti!
Tu não entendes o meu coração!
O homem silencioso que veio queixar-se a ti
não tem medo daquele a quem suplica.
E o seu irmão não te poderá ser trazido da rua!
As tuas parcelas de terra estão no campo,
o teu rendimento está na tua propriedade,
as tuas provisões estão no celeiro.
Os magistrados estão a dar-te
e tu vais aceitando! Serás tu um ladrão?
Trazem para ti
e as tropas estão contigo na divisão das parcelas de terra!

Faz justiça para o senhor da justiça,
aquele que tem na verdade a sua justiça!
Cálamo, rolo de papiro, paleta de Tot,
mantém-te afastado do mal! A bondade daquele que é bom é boa para ele.
A justiça é eterna:
ela desce à necrópole com aquele que a cumpre!
Ele é sepultado e a terra envolve-o,
(mas) o seu nome não desaparece com ele,
sobrevive: ele é lembrado por causa da (sua) bondade.
Esta é a regra das palavras de deus.
É uma balança de mão? (Então) não se pode inclinar.
É uma balança de suporte? (Então) não pode pender para um lado.
Olha, eu virei e outro (como) eu virá,
dirige-lhe a palavra! Não respondas
pondo em questão o homem silencioso! Não ataques quem não (te) ataca!
Tu não és piedoso; tu não estás a sofrer; tu não estás perturbado.
Tu não me compensas por este belo discurso
que sai da boca do próprio Ré!



Diz *maat*. Pratica *maat*

porque ela é grande. Ela é eficaz.

Ela é duradoura. Ela decide a teu favor.

Ela dá credibilidade. Ela conduz ao estado de bem-aventurado.

A balança (de mão) inclina-se?

É porque os seus pratos carregam coisas!

Nenhum excesso é possível em relação ao normal.

Uma acção vil não fará chegar ao porto

aquele que for o último a alcançar a terra»!

Nona petição

Então o camponês veio apelar-lhe uma nona vez

e disse: «Grande intendente, meu senhor!

A língua dos homens é a sua balança de suporte,

(mas) é a balança de mão que descobre as deficiências.

Pune aquele que deve ser punido e (ninguém) se aproximará da tua rectidão.

[... ...] a mentira [... ...] as suas porções existem,

mas a verdade regressa para a confrontar.

A verdade é propriedade da mentira, que a faz prosperar, estas não [... ...].

Quando a mentira se mete a caminho perde-se,

ela não atravessará na barca, não progredirá.

Quanto àquele que se torna rico por sua causa, ele não terá progenitura,

ele não terá herdeiro na terra.

Quanto àquele que navega com ela, não aportará em terra.

O seu barco não atracará no cais.

Não sejas pesado, tu não és leve!

Não sejas lento, tu não és rápido!

Não sejas parcial, não escutes o (teu) coração!

Não cubras o teu rosto contra aquele que tu conhecestes!

Não sejas cego em frente daquele que tu olhaste!

Não rejeites aquele que vem suplicar-te!



Abandona esta lentidão em proclamar a tua sentença.
Age por aquele que agiu por ti.
Não dê ouvidos a toda a gente
quando um homem apela pela sua causa legítima.
Não há “ontem” para o indolente,
não há amigo para aquele que é surdo à justiça,
não haverá dias felizes para o avarento.
Quando o acusado se torna um miserável
e o miserável se transforma num queixoso,
o adversário torna-se um assassino.
Vê, eu fiz-te uma queixa e tu não a escutaste!
Eu irei e farei uma súplica por ti a Anúbis».

Conclusão

Então o grande intendente Rensi, filho de Meru,
mandou dois servidores para o trazerem de novo.
O camponês teve medo, pensou
que o fossem punir por causa dos discursos que tinha feito
e disse: «Um homem sedento
aproxima-se da água,
a boca de uma criança de mama
estende-se para o leite,
esta é uma morte que se desejou ver chegar,
quando a sua morte vem devagar para ele».

Mas o grande intendente Rensi, filho de Meru, disse:
«Não tenhas medo, camponês!
Vê, o que foi feito contra ti foi para agires de acordo comigo»!
O camponês respondeu:
«Pela minha vida! Comerei o teu pão
e beberei a tua cerveja eternamente?»
O grande intendente Rensi, filho de Meru, disse:
«Agora fica aqui e escuta as tuas queixas.»
E ele fez ler [...] de um rolo de papiro novo



cada petição segundo o seu conteúdo [... ..].

E o grande intendente Rensi, filho de Meru, mandou-o entregar [o rolo de papiro]
à majestade do Alto e do Baixo Egipto Nebkauré, justo de voz.

Isto foi mais agradável ao seu coração [do rei]
do que todas as coisas que estão neste país inteiro.

E sua majestade disse: «Julga tu próprio, filho de Meru».

O grande intendente Rensi, filho de Meru,
mandou dois servidores para [trazerem Nemtinakht].

Então trouxeram-no e foi feito um inventário dos [membros da família].

Encontrou seis pessoas, como também [... ..],

a sua cevada do Alto Egipto, o seu cereal,
os seus burros, os seus porcos e [o seu] gado miúdo.

[... ..] Nemtinakht [foi dado] ao camponês,

[com toda a sua propriedade, todos] os seus [bens,
todos os] de[pendentes e tudo o que pertencia] a Nemtinakht.

E acabou, [do princípio ao fim,
conforme o que se encontrou na escritura].



5.As Admoestações de Ipu-uer





.....

 os guardiões da porta (disseram): «Vamos e pilhemos»;
 os pasteleiros [deixaram de fabricar o pão];

 os lavadores (de minério) recusam-se a transportar a sua carga.

 os passarinhos formaram companhias (para lutar);

 os habitantes do Delta andam com escudos;
 os cervejeiros [deixaram de fabricar a cerveja];
 está triste;
 um homem olha o seu filho como um inimigo;
 confunde-secontra outro,
 «Vinde com força!» é uma mensagem
 predestinadas para ti
 no tempo de Hórus, na era da Enéade;

 O homem virtuoso caminha com tristeza
 por causa das transformações no país.
 Agora que caminha

 Os habitantes do deserto transformaram-se em Egípcios, em todo o lado.



Na verdade, o rosto está pálido
esta
 o que os antepassados predisseram
 chegou até
Na verdade, ninguém escapa



.....

..... sobre a terra cheia de quadrilhas;

um homem vai lavrar armado com o seu escudo.

Na verdade, aquele que é dócil diz: «O meu coração sofre»;

a agressividade é o que existe no homem.

Na verdade, os rostos estão pálidos, o arqueiro está pronto

e os malfeitores estão por todo o lado.

Já não existe o homem do passado!

Na verdade, o saqueador rouba em todo o lado;

aquele que é servo apanha o que encontra.

Na verdade, face à inundação do Nilo eles não estão preparados para ela.

Cada homem diz: «Nós não compreendemos o que aconteceu por todo o lado no país.»

Na verdade, as mulheres estão estéreis e não conseguem engravidar;

Khnum não fabrica mais por causa do estado do país.

Na verdade, os pobres tornaram-se senhores opulentos;

aquele que não podia fazer para si próprio um par de sandálias possui (agora) todas as coi-

[sas.

Na verdade, os dependentes têm o coração triste;

os grandes já não confraternizam com o povo quando ele grita.

Na verdade, o coração (dos homens) é violento: a pestilência está por todo o país, o sangue

[está por todo o lado;

a morte não escasseia, a mortalha chama se não se aproximarem dela.

Na verdade, muitos mortos são sepultados no rio.

A inundação é uma sepultura, de facto a inundação tornou-se uma tumba.

Na verdade, os opulentos lamentam-se e os pobres estão alegres.

Todas as cidades dizem: «Vamos eliminar os poderosos de entre nós.»

Na verdade, a espécie humana é como as íbis negras, a imundice está por todo o país;

de facto, ninguém se veste de branco nestes tempos.

Na verdade, a terra gira como uma roda de oleiro;

o ladrão possui todas as riquezas, o [homem rico] é o saqueador.

Na verdade, os homens honrados estão como

O homem comum (diz): «É terrível! O que posso fazer?»

Na verdade, o rio é sangue e bebem dele;

com ele afastam-se da sua qualidade de homens, têm sede de água.



Na verdade, as portas, as colunas e as paredes ardem;
(mas) as paredes do palácio real, v. p. s., estão firmes e duráveis.

Na verdade, o barco do Sul naufragou;
as cidades são destruídas e o Alto Egípto transformou-se num planalto seco.

Na verdade, os crocodilos estão saciados com o peixe que têm capturado,
(pois) os homens vão até eles de livre vontade.
Isto é a destruição deste país!
Diz-se: «Não caminhes aqui. Vê, é uma armadilha!
Vê, nós debatemo-nos na nassa como os peixes!»
O homem assustado não sabe o que diz por causa do terror no seu coração.

Na verdade, os homens são poucos.
Aquele que atira o seu irmão por terra está por todo o lado;
a palavra daquele (que) conhece as coisas foge sem demora.

Na verdade, ao filho de um homem conhecido faltará o reconhecimento do seu nome
e a criança da sua mulher tornar-se-á no filho da sua dependente.

Na verdade, o deserto estende-se a todo o país; as províncias estão destruídas.
Os estrangeiros do exterior vêm para o Egípto.

Na verdade, [os estrangeiros] chegaram e, de facto, não há Egípcios em nenhum lugar.

Na verdade, o ouro, o lápis-lazúli, a prata, a turquesa,
a cornalina, a ametista, pedra *ibehet* e todas
estão ajustadas ao pescoço das dependentes,
(enquanto) as grandes damas erram pelo país.
As donas de casa dizem: «Pudéssemos nós ter alguma coisa para comer!»

Na verdade, a vida é uma abominação para os corações das mulheres da elite,
os seus corpos são dignos de pena nos andrajos,
os seus corações cedem por causa da sua condição

Na verdade, as caixas de ébano foram quebradas,
as madeiras preciosas e magníficas foram transformadas em camas
.....

Na verdade, os construtores de pirâmides transformam-se em lavradores.
Aqueles que estão na barca sagrada estão oprimidos ...
Nos dias de hoje não se pode navegar para Biblos.
Agora, como faremos para (obter) a madeira de cedro para as nossas múmias,
com que produtos os sacerdotes puros os enterram



e com que óleos embalsamarão os grandes,
se eles vêm de tão longe quanto Creta?

Eles não virão mais.

O ouro foi destruído e acabaram-se os materiais para todos os trabalhos.

Pilharam os bens do palácio real, v. p. s.

Como é importante quando os oasianos vêm

com as suas oferendas para os festivais:

esteiras de junco e peles (de animais),

juntamente com plantas *redemet* frescas

e pássaros gordos

por (terem) consciência de que criavam a riqueza.

Na verdade, Elefantina e Tinis, a autoridade do Alto Egípto,

não pagavam impostos por causa da revolta.

Estão destruídas as vagens de alfarroba, o carvão de lenha, os frutos *irtiu*,

a madeira *maau*, a madeira *nut*,

os vimes (para) o trabalho dos artífices.

A necessidade põem fim ao palácio.

Para que serve uma casa do tesouro sem as suas receitas?

Feliz fica o coração do rei quando os presentes vêm até ele!

E então cada país estrangeiro poderá dizer:

«Ele é a nossa água! Ele é a nossa prosperidade!»

(Mas) o que podeis fazer acerca disto?

Tudo está em ruínas!

Na verdade, (até) o riso é a ruína! Não o fazemos mais.

Só há gemidos espalhados pelo país, misturados com lamentações.

Na verdade, aquele que nada possuía (agora) é um possuidor;

aqueles que eram egípcios tornaram-se estrangeiros

e fizeram com que se pusessem a caminho.

Na verdade, o cabelo diminuiu sobre todos;

não podíamos mais distinguir o filho de um homem (de bem), do daquele que não era nada.

Na verdade, eles ficaram surdos por causa do barulho.

Nenhuma voz pode ser justa nos anos de barulho.

Não há fim para o barulho!

Na verdade, grandes e pequenos dizem: «Quero morrer»



as criancinhas dizem: «Ele nunca (me) devia ter dado a vida».

Na verdade, as crianças dos grandes foram atiradas contra as paredes;
as crianças de colo foram abandonadas nas terras altas.

Na verdade, aqueles que estavam nos locais de embalsamamento
foram abandonados nas terras altas;
os segredos dos embalsamadores caíram por causa disso.

Na verdade, aquilo que víamos ontem está arruinado;
a terra está abandonada à sua debilidade, como o linho quando é cortado.

Na verdade, não se pode ocultar todo o Delta,
o coração do Baixo Egípto está cheio de caminhos que (os invasores) podem percorrer.
«Na realidade, o que podemos fazer? A fuga tornou-se impossível em todo o lado!», dizem.
Dizem (também): «O caminho para o lugar dos segredos,
vejam, tanto está na posse daqueles que o ignoram como na posse dos que o conhecem!»
Os estrangeiros estão peritos nos trabalhos das terras pantanosas do Delta.

Na verdade, os servidores são postos a moer os cereais,
aqueles que vestem de linho fino são espancados como malfeitores;
aqueles que não vêem o dia saem sem restrições;
aquelas que estão na cama dos seus maridos:
«Deixem-nas dormir em tábuas, continuamente!»

(Se) eu digo, «Estas pranchas com mirra são pesadas para mim»,
sou carregado com jarros cheios de grãos.

Assim, elas não conhecerão o palanquim
e o camareiro faltar-lhe-á.

Não há remédio para isto!

As grandes damas sofrem como as dependentes.

As mulheres músicas estão nos quartos no interior das salas de tecelagem
e o que elas cantavam para Meret passaram a ser cantos fúnebres.

Os contadores (de histórias) estão a moer cereais.

Na verdade, o que sai da boca das dependentes é poderoso;
o discurso das senhoras é fastidioso para as (suas) dependentes.

Na verdade, as árvores são destruídas, os (seus) ramos desnudados,
e os dependentes abandonam a casa do seu senhor.

As pessoas dirão quando ouvirem isto:

«O futuro de abundância para as crianças está destruído.»



(Já) não há figos de sicómoro, vários (tipos de) figos maduros de sicómoro.

Agora, qual é o sabor disso hoje?

Na verdade, os grandes têm fome e sofrem (enquanto) servem os seus servidores.

... .. por causa das lamentações.

Na verdade, o homem de cabeça quente diz:

«Se eu soubesse onde o deus está, então eu agiria por ele!»

Na verdade, o bem está por todo o país só em nome,
pois o que eles fazem é o mal que eles (próprios) estabeleceram.

Na verdade, os mensageiros (dos ricos) lutam pelos seus bens;
o ladrão tem todas as suas coisas tomadas.

Na verdade, todos os animais têm os seus corações a chorar;
o gado geme por causa do estado do país.

Na verdade, as crianças dos grandes foram atiradas contra as paredes;
as crianças de colo foram abandonadas nas terras altas.

Khnum lamenta-se porque está cansado.

Na verdade, o terror mata!

O homem tímido repele aqueles que agem contra os vossos inimigos.
Agora, os homens pequenos usam poucas imagens divinas e amuletos.
Está a servir Khenti e o homem que ele despedaçou?

Está a matar em grande número para o Leão, queimando no fogo?

Está a fazer libações para Ptah, os materiais foram aceites?

Porque razão vós dais para ele?

A miséria não o consegue alcançar com o que vós fazeis por ele?

Na verdade, os servidores governam por todo o país.

A violência é enviada para todo o lado.

Um homem espanca o seu irmão, (o filho) da sua mãe.

Como é que isto aconteceu?

Eu digo que foi o sofrimento!

Na verdade, os caminhos estão vigiados e as estradas guardadas.

Sentam-se nos arbustos até que venha o viajante nocturno,
de modo a apanhar-lhe a sua carga.

O que ele carrega é roubado, é espancado à paulada e morto injustamente.

Na verdade, aquilo que víamos ontem está arruinado;

a terra está abandonada à sua debilidade, como o linho quando é cortado.



Os homens de baixo nível saem e movimentam-se por causa da aflição.
Os ourives isto
Oxalá isto possa ser o fim da espécie humana,
não se conceberá mais, nem se nascerá!
Então, a terra em barulho silenciar-se-á e não haverá mais distúrbios.
Na verdade, comem-se pastos, que se ingerem com água,
pois não se encontram mais grãos, vegetais ou aves.
Roubam-se (até) os frutos da boca dos porcos;
não se dirá mais: «Isto é mais agradável para ti do que para mim», por causa da fome.
Na verdade, os cereais foram destruídos por todo o lado;
despidos da (sua) roupa e de grãos com óleo.
E todos dizem: «Não há nada».
Os armazéns estão vazios,
os seus guardas estão estendidos no chão.
Será isto uma forte ajuda para o meu coração?
Eu estou completamente acabado.
Pudesse eu levantar a minha voz neste momento
e isso salvar-me-ia do sofrimento que isto provoca.
Na verdade, a câmara sagrada foi privada dos seus escritos
e o lugar dos segredos foi revelado.
Na verdade, as fórmulas mágicas foram reveladas;
presságios e encantamentos tornaram-se ineficazes
por serem repetidas pelo povo.
Na verdade, os escritórios foram abertos, os seus inventários foram levados
e as pessoas que eram servos tornaram-se senhores de servos.
Na verdade, os escribas são mortos e os seus escritos levados.
Ah, como foi má para mim a miséria dessa época!
Na verdade, aos escribas dos cadastros destroem-lhes os escritos;
os víveres do Egipto são (agora) uma propriedade comum.
Na verdade, as leis da câmara do conselho são deitadas fora
e, de facto, caminham sobre elas nos lugares públicos;
os miseráveis partem-nas nas ruas.
Na verdade, o miserável atinge o braço da Enéade;
o procedimento da «Casa dos Trinta» foi revelado.



Na verdade, a «Câmara do Grande Conselho» está cheia
e os miseráveis vão e vêm das «Grandes Casas».

Na verdade, as crianças dos grandes são atiradas para as ruas;
o sábio diz «É assim!»,
o ignorante diz «Não é!»
e aquilo de ele não saber nada é agradável para ele.

Na verdade, aqueles que
estavam nos locais de embalsamamento foram abandonados nas terras altas;
os segredos dos embalsamadores caíram por causa disso.



Olhem, de facto o fogo há muito que se eleva,
ele arde erguendo-se contra os inimigos do país.

Olhem, de facto foram feitas coisas que nunca tinham acontecido antes:
o rei foi roubado por miseráveis.

Olhem, aquele que foi enterrado como um falcão está (agora) num féretro de madeira;
o que a pirâmide ocultava está vazio.

Olhem, de facto, além disso, o país foi privado da realeza,
por alguns homens que ignoram conselhos.

Olhem, de facto, aventuraram-se em rebelar-se
contra a *iaret*, o poder de Ré que pacifica as Duas Terras.

Olhem, o segredo do país,
cujos limites são desconhecidos, foi divulgado;
o palácio foi rapidamente derrubada.

Olhem, o Egipto pôs-se a verter água;
aquele que deitava água na terra
conduziu o poderoso à miséria.

Olhem, o espírito da serpente foi tirado do seu covil;
os segredos dos reis das Duas Terras foram desvendados.

Olhem, o palácio tem medo da miséria
e o senhor lutará firmemente sem oposição.

Olhem, o país está em dificuldades sob o domínio de quadrilhas;
ao homem corajoso, o cobarde roubou as suas propriedades.

Olhem, o espírito da serpente está na água como os mortos;



aquele que nem um sarcófago podia fazer, é (agora) senhor de um túmulo.

Olhem, os senhores dos lugares de embalsamamento foram expulsos para as terras altas;

aquele que nem um caixão podia fazer, é (agora) senhor de um tesouro.

Olhem, de facto, para as transformações do povo!

Aquele que não podia construir uma (simples) sala, tem (agora) todas as paredes.

Olhem, os tribunais do país foram reprimidos em todo o país;

aquele que (antes) era reprimido está (agora) nas casas reais.

Olhem, as grandes damas estão em jangadas;

os grandes estão no armazém.

Aquele que nem num quarto podia dormir é (agora) senhor de uma cama.

Olhem, um senhor de posses passa a noite sequioso;

aquele que pedia restos para si é (agora) um senhor de taças a transbordar.

Olhem, os senhores que tinham boas roupas (agora andam) com farrapos;

aquele que não podia tecer para si, é (agora) senhor de linho fino.

Olhem, aquele que não podia construir para si próprio um barco, é (agora) senhor de barcos;

os seus antigos proprietários olham para eles que não são mais seus.

Olhem, aquele que não tinha a sua sombra, é (agora) senhor de uma sombra;

os senhores da sombra estão na rajada de vento da tempestade.

Olhem, aquele que ignorava a lira, é (agora) senhor de uma harpa;

aquele que não cantava para si próprio (agora) exalta Meret.

Olhem, os senhores que tinham jarras de oferendas de bronze,

(agora) nem um deles tem uma jarra adornada.

Olhem, aquele que dormia sem mulher porque não tinha, encontrou a abundância;

aquele que não era visto levanta-se porque (agora) é importante.

Olhem, aquele que não tinha bens é (agora) senhor de riquezas

e o grande favorece-o.

Olhem, os pobres sem terra tornaram-se ricos

e o senhor com posses (tornou-se) naquele que não tem nada.

Olhem, os cozinheiros tornaram-se senhores dos copeiros;

aquele que era um mensageiro, (agora) manda outro.

Olhem, aquele que não tinha pão, (agora) é senhor de um celeiro;

o seu armazém está cheio dos bens de outro.

Olhem, aquele a quem caíram os cabelos e que não tinha o seu óleo,

tornou-se senhor de jarros de mirra doce.



Olhem, aquela que não tinha uma caixa, é agora senhora de um cofre;
aquela que via o seu rosto na água, (agora) é senhora de um espelho.

Olhem, de facto olhem! Um homem é feliz quando come a sua comida:

«Consome o que é teu com alegria e sem entraves!»

É excelente quando um homem come a sua comida.

Deus ordena para aquele que o glorifica

Olhem, de facto, aquele que ignorava o seu deus,

(agora) faz-lhe oferendas com incenso de outro, sem o seu conhecimento.

Olhem, as mulheres ricas e as grandes damas, senhoras de grandes riquezas,
dão as suas crianças por uma cama.

Olhem, de facto, um homem uma grande dama como esposa o pai dela protegia-o,
(agora) um indigente pode matá-lo.

Olhem, as crianças dos magistrados estão em andrajos.

Os bezerros das suas vacas para os ladrões.

Olhem, os dependentes reais espancam o gado

e os miseráveis tornam-se ladrões.

Olhem, aquele que nunca abateu (gado) para si, (agora) mata touros;

aquele que nunca controlou a boca, contempla (agora) todo o tipo de alimentos (bem) esco-
[lhidos.

Olhem, os dependentes reais matam gansos

e dão-nos aos deuses em vez dos touros de cornos largos

Olhem, as dependentes de oferecer aves;

as grandes damas

Olhem, as grandes damas estão a fugir de uma vez só;

os seus corações lançam-se ao chão com medo da morte.

Olhem, os chefes do país fogem;

eles não têm ocupação porque lhes falta um senhor que os elogie.

Olhem, os senhores que tinham camas (agora) estão no chão;

aquele que passava a noite na imundice, pois (agora) prepararam-lhe um tapete de pele.

Olhem, as grandes damas padecem de fome

os dependentes reais estão saciados com o que foi preparado para eles.

Olhem, nenhuma oficina está no seu lugar,

como uma manada dispersa sem o seu guarda.

Olhem, os touros tresmalham-se sem ninguém que cuide deles;



cada homem agarra (os touros) para si e marca-o a fogo com o seu nome.

Olhem, um homem é morto ao lado do seu irmão;

ele cai enquanto ele (o irmão) protege o seu (próprio) corpo.

Olhem, aquele que não tinha uma junta de bois sua, (agora) é senhor de uma manada.

Aquele que não encontrava por si próprio bois para lavrar, (agora) é senhor de gado.

Olhem, aquele que não tinha grãos seus, (agora) é senhor de celeiros;

aquele que tinha que ir buscar grãos, (agora) garante a sua distribuição.

Olhem, aquele que não tinha, dependentes (agora) é senhor de servos.

Aquele que era um grande, (agora) ele próprio faz as suas mensagens.

Olhem, os homens poderosos da terra não são mais informados do estado do povo.

Caem na ruína!

Olhem, nenhum artesão trabalha;

os inimigos do país esvaziaram-no de trabalho artesanal.

Olhem, aquele que registava (os resultados) da colheita, (agora) não sabe nada acerca disso.

Aquele que não podia trabalhar para si próprio

..... acontece, mas já não pode ser anunciada.

O escriba, com os seus braços frouxos, está em sua casa.



Está destruído

..... seu naquele tempo.

Um homem vê o seu irmão como seu inimigo;

(agora só) o homem fraco traz a calma em vez da cólera.

.....

a porta do medo.

Não

.....

os pobres

..... e o dia não nasce por causa disso.

Destruído está a comida deles!

..... medo do seu terror;

o homem comum pergunta

..... um mensageiro. Este não é o momento.

Apoderam-se dele carregado com os seus bens,



..... apropriam-se

..... passa-se à sua porta

..... do lado de fora dos muros, na oficina,
e são as habitações quem têm falcões e abutres;

.....fazer brilhar.

O homem comum está vigilante?

O dia nascerá sobre ele, sem ele ter medo disso.

Correm ao contrário,

passam através de um pano que é uma mortalha dentro de casa;
eles fazem tendas como os estrangeiros.

Destruidas estão as missões para as quais os servidores fiéis
foram enviados pelos seus senhores e eles não têm medo.

Olha, há cinco homens que falam! Eles dizem:

«Vão pela estrada que conheceis; nós chegámos.»

O Baixo Egito chora.

No armazém real «Eu acedo e trago» é tudo para todos.

O palácio, v. p. s., na sua totalidade, desconhece os seus rendimentos.

Pertencem-lhe a cevada e o trigo,
as aves e os peixes.

Pertencem-lhe as roupas brancas de linho e o linho fino,
o bronze e o óleo;

pertencem-lhe os tapetes e as esteiras,
os lótus e os fardos,

todos os bons produtos que ele produzia.

Se o aprovisionamento foi destruído no palácio, v. p. s.,
não evitam aquilo.

Destruí os inimigos da magnífica residência real com esplêndidos magistrados
..... com ele como

Aquele que dirige a cidade passeia sem uma escolta para si.

Destruí os inimigos da magnífica residência real com esplêndidos

.....

Destruí os inimigos desta magnífica residência real com numerosas leis;

.....

.....



Destruí os inimigos desta magnífica residência real

.....

Destruí os inimigos desta magnífica residência real

Não podemos manter-nos de pé

Destruí os inimigos desta magnífica residência real, de numerosos escritórios.

Na verdade

✽

Lembrem-se de irrigar

alguém que sofre do seu corpo,

o respeito de relativamente ao seu deus,

guarda a (sua) boca

cujas crianças testemunham grandes espancamentos.

Lembrem-se de fazer subir o celeiro, de fumigar com incenso,

de oferecer água num jarro logo ao amanhecer.

Lembrem-se (de trazer) gansos cinzentos gordos, gansos de cabeça branca e gansos do Nilo

(para) oferecer oferendas divinas aos deuses.

Lembrem-se do natrão mastigado, da preparação dos pães brancos

por um homem no dia da purificação da cabeça.

Lembrem-se de erguer mastros de bandeiras e de esculpir mesas de oferendas,

enquanto o sacerdote purifica os santuários,

o templo é emplastrado (de branco) como leite,

se perfuma o horizonte e se perpetuam as oferendas de pão.

Lembrem-se da observância das regras, da ordem correcta das datas (dos rituais),

de impedir que alguém entre para o serviço do sacerdócio com o corpo impuro:

fazer isto será errado e destrói o coração.

..... do dia que preside à eternidade,

os meses foram contados e os anos conhecidos.

Lembrem-se de sacrificar bois

..... do melhor das vossas maneiras.

Lembrem-se de ir purificar o homem que vos invocou,

de pôr gansos cinzentos no fogo

..... mensagem, jarro

de suprimir das margens dos canais de irrigação.



.....
..... das mulheres.
.....roupa
.....
..... fazer adorações.
..... para vos agradar.

✽

.....
.....para sortilégio da humanidade.
Faz vir de Ré, ordenar
..... respeitá-lo na viagem para o Ocidente
para alguns ao lado dos deuses.
Olhem, porque procura ele dar forma à humanidade
sem distinguir o homem tímido do homem violento?
Se ele for despejar água fria sobre a chama,
dizem: «Ele é o guardião de todos;
o mal não existe no seu coração.»
Quando o seu rebanho é pequeno, ele passa o dia ocupado com ele
e há fogo nos seus corações.
Ah! Se ele tivesse percebido a sua natureza na primeira geração!
Então ele poderia ter derrotado completamente o mal,
podia ter estendido o seu braço contra ele
e destruído o seu sémen e a sua hereditariedade.
(Mas como) o seu nascimento foi desejado,
a tristeza aparece e a miséria está por todo o lado.
Assim foi! E não acabará
(enquanto) os deuses não estiverem entre eles.
A semente virá das mulheres da espécie humana;
não será encontrada num caminho!
Por causa disso os combates aparecerão
e aquele que pune o mal é (agora) o seu criador.
Não há piloto nas suas horas!
Onde está ele hoje? Estará neste momento a dormir?



Olhem, o seu poder não se vê!
Mas se nós estivéssemos tristes eu não te encontraria
e ninguém me teria chamado em vão para ser agressivo contra eles!
O coração está destruído!
Agora o assunto está na boca de toda a gente
e hoje o medo deles é maior do que de milhões de humanos.
Não se vê para os inimigos;
..... tumultos no seu salão de entrada para o templo,
aqueles que presidem choram.
.....
Aquilo que fez o caos;
as suas palavras
A terra não caiu
as imagens arderam e os seus túmulos foram destruídos.
Aquele que guarda vê o dia
O senhor do universo teve a preocupação de criar o céu separado da terra,
mas o medo está em cada rosto quando ele vem.
Se ele faz isto quando nos ataca,
quem nos protegerá contra isto se tu nos repudiares e fores embora?
Hu, Sia e Maat estão contigo,
(mas) foi o caos que tu espalhaste através da terra
junto com o barulho do tumulto.
Olhem, um homem agride outro homem;
eles transgridem o que tu ordenaste.
Se três homens caminharem por uma estrada,
só dois homens poderão ser encontrados:
a maioria mata a minoria.
Deverá um guardião amar a morte?
Sendo assim, poderás ordenar que se faça isto:
na verdade, substitua-se um (homem) que ama por outro que odeia
e serão poucas as suas manifestações por todo o lado!
Enquanto tu agias (assim) criaste isto!
Tu falaste mentira e a terra encheu-se de ervas daninhas
que destruíram a humanidade.



Não se pode pensar que isto seja viver!
 Todos estes anos têm sido um estado de guerra:
 pode-se matar um homem debaixo do seu próprio tecto.
 Ele tem que estar atento à porta da sua casa.
 Se ele for forte salvar-se-á. Isto é a sua vida!
 Eles enviam emboscadas (mesmo) contra pessoas comuns!
 Ele irá pelos caminhos até ter a inundação   vista!
 Eles submergem o caminho e ele fica em perigo.
 O que ele carrega   roubado!   espancado   paulada e morto injustamente.
 Se tu pudesses provar um pouco desta miséria!
 Então tu poderias dizer

.....

..... entre outro numa muralha de

.....

..... quente para a humanidade anos

..... fazer um discurso

.....

.....



De qualquer modo,   tão bom (quando) os barcos sobem o rio,

..... os rouba.

De qualquer modo,   tão bom (quando)

.....

De qualquer modo,   tão bom (quando) puxamos a rede
 e prendemos os pássaros ao anoitecer.

De qualquer modo,   tão bom (quando) o respeito está nelas
 e as estradas foram feitas para andar.

De qualquer modo,   tão bom (quando) as mãos dos homens constroem pirâmides,
 cavam canais e fazem planta es de sic moros para os deuses.

De qualquer modo,   tão bom (quando) as pessoas se embriagam;
 quando elas bebem as suas bebidas os seus cora es ficam felizes!

De qualquer modo,   tão bom (quando) a alegria está na boca (dos homens)



e os notáveis dos distritos se mantêm de pé
 e contemplam a alegria das suas casas,
 vestidos de linho fino, de aspecto imaculado
 e solidamente estabelecidos no interior.

De qualquer modo, é tão bom (quando) as camas estão preparadas
 e os apoios de cabeça dos senhores estão firmes na sua robustez;
 (quando) a necessidade de cada homem é satisfeita com um leito à sombra
 e uma porta se fecha sobre aquele que dorme nos arbustos.

De qualquer modo é tão bom (quando) o linho fino é aberto no dia de Ano Novo;
 ... sobre as margens, o linho fino é aberto
 e as roupas de linho (estendidas) no chão.

Os responsáveis pelas roupas

 as árvores.

Os homens comuns



.....

ações de pilhagem

dando a volta a isso como os Asiáticos

Relativamente aos seus planos eram auto-suficientes.



Ninguém encontrará quem esteja destinado a levantar-se e a proteger o Egípto dos Líbios e dos Asiáticos.

Cada homem combate pela sua irmã e protege-se a si próprio.

São os Núbios? – pergunta-se. Possamos nós fazer a vossa protecção com numerosos guerreiros para repelir os estrangeiros!

Serão os Líbios? – pergunta-se. Possamos nós fazê-los recuar!

Os Medjai estão satisfeitos com o Egípto.

Como pode, então, qualquer homem matar o seu irmão?

As tropas que nós próprios comandámos tornaram-se archeiros prontos a destruir(-nos)!

Isto deu origem a que déssemos conhecimento aos Asiáticos do estado do país!

Agora, todos os estrangeiros estão com medo do Egípto!

A experiência do povo permite dizer: «O Egípto não pode ser dado à areia!»

Ele é forte por causa dos seus limites».

..... o que vos será dito daqui a uns anos

..... como eles próprios se destruíram.

É o momento de preservar as suas casas para viver;

..... (quem está) aí faz as suas crianças viverem.

Existe

transformar-vos

..... os jovens disseram

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....



.....

resina,
 folhas de lótus, grãos *arit*

 pela abundância de provisões



Foi o que disse Ipu-uer quando respondeu
 à majestade do senhor de tudo:
 «..... toda a criação.
 De facto, ignorar isso é agradar ao coração.
 Tu fizeste o que agradava aos seus corações
 e mantiveste vivas as pessoas com isso,
 mas elas (continuam) a esconder as suas faces com medo do futuro!»
 Era uma vez um homem idoso que estava quase a morrer
 e o seu filho era muito novo e não tinha os seus conhecimentos.
 Ele começou a desabitua-lo da comida
 e ele não podia abrir a boca para falar convosco:
 vós conduziste-o à morte.

Chorar



.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

..... depois de vós. A terra é

.....

.....

em todo o lado.....

.....

Se vos chamamos para

.....

chorar os seus,

..... entrar nas capelas dos túmulos da cidade (dos mortos)

e queimar as estátuas os cadáveres das múmias.

..... que governador

.....

.....

..... para dirigir o trabalho

.....



6. Diálogo de um Desesperado com o seu *ba*





Primeiro discurso do *ba*

... .. vós, destinado a dizer
... .. As suas línguas não podem ser parciais!
Isso pode ser uma retribuição ... desonesta! As suas línguas não podem ser parciais!»

Primeiro discurso do homem

Eu abri a minha boca para responder ao que o meu *ba* dissera:
«Isto hoje é demais para mim! O meu *ba* discorda de mim!
Isso agora é um grande exagero! Isso é como que ignorar-me!
O meu *ba* não deve partir. Deve permanecer firme comigo nisto.
... ..
Não Ele
no meu corpo como uma armadilha de corda.
Isso não acontecerá por seu intermédio,
se ele partir no dia da morte!

Vejam, o meu *ba* está a enganar-me! Eu não devo ouvi-lo.
Arrasta-me para a morte antes de (eu) lá chegar!
Lança-(me) ao fogo para que eu me queime!
... .. seu semelhante
Ele tem que estar perto de mim no dia da morte!
Ele deve ficar deste lado,
como «o que reza» faz.
Na verdade é ele quem deve ir à frente, uma vez que ele foi a sua própria origem!

O meu *ba* foi ignorante ao minimizar o sofrimento relativamente à vida!
Deténs-me em relação à morte e eu (ainda) não cheguei lá!
Faz com que me seja agradável o Ocidente! Isto é difícil?
A vida é um estado transitório;
(só) as árvores caem!
Esmaga o mal e acaba com a minha miséria!

Possa Tot, aquele que apazigua os deuses, julgar-me!



Possa Khonsu, aquele que escreve verdade, defender-me!
Possa Ré, aquele que controla a barca sagrada, ouvir o meu discurso!
Possa Isdés, na sala sagrada, defender-me!
Para que o meu sofrimento seja (mais) forte, ele aumentou o peso sobre mim!
Será agradável aos deuses protegerem os segredos do meu corpo!»

Segundo discurso do *ba*

Ao que o meu *ba* me disse:
«Tu não és um homem? Na verdade, estando vivo,
o que ganhas em ponderar
sobre a vida como um homem rico?»

Segundo discurso do homem

Eu disse: «Eu ainda não morri!
De facto, se te escapares não te importará!
Todos os prisioneiros dizem: “Eu vou agarrar-te com firmeza!”
Além disso, quando estiveres morto, o teu nome estará vivo
e aquele será um lugar iluminado,
atractivo para o coração.
O Ocidente é o cais viagem à vista!

Se o meu *ba* me ouvir sem maldade,
com o seu coração de acordo com o meu, será bem sucedido.
Eu farei com que alcance o Ocidente, como alguém que está na sua pirâmide
e de cujo enterro era esperado um sobrevivente.

Eu farei uma cobertura para o teu cadáver
e tu farás inveja a (qualquer) outro *ba* cansado.
Eu farei uma cobertura, assim serás aquele que não é frio,
e farás inveja a (qualquer) outro *ba* que seja quente.
Irei beber água nos remoinhos da margem do rio (onde) farei aparecer sombra
e tu farás inveja a (qualquer) outro *ba* com sede.
Mas se tu me impedes de morrer desta maneira,
não irás encontrar um lugar onde descansar no Ocidente!



Sê paciente, meu *ba*, meu irmão,
até o meu herdeiro chegar,
aquele que fará oferendas, que permanecerá no túmulo no dia do enterro
e preparará a cama na necrópole.»

Terceiro discurso do *ba*

O meu *ba* abriu a boca para responder ao que eu dissera:
«Se pensares no enterro, será doloroso!
Isso provoca as lágrimas, fazendo do homem um miserável!
Isso é como tirar um homem de sua casa
e abandoná(-lo) no deserto!
Não te voltarás a erguer para ver o sol!

Aqueles que constroem em granito,
que levantam bons túmulos de excelente construção,
quando os construtores se tornam deuses,
as suas mesas de oferendas estão vazias, como a morte
dos que morrem nos bancos de areia por não haver um sobrevivente,
quando as águas e o sol já se apropriaram do seu fim,
e os peixes e as margens da água falam com eles!
Ouve-me! Olha, é bom para as pessoas ouvir!
Abraça um dia feliz e esquece as preocupações!

Um camponês lavra a sua parcela de terra.
Carrega a sua colheita num barco e reboca a embarcação.
O seu dia de festa aproxima-se e ele vê aparecer a escuridão de uma tempestade
vinda do norte.

Ele aguardou no barco
até ao pôr do sol.
Então saiu com a mulher e a criança,
e passaram um mau bocado num lago repleto de crocodilos
durante a noite por causa dos crocodilos.
Quando finalmente se sentou,
quebrou o silêncio



e disse: “Eu não choro aquela mãe,
para quem não há regresso do Ocidente
para outra (permanência) na terra!
Eu preocupo-me com os seus filhos, dentro do ovo,
que viram o rosto de Khenti antes de terem nascido!”

Um camponês pergunta pela refeição da noite.

A sua mulher diz-lhe:

“É para
... .. o jantar.”

Ele saiu para o exterior
para vociferar por um momento.

Quando voltou para casa estava como (qualquer) outro (homem):
a sua mulher argumentava e ele não a ouvia.

Ao queixar-se, destruiu o espírito da família.»

Terceiro discurso do homem

Abri a minha boca para responder ao que o meu *ba* dissera:

Olha, o meu nome é detestado por tua causa,
mais do que o cheiro dos abutres
nos dias de Chemu quando o céu está quente.

Olha, o meu nome é detestado por tua causa,
mais do que o cheiro de uma pescaria
num dia de pesca em que o céu está quente.

Olha, o meu nome é detestado por tua causa,
mais do que o cheiro dos patos,
mais do que um abrigo de juncos cheio de aves aquáticas.

Olha, o meu nome é detestado por tua causa,
mais do que o cheiro dos pescadores,
mais do que as enseadas dos pântanos onde pescam.

Olha, o meu nome é detestado por tua causa,
mais do que o cheiro dos crocodilos,
mais do que estar sentado na borda de um rio cheio de crocodilos.

Olha, o meu nome é detestado por tua causa,



mais do que aquela mulher
cujas mentiras são denunciadas ao seu marido.

Olha, o meu nome é detestado por tua causa,
mais do que uma criança saudável
de quem se diz ser de alguém que lhe tem ódio.

Olha, o meu nome é detestado por tua causa,
mais do que uma cidade do rei
em completa rebelião nas suas costas.

Com quem posso falar hoje?
Com os irmãos é mau,
os amigos de hoje não amam.

Com quem posso falar hoje?
Com os corações é ambicioso,
cada homem apropria-se dos assuntos do seu igual.

Com quem posso falar hoje?
A piedade pereceu,
a violência tomou conta de toda a gente.

Com quem posso falar hoje?
Um está satisfeito com o mal,
e por todo o lado o bem foi atirado ao chão.

Com quem posso falar hoje?
Aquele que enfurece um homem com a sua má conduta,
escarnece de toda a gente com o seu mau comportamento.

Com quem posso falar hoje?
Eles pilham,
cada homem rouba o seu igual.

Com quem posso falar hoje?
O malfeitor é um amigo íntimo,
o irmão que fará com que (qualquer) acontecimento se torne um inimigo.

Com quem posso falar hoje?
O passado não é lembrado,
ninguém ajuda aquele que antes o ajudou.

Com quem posso falar hoje?



Com os irmãos é mau,
um regressa ao estrangeiro por amizade.

Com quem posso falar hoje?

Os rostos estão inexpressivos,
cada homem está cabisbaixo em relação aos seus irmãos.

Com quem posso falar hoje?

Os corações são ávidos,
não há nenhum coração humano que seja de confiança.

Com quem posso falar hoje?

Não há homens justos,
a terra foi abandonada aos malfeitores.

Com quem posso falar hoje?

Falta um amigo íntimo,
um regressa como um desconhecido para se lamentar.

Com quem posso falar hoje?

Não há ninguém que esteja satisfeito,
aquele com quem se caminhava não existe mais.

Com quem posso falar hoje?

Estou sobrecarregado pela miséria,
por falta de um amigo íntimo.

Com quem posso falar hoje?

Deambular errático pela terra;
não há fim para isso.

Hoje a morte é para mim

como a cura para um homem doente,
é como sair para o exterior depois de estar detido.

Hoje a morte é para mim

como a fragrância da mirra,
é como estar sentado sob um toldo num dia de vento.

Hoje a morte é para mim

como a fragrância do lótus,
é como estar sentado na margem embriagado.

Hoje a morte é para mim



como um caminho muito trilhado,

é como um homem que chega a casa depois de uma expedição.

Hoje a morte é para mim

como o céu límpido,

é como um homem que descobre o que antes ignorava.

Hoje a morte é para mim

como um homem desejoso de ver a sua casa,

depois de ter passado muitos anos em cativo.

De facto, aquele que está no Além é um deus vivo,

que pune as más acções daquele que as faz.

De facto, aquele que está no Além deve manter-se firme na barca sagrada,

distribuindo aos templos alimentos cuidadosamente aí escolhidos.

De facto, aquele que está no Além é um sábio sem oposição,

quando fala ao apelar a Ré.»

Quarto discurso do *ba*

Ao que o meu *ba* me disse:

«Atira as lamentações para trás das costas!

Deixa isso para mim, meu irmão!

Possas tu fazer oferendas ao braseiro

e maneres-te com vida de acordo com o que disseste!

Ama-me aqui e põe de lado o Ocidente!

Quando for desejável que alcances o Ocidente, então o teu corpo juntar-se-á à terra

e eu alinharei logo após tu morreres.

Então alcançaremos o cais juntos.

Cólofon

E acabou, do princípio ao fim,

como o que se encontrou na escritura.





7.As Profecias de Neferti





O rei manda chamar Neferti

Então aconteceu (quando) o rei do Alto e do Baixo Egito Seneferu, justo de voz, era um excelente rei em toda esta terra.

Num desses dias,

os magistrados da corte entraram no palácio, v. p. s., para saudar o rei e saíram depois de terem feito as saudações, como era o seu hábito diário.

Sua majestade, v. p. s., disse ao tesoureiro que estava ao seu lado:

«Vai, traz-me os magistrados da corte que vieram ao palácio e saíram daqui depois das saudações de hoje.»
Eles foram conduzidos até ao rei imediatamente.

Na presença de sua majestade, v. p. s., deitaram-se outra vez sobre o ventre.

Sua majestade, v. p. s., disse-lhes:

«Companheiros, vede! Fiz com que vos chamassem para vos fazer procurar para mim um dos vossos filhos que seja sábio, um dos vossos irmãos que seja excelente, um dos vossos amigos que tenha realizado um nobre feito, que me possa dizer algumas belas palavras, frases escolhidas que alegrem a minha majestade.»

Eles estavam deitados sobre o seu ventre na presença de sua majestade, v. p. s., e disseram a sua majestade, v. p. s.:

«Há um sacerdote leitor chefe de Bastet, soberano, nosso senhor, cujo nome é Neferti.

É um indivíduo de braço forte, um escriba com excelentes dedos.

É um homem rico que tem mais bens do que qualquer dos seus iguais.

Que ele seja trazido para sua majestade ver!»

Sua majestade, v. p. s., disse: «Ide! Tragam-mo!»



Ele foi conduzido até ele imediatamente.

O pedido do rei

Deitou-se sobre o ventre diante de sua majestade, v. p. s.,
e sua majestade, v. p. s., disse: «Vem,
peço-te Neferti, meu amigo!
Diz-me algumas belas palavras,
frases escolhidas,
com as quais a minha majestade se alegre ao escutá-las.»

O sacerdote leitor Neferti disse:

«Acerca do que aconteceu ou do que acontecerá,
soberano, v. p. s., meu senhor?»

Sua majestade, v. p. s., disse: «Do que acontecerá.
Na verdade o hoje já aconteceu, passa sobre ele.»

Então, estendeu
a mão para uma caixa de material de escrita,
retirou um rolo de papiro para si e uma paleta,
e pôs-se a escrever
o que dizia o sacerdote leitor Neferti,
o sábio do Este
que pertence a Bastet logo que ela se ergue,
um nativo da província de Heliópolis.

Ruína do país perante a indiferença geral

Preocupando-se com o que iria acontecer no país
e evocando a condição do Este,
quando os Asiáticos avançassem com as suas espadas curvas,
e aterrorizassem os corações daqueles que estivessem a fazer as colheitas,
e se apropriassem dos animais de tiro com que estiverem a lavrar,
disse: «Desperta coração,
e chora por este país onde começaste!
O silêncio é inebriante!
Olha! Há qualquer coisa que é preciso dizer acerca disto, com respeito.
Olha então! O grande está lançado por terra,
no país onde começaste.



Não te aborreças! Olha, os factos estão diante de ti!
Possas tu levantar-te contra o que está diante de ti!
Olha, os governantes estão satisfeitos com o estado do país!
O que foi feito nunca antes tinha sido feito!
Ré deverá começar a recriar!
O país será totalmente arruinado e nada crescerá e prosperará!
Nem mesmo o negro das unhas a que tinha direito!

Este país está destruído. Ninguém se preocupe com ele.
Ninguém fala. Ninguém chora.
O que acontecerá a este país?
O disco solar está encoberto e não brilhará para que os homens o possam ver.
Não viveremos se as nuvens o esconderem
e se isso acontecer todas as pessoas ficarão paralisadas por causa da sua ausência.
Eu falarei do que estiver diante do meu rosto e não predirei o que não aconteceu ainda.

Sim, (com) o rio do Egipto seco
pode-se atravessar a água a pé.
Nós vamos procurar água para os barcos poderem navegar,
porque o seu curso secou:
onde era a margem há água e onde havia água está seco.
O vento do sul opor-se-á ao vento do norte:
não existirá mais céu de um único vento.

Os estrangeiros no Egipto

Um pássaro estranho nidificará
nas terras pantanosas do Delta,
fazendo os seus ninhos próximo dos humanos,
porque os homens permitirão a sua aproximação devido à sua debilidade.

Certamente será destruído aquilo que é bom, os viveiros de peixe
onde se encontravam prontos a estripar,
brilhando no meio dos outros peixes e dos pássaros.
Todos os lugares de felicidade desaparecerão, derrubados pelo país em desgraça;
por causa daqueles alimentos, os Asiáticos prevalecerão sobre a terra.
Os inimigos aparecerão a este.



Os Asiáticos descerão ao Egípto;
falta-nos uma verdadeira fortaleza para os enfrentar;
a guarda não ouve alguém que caminhe devagar;
a escalada será feita de noite,
a fortaleza será invadida
e a sonolência dos meus olhos será repelida enquanto permaneço deitado
a dizer: “Eu estou acordado!”

Os animais selvagens virão beber
ao rio do Egípto;
eles refrescar-se-ão nas suas margens
na ausência de alguém que os faça fugir.
Esta terra vacila
e as consequências são desconhecidas, permanecem escondidas
de acordo com o que se costuma dizer: “Quando ver e ouvir falham, o mudo domina”.

Divisões civis e familiares

Eu mostro-te uma terra em estado de angústia:
o que nunca tinha acontecido aconteceu.
As armas de guerra serão empunhadas
e o país viverá em desordem.

Serão fabricadas flechas em cobre
e mendigado pão ensanguentado;
riremos com um riso de dor,
não choraremos por causa da morte
nem passaremos a noite em jejum por causa da morte.
Cada homem só pensará em si próprio.
Não serão feitas cerimónias fúnebres neste dia:
o pensamento afastar-se-á delas totalmente.
Um homem ficará sentado no seu canto de costas,
enquanto um homem mata outro.
Eu mostro-te um filho como inimigo,
um irmão como adversário,
um homem que mata o seu próprio pai.



Desordem total

Cada boca estará cheia de: “Eu quero!”

Tudo aquilo que é bom desaparecerá.

Será a ruína do país. As leis serão feitas contra ele.

Haverá destruição por causa do que foi feito

e desolação por causa do que encontrámos.

O que foi feito nunca antes tinha sido feito:

os bens de um homem foram-lhe tirados e dados ao que é estrangeiro.

Eu mostro-te o proprietário a lamentar-se

e o estrangeiro satisfeito.

Aquele que nada faz, acumula para si;

aquele que age, está sem recursos.

Damos as coisas com relutância

apenas para calar a boca daquele que fala.

Respondemos a um discurso agitando um bastão com o braço

e falamos em matar o outro!

As palavras expressas são para o coração como fogo!

Aquilo que sai da boca não pode ser tolerado.

O país está na penúria: são numerosos os seus administradores.

Está vazio: são elevados os seus impostos.

Pequena é a quantidade de grão: grande a medida

e mede-se em excesso!

O próprio Ré separar-se-á da espécie humana!

Ele erguer-se-á quando for a hora,

mas ninguém saberá que o meio-dia chegou,

ninguém distinguirá a sua sombra,

nenhum rosto se iluminará ao vê-lo.

Os olhos não derramarão lágrimas:

ele estará no céu como a lua.

Não deixará de anoitecer,

mas os seus raios no rosto é um acontecimento do passado.

Eu mostro-te uma terra em sofrimento:



o que era fraco é agora um senhor poderoso;
cortejamos quem antes tinha que cortejar.
Eu mostro-te o pior daquilo que predomina:
o homem que vinha no fim, agora dirige uma geração.
Vivemos na necrópole. O pobre tornar-se-á rico
e o poderoso [recolher-se-á] para sobreviver.
Os pobres comem o pão
e os dependentes exultam.
Deixará de existir a província de Heliópolis na terra,
lugar de nascimento de cada deus.

Anúncio da vinda de um rei salvador

Um rei virá do Sul,
Ameni, justo de voz, é o seu nome.
Será filho de uma mulher da Núbia,
e nascerá no Alto Egípto.
Ele receberá a coroa branca, ele erguerá a coroa vermelha,
ele unirá as duas coroas,
ele satisfará os dois senhores, Hórus e Set, com o que eles desejarem,
empunhando “aquele-que-anda-à-volta-no-campo” e o “remo” em movimento.

As pessoas do seu tempo ficarão contentes.
O filho de um homem gerará o seu nome para todo o sempre.
Aqueles que percorrerem o caminho do mal e planearem rebelar-se,
acabarão por se calar por temor a ele.
Os Asiáticos cairão chacinados por ele;
os Líbios tombarão por causa da sua chama;
os rebeldes tomarão o seu conselho
e as pessoas descontentes respeitá-lo-ão.
A *iaret* que está na sua cabeça
é para pacificar as pessoas descontentes.

Construir-se-ão os Muros do Rei, v. p. s.,
não permitindo que os Asiáticos desçam ao Egípto.
Eles pedirão água do modo habitual para darem de beber ao seu gado.



Maat regressará ao seu lugar

e o mal será atirado fora.

Alegre-se aquele que vir isto e aquele que estiver ao serviço do rei.

Um ritualista far-me-á uma libação
quando vir acontecer o que eu disse.»

Cólofon

E acabou em paz,

Cópia feita pelo escriba ...





8.As Lamentações de Khakheperréseneb





Colecção de palavras, conjunto de conhecimentos.

Resultado da investigação numa forma habilidosa de discurso,
realizada pelo sacerdote de Iunu,

Khakheperréseneb, filho de Seni, chamado «Aquele que vive».

Ele diz: «Possa eu ter palavras desconhecidas,

fórmulas inéditas com palavras novas que nunca tenham ocorrido,
sem quaisquer repetições,

um discurso nunca transmitido pela voz dos antepassados,

que eu faço sair do meu corpo porque está nele,

em ruptura com todo o homem que tenha falado, porque o que foi dito pode ser repetido.

E o que foi dito foi (bem) dito!

Não há nenhum exagero nas palavras dos antepassados

e o que está nelas é apreciado pelos sucessores.

Aquele que está a falar não deve falar, a fim de falar aquele que deverá falar,

[a fim de que um outro possa encontrar de que falar.

Não um contador de histórias depois delas acontecerem, porque isto foi há muito tempo;

não um contador do que deverá ser dito, (isso) é procurar o sofrimento,

é mentir; ninguém lembrará o seu nome a outros.

Eu disse isto de acordo com o que vi,

desde a primeira geração até às que virão depois.

Elas devem imitar o passado. Possa eu saber o que outros ignoram!

Mesmo o que foi silenciado (sem nunca ser) relatado, eu di-lo-ei e o meu coração

[responder-me-á.

Eu elucidá-lo-ei em relação ao meu sofrimento,

a fim de transferir para ele a pesada carga que trago às costas,

Falarei da minha dor, informá-lo-ei do meu sofrimento na sua dependência

e direi «ah!» com entusiasmo.

Segundo mês de Chemu, dia 28.

Eu penso no que aconteceu, nas coisas que ocorreram em toda a parte da terra.

Aconteceram transformações. As semelhanças com o ano anterior já não existem.

Cada ano é mais opressivo do que o outro.

A turbulência da terra aumenta a (sua) destruição, ela transforma-se num [deserto?].

A ordem foi lançada fora; o caos está no interior da sala do conselho.



Os planos dos deuses são transgredidos; as suas ordens são negligenciadas.

A terra está na miséria, a carência está por todo o lado.

As cidades e as províncias estão desoladas, toda a gente está submetida de igual modo

[ao mal.

Viramos as costas ao respeito, os senhores do silêncio estão perturbados.

Em cada madrugada o sol levanta-se,

o rosto contrai-se por causa do que aconteceu e eu falo contra eles.

Oprimem os meus braços e eu aflijo-me no coração.

É penoso guardar silêncio a este respeito.

Um outro coração ficaria prostrado, mas o bravo coração que está num lugar de sofrimento, ele é o irmão do seu mestre.

Possa eu ter um coração que saiba sofrer! Então eu farei dele um lugar de repouso.

Ele está carregado de palavras de lamentações e eu afastá-lo-ei do meu sofrimento».

Ele diz ao seu coração: «Vem, meu coração, que eu falo-te!

Possas tu responder às minhas palavras, possas tu explicar-me o que se passa na terra, (onde) os que brilham são derrubados! Eu penso no que aconteceu.

A miséria instalou-se no dia de hoje, e pela manhã (ainda) não se foi embora.

Toda a gente está silenciosa quanto a isto. A terra inteira encontra-se numa grande agitação.

Ninguém está vazio de mal. Toda a gente faz o mesmo.

Os corações estão tristes. Aquele que dava ordens é um dos que recebe ordens

e os corações dos dois estão felizes. Uma pessoa levanta-se sujeita a isto diariamente

e os corações não rejeitam isto. Os hábitos de ontem são como os de hoje

porque transgrediram, de facto, muito. O rosto (dos homens permanece) insensível;

não há ninguém que compreenda uma sabedoria, nem nenhum homem (suficientemente)

[zangado para falar.

Uma pessoa levanta-se todos os dias para sofrer. Longa e pesada é a minha doença.

O miserável não tem forças para (se proteger a) si próprio, daquele que é mais poderoso

[do que ele.

É doloroso (guardar) silêncio em relação ao que se ouve. É miserável responder a quem

[é ignorante.

Rejeitar um discurso provoca inimizade. O coração não aceita a verdade.

Ninguém é tolerante (com) as notícias correntes. Todo o homem gosta das suas (próprias)

[palavras.

Cada um se estabelece sobre (a sua) desonestidade A rectidão abandonou os discursos.



Eu falo contigo, meu coração, possas tu responde-me! Um coração agressivo não pode ser
[silenciado!
Olha, as necessidades do dependente são as mesmas das do senhor! É muita a carga sobre ti!





9. Ensinamento de Amenemhat I ao seu filho Senuseret





I

Princípio do ensinamento

feito pela majestade do rei do Alto e do Baixo Egípto Sehetepibré,
o filho de Ré, Amenemhat, justo de voz.

Ele fala revelando a verdade ao seu filho, o senhor do universo.

Ele diz aparecendo como um deus:

«Ouve o que eu te vou dizer
e quando tu reinares no país,
quando tu governares o Egípto,
poderás agir segundo as minhas palavras com grande perfeição.

II

Sê prudente em relação aos dependentes que não se manifestam:

todos os homens dirigem o seu coração em direcção ao seu medo.

Não te aproximes deles sozinho.

Não confies num irmão. Não reconheças amigos.

Não cries intimidades porque elas não dão garantias.

III

Tu deves adormecer de consciência tranquila,

porque para um homem não há servidores no dia do seu infortúnio.

Eu dei (esmola) ao pobre e existência (social) ao órfão;

eu fiz com que aquele que não tinha uma finalidade existisse.

IV

Aquele que comeu os meus alimentos fez uma acusação;

aquele a quem estendi os braços serviu-se disso para atemorizar os outros;

aqueles que em minha casa se vestiam com o meu linho fino olharam para mim como para
[um vegetal;

aqueles que se ungiam com a minha mirra derramaram água no meu celeiro.

V

Minhas imagens vivas, meus herdeiros entre os homens,



façam-me um canto fúnebre que nunca tenha sido ouvido em nenhum lugar.

A grandeza do combate (ainda) não foi vista.

Na verdade, quando alguém combate numa arena e esquece o passado,
a bondade não será vantajosa para aquele que ignora o que devia saber.

VI

Depois do jantar, (já) a noite tinha chegado,

eu tive um momento de tranquilidade.

Estendi-me sobre a minha cama (porque) estava cansado
e o meu coração começou a cair na sonolência.

Foi então que brandiram contra mim as armas (que me deviam) proteger
e eu reagi como a cobra do deserto.

VII

Eu despertei para o combate pondo-me alerta

e constatei que era um ataque da guarnição.

Se eu tivesse agarrado rapidamente nas armas que tinham na mão,
eu teria feito recuar os cobardes em pânico.

Mas ninguém é um homem forte durante a noite, ninguém pode lutar sozinho!

Não existirá procedimento de sucesso sem um protector.

VIII

Olha, a traição aconteceu quando tu não estavas ao pé de mim,

antes da corte saber que eu te fizera florescer,

e antes de eu estar sentado junto de ti. Vou ensinar-te a governar,

já que eu desconhecia isto, que eu não levei a melhor sobre isto,

e que o meu coração negligenciou os servidores.

IX

Alguma vez as mulheres comandaram tropas?

Alguma vez os desordeiros causaram tumultos no interior do palácio?

Alguma vez comigo se transgrediu a lei para salvar a terra?

Alguma vez enganámos os camponeses relativamente às suas produções?

Nenhum mal me aconteceu desde o meu nascimento.



Nunca tinha acontecido uma coisa semelhante numa acção de bravura.

X

Eu viajei até Elefantina e voltei para os pântanos do Delta.
Eu detive-me nos confins do país e observei o seu interior.
Eu alcancei os limites do poder
através do meu poderoso braço e das minhas manifestações.

XI

Fui eu o criador dos cereais, o amado de Nepri.
Hapi honra-me em cada espaço aberto.
Comigo ninguém teve fome nem sede enquanto governei.
Todos puderam viver descansados com o que eu fiz e falar de mim.
Tudo o que eu decretei estava no seu lugar.

XII

Eu dominei leões e capturei crocodilos.
Eu subjuguiei os Uuauiu e capturei os Medjau.
Eu fiz os Asiáticos andarem de gatas.

XIII

Eu fiz uma casa adornada a ouro,
com os tectos em lápis-lazúli,
as paredes de prata,
o chão de sicómoro,
as duas portas de cobre,
com os ferrolhos de bronze,
feita para sempre, preparada para a eternidade.
Eu sei tudo isto como senhor do universo.

XIV

Na verdade, estão nas ruas numerosas calúnias,
o sábio diz «É assim!»,
o ignorante diz «Está bem!»



porque ele não pode saber se está privado de ti.
Meu filho Senuseret, v. p. s., as minhas pernas partem,
mas o meu coração fica contigo e os meus olhos observam-te:
nascidos numa hora de tranquilidade da humanidade,
eles prestam-te homenagem.

XV

Olha! Eu comecei e quero assegurar que tu concluis.

Foi para ti que eu conduzi a bom porto o que estava na minha vontade.
Tu tens o encargo de conservar a coroa branca, a divina progenitura!
O selo está no seu lugar, segundo o que eu comecei para ti.
Há alegria na barca de Ré.
Tu ascendes à realeza criada antes de mim,
mas não como eu me fiz alguém excelente!
Edifica os teus monumentos!
Assegura uma renda para o teu poço tumular!
Luta para saberes o que me aconteceu!
Porque não há ninguém que eu amasse como tu junto à minha majestade, v. p. s.».

Cólofon

Isto é o seu fim, perfeito e em harmonia.
Isto é para o *ka* dos favoritos, maravilhosamente bons,
o escriba do tesouro Kagabuat e o escriba do tesouro Hori.
O escriba Ininana, ano 1, primeiro mês de Peret, dia 20.



10.Ensino Lealista





I

Princípio do ensinamentofeito pelo membro da elite e governador,

pai divino, amado do deus,
superior dos segredos da casa real, v. p. s.,
chefe do país inteiro,
sacerdote *sem*, administrador do *chendjit*.

... ..

Ele [diz] como ensinamento aos seus filhos:

«Eu vou dizer (uma coisa) importante e fazer com que vós (a) escuteis.
Eu vou fazer com que vós tenhais um (bom) comportamento para sempre,
um método de vida com sucesso (para) passar a existência em paz.

II

Adorai o rei Nimaatré, que ele viva eternamente no interior do vosso corpo!
Confraternizai com sua majestade no vosso coração!
Propagai o seu terror diariamente!
Suscitai para ele louvores em relação a cada momento!
É Sia que está nos corações:
os seus olhos exploram cada ser!
É Ré, sob a governação de quem vivemos:
aquele que está sob a sua sombra terá grandes posses!
É Ré, graças aos raios de quem vemos:
ele ilumina as Duas Terras mais do que o disco solar!

III

O seu ardor queima mais do que a chama do fogo.

No seu momento ele é mais ardente do que o (próprio) fogo.
Ele faz florescer mais do que a grande inundação.
Ele encheu as Duas Terras de força e de vida.
Os narizes gelam quando ele se encoleriza
e quando ele está calmo até se respira o ar.
Ele dá alimentos a quem o segue
e assegura uma renda a quem adere ao seu caminho



Aqueles que ele favorece estão destinados o a serem senhores de provisões,
aqueles que forem seus inimigos não terão (nada).

O do rei está destinado a ser venerado,
..... os seus inimigos

IV

É o seu poder que combate por ele.

O [seu] terror ... faz com que ... respeito por ele.

Olhar por cima

..... encontra-se acima do amanhecer da sua perfeição.

Ele revela a forma

..... seu coração.

É a vida para quem lhe presta adoração.

Os seus inimigos são submetidos

Os cadáveres

V

O rei é um *ka*, a sua palavra é o alimento.

Aquele que ele cria existirá.

Ele é o herdeiro de todos os deuses,

o protector da sua criação.

Eles reprimem para si os seus inimigos.

Agora, sua majestade, v. p. s., está no seu palácio, v. p. s.

Ele é Atum porque une pescoços:

a sua protecção está por detrás daquele que permite o seu poder.

Ele é Khnum para todos os corpos,

um criador que faz vir à existência a humanidade.

Ele é Bastet que protege as Duas Terras:

aquele que o adorar terá a protecção do seu braço.

É Sekhmet contra quem transgride as suas ordens:

aquele a quem ele tiver aversão está destinado à miséria.

VI

Combatei em seu nome.



Mostrai respeito pela sua vida.
Evitai (qualquer) momento de oposição:
um partidário do rei tem o estatuto de venerável.
(Mas) não haverá um túmulo para quem se revoltar contra sua majestade:
o seu cadáver será lançado à água.
Não vos oponhais às recompensas que ele der.
Aclamai a deusa do Baixo Egito e adorai a coroa branca.
Prestai homenagem àquele que usa a coroa dupla.
Se fizerdes isto será bom para vós.
Constatá-lo-eis na eternidade:
aquele que está na terra sem problemas,
atravessa a existência em paz!

VII

Entraí na terra que o rei dá!
Repousai num lugar de eternidade.
Uni-vos à caverna eterna,
(com) a casa dos vossos filhos cheia de amor por vós
e os vossos herdeiros estabelecidos nos vossos lugares.
Imitai o meu exemplo!
Não negligencieis as minhas palavras!
Executai com eficiência as instruções que eu fiz.

VIII

Então, podereis transmiti-(las) aos vossos filhos.
A palavra ensina desde o tempo do deus.
Eu sou um dignitário que merece ser ouvido,
de cujos conhecimentos o seu senhor se inteirou.
Não ultrapassem os limites do meu exemplo!
Não sejam diferentes do meu modelo!
Evitem os momentos de inércia.
Um filho que escuta não terá (qualquer) maldade.
Não terão todos os nossos planos sucesso com ele?



IX

Vós ireis elogiá-los [aos ensinamentos] daqui a uns anos,

(pois) a sua solidez permitirá chegar a bom porto.

Outra forma de desenvolver os vossos corações

– de facto com benefício para os vossos servidores –

é ocuparem-se dos homens, reunir os vossos dependentes,

e (assim) manterem os servidores (prontos) para actuarem.

São os homens que produzem o que existe!

Vivemos do que há nos seus braços!

De facto, se faltar isso a pobreza prevalecerá!

X

São as profissões que produzem os alimentos.

A sua casa está vazia com as suas fundações em risco;

o ruído delas restabelece (a segurança) das paredes?

É senhor de muita gente, aquele que dorme até amanhecer;

(mas) não há sono para o homem solitário.

Não se pode mandar um leão em missão!

Nenhuma manada se deixa aprisionar por um muro!

O seu grito é como o de quem tem sede à volta de um poço!

... .. como os pássaros *imiu!*

XI

Deseja-se a inundação e ela aparece,

nenhum campo cultivado se cria por si próprio!

Os touros que são do boieiro (?) são grandes:

é aquele que os encerra que conduz os touros.

É que faz acostar

... .. gado miúdo em tão grande quantidade que não tem fim.

As profissões do deus.

Quanto àquele que está abastecido em relação a isso, está vigilante!

Não oprimas de impostos o lavrador:

(mostra algum) afecto por ele e encontrará-lo-ás no ano seguinte.

Se ele está vivo tens os seus braços,



se tu o destruíres então ele planeará ser vagabundo.

XII

Fixa os impostos de acordo com a cevada do Alto Egípto,

... .. no coração do deus!

As riquezas daquele que pratica o mal não se conservam;

os seus filhos não encontrarão a prosperidade.

Aquele que causa aflição provoca o fim da sua (própria) vida;

ele não terá filhos que lhe sejam devotados.

Os dependentes são de quem se domina;

não haverá herdeiros para o impulsivo.

O respeito é grande por aquele que é senhor daquilo que é seu;

vociferar é um mal do coração.

XIII

O malvado destrói o chão da sua casa;

uma cidade é fundada pelo homem que é amado.

A paciência é o monumento de um homem;

o silêncio é eficaz para

... .. que prevê contrariedades.

aquele que tem uma autoridade poderosa regressa.

Ao misericordioso a vaca produz para ele;

o mau pastor tem o seu rebanho reduzido.

XIV

Combatei pelos homens de todas as maneiras.

Eles são um rebanho útil ao seu senhor.

Vivemos graças a eles.

eles (também) são bastante úteis para a vida póstuma.

Vejam

Vigiai os vossos sacerdotes funerários:

se o filho for negligente é o sacerdote puro que assegurará a estabilidade!

É uma pessoa agradável aquele a quem chamamos herdeiro!

Instala o dignitário defunto e invoca o seu nome.



... .. glorificado e traz as oferendas de alimentos,
porque é (mais) útil para quem faz do que para aquele para quem é feito:
é o defunto que protege aquele que fica sobre a terra.

Cólofon

... em paz, pelo escriba do serviço sacerdotal da casa de Amon ... Hori,
escriba filho daquele que pratica uma acção, escriba daquele que ...



11.Ensino de Kheti





I

Aqui começa o ensinamento
feito por um homem de Tjaret,
chamado Kheti, filho de Duauf,
ao seu filho chamado Pepi,
quando viajavam em direcção ao sul,
onde ficava a residência real,
para o pôr na escola dos escribas,
com os filhos dos magistrados,
a elite da residência real.

II

Então ele disse-lhe:
«Eu vi muitos espancamentos.
Dirige o teu interesse para a escrita.
Eu observei como se salvam as pessoas através do seu trabalho!
Olha, não há nada melhor do que a escrita!
É como ser levado pela água!
Lê até ao fim o livro Kemit
e aí encontrarás estas palavras dizendo:
“Quanto ao escriba, seja qual for a sua posição na residência real,
ele nunca será insignificante aí”.

III

Ele põe a sua sabedoria ao serviço de outro,
não ficará ele satisfeito?
Eu nunca vi outras funções como esta.
em que se pode dizer esta frase acerca dela!
Eu vou fazer com que tu ames mais a escrita do que a tua mãe
e vou fazer com que a sua beleza penetre em ti.
É maior do que qualquer outra profissão,
não há outra como ela no país de que se possa falar.
O escriba começou a florescer na infância;
ele será felicitado e enviado numa missão,



ele não regressará sem se vestir com um saiote.

IV

Eu nunca vi um escultor em missão

ou um ourives ser enviado em missão!

Mas eu vi o fundidor no seu trabalho,

na boca da sua fornalha,

os seus dedos são como os excrementos dos crocodilos,

o seu fedor é como o dos ovos dos peixes.

V

Cada artesão ao usar a enxó

cansa-se mais do que aqueles que trabalham nas corveias.

Os seus campos são a madeira,

a sua ocupação (as ferramentas de) bronze.

A noite não o furta ao trabalho:

depois dos seus braços produzirem em excesso,

de noite, ele acende uma candeia.

VI

Os joalheiros procuram obter a perfeição,

em todo o tipo de pedra preciosa dura.

Quando ele acabou o trabalho esplêndido,

os seus braços estão arruinados por causa do cansaço.

Ele senta-se sobre os alimentos de Ré

com os seus joelhos e as suas costas retorcidos.

VII

O barbeiro barbeia mesmo até ao anoitecer,

ele está completamente absorvido:

abrindo caminho com o seu ombro, ele vai de rua em rua

à procura de alguém para barbear.

Ele mantém os seus braços activos para encher a sua barriga,

como uma abelha que come de acordo com o seu trabalho.



VIII

Aquele que apanha canas vai para norte
para os pântanos do Delta para apanhar setas para si.
Depois dos seus braços produzirem em excesso,
depois dos mosquitos o terem chacinado
e das moscas o terem afligido bastante,
ele fica em pedaços por tudo isso.

IX

O oleiro está sob a terra
enquanto permanece em pé entre os vivos.
Ele destrói mais os prados do que um suíno
para cozer aí debaixo os seus moldes.
As suas roupas estão rijas e pesadas,
a sua touca é um farrapo.
O ar entra no seu nariz
e desencadeia logo altas temperaturas num ser são.
Ele faz um pilão dos seus pés,
amassando ele próprio o barro.
Ele destrói o pátio de qualquer casa
e torna irregulares os lugares públicos.

X

Vou falar-te igualmente do construtor de muros.
A sua experiência é dolorosa.
Ele está lá fora ao vento,
a trabalhar em tanga,
e uma touca de cordas por tecer
cai-lhe pelas costas.
Os seus braços sofrem com a sua eficácia
ao misturar todas as suas imundices.
Ele come o pão com os seus dedos,
mas só tem um momento para se lavar.



XI

É vil o carpinteiro precisar de todas as suas forças

para ultrapassar a instalação da cobertura de uma sala,
uma sala de dez cúbitos por seis cúbitos.

O mês passa a instalar a cobertura e a aplicar-lhe as cordas.

Todo o trabalho fica feito.

Quanto à comida que ele leva para casa,
não há mesmo nada a distribuir pelos seus filhos.

XII

O jardineiro transporta uma canga

e os seus ombros serão usados permanentemente até à velhice.

Há um grande inchaço no seu pescoço que cria gordura.

Ele passa a manhã a regar os legumes e à tardinha rega os coentros,
depois de ter passado o dia mal do seu inchaço.

Isto acontecerá até ele morrer,

mais envelhecido do que em qualquer outro ofício.

XIII

O agricultor lamenta-se eternamente,

levantando a sua voz mais alto do que a do corvo.

Os seus dedos estão inchados

de carregar tudo sob os excessos dos ventos.

Ele está muito cansado quando vai trabalhar para os pântanos
e viverá sempre em farrapos.

É tão forte como os leões!

Aflitos ficam os hipopótamos com ele!

O seu trabalho difícil é sentido por ele na sua residência:

ele chega aí vindo dos campos inundados

e quando chega a casa à noite

os seus movimentos prenderam-no com força.



XIV

O tecedor de esteiras de junco no interior da sala de tecelagem

tem uma posição pior do que uma mulher;
com os seus joelhos contra o estômago
não consegue respirar.

Se ele estiver um dia sem tecer
É castigado com cinquenta chicotadas.
Ele tem que dar provisões aos porteiros
para poder ver a luz do dia.

XV

Do fabricante de flechas há que ter pena

quando sai para o deserto:
ele dá mais aos seus burros
do que o trabalho deles lhe dá a ele.
Ele dá demasiado ao homem do campo
que lhe aponta o caminho certo.
Ele chega daí dos campos inundados
e quando chega a casa à noite
os seus movimentos agarraram-no com força.

XVI

O mensageiro vai para o estrangeiro

depois de ter legado aquilo que é útil aos seus filhos;
temendo os leões e os Asiáticos.
Ele só se conhece a si próprio quando está no Egipto,
ele chega aí aos prados
e alcança a sua casa à tardinha quebrado pela caminhada.
Enquanto as suas casas forem de pano e de tijolo
ele não regressará feliz.

XVII

Quanto ao fogueiro, os seus dedos estão putrefactos

e cheiram como os cadáveres.



Cada um dos seus olhos está miserável,
e não pode libertar-se dessa condição.
Ele passa o dia a cortar canas
e tem as suas roupas horríveis.

XVIII

O fabricante de sandálias é completamente miserável,
eternamente submerso nos seus utensílios.
A sua prosperidade é a prosperidade dos cadáveres,
mas o que ele morde é apenas a sua pele.

XIX

O lavador lava na margem do rio
e está ao alcance dos crocodilos.
“Pai, sai da água vivo!”
dizem o seu filho e a sua filha!
Não é uma profissão que satisfaça;
é uma profissão distinta de todas as outras!
A porcaria mistura-se com a sua comida;
nenhuma parte dele está limpa.
Dão-lhe até uma tanga de mulher
que estava com a menstruação;
ele chora sendo toda a vida um indigente
e carregando com isso.
Dizem-lhe: “Eis a roupa suja!
Pega-lhe pela borda e mergulha-a tu próprio.”

XX

O passarinho aflige-se muito
para encontrar um lugar para caçar.
Se um bando de pássaros passa no céu sobre ele,
ele diz: “Se eu tivesse uma rede!”
Como deus não permite que isso aconteça,
ele aflige-se com os seus próprios planos.



XXI

Do mesmo modo, vou falar-te acerca do pescador.

Ele aflige-se mais do que em qualquer outra profissão.
Ele não tem trabalho a não ser no rio, infestado de crocodilos.
Mesmo quando é inteiramente recompensado,
ele lamenta-se.
Ele nunca diz: “Eis um crocodilo à espera”.
O medo cegou-o.
Quando sai da água em boas condições
ele diz que foi graças a deus.
Olha, não há nenhuma profissão livre de patrões
excepto a de escriba: ele é o seu próprio patrão.

XXII

Mas se tu sabes escrever

isso será melhor para ti do que as profissões de que te falei.
Olha! Um subordinado é sempre um subordinado!
Ninguém pode dizer que um agricultor é um homem;
não é um guardião para ti.
Olha, isto foi feito viajando para sul em direcção à residência real!
Olha, isto foi feito por amor a ti!
Um dia na escola é benéfico para ti:
é para a eternidade, o seu trabalho é uma montanha.
Apressa-te! Apressa-te! Eu quero que aprendas.
Eu quero que desejes pôr em movimento uma rebelião.

XXIII

Eu vou dizer-te igualmente outras palavras

para te instruíres no conhecimento.
Tais como: se te detiveres num lugar onde alguém luta
não te aproximes da agitação.
Se alguém pegar num tijolo precipitadamente,
ninguém sabe como opor-se à temperatura.



Testemunhar junto dos juízes
permite ponderar uma resposta favorável.

XXIV

Se caminhares atrás de altos dignitários

não te aproximes muito, como quem sabe o que lhe convém.
Se tu entrares e o senhor da casa estiver em casa,
com os seus braços estendidos para outro que chegou antes de ti,
tu sentar-te-ás com a tua mão na tua boca.
Não peças nada na sua presença,
mas interage com ele quando disser: “Toma!”.
Evitar fixar a mesa.

XXV

Sê ponderado e muito respeitador.

Não fales de assuntos secretos.
Aquele que dissimula os sentimentos é um autêntico escudo.
Não digas palavras irreflectidas
quando estás sentado com alguém que é irritável.

XXVI

Se tu saís da escola

depois do meio-dia,
para andar para baixo e para cima na rua,
prepara-te para as consequências disso.

XXVII

Se um alto dignitário te mandar em missão...

ó! fala como ele falaria!
Não omitas nem acrescentes nada relativamente a isso!
Aquele que deita abaixo desvia-se;
ele não tem um nome que dure.
Aquele que mostrar fidelidade com todo o seu bom exemplo,
nada lhe será escondido



e ele não fará distinção em relação a cada situação.

XXVIII

Não digas mentiras contra a mãe de ninguém.

Os altos dignitários não gostam disso!

Mesmo que depois aconteça algo nesse sentido,
os seus braços serão naturais e o seu coração misericordioso.

Não se acrescenta isso com um desafio!

É vil para o ventre se tu lhe obedeceres!

Se ficares satisfeito com três pães

ingeridos com dois jarros de cerveja,

não haverá obstáculos para o ventre poder lutar por isso.

Se um outro se sacia não permaneças.

Evitar fixar a mesa.

XXIX

Olha! Tu enviarás multidões

e ouvirás os discursos dos altos dignitários.

Então, tu adquirirás a maneira de ser dos filhos dos homens,
ao seguires os seus passos.

Um escriba é respeitado segundo a forma como ouve;

aquele que escuta transforma-se num exemplo para os outros.

Tu não deves falar por falar.

Apressa-te quando te puseres em marcha,

Sem deixares de pensar.

Associa-te a alguém mais importante do que tu:

os amigos de um homem são a sua tropa.

XXX

Olha! Renenet pôs-te no caminho do deus.

A Renenet do escriba está sobre o seu ombro
no dia do seu nascimento.

Ele chegará à sala de audiências

e o tribunal enviar-lhe-á gente.



Olha, nenhum escriba terá falta de comida
ou de bens do palácio real, v.p.s.!
Meskhenet fará florescer o escriba
e pô-lo-á à frente do tribunal.
Agradece ao teu pai e à tua mãe
que te deram vida!
Olha, isto que eu fiz para ti
é também para as gerações futuras!

Cólofon

Isto é o seu fim, perfeito e em harmonia.



12.Hinos a Senuseret III



HINOS A SENUSERET III





Hórus: Divino de formas; as Duas Senhoras: Divino de nascimento; Hórus de Ouro: Que vem à existência; rei do Alto e do Baixo Egípto Khakauré; o filho de Ré Senuseret, ele tomou posse das Duas Terras em triunfo.

Primeiro hino

Saudações a ti Khakauré, nosso Hórus, divino de formas!
Que protege o país e alarga as suas fronteiras,
que submete os países estrangeiros com a sua coroa dupla.
Que mantém unidas as Duas Terras com as suas acções,
que os países estrangeiros com os seus braços.
Que mata os estrangeiros sem um golpe de clava,
que lança a flecha sem puxar a corda do arco.
Que reprime com o seu terror as tribos na sua própria terra,
o seu temor destrói os Nove Arcos.
Que provoca com o seu massacre a morte a milhares de inimigos,
que para invadir a sua fronteira.
Que lança a flecha como Sekhmet
e faz cair milhares quando ignoram o seu poder.
A língua de sua majestade reprime a Núbia,
os seus discursos fazem fugir os Asiáticos.
Único e vigoroso que mantém a salvo as suas fronteiras,
que nunca permite que os seus servos se cansem.
Que deixa a elite dormir até amanhecer,
com as suas tropas a vigiar o sono deles, o seu coração protege-os.
As suas ordens estabeleceram as suas fronteiras,
as suas palavras uniram as Duas Margens.

Segundo hino

Como se alegram os deuses,
por teres feito florescer as suas oferendas!
Como se alegram os teus herdeiros,
por teres marcado as suas fronteiras!



Como se alegram os teus antepassados,
por teres aumentado a sua parte!
Como se alegram os Egípcios com o teu poderoso braço,
por teres protegido as suas tradições!
Como se alegra a elite com a tua governação,
a tua força conduziu-os à sua riqueza!
Como se alegram as Duas Margens com a tua terribilidade,
tu aumentaste os seus bens!
Como se alegram as tropas que recrutaste,
por lhes teres permitido o sucesso!
Como se alegram os teus veneráveis,
por lhes teres permitido o rejuvenescimento!
Como se alegram as Duas Terras com o teu poder,
por teres protegido as suas muralhas!

Refrão: Hórus, que aumentaste a sua fronteira, possas tu repetir eternamente!

Terceiro hino

Como é grande o senhor para a sua cidade:
ele é Ré, os outros milhares de homens são pequenos!
Como é grande o senhor para a sua cidade:
de facto ele é um canal que retém a inundaçãõ!
Como é grande o senhor para a sua cidade:
de facto ele é um lugar fresco que permite a todo o homem dormir até amanhecer!
Como é grande o senhor para a sua cidade:
de facto ele é uma muralha de cobre do Sinai!
Como é grande o senhor para a sua cidade:
de facto ele é um abrigo e não se pode evitar a sua ajuda!
Como é grande o senhor para a sua cidade:
de facto ele é uma segurança que salva o tímido das mão do seu inimigo!
Como é grande o senhor para a sua cidade:
de facto ele é a sombra em Akhet e o fresco em Chemu!
Como é grande o senhor para a sua cidade:
de facto ele é um canto quente e seco na estação de Peret!



Como é grande o senhor para a sua cidade:

de facto ele é a montanha que impede a tempestade na época das tormentas!

Como é grande o senhor para a sua cidade:

de facto ele é Sekhmet contra os inimigos que pisam a sua fronteira!

Quarto hino

Ele veio até nós tomar posse do Alto Egipto,
a coroa dupla uniu-se na sua cabeça.

Ele veio e unificou as Duas Terras,
ele associou o junco e a abelha.

Ele veio e governou Kemet,
ele pôs Decheret sob seu controlo.

Ele veio e protegeu as Duas Terras,
ele pacificou as Duas Margens.

Ele veio e deu vida ao Kemet,
ele eliminou as suas necessidades.

Ele veio e fez viver a elite,
ele fez respirar o povo.

Ele veio e esmagou os países estrangeiros,
ele derrotou as tribos que ignoraram o seu temor.

Ele veio e combateu na sua fronteira,
ele salvou-a de ser roubada.

Ele veio e os seus braços a honra
que o seu poder trouxe até nós.

Ele veio e as nossas crianças
e podemos enterrar os nossos anciãos no

Quinto hino

Amai Khakauré, que vive perpetuamente na eternidade ...

Ele ordena que dêem os vossos alimentos e ajuda

É o nosso guardião que sabe como fazer respirar e equipa

Retribuí-lhe com vida e autoridade por milhões de anos



Sexto hino

Glorificação de Khakauré, que vive perpetuamente na eternidade

Levanta o braço o capitão da barca sagrada

Ornamentada com electrão para

... as Duas Margens para

... o caminho



II – TRANSLITERAÇÕES



TRANSLITERAÇÕES





Introdução



INTRODUÇÃO





Na apresentação que fazemos dos textos em IV – Anexo documental, usámos como metodologia a sua organização em contínuo, tal como aparecem nos documentos originais. Fizemo-lo por duas ordens de ideias. Em primeiro lugar, porque a escrita egípcia, hierática ou hieroglífica, se apresenta toda seguida em linhas ou colunas, sem qualquer indicação de pontuação ou divisão gramatical, exceptuando os pontos encarnados que surgem em alguns manuscritos, ou na arrumação do texto, como o caso raro dos *Hinos a Senuseret III*. Em segundo lugar por uma questão de espaço: se apresentássemos cada texto segundo a sua divisão frásica só para os textos precisaríamos mais do dobro do espaço utilizado com eles no presente caso.

Contudo, actualmente, esta não é a forma comumente usada para apresentar as traduções dos antigos textos egípcios. E em caso de publicação deste trabalho, toda esta questão terá que ser revista. Quando há publicações que apresentam como nós, o texto hieroglífico acompanhado pela transliteração e pela tradução, o hábito é apresentar o texto hieroglífico, e consequentemente os outros dois textos complementares, organizados frase a frase. Uma vez que a tradução destes textos nos obrigou a estarmos atentos a esta questão, e porque ela é importante para se compreender a sua estrutura gramatical e poética, resolvemos apresentar este capítulo em que os textos egípcios transliterados surgem convenientemente divididos. Em alguns casos, para além da gramática do médio egípcio, há também algum carácter de subjectividade interpretativa.

Finalmente, parece-nos que este material poderá vir a servir para a prática da tradução, podendo essas traduções serem corrigidas com recurso ao capítulo invocado na primeira linha desta página.



INTRODUÇÃO





Os textos





1. Khufu e os Mágicos

1. (Papiro Westcar, coluna 1, linhas 12 a 17)

[*dd.in hm*] *n nsw-bit h[w]fw m3^c-[hrw]*
 [*imi di.tw m3^c t 1000*] *hnkt ds 100 iw3 [I sntr p3d 2 n]*
nsw-bit dsr m3^c-hrw
 [*hn^c rdit di.tw šns 1 hnkt*] *dwiw 1 iw^f wri [sntr p3d w^c*
n hry-ḥbt hry-tp iw] m33.n.i sp.f n rh
iri.[in.tw] mi wdt [nbt hm.f]

2. (Papiro Westcar, linha 17 da coluna 1 à linha 2 da coluna 2)

ḥ^c pw iri.n s3-nsw ḥ^cw.f-r^c [r mdt dd.f]
di.i sdm hm].k bi3yt hprt
m rk it.[k] nb-k3 m3^c-hrw
wḏ3.f r hwt-nṯr nt [pṯh nb] ḥnh-t3wy
ist rf in hm.f šm r[...]
in hm.f iri hnt nt [...]
hry-ḥbt hr]y-tp wb3-inr hn^c [...] hmt wb3-iner n [...]
[ḥ^c.n rdi.n.s ...].tw n.f pds mḥ m ḥbsw [...]

3. (Papiro Westcar, coluna 2, linhas 2 a 14)

iwt pw iri.n.f
hn^c t[3] wb3]yt
hr m-ḥt] hrw[w sw3] hr [nn
is]t rf wn šs[pt m p3 š n w]b3-inr
ḥ^c.n dd.n p3 nds [n t3 hmt wb3]-inr
iw ms wn šspt [m p3 š n wb3-inr]
mtn iri.n 3t im.s
[ḥ^c.n h3b.n t3 hmt] wb3-inr
n hry-pr nty [m-s3 p3 [š] r dd
im(i) sspd.tw t3 šspt ntt m p3 š
wrš.n.s im hr swr[i hn^c p3 nds ...]hṯp [...]
hr m-ḥt [mšrw hpr
iwt pw iri.n].f
wn.in.f hr [h3it r p3 š
wn.in t3 wb3yt [... wb3-inr]

4. (Papiro Westcar, linha 15 da coluna 2 à linha 1 da coluna 3)

[hr m-ḥt t3 ḥḏ 2 n hrw hpr
š3]s pw [iri.n p3 hry-pr ...] mdt tn
[...].k [...] s [...] p3 n [...] iri.hn.f spf(?) [p3] š
[...] rdi.n.f sw n p3y.f [nb]
[...] h3 [...] nt mw
ḥ^c.n pf [...]



^hḥ.n [dd.n wb3-inr] ini.n.i ^{wy}(?) [...]
 [...] n hbny [hr] d^mw ms (?) [...]
 [... h]3b (?) [...] wp [...]
 [...].n.f msh n mnḥ (?) [...] 7
 [wn.in].f [hr] šdi [...] šdi [...] hr [...]
 iwt.f [r w^b m š.i ... n]ds [...]

5. (Papiro Westcar, coluna 3, linhas 1 a 10)

^hḥ.n rdi.n.f sw n p3 [hry]-pr
 dd.n.f n.f
 ir m-ht h3iw nds r p3 š
 mi nt-^f nt r^c nb
 k3.k h3^c.k p3 msh [...] r-s3.f
 š3s pw iri.n p3 [hry-pr]
 iti.n.f [p3] msh n mnḥ m-^f
^hḥ.n h3b.n t3 [hmt] wb3-inr
 n p3 hry-pr nty m s3 p3 [š] r dd
 im(i) sspd.tw t3 šspt ntt m p3 š
 mk wi iy.kwi r hmst im.s
^hḥ.n sspd t3 šspt [m] bw nb nfr
 š3s pw iri.n[.sn]
 wn.in.sn hr hrw nfr hn^c p3 nds

6. (Papiro Westcar, coluna 3, linhas 11 a 17)

hr m-ht mšrw hpr
 iwt pw iri.n p3 nds
 mi nt-^f nt r^c nb
^hḥ.n h3^c.n p3 [hry-pr] p3 msh n mnḥ r-s3.f r mw
^hḥ.n [hpr.n].f msh n mḥ sfhw
^hḥ.n mḥ.n.f m p3 nds
 [...] ist smnw wb3-inr
 hn^c hm n nsw-bit nb-k3 [m3^c-hrw]
 n hrw 7
 p3 nds m d3it [...] ssnt

7. (Papiro Westcar, coluna 3, linhas 17 a 25)

[hr] m-ht p3 hrw 7 hpr
 wd3 pw iri.n nsw-bit nb-k3 m3^c-hrw s[...]
 [^hḥ.n] rdi.n sw hry-ht hry-tp wb3-inr m-b3h
^hḥ.n dd.n [wb3-inr ... s] dd.n.i
 wd3 hm.k
 m33.n.k t3 [bi3yt] hp^rt [m] rk hm.k
 [...] nds [...] s [...] wb3-inr
^hḥ.n [... n wb3-inr p3 m]sh r dd
 inn.k [p3] nds [...]
 pri[t pw iri.n] p3 msh [...]



ḥḥ.n dd.n ḥry-ḥbt ḥry-tp wb3-inr [...] sw
 ḥḥ.n [...]n.f sw
 ḥḥ.n rdi.n.f [...] n sw

8. (Papiro Westcar, linha 25 da coluna 3 à linha 12 da coluna 4)

dd.in ḥm n nsw-bit nb-k3 m3ḥ-ḥrw
 smwn msh pn ḥ3
 ksit pw iri.n wb3-inr
 ḥḥ.n ḥw.n.f sw
 wn.in.f m drt.f msh n mnḥ
 wn.in ḥry-ḥbt ḥry-tp wb3-inr ḥr wḥm mdt tn
 iri.n p3 nds m pr.f ḥnḥ ḥy.f ḥmt
 n ḥm n nsw-bit nb-k3 m3ḥ-ḥrw
 ḥḥ.n dd.n ḥm.f n p3 msh
 ini.n.k p3y.k
 ḥ3it pw iri.n p3 msh r [...]t nt p3 š
 n rh.tw bw šm.n.f im ḥr.f
 ḥḥ.n rdi.n [ḥm n nsw]-bit nb-k3 m3ḥ-ḥrw
 itt.tw t3 ḥmt wb3-inr r šdw mḥty n ḥnw
 ḥḥ.n rdi.n.f ḥt im.s [...]]
 ḥm3w n itrw
 mk bi3yt ḥprt m rk it.k nsw-bit nb-k3
 m iryt ḥry-ḥbt ḥry-tp wb3-inr

9. (Papiro Westcar, coluna 4, linhas 12 a 17)

dd.in ḥm n nsw-bit ḥ[w]fw m3ḥ-ḥrw
 imi di.tw m3ḥ t 1000 ḥnkt ds 100 iw3 1 sntr p3d 2 n
 nsw-bit nb-k3 m3ḥ-ḥrw
 ḥnḥ rdit di.tw šns 1 ḥnkt dwiw 1 iwḥ wri sntr p3d 1
 n ḥry-ḥbt ḥry-tp wb3-inr i[w m33].n.i sp.f n rh
 iri.in.tw mi wdt nbt ḥm.f

10. (Papiro Westcar, linha 17 da coluna 4 à linha 7 da coluna 5)

ḥḥ [pw iri.n] b3w.f-rḥ r mdt dd.f
 di.i sdm ḥm.k bi3yt ḥprt
 m rk it.k snfrw m3ḥ-ḥrw
 m iryt ḥry-ḥbt ḥry-tp d3d3-m-ḥnh [...] sf [...] w3d [...] s
 hrw n3 n iw tmmt ḥpr
 [...] nbt nt pr-nsw ḥnh wd3 snb
 r ḥhy n.f [st-kbt n gmi.n.f sy dd.in.f]
 is ini.n.i [ḥry-ḥbt] ḥry-tp sš [md3t d3d3-m-ḥnh]
 ini.in.tw.f n.f ḥr-ḥwy
 dd.in n.f ḥm.f
 iw dbn.n.i ḥt nbt nt pr-nsw ḥnh wd3 snb
 r ḥhy n.i st-kbt n gmi.n.i sy
 dd.in n.f d3d3-m-ḥnh



ḥwy 3 wḏ3 ḥm.k r š n pr-ᶜ3 ᶜnh wḏ3 snb
 ᶜpr n.k b3w 1 m nfrwt nbt nt ḥnw ᶜh.k
 ib n ḥm.k r kbb n m33 ḥnn.sn ḥnit m ḥdi m ḥnti
 iw.k ḥr m33 sšw nfrw n š.k
 iw.k ḥr m33 šht.f ḥf33t.f nfrw
 iw ib.k r kbb ḥr.s

11. (Papiro Westcar, coluna 5, linhas 7 a 13)

iw.i ḥm r irit ḥnit.i
 imi ini.tw n.i wsrw 20
 n ḥbny b3k m nbw
 ḥmᶜt iry m skb b3k m ḏᶜmw
 imi ini.tw n.i st-ḥmt 20
 m nfrt nt ḥᶜw.sn m bntt ḥnskyt{t}
 nty n wpit.sn m msit
 ḥnᶜ rdit ini.tw n.i i3dt 20
 ḥnᶜ rdit nn i3dt n nn ḥmt
 w3ḥ ḥbsw.sn
 ᶜhᶜ.n iri mi wḏt nbt ḥm.f

12. (Papiro Westcar, coluna 5, linhas 13 a 24)

wn.in.sn ḥr ḥnit m ḥdi m ḥnit
 wn.in ib n ḥm.f nfr n m33 ḥnn.sn
 ᶜhᶜ.n wᶜt ntt r štyw ḥt.n.s m ḥnskt.s
 ᶜhᶜ.n nh3w n mfk3t m3t ḥr ḥr mw
 ᶜhᶜ.n.s gr.ti nn ḥnit
 wn.in p3y.s rmn gr nn ḥnit
 ḏḏ.in ḥm.f in n ḥnn.n.tn
 ᶜhᶜ.n ḏḏ.n.sn t3y.n štyt gr.ti nn ḥnit
 ᶜhᶜ.n ḏḏ.n n.s ḥm.f tm.t ḥni [ḥr m]
 ᶜhᶜ.n ḏḏ.n.s
 nh3w [pw n mfk3t] m3t ḥr ḥr mw
 ᶜhᶜ.n rdi.n.f s [...] n.s mr [...].f ḏb3
 ᶜhᶜ.n ḏḏ.n.s mri.i ḥnw.i r snty.f

13. (Papiro Westcar, linha 24 da coluna 5 à linha 7 da coluna 6)

ḏḏ.in ḥm.f
 is ini.n.i ḥry-ḥbt ḥry-tp ḏ3ḏ3-m-ᶜnh
 ini.in.tw.f n.f ḥr-ᶜwy
 ḏḏ.in ḥm.f ḏ3ḏ3-m-ᶜnh sn.i
 iw iri.n.i mi n3 ḏḏ.n.k
 wn.in ib n ḥm.f kb[b] n m33 ḥnn.sn
 ᶜhᶜ.n nh3w n mfk3t m3wt nt wᶜt nt štyt ḥr ḥr mw
 ᶜhᶜ.n.s gr.ti nn ḥnit
 ii.n ḥdi.n.s p3y.s rmn
 ᶜhᶜ.n ḏḏ.n.i n.s tm.t ḥni ḥr m



ḥḥ.n dd.n.s n.i nh3w pw n mf3kt m3t hr hr mw
 ḥḥ.n dd.n.i n.s hni mt ink db3[i] sw
 ḥḥ.n dd.n.s n.i mri.i hnw.i r snty.f

14. (Papiro Westcar, coluna 6, linhas 7 a 17)

ḥḥ.n dd.n hry-hbt hry-tp d3d3-m-ḥnh ddt.f m hk3
 ḥḥ.n rdi.n.f rmn n mw n p3 š hr wḥ.sn
 gmi.n.f p3 nh3w w3h hr p3kyt
 ḥḥ.n ini.n.f sw rdi n hnw.f
 ist rf ir p3 mw iw.f m mh 12 hr i3t.f
 dr.in.f mh 24 r-s3 wdb.f
 ḥḥ.n dd.n.f ddt.f m hk3w
 ḥḥ.n ini.n.f n3 n mw n p3 š r ḥḥ.w.sn
 wrš.n hm.f hr hrw nfr hnḥ pr-nsw ḥnh wd3 snb mi ki.f
 pri.n fk3.n.f hry-hbt hry-tp d3d3-m-ḥnh m bw nb nfr
 mk bi3yt hprt m rk it.k nsw-bit snfrw m3ḥ-hrw
 m irt hry-hbt hry-tp sš md3t d3d3-m-ḥnh

15. (Papiro Westcar, coluna 6, linhas 77 a 22)

dd.in hm n nsw-bit hfw m3ḥ-hrw
 imi di.tw m3ḥ t 1000 hnkt ds 100
 iw3 1 sntr p3d 2 n
 hm n nsw-bit snfrw m3ḥ-hrw
 hnḥ rdit di.tw šns 1 hnkt dwiw wḥ
 sntr p3d
 n hry-hbt hry-tp sš md3t d3d3-m-ḥnh
 iw m33.n.i sp.f n rh
 iri.in.tw mi wdt nbt hm.f

16. (Papiro Westcar, linha 22 da coluna 6 à linha 6 da coluna 7)

ḥḥ pw iri.n s3-nsw hr-dd.f r mdt
 dd.f
 [...] n sp [...] m rht.n ntyw sw3
 n rh.n tw m3ḥt r grg
 [iw wn hr] hm.k m-h3w.k n rh.f [...]]
 dd.in hm.f išst [pw] hr-[dd.f s3.i
 dd.in s3-nsw hr-]dd.f
 iw wn nds ddi rn.f
 hmsi.f m dd-snfrw m3ḥ-hrw
 iw.f m nds n rnpt 110
 iw.f hr wnm t 500
 rmn n ih m iw.f
 hnḥ swri hnkt ds 100 r-mn m hrw pn
 iw.f rh ts tp hsk
 iw.f rh rdit šm m3i hr s3.f
 rk.f hr t3



iw.f rh̄ tnw ipwt nt wnt nt dh̄wty

17. (Papiro Westcar, coluna 7, linhas 6 a 16)

*ist wrš hm̄ n nsw-bit h̄[w]fw m^{3c}-hrw
 hr̄ h̄hy n.f n³ n ipwt nt wnt nt dh̄wty
 r irit n.f mitt̄ iry n 3ht̄.f
 dd.in hm̄.f
 ds.k ir.f hr̄-dd.f s³.i ini tw.k n.i sw
 ḥḥ.n ssp̄d ḥḥ.w n s³-nsw hr̄-dd.f
 ššs pw̄ iri.n.f m̄ h̄ntyt r̄ dd-snf̄rw m^{3c}-hrw
 hr̄ m-ht̄ n³ n ḥḥ.w mni r̄ mryt
 ššs pw̄ iri.n.f m̄ hr̄ty
 sndm.n.f m̄ kniw n hbny
 nb³w m̄ ssndm̄ gn̄h rf̄ m̄ nbw
 hr̄ m-ht̄ spr̄.f r̄ dd̄ ḥḥ.n w³h̄ p³ kniw
 ḥḥ pw̄ iri.n.f r̄ wšd̄.f
 gmi.n.f sw̄ sdr̄ hr̄ tm³ m̄ sš n pr̄.f
 hm̄w hr̄ tp̄.f hr̄ ḥm̄ḥ n.f
 ky hr̄ sin rdwy.fy*

18. (Papiro Westcar, linha 16 da coluna 7 à linha 5 da coluna 8)

*ḥḥ.n dd̄.n s³-nsw hr̄-dd.f
 iw̄ h̄rt.k mī ḥnh̄ tp̄-m̄ tni
 hr̄ i³wt st-mni st-krs st-sm³-t³
 sdr̄ r̄ sšp̄ šw̄ m̄ h̄³yt nn̄ kh̄kht̄ nt sryt
 nd̄-h̄rt im̄³hy pw̄
 ii.n.i ḥ³ r̄ nis r.k
 m̄ wpwt nt it̄.i h̄[w]fw m^{3c}-hrw
 wnm.k špssw n dd̄ nsw
 df̄³w n imyw̄ šmsw̄.f
 sbi.f tw̄ m̄ ḥḥ.w nfr̄
 n itw.k imyw̄ h̄rt-ntr̄
 dd̄.in ddi pn̄
 m̄ h̄tp sp̄-sn̄
 hr̄-dd.f s³-nsw mry n it̄.f
 h̄si tw̄ it̄.k h̄[w]fw m^{3c}-hrw
 sh̄nti.f st.k m̄ i³wiw̄
 šnit̄ k³.k h̄t r̄ h̄fty.k
 rh̄ b³.k w³wt ḥfd̄t r̄ sb̄ht̄ nt h̄bs b³g
 nd̄-h̄rt s³-nsw pw̄
 ḥḥ.n 3w̄.n n.f s³-nsw hr̄-dd.f ḥwy.fy
 ḥḥ.n sḥḥ.n.f sw̄
 wd̄³ pw̄ iri.n.f h̄n̄ḥ.f r̄ mryt
 hr̄ rdit̄ n.f ḥf̄
 ḥḥ.n dd̄.n ddi
 imi di.tw̄ n.i wḥ n̄ k³k³w̄*



ini.tw.f n.i hrdw hr sšw.i
 ḥḥ.n rdi ḥḥ n.f imw 2 ḥnḥ ist.sn
 iwt pw iri.n ddi m ḥdi
 m wsh nty s3-nsw hr-dd-f im.f

19. (Papiro Westcar, coluna 8, linhas 5 a 22)

hr m-ht spr.f r ḥnw

ḥk pw iri.n s3-nsw hr-dd.f r smit
 n ḥm nsw-bit ḥ[w]fw m3ḥ-hrw
 dd.in s3-nsw hr-dd.f
 ity ḥnh wd3 snb nb.i iw ini.n.i ddi
 dd.in ḥm.f is ini.n.i sw
 wd3 pw iri.n ḥm.f
 r w3ḥy n pr-ḥ3 ḥnh wd3 snb
 st3.in.tw n.f ddi
 dd.in ḥm.f pty st ddi tm rdi m33.n.i tw
 dd.in ddi
 nisw pw iy ity ḥnh wd3 snb
 nis r.i mk wi ii.kwi
 dd.in ḥm.f in iw m3ḥt pw p3 dd
 iw.k rh ti ts tp ḥsk
 dd.in ddi tiw iw.i rh.kwi
 ity ḥnh wd3 snb nb.i
 dd.in ḥm.f
 imi ini.tw n.i ḥnr nty m ḥnrt
 wdi nkn.f
 dd.in ddi n is n rmt
 ity ḥnh wd3 snb nb.i
 mk n wd.tw irit mnt iry n t3 ḥwt špst
 ḥḥ.n ini n.f smn wdḥ tp.f
 ḥḥ.n rdi p3 smn r gb3 imnty n w3ḥy
 d3d3.f r gb3 i3bty n w3ḥy
 ḥḥ.n dd.n ddi ddt.f m ḥk3
 wn.in p3 smn ḥḥ hr ḥb3b3
 d3d3.f m mitt

20. (Papiro Westcar, linha 22 da coluna 8 à linha 1 da coluna 9)

hr m-ht spr.f wḥ r wḥ

ḥḥ.n p3 smn ḥḥ hr g3g3
 ḥḥ.n rdi.n.f ini.tw n.f ḥt-ḥ3
 iri.n.tw r.f m mitt
 ḥḥ.n rdi.n ḥm.f ini.n.tw n.f k3
 shr tp.f r t3
 ḥḥ.n dd.n ddi ddt.n.f m ḥk3w
 ḥḥ.n p3 k3 ḥḥ hr s3.f
 ḥrk.f hr r t3

**21. (Papiro Westcar, coluna 9, linhas 1 a 12)**

ḥ^c.n dd.n p3 nsw ḥ[w]fw m3^c-hrw
 p3 irf dd iw.k rḥ.ti tnw
 n3 n ipt nt wnt nt ḏḥwty
dd.in ddi ḥsi.ti n rḥ.i tnw iry
 ity ḥnh wḏ3 snb nb.i
 iw.i swt rḥ.kwi bw nty st im
dd.in ḥm.f iw{i} rf tn
dd.in ddi pn iw ḥfdt im nt ds
 m ḥt sipty rn.s m iwnw
 [mk st] m t3 ḥfdt
 [dd.in ḥm.f is ini.n.i sy]
dd.in ddi ity ḥnh wḏ3 snb nb.i
 mk nn ink is inn.n.k sy
dd.in ḥm.f in m rf ini.f n.i sy
dd.in ddi in i3wi n p3 ḥrdw 3
 nty m ḥt n rd-ddt ini.f n.k sy
dd.in ḥm.f mri.i is st n3 ddy.k
 pty sy t3 rd-ddt
dd.in ddi ḥmt w^cb pw n r^c nb s3-ḥbw
 iwr.ti m ḥrdw 3 n r^c nb s3-ḥbw
 iw dd.n.f r.s
 iw.sn r irit i3t twy mnḥt
 m t3 pn r ḏr.f
 iw i3wi n.sn imy
 r irit wr-m3w m iwnw

22. (Papiro Westcar, coluna 9, linhas 12 a 21)

wn.in ḥm.f ib.f w3 r dwt ḥr.s
dd.in ddi
 pty irf p3 ib ity ḥnh wḏ3 snb nb.i
 in iri.tw ḥr p3 ḥrdw 3 dd.n.i
 k3 s3.k k3 s3.f k3 w^c im.s[n]
dd.in ḥm.f msi.s irf sy nw rd-ddt
 msi.s m 3bd 1 prt 15 sw
dd.in ḥm.f
 iw sti ḥsw nw rmwy mr ḥsk
 b3k.i 3 n st ḏs.i
 k3 m33.n.i t3 ḥwt-nṯr nt r^c nb s3-ḥbw
dd.in ddi
 k3 rdi.i ḥpr mw nw mḥ 4
 ḥr ḥsw nw rmwy mr
 wḏ3 pw iri.n ḥm.f r ḥ.f
dd.in ḥm.f
 imi di.tw m ḥr n ddi
 r pr s3-nsw ḥr-dd.f



hmsi.f hn^c.f iri ^ckw.f m
 t 1000 hnkt ds 100
 iw3 1 i3kt hrš 100
 iri.in.tw mi wdt nbt hm.f

23. (Papiro Westcar, linha 21 da coluna 9 à linha 1 da coluna 10)

w^c m nn hrw
 hpr wn.in rd-ddt hr šnt.s
 ksn mss.s
 dd.in hm n r^c nb s3-hbw
 n ist nbt-hwt mshnt hkt hnmw
 hwy 3 š3s.tn smsy.tn rd-ddt
 m p3 hrdw 3 nty m ht.s
 nty r irit i3t twy mnht m t3 pn r dr.f
 kd.sn rw-prw.tn
 sdf3y.sn h3wt.tn
 sw3d.sn wdhw.tn
 s^c3y.sn htpw-ntr.tn
 wd3 pw iri.n nn ntrw
 iri.n.sn hprw.sn m hnyt
 hnmw hn^c.sn hr kni

24. (Papiro Westcar, coluna 10, linhas 1 a 7)

spr pw iri.n.sn r pr r^c-wsr
 gmi.n.sn sw h^c d3iw shd
 wn.in.sn hr ms n.f mnit.sn shmw
 h^c.n dd.n.f n.sn
 hnwt.i mtn st pw ntt mn.s
 ksn msi.s
 h^c.n dd.n.sn rdi.k m33.n sy
 mk n rh wyn smsy
 h^c.n dd.n.f n.sn wd3w
 k pw iri.n.sn tp m rd-ddt
 h^c.n htm.n.sn t hr.s hn^c.s

25. (Papiro Westcar, coluna 10, linhas 7 a 14)

h^c.n rdi.n sy ist hft-hr.s
 nbt-ht h3.s hkt hr sh3h mswt
 h^c.n dd.n ist
 imi.k wsr m ht.s
 m rn.k pwy n wsr-r.f
 w^cr.in hrd pn tp wy.sy
 m hrd n mh w^c
 rwd ksw.f nhbt tw.f m nbw
 fut.f m hsb d m3^c



i^ci.n.sn sw š^cd hp³.f
rdi hr ifdy m dbt
h^c.n ms.n sy mshnt r.f
h^c.n dd.n.s nsw
irit.fy nsyt m t³ pn r dr.f
hnmw hr swd³ h^cw.f

26. (Papiro Westcar, coluna 10, linhas 7 a 14)

rdi.in sy ist hft-hr.s
nbt-ht h³.s hkt hr sh³h mswt
dd.in ist
imi.k s³h m ht.s m rn.k pwy n s³h-r^c
w^cr.in hrd pn tp wy.sy
m hrd n mh w^c
rwd ksw.f nhbt tw.f [m nbw]
fnt.f m hsb^d m³^c
i^ci.n.sn sw š^cd hp³w.f
rdi hr ifdy m dbt
h^c.n ms.n sy mshnt r.f
h^c.n dd.n.s nsw
irit.fy nsyt m t³ pn r dr.f
wn.n in hnmw hr swd³ tw.f

27. (Papiro Westcar, linha 22 da coluna 10 à linha 3 da coluna 11)

rdi.in sy ist hft-hr.s
nbt-ht h³.s hkt hr sh³h mswt
dd.in ist
imi.k kkw m ht.s m rn.k pwy n kkw
w^cr.in hrd pn tp wy.sy
m hrd n mh l
rwd ksw.f nhbt tw.f m nbw
fnt.f m hsb^d m³^c
h^c.n ms.n sy mshnt r.f
h^c.n dd.n.s nsw
irit.fy nsyt m t³ pn r dr.f
wn.n in hnmw hr swd³ tw.f
i^ci.n.sn sw š^cd hp³w.f
rdi hr ifdy m dbt

28. (Papiro Westcar, coluna 11, linhas 3 a 9)

prt pw iri.n nn ntrw
sms.n.sn rd-ddt m p³ hrdw 3
h^c.n dd.n.sn
ndm ib.k r^c-wsr
mk msi n.k hrdw 3
h^c.n dd.n.f n.sn



hnwt.i pty irit.i n.tn
h3 di.tn p3 itw 1 n p3y.tn hr kni
iti.tn n.tn sw r swnt tnmw
iwh.in sw hnmw hr kni
iti.tn n.tn sw r swnt tnmw
iwh.in sw hnmw m p3 itw 1

29. (Papiro Westcar, coluna 11, linhas 9 a 18)

wd3 pw iri.n.sn r bw ii.n.sn im
hc.n dd.n ist n nn ntrw
pty n3 ntt n iy wy.n r.s
nn irit bi3yt n n3 n hrdw
sni.n n p3y.sn it rdi iwt.n
hc.n msi.n.sn
hw 3 n nb nh wd3 snb
rdi.in.sn st m p3 itw 1
hc.n rdi.n.sn iwt pt m dc hr hwyt
hc.n nn.sn st r p3 pr
hc.n dd.n.sn
h3 dit.n p3 itw 1 3 m ct htm.ti
r iwt.n hr hnit mhty
hc.n rdi.n.sn p3 itw 1 m ct htm.ti

30. (Papiro Westcar, coluna 11, linhas 18 a 26)

hc.n rd-ddt wcb n.s
m wcb n hrw 14
hc.n dd.n.s n wb3yt.s
in iw p3 pr sspd
hc.n dd.n.s
iw.f sspd m bw nb nfr
wpw-hr hnw n ini.tw hc.n
dd.n rd-ddt
tm.tw ms ini hnw hr m
hc.n dd.n t3 wb3yt
nfr pw smnh 3
wpw hr p3 itw w n nn hnyt
iw.f m ct hr htm.sn
hc.n dd.n rd-ddt h3i ini im.f
k3 in r-wsr rdi.f n.sn db3 iry
m-ht iw.f

31. (Papiro Westcar, linha 26 da coluna 11 à linha 8 da coluna 12)

s3s pw iri.n t3 wb3yt
wn.n.s t3 ct
hc.n sdm.n.s hrw hsy smc hbt w3g
irit nbt n nsw m t3 ct



š3s pw iri.n.s
 wn.in.s hr whm sdmt.n.s nbt
 n rd-ddt
 wn.in.s hr dbn t3 ʿt
 n gmi.n.s bw irw st im
 ʿhf.n rdi.n.s m3ʿ.s r p3 h3r
 gmi.n.s iri.tw m-hnw.f
 ʿhf.n rdi.n.s [sw] r pds
 rdi m-hnw ky htm istn nwi m dhr
 rdi.n.s st r ʿt wnnt hr hnw.s
 htm.n.s hr.f
 iwt pw iri.n rʿ-wsr m ii m š3
 wn.in rd-ddt hr whm n.f mdt tn
 wn.in ib.f nfr n ht nbt
 hmsit pw iri.n.sn hr hrw nfr

32. (Papiro Westcar, coluna 12, linhas 8 a 19)

hr m-ht hrw sw3 hr nn
 ʿhf.n šnit rd-ddt ht n t3 wb3yt
 rdi.n.s hsf.tw n.s m hwit
 ʿhf.n dd.n t3 wb3yt
 n n3 n rmt nty m p3 pr
 in irt st n3 r.i
 iw msi.n.s nsyw 3
 iw.i r šmt dd st
 n hm n nsw-bit h[w]fw m3ʿ-hrw
 š3s pw iri.n.s
 gmi.n.s sn.s n mwt.s i3wy
 hr mr mhy nwt hr htyw
 ʿhf.n dd.n.f n.s irit r tn idyt šrt
 wn.in.s hr whm n.f mdt tn
 ʿhf.n dd.n n.s p3y.s sn
 iri is irr p3 iit tp im.i
 iw.i hr sns n wtst
 ʿhf.n [t3w]t.n.f mhy š3i r.s
 ʿhf.n iri.n.f r.s šht bint
 š3s pw iri.n t3 wb3yt
 r init n.s ikn [n] mw
 ʿhf.n itt.n sy msh
 š3s pw iry r dd st n rd-ddt in p3y.s sn
 gmi.n.f rd-ddt hmsi.ti tp.s hr m3st.s
 ib.s dw r ht nbt
 ʿhf.n dd.n.f n.s
 hnwt.i irt p3 ib hr m
 ʿhf.n dd.n.s
 t3 pw ktt hprrt m p3 pr



mk ms sy šm.ti r dd
iw.i r šmt wts.i
ḥḥ.n rdī.n.f tp.f m hrw
ḥḥ.n dd.n.f
hnwt.i hn sy itī.ti r dd n.i [...].i
iry.s 3 r-gs.i
ḥḥ.n iri.n.i n.s šht bint
ḥḥ.n[.s] šm.ti r ikn n.s nhyw n mw
ḥḥ.n itī.n sy msh

2. História de Sinuhe

1. (Papiro de Berlim 10499, linhas 1 a 2)

r-pḥt ḥ3ty-ḥ
s3b ḥd-mr d3tt ity m t3w styw
rḥ-nsw m3ḥ mry.f
šmsw s3-nht
dd.f

2. (Papiro de Berlim 10499, linhas 2 a 5)

ink šmsw šms nb.f
b3k n ipt-nsw
rt-pḥt wrt ḥswt
ḥmt-nsw s-n-wsrt m ḥnm-swt
s3t-nsw imn-m-ḥ3t m k3-nfrw
nfrw nbt im3ḥ

3. (Papiro de Berlim 10499, linhas 5 a 11)

ḥ3t-sp 30 3bd 3(-nw n) 3ḥt sw 7
ḥr ntr r 3ḥt.f nsw-bit šhtp-ib-r
shr.f r pt ḥnm m itn
ḥḥ-ntr 3bh m iri sw
iw ḥnw m sgr ibw m gmw
rwty wrty ḥtmw
šnyt m tp ḥr m3st pḥt m imw

4. (Papiro de Berlim 10499, linhas 12 a 16)

ist rf sbi.n ḥm.f m3ḥ r t3 tmḥiw
s3.f wr m ḥry iry
ntr nfr s-n-wsrt
ti sw h3b r ḥwt ḥ3swt
r skr imyw ṭḥnw
ti sw ḥm iy.f
in.n.f skr-ḥḥw n ṭḥnw



mnmnt nbt nn ḏrw.s

5. (Papiro de Berlim 10499, linhas 17 a 22)

*smrw nw stp-s3 h3b.sn r gs imnty
r rdit rh s3-nsw sšmw ḥpr m ḥnwty
gmi.n sw wpwtyw ḥr w3t
ph.n.sn sw r tr n h3wy
n sp sinn.f rssi
bik ḥ.f ḥnḥ šmsw.f
nn rdit rh st mšḥ.f*

6. (Papiro de Berlim 10499, linhas 22 a 25)

*ist h3b r msw-nsw
wnw m-ḥt.f m mšḥ pn
nis.n.tw n wḥ im
ist wi ḥḥ.kwi sdm.n.i ḥrw.f
iw.f mdw.f iw.i m ḥrw w3*

7. (Papiro de Berlim 10499, linhas 26 a 31)

*psh ib.i sš ḥwy.i
sd3 ḥr m ḥt.i nbt
nḥḥ.n.i wi m nftft
r ḥḥy n.i st dg
rdit.i wi imytw b3ty
r iwt w3t šmw.s
irit.i šmt m ḥntyt
n k3.i spr r ḥnw pn
ḥmt.n.i ḥpr ḥ3ḥyt
n ḏd.i ḥnh r-s3 nn*

8. (Papiro de Berlim 10499, linhas 32 a 36)

*nmi.n.i m3ḥty m h3w nht
sm3.n.i m iw-snfrw
wrš.n.i im m ḥd n sḥt
ḥd.n.i wn hrw
ḥpi.n.i s ḥḥ m r-w3t.i
tr.n.f wi snd n.f*

9. (Papiro de Berlim 10499, linhas 36 a 46)

*ḥpr.n tr n msyt
s3ḥ.n.i r dmi ng3w
ḏ3i.n.i m wsḥt nn ḥmw.s
m swt n imnty
sw3.n.i ḥr i3bty ikw
m ḥryt nbt-ḏw-dš
rdi.n.i w3t n rdwy.i m ḥdi*



dmi.n.i inbw-ḥk3
iry r ḥsf styw r ptpt nmiw-šcy
šsp.n.i ksw.i m b3t
m snd m33 wršy tp inb imy hrw.f
irt.i šmt tr n ḥ3wy

10. (Papiro de Berlim 3022, linhas 20 a 24)

ḥd.n t3 pḥ.n.i ptn
ḥni.kwi r iw n km-wr
ḥr.n ibt 3s.n.f w(i)
ntb.kwi ḥḥ.i ḥmw
ḏd.n.i dpt m(w)t nn
tst.i ib.i s3kt.i ḥ3w.i

11. (Papiro de Berlim 3022, linhas 24 a 28)

sḏm.n.i ḥrw nmi n mnmnt
gmḥ.n.i styw
s3i.n wi mtn im p3 wnn ḥr kmt
ḥc.n rdi.n.f n.i mw psi.f n.i irtt
šm.n.i ḥnc.f n whyw.f nfr irt.n.sn

12. (Papiro de Berlim 3022, linhas 28 a 31)

rdi.n wi ḥ3st n ḥ3st
fh.n.i r kpny ḥsi.n.i r kdm
ir.n.i rnpt gs im ini.n wi ḥmw-nnši
ḥk3 pw n (r)tnw ḥrt

13. (Papiro de Berlim 3022, linhas 31 a 36)

ḏd.f n.i
nfr tw ḥnc.i sḏm.k r n kmt
ḏd.n.f nn rh.n.f kd.i sḏm.n.f šs3.i
mtr.n wi rmt kmt ntyw im ḥnc.f
ḥc.n ḏd.n.f n.i
pḥ.n.k nn ḥr m išst pw
in iw wn ḥprt m ḥnw

14. (Papiro de Berlim 3022, linhas 36 a 43)

ḥc.n ḏd.n.i n.f
nsw-bit šhtp-ib-rḥ wd3w r 3ḥt
n rh.n.tw ḥprt ḥr.s
ḏd.n.i swt m iw-ms
ii.n.i m mšc (n) t3 tmḥw
wḥm.tw n.i
ib.i 3dw ḥ3ty.i n ntf m ḥt.i
ini.n.f wi ḥr w3wt wḥrwt
n wf3t.i



n psg.tw r hr.i
n sdm(.i) ts-hwrw
n sdm.tw rn.i m r whmw
n rh.i ini wi r h3st tn
iw mi shr ntr
mi m33 sw idhy m 3bdw
s n h3t m t3-sty

15. (Papiro de Berlim 3022, linhas 43 a 45)

h^c.n dd.n.f hft.i
wnn irf t3 pf mi m
m-hmt.f ntr pf mnh
wnnw snd.f ht h3swt
mi shmt rnpt idw

16. (Papiro de Berlim 3022, linhas 45 a 51)

dd.k(w)i r.i n.f wsb.i n.f
nhmn s3.f k r h
iti.n.f iw^ct nt it.f
ntr pw grt nn snw.f
nn ky hpr hr-h3t.f
nb s3t pw ikr shrw
mnh wdt-mdw prit h3it hft wd.f
ntf d3r h3swt iw it.f m-hnw h.f
smi.f s3wt.n.f hpr

17. (Papiro de Berlim 3022, linhas 51 a 59)

nh^t pw grt iri m hpš.f
pr-^c nn twt.n.f
m33.t(w).f h3i.f r-pdtw
h^cm.f r-d^cw
w^cf b pw sgnn drwt
n ts.n hrwyw.f skw
i^ci hr pw tš wpwt
n h^c.n.tw m-h3w.f
pd nmtwt pw ski.f bh3w
nn phwy n dd n.f s3
h^c-ib pw m 3t s3s3
nnw pw n rdi.n.f s3.f
wmt ib pw m33.f s3wt
n rdi.n.f hmsw h3 ib.f

18. (Papiro de Berlim 3022, linhas 60 a 65)

wd hr pw m3.f i3bt
rš.f pw h3t.f r-pdt
t33.f ikm.f titi.f



n wḥm.n.f ᶜ [r] ḥdb.f
nn wn rwi ᶜḥ3w.f nn ith pḏt.f
bḥ3 pḏt ᶜwy.fy mi b3w n wrt
ᶜḥ3.f ḥmt.n.f pḥwy
n s3i.n.f n spyt

19. (Papiro de Berlim 3022, linhas 65 a 70)

nb i3mt pw ᶜ3 bnit
it.n.f m mrwt
mri sw niwt.f r ḥᶜ.sn
ḥᶜi st im.f r nṯr.sn
sw3 t3yw ḥmwt ḥr rnnwt im.f
iw.f m nsw it̄i.n.f m swḥt
iw ḥr.f r.s ḏr msit.f
sᶜš3w pw msiywt ḥnᶜ.f
wᶜ pw n dd nṯr
ršwy t3 pn ḥk3.n.f

20. (Papiro de Berlim 3022, linhas 71 a 75)

swsh t3šw pw
iw.f r it̄it t3w rsyw
nn k3i.f ḥ3swt mḥtwt iri.n.tw.f r ḥwit styw r ptpt nmiw-šᶜy
h3b n.f im rh.f rn.k
m šny w3 r ḥm.f
nn tm.f iri bw-nfr
n ḥ3st wnnty.sy ḥr mw.f

21. (Papiro de Berlim 3022, linhas 75 a 81)

ḏd.in.f ḥft.i
ḥr ḥm kmt nfrt ntt srḥt rwd.f
mk tw ᶜ3 wnn.k ḥnᶜ.i
nfr irit.i n.k
rdi.n.f wi m-ḥ3t ḥrdw.f
mni.n.f wi m s3t.f wrt
rdi.n.f stp.i n.i m ḥ3st.f
m stpw n wnt ḥnᶜ.f ḥr t3š.f n kt ḥ3st

22. (Papiro de Berlim 3022, linhas 81 a 85)

t3 pw nfr i33 rn.f
iw d3bw im.f ḥnᶜ i3rrt
wr n.f irp r mw
ᶜ3 bit.f ᶜš3 b3k.f
ḏkrw nb ḥr ḥtw.f
iw it im ḥnᶜ bdt
nn ḏrw mnmnt nbt

**23. (Papiro de Berlim 3022, linhas 85 a 92)**

ʕ grt dmit r.i m ii n mrt.i
 rdit.f wi m hk3 whyt m stp n h3st.f
 iri n.i ʕkw m mint irp m hrt hrw
 iw f psi 3pd m 3šr hrw-r ʕwt h3st
 iw grgt n.i iw w3ht n.i
 hrw-r inw n tsmw.i
 iw irt n.i [...] ʕšw irtt m pst nbt

24. (Papiro de Berlim 3022, linhas 92 a 99)

ir.n.i rnpwt ʕšwt
 hrw.i hpr m nhtw
 s nb m d3r whyt.f
 wpwty hdd hnt r hnw 3b.f hr.i
 iw s3b.i rmt nbt iw.i di.i mw n ib
 rdi.n.i tnm hr w3t
 nhm.n.i ʕw3i
 styw w3 r štm
 r shsf-ʕ hk3w h3swt
 d3is.n.i šmt.sn

25. (Papiro de Berlim 3022, linhas 99 a 109)

iw hk3 pn n (r)tnw
 di.f iry.i rnpwt ʕšw m tsw n mšʕ.f
 h3st nbt rwit.n.i r.s
 iw iri.n.i hd.i im.s
 drt hr smw hnmwt.s
 h3k.n.i mnmnt.s
 ini.n.i hrw.s nhm wnmt.sn
 sm3.n.i rmt im.s
 m hpš.i m pdt.i
 m nmtwt.i m shrw.i ikrw
 3h.n(i) m ib.f mri.n.f wi
 rh.n.f kni.n.i
 rdit.f wi m-h3t hrw.f
 m33.n.f rwd ʕwy.i

26. (Papiro de Berlim 3022, linhas 109 a 113)

iwt nht n (r)tnw
 mt3[n].f wi m im(3).i
 pry pw nn snw.f
 dr.n.f s(y) r-dr.s
 dd.n.f ʕh3.f hnʕ.i
 hmt.n.f hwtf wi
 k3i.n.f h3k mnmnt.i hr sh n whyt.f

**27. (Papiro de Berlim 3022, linhas 113 a 127)**

hk3 pf ndnd.f hn^c.i dd.k(w)i n rh.i sw
n ink tr sm3.f wstn.i m ^cβi.f
in nt-pw wn.n.i s3.f sb.n.i inbwt.f
rkt-ib pw hr m33.f wi hr irt wpwt.f
nḥmn wi mi k3 n ḥww
m hr-ib ky idt
hd sw k3 n ^cwt ng3w hr 3m r.f
in iw wn tw3 mrrw n š3 n tp-hr(y)
nn pdty sm3 m idḥw
ptr smn dyt r ḏw
in iw k3 mr.f ^ch3
pry mr.f whm s3 m hr nt mh3.f sw
ir wnn ib.f r ^ch3 im dd.f hrt-ib.f
in iw ntr ḥm š3wt.n.f
rh nt-pw mi m

28. (Papiro de Berlim 3022, linhas 127 a 134)

sdr.n(i) k3s.n.i pdt.i wdi.n.i ^ch3w.i
di.n.i sš n b3gsw.i shk^r.n.i ḥ^cw.i
ḥd.n t3 (r)tnw iit ddb.n.s whwyt.s
shw.n.s ḥ3swt nt gs sy
k3i.n.s ^ch3 pn
ḥ3ty nb m3h.n.i
ḥmwt t3yw hr ^ci
ib nb mr n.i dd.sn
in iw wn ky nḥt ^ch3 r.f

29. (Papiro de Berlim 3022, linhas 134 a 142)

^ch^c.n ikm.f minb.f
ḥpt.f n nsywt hr
m-ḥt spri.n.i ḥ^cw.f
rdi.n.i sw3 hr.i
^ch3w.f sp n iwtt
w^cw hr ḥn m w^cw
ḥ^cm.n.f wi sti.n.i sw
^ch3w.i mn m nḥbt.f
sbḥ.n.f hr.n.f hr fnd.f
sh^r.n.i {n} sw {š} n minb.f
wd.n.i išnn.i hr i3t.f
^c3m nb hr nmi
rdi.n.i ḥknw n mntw
mrw.f ḥb n.f

30. (Papiro de Berlim 3022, linhas 142 a 149)



ḥk3 pn ḥmw-nnši rdi.n.f wi r ḥpt.f
 ḥḥ.n ini.n.i ḥt.f ḥ3k.n.i mnmnt.f
 k3t.n.f irt st r.i iri.n.i st r.f
 iṯi.n.i ntt m im3.f kf.n.i ḥ3y.f
 ḥ3.n.i im wsh.n(i) m ḥḥw.i
 ḥš3.n(i) m mnmnt.i
 ḥr irt ntr r ḥtp n ṯsi.n.f im.f
 thi.n.f r kt ḥ3st
 iw min ib.f iḥi

31. (Papiro de Berlim 3022, linhas 149 a 156)

wḥr wḥr n ḥ3w.f iw mtr.i m ḥnw
 s33 s33y n ḥkr iw.i di.i t n gsy.i
 rww s t3.f n ḥ3ywt ink ḥdw ḥbsw p3kt
 bt3 s n-g3w ḥ3b.f ink ḥš3 mrt
 nfr pr.i wsh st.i sh3wy.i m ḥh

32. (Papiro de Berlim 3022, linhas 156 a 164)

ntrw nb š3 wḥrt tn
 ḥtp.k di.k wi r ḥnw
 smwn.k rdit m3.i bw wršw ib.i im
 ptr wrt r ḥbt-ḥ3t.i m t3 msi.kwi im.f
 mi m s3 pw
 ḥpr sp nfr di.n.i ntr ḥtp
 ir.f mi-ḥt r smnh phwy n sfn.n.f
 ib.f mr n dkr.n.f r ḥnh ḥr ḥ3st
 in min rf ntt.f ḥtp
 sdm.f n nḥi n w3
 wdb.f-ḥ r ḥwi.n.f t3 im.f
 r bw ini.n.f sw im

33. (Papiro de Berlim 3022, linhas 165 a 173)

ḥtp n.i nsw n kmt
 ḥnh.i m ḥtpwt.f
 nd.i ḥrt ḥnwt t3 ntt m ḥh.f
 sdm.i wpwt nt ḥrdw.s
 iḥ rnpy ḥḥw.i
 ntt (r)f i3wi ḥ3iw
 wgg 3s.n.f wi
 irty.i dns ḥwy.i nw
 rdwy.i fh.n.sn šms ib wrd(w)
 tkn wi n (s)wd3
 sb.sn wi r niwwt nḥh
 šms.i nbt-r-dr
 iḥ dd.s n.i nfrw n msw.s
 sbi.s nḥh ḥr.i

**34. (Papiro de Berlim 3022, linhas 173 a 177)**

ist rf dd n hm nsw-bit hpr-k3w-r^c m3^c-hrw
 hr ssm pn nty wi hr.f
 wn.in hm.f h3b.f n.i hr 3wt^c nt hr-nsw
 s3wi.f ib n b3k-im mi h3 n h3st nbt
 msw-nsw nty m h.f hr rdit sdm.i wpwt.sn

35. (Papiro de Berlim 3022, linhas 178 a 187)

mit n wd iy n b3k-im
 hr init.f r kmt
 hr nh-mswt nbty nh-mswt
 nsw-bit hpr-k3-r^c
 s3 r^c imm-m-h3t nh dt r nhh
 wd-nsw n smsw s3-nht
 mk init n.k wd pn n nsw
 r rdit rh.k ntt phr.n.k h3swt
 prit m kdmi r (r)tnw
 dd tw h3st n h3st
 hr sh n ib.k n.k
 ptr irit.n.k iri.tw r.k
 n w^c3.k hsf.tw mdw.k
 n mdw.k m sh n srw itn.tw tsw.k
 shr pn ini.n.f ib.k
 nn rf m ib[.i] r.k
 pt.k tn ntt m h mn.s rwd.s m min
 dpt.s tp.s m nsyt nt t3
 msw.s m hnwti

36. (Papiro de Berlim 3022, linhas 187 a 199)

w3h.k spssw n dd.sn n.k
 nh.k m 3wt.sn
 iri.n.k iwt r kmt
 m33.k hnw hpr.n.k im.f
 sn.k t3 r rwty wrty hnm.k m smrw
 iw min is s3^c.n.k tni
 fh.n.k b33wt
 sh3.n.k hrw n krs sbt r im3hw
 wd^c.tw n.k h3wy m sfwt wt3w m wy t3yt
 iri.tw n.k sms wd3 hrw sm3 t3
 wi m nbw tp m hsb
 pt hr.k rdit m mstpt
 iw3w hr ith.k sm^cww hr-h3t.k
 iri.tw hbb nnyw r r is.k
 nis.tw n.k dbht-htpw
 sft.tw r r b3w.k
 iwnw.k hwsiw m inr hd



*m-k3b nsw-msw
 nn wn mt.k hr h3st nn bs tw 3mw
 nn dit.k m inm n sr iri.tw dri.k
 iw n3 3w r hwit t3 mhi hr h3t iwt.k*

37. (Papiro de Berlim 3022, linhas 199 a 204)

*spr.n wd pn r.i
 h^c.kwi m hr-ib whwt.i
 sdnt.f n.i
 di.n[i] wi hr ht.i
 dmi.n.i s3tw
 di.n.i sw sš hr šnby.i
 dbn.n.i 3y.i hr nhm r dd
 iri.tw nn mi m n b3k
 thi.n ib.f r h3swt drdrywt
 hr hm nfr w3h-ib nhm wi m-^c m(w)t
 iw k3.k r rdit
 iry.i phwy h^cw.i m hnw*

38. (Papiro de Berlim 3022, linhas 204 a 214)

*mit n smi n wd pn
 b3k n h s3-nht dd
 m htp nfr wrt
 rht w^crt tn irit.n b3k im m hm.f
 in k3.k ntr nfr nb t3wy
 mrw r^c hsiw mntw nb w3st
 imm nb nst t3wy
 sbk-r^c hr hwt-hr itm hn^c psdt.f
 spd^w nfr-b3w smsrw hr-i3bty
 nbt imht hnm.s tp.k
 d3d3t tpt nw
 mnw-hr hr-ib h3swt
 wrrt nbt pwnt nwt hr-wr-r^c
 ntrw nbw t3-mri
 iww nw w3d-wr
 di.sn nh^c w3s r fnd.k
 hnm.sn tw m 3wt-^c.sn
 di.sn n.k nh^c nn drw.f
 dt nn hnty.s
 whm snd.k m t3w h3swt
 w^cf.n.k šnnt itn
 nhi pw n b3k-im n nb.f
 šdi m imnt(y)*

39. (Papiro de Berlim 3022, linhas 214 a 223)

nb si3 si3 rhyt



s3.f m hm n stp-s3
wnt b3k im snd dd st
iw mi ht ʕ3 whm st
ntr ʕ3 mitw rʕ
hr sšs3 b3k di.n.f ds.f
iw b3k im m-ʕ nd-r hr.f
di.tw 3 hr shr.f
iw hm.k m hr iti
nht ʕwy.k r t3w nbw
wđ grt hm.k rdit init.f
mʕki m kdm hntyw-iʕwš m hntkšw
mnws m t3wy fnhw hk3w pw mtrw rnw
hprw m mrwt.k
nn sh3 (r)tnw n.k im-s(y) mitt tsmw.k

40. (Papiro de Berlim 3022, linhas 223 a 234)

is wʕrt tn irt.n b3k
n hmt.s nn s m ib.i n kmd.i s
n rh.i iwd.i r st[i]
iw mi sšm rswt mi m33 sw idhy m 3bw
s n h3t m t3-sty
n snd[i] n shst m-s3.i
n sdm.i ts-hwrw
n sdm.tw rn.i m r whmw
wpw-hr nf n ddf hʕw.i
rdwy.i hr hwhw ib.i hr hrp.i
ntr š3 wʕrt tn hr st3.i
n ink is k3-s3 hnt
snd s rh t3.f
di.n rʕ snd.k ht t3
hr.k m h3s(w)t nbt
m wi m hnw m wi m st tn
ntk is hbs 3ht tn
wbn itn n mrt.k
mw m itrw swrit.f mr.k
t3w m pt hnmt.f dd.k

41. (Papiro de Berlim 3022, linhas 234 a 241)

iw b3k im r swdt
t3t.i ir.n b3k im m st tn
iwt pw iry r b3k im irr hm.k m mrt.f
ʕnh tw m t3w n dd.k mr rʕ hr hwt-hr fnd.k pw špss
mrrw mntw nb w3st ʕnh.f dt
rdt iry.i hrw m i33 hr swdt ht.i n msw.i
s3.i smsw m-s3 whyt.i whyt.i ht.i nbt m-ʕ.f
dt.i mnmnt.i nbt dkrw.i ht.i nb bnri

**42. (Papiro de Berlim 3022, linhas 241 a 247)**

iwt pw iri.n b3k im m hntyt
hdb.n.i hr w3wt-hr
tsw im nty m-s3 phrt
h3b.f wpwt r hnw r rdit rh.tw
rdi.in hm.f iwt (i)m(y)-r shtyw mnh n pr-nsw
h^cw 3tpw m-h^t.f hr 3wt-^c nt hr-nsw
n styw iww m-s3.i hr sbit.i r w3wt-hr
dm.n.i w^c im nb m rn.f
iw wdpww nb hr irtw.f
šsp.n.i f3i.n.i t^cw
šbb h^t tp-m3^c.i r ph^t.i dmi n itw

43. (Papiro de Berlim 3022, linhas 248 a 256)

hd.n rf t3 dw3 sp-sn iw iw i3š n.i
s 10 m iwt s 10 m šmt hr st3.i r h^t
dhn.n.i t3 imytw šspw
m^csw-nsw h^c m wmtw hr irt h^sfw.i
smrw st3w r w3h
hr rdit.i hr w3t h^cnw^t
gmi.n.i hm.f hr st wrt m wmt nt d^cmw
wn.k(w)i rf dwn.kwi hr ht.i
hm.n[.i] wi m-b3h.f
ntr pn hr wšd.i hnmw
iw.i mi s it.w m h^chw
b3.i sbiw h^cw.i 3dw
h3ty.i n ntf m ht.i rh.i h^cnh r m(w)t

44. (Papiro de Berlim 3022, linhas 256 a 260)

dd.in hm.f n w^c m nn n smrw
ts sw im mdw.f n.i
dd.in hm.f
mk tw iw iwt hwi.n.k h3swt
iri.n w^crt hd im.k tni
ph.n.k i3wy
nn šrr h^cbt h3t.k
nn bs.k in pdtyw m iri.k sp-sn gr
n mdw.k dmt rn.k

45. (Papiro de Berlim 3022, linhas 260 a 263)

snd 3 n hsf
wšb.n.i st m wšb sndw
ptr ddt n.i nb.i
ir wšb.i st nn irit.i h^c n ntr is pw
hr pw wnn.s m ht.i



mi šḥpr w^crt š33t
mk wi m-b3ḥ.k
ntk ḥnh ir ḥm.k m mrr.f

46. (Papiro de Berlim 3022, linhas 263 a 268)

rdi.in st3 tw msw-nsw
dd.in ḥm.f n ḥmt-nsw
mt s3nht iw m ḥ3m km3 n styw
wd.s sbḥ ḥ3 wrt
msw-nsw m dywt w^ct
dd.in.sn ḥft ḥm.f
n ntf pw m m3^ct ity nb.i
dd.in ḥm.f ntf pw m m3^ct

47. (Papiro de Berlim 3022, linhas 268 a 279)

ist rf ini.n.sn mniwt.sn
šḥmw.sn sššwt.sn m ḥ.s
ms.in.sn st n ḥm.f
ḥwy.k r nfrt nsw w3ḥ
ḥkryt nt nbt pt
di nbw ḥnh r fnd.k
ḥnm tw nbt sb3w
ḥdi šm^c.s ḥnt mh.s
sm3 twt m r n ḥm.k
di.tw w3dt m wpt.k
šhr.n.k tw3w m dwt
ḥtp n.k r^c nb t3wy
hy n.k mi nbt-r-dr
nft ḥb.k sfḥ šsr.k
imi t3w nty m itmw
imi n.n ḥnt tn nfrt
m mt n pn s3 mhyt
pdty ms m t3-mri
iri.n.f w^crt n snd.k
rwi.n.f t3 n ḥryt.k
nn 3yt ḥr n m3 ḥr.k
nn snd irt dgit n.k

48. (Papiro de Berlim 3022, linhas 279 a 290)

dd.in ḥm.f
nn snd.f n ḥf r ḥryt
iw.f r smr m-m srw
rdit.f m-k3b šnywt
wd3w.tn r ḥnwty
dw3t r irt ḥḥw.f
pri.i rf m-ḥnw ḥnwty



msw-nsw hr rdit n[i] ʿw.sn
 šm.n[i] m-ht r rwty wrty
 rdi.kwi r pr nsw-s3 špssw im.f
 skbbwy im.f ʿhmw nw 3ht
 sd3wt im.f nt pr-ḥd
 ḥbsw nw sšrw nsw ʿntyw tpt
 nsw srw mrr.f m ʿt nbt
 wdpw nb hr irt.f

49. (Papiro de Berlim 3022, linhas 290 a 300)

rdi sw3 rnpwt hr ḥʿw.i
 t3.kwi ʿb šnw.i
 iw rdi sbt n ḥ3st ḥbsw n nmiw-šʿ
 sd.kwi m p3kt gs.kwi m tpt
 sdr.kwi hr ḥnkyt di.n.i šʿy n imyw.f
 mrht n ht n wrḥ im.s
 iw rdi n.i pr n nb š
 m wn m-ʿ smr
 iw ḥmwtw ʿš3w hr kd.f
 ḥt.f nb srd m m3wt
 iw ini n.i š3bw m ʿh
 sp 3 sp 4 n hrw
 ḥrw-r ddt nsw msw
 nn 3t nt irit 3bw

50. (Papiro de Berlim 3022, linhas 300 a 311)

iw ḥwsw n.i mr m inr m-k3b mrw
 (i)m(y)-r mdḥw mr hr šsp s3tw.f
 (i)m(y)-r ḥtmtyw hr sš gnwtyw hr hr ḥtit
 (i)m(y)-r k3wt ntyw hr ḥrt hr d3t t3 r.s
 ḥʿw nb ddw r rwd ir ḥrt.f im
 rdi n.i ḥmw-k3 iri.n.i š-ḥrt
 3ḥwt im.f m-ḥnt r dmi
 mi irt n smr tpy
 iw twt.i šhr m nbw šndyt.f m dʿmw
 in ḥm.f rdi irt.f
 nn šw3w iry n.f mitt
 iw.i hr ḥswt nt ḥr-nsw
 r iwt hrw n mni
 iw.f pw ḥ3t.f r ph.fy mi gmyt m sš

3. Conto do Náufrago

1. (Papiro Hermitage 1115, linhas 1 a 11)



dd.in šmsw ikr
wḏ3 ib.k ḥ3ty-^c
mk pḥ.n.n ḥnw
šsp ḥrpw ḥwi mnit
ḥ3tt rdīt ḥr t3
rdi ḥknw dw3 ntr
s nb ḥr ḥpt snw.f
iswt.tn iit ^cdt
nn nhw n mš^c.n
pḥ.n.n pḥwy w3w3t
snī.n.n snmwt
mk r.f n ii.n m ḥtp
t3.n pḥ.n sw

2. (Papiro Hermitage 1115, linhas 11 a 21)

sḏm r.k n.i ḥ3ty-^c
ink šwi (m) ḥ^cw
i^ci tw imi mw ḥr ḏb^cw.k
iḥ wšb.k wšd.t(w).k
mdw.k n nsw ib.k m-^c.k
wšb.k nn nitit
iw r n s nḥm.f sw
iw mdw.f di.f t3m n.f ḥr
irr.k m ḥrt ib.k
swrd pw ḏḏ n.k

3. (Papiro Hermitage 1115, linhas 21 a 30)

sḏḏ.i r.f n.k mitt iry
ḥpr m-^c.i ḏs.i
šm.kwi r bi3w n ity
ḥ3i.kwi r w3ḏ-wr
m dpt nt mḥ 120 m 3w.s
mḥ 40 m šḥw.s
skḏ 120 im.s m stpw n kmt
m3.sn pt m3.sn t3
m^ck3 ib.sn r m3w

4. (Papiro Hermitage 1115, linhas 30 a 46)

sr.sn ḏ^c n iit(f)
nšny n ḥprt.f
ḏ^c pri iw.n m w3ḏ-wr
tp-^c s3ḥ.n t3
f3it t3w iri.f wḥmyt
nwyt im.f nt mḥ 8
in ḥt ḥḥ n.i s(y)
^cḥ^c.n dpt m(w)t



ntyw im.s n sp w^c im
 ḥ^c.n.i rdi.kwi r iw
 in w3w n w3d-wr
 iri.n.i hrw hmt w^c.kwi
 ib.i m snw.i
 sdr.kwi m-hnw n k3p n ht
 kni.n.i šwyt
 ḥ^c.n[.i] dwn.n.i rdwy.i
 r rh dit.i m r.i

5. (Papiro Hermitage 1115, linhas 47 a 56)

gm.n.i d3bw i3rrt im
 i3kt nbt špst
 k3w im hn^c nk^cwt
 šspt mi irt.s
 rmw im hn^c 3pdw
 nn ntt nn st m-hnw.f
 ḥ^c.n ss3i.n(.i) wi
 rdi.n.i r t3 n wr hr ^cwy.i
 šdit.i d3 shpr.n.i ht
 iri.n.i sb n sdt n ntrw

6. (Papiro Hermitage 1115, linhas 56 a 66)

ḥ^c.n sdm.n.i hrw kri
 ib.kwi w3w pw n w3d-wr
 hwt hr gmgm
 t3 hr mnmn
 kf.n.i hr.i
 gmi.n.i hf3w pw iw.f m iit
 n(y)-sw mh 30
 hbsw.f wr.s r mh 2
 h^cw.f shrw m nwb
 inwy.fy m hsb d m3^c
 rk sw r hnt

7. (Papiro Hermitage 1115, linhas 67 a 80)

iw wpi.n.f r.f r.i
 iw.i hr ht.i m-b3h.f
 dd.f n.i
 nm ini tw sp-sn nds
 nm ini tw
 ir wdf.k m dd n.i ini tw r iw pn
 rdi.i rh.k tw
 iw.k m ss
 hprt m nty n m3t.f
 iw mdw.k n.i



nn wi hr sdm.i st
iw.i m-b3h.k
hm.n(i) wi
h^c.n rdi.f wi m r.f
iti.f wi r st.f nt sndm
w3h.f wi nn dmit.i
wđ3.kwi nn itt im.i

8. (Papiro Hermitage 1115, linhas 81 a 97)

iw wp.n.f r.f r.i
iw.i hr ht.i m-b3h.f
h^c.n dd.n.f n.i
nm ini tw sp-sn nds
nm ini tw r iw pn n w3d-wr
nty gs.fy m nwy
h^c.n wšb.n.i n.f st
wy.i h3m m-b3h.f
dd.i n.f
ink pw h3.kwi r bi3w
m wpwt ity
m dpt nt mh 120 m 3w.s
mh 40 m shw.s
skd 120 im.s m stpw n kmt
m3.sn pt m3.sn t3
m^ck3 ib.sn r m3w

9. (Papiro Hermitage 1115, linhas 97 a 108)

sr.sn d^c n üt.f
nšny n hp^rt.f
w^c im nb m^ck3 ib.f
nht ^c.f r snw.f
nn wh3 m-hr ib.sn
d^c pri iw.n m w3d-wr
tp-^c s3h.n t3
f3it t3w
iri.f whmyt
nwyt im.f nt mh 8
in ht hh n.i s(y)
h^c.n dpt m(w)t.t[i]
ntyw im.s n sp w^c im
hr-hw.i mk wi r-gs.k

10. (Papiro Hermitage 1115, linhas 109 a 123)

h^c.n ini.kwi r iw pn
in w3w n w3d-wr
dd.in.f n.i



m snḏ m sp-sn nḏs
m 3tw ḥr.k
ph.n.k wi
mk nṯr rdi.n.f ḥnh.k
ini.f tw r iw pn n k3
nn ntt nn st m ḥnw.f
iw.f mh ḥr nfrwt nbt
mk tw r irit 3bd ḥr 3bd
r kmt.k 3bd 4 m ḥnw n iw pn
iw dpt r iit m ḥnw
sḳdw im.s rh.n.k
šm.k ḥnᶜ.sn r ḥnw
m(w)t.k m niwt.k

11. (Papiro Hermitage 1115, linhas 124 a 129)

rš.wy sdd dpt.n.f
sn ḥwt mr
sdd.i r.f n.k mitt iry
ḥprw m iw pn
wn.i im.f ḥnᶜ snw.i
ḥrdw m-k3b.sn
km.n.n ḥf3w 75
m msw.i ḥnᶜ snw.i
nn sh3.i n.k s3t ktt
init.n.i m sš3

12. (Papiro Hermitage 1115, linhas 129 a 138)

ḥᶜ.n sb3 h3iw
pri.n n3 m ḥt m-ᶜ.f
ḥpr.n r.s nn wi ḥnᶜ 3m.ny
nn wi m ḥr-ib.sn
ḥᶜ.n.i m(w)t.kwi n.sn
gm.n.i st m ḥ3yt wᶜt
ir kni n.k d3r ib.k
mḥ.k kni.k m ḥrdw.k
sn.k ḥmt.k
m3.k pr.k
nfr st r ḥt nbt
ph.k ḥnw wn.k im.f
m-k3b n snw.k
wn.k r.f
dm3.kwi ḥr ḥt.i
dmi.n.i s3tw m-b3ḥ.f

13. (Papiro Hermitage 1115, linhas 138 a 144)

dd.i r.f n.k



sdd.i b3w.k n ity
di.i sš3.f m ʕ3.k
di.i ini.t(w) n.k ibi ḥknw
iwdnb ḥs3yt snṯr
n gsw-prw šḥtpw nṯr nb im.f
sḏd r.f ḥprwt ḥr.i
m m3t n.i m b3w.f
dw3-nṯr.tw n.k m niwt
ḥft-ḥr knbt t3 r-dr.f

14. (Papiro Hermitage 1115, linhas 144 a 148)

sft.i n.k k3w m sb n sḏt
wšn.n.i n.k 3pdw
di.i ini.t(w) n.k ḥʕw 3tpw
ḥr špsw nb n kmt
mī irrt n nṯr mrr rmt
m t3 w3 n rh sw rmt

15. (Papiro Hermitage 1115, linhas 149 a 154)

ḥʕ.n sbt.n.f im.i m nn ḏd(w).n.i
m nf m ib.f
ḏd.f n.i
n wr n.k ʕntyw
ḥpr.t(i) nb snṯr
ink is ḥk3 pwnt
ʕntyw n.i im sw
ḥknw pf ḏd.n.k ini.t(w).f
bw pw wr n iw pn
ḥpr is iwd.k tw r st tn
n sp m3.k iw pn
ḥpr m nwy

16. (Papiro Hermitage 1115, linhas 154 a 160)

ḥʕ.n dpt tf
iit mī srt.n.f ḥnt
ḥʕ.n.i šm.kwi
rdi.n(i) wi ḥr ḥt k3i
si3.n.i ntyw m-ḥnw.s
ḥʕ.n šm.kwi r smit st
gmi.n.i sw rh st
ḥʕ.n ḏd.n.f n.i
snb.t(i) sp-sn nds r pr.k m3.k ḥrdw.k
imi rn.i nfr m niwt.k
mk ḥrwt.i pw im.k

17. (Papiro Hermitage 1115, linhas 161 a 165)



ḥḥ.n rdi.n.i wi hr ht.i
ḥwy.i h3m m-b3h.f
ḥḥ.n rdi.n.f n.i sbt
m ḥntyw ḥknw iwdnb ḥs3yt
tišps š3ḥ msdmt
sdw nw mm
mrryt ḥ3t nt snṯr
ndḥyt nt 3bw
ṯsmw gwfw kyw
špssw nb nfr

18. (Papiro Hermitage 1115, linhas 166 a 172)

ḥḥ.n 3tp.n.i st r dpt tn
ḥpr.n rdi.tw.i hr ht.i
r dw3-nṯr.n.f
ḥḥ.n dd.n.f n.i
mk tw r spr r ḥnw n 3bd 2
mḥ.k kni.k m ḥrdw.k
rnpy.k m-ḥnw ḥrst.k
ḥḥ.n h3i.kwi r mryt m h3w dpt tn
ḥḥ.n.i hr i3š n mšḥ nty m dpt tn
rdi.n.i ḥknw hr mryt n nb n iw pn
ntyw im.s r mitt iry

19. (Papiro Hermitage 1115, linhas 172 a 186)

nḥit pw iri.n.n m ḥdi
r ḥnw n ity
spr.n.n r ḥnw hr 3bd 2
mi ddt.n.f nbt
ḥḥ.n ḥk.kwi hr ity
ms.n.i n.f inw pn
ini.n.i m-ḥnw (n) iw pn
ḥḥ.n dw3-nṯr.n.f n.i
ḥft-ḥr knbwt t3 r dr.f
ḥḥ.n rdi.kwi r šmsw
s3h.kwi m tpw 200
m3 wi r-s3 s3h.i t3
r-s3 m3.i dpt.n.i
sdm r k [n r].i
mk nfr sdm n rmt
ḥḥ.n dd.n.f n.i
m iri ikr ḥnms.i
in m rdit mw [n] 3pd
ḥd t3 n sft.f dw3

19. (Papiro Hermitage 1115, linhas 186 a 189)



*iw.f pw h3t.f r ph.fy
mi gmyt m sš
[m] sš sš ikr n db^cw.f
imny s3 imn³ ^cnh wd3 snb*

4. Conto do Camponês Eloquentemente

R1.1-1.4

*s pw wn hw.n-inpw rn.f
sh^ty pw n sh^t-hm3t
ist wn hmt.f mrt rn.s
dd.in sh^ty pn n hmt.f tn
mt wi m h3t r kmt
r int ^ckw im n hrdw.i
šm swt h3.n.i n3 n it
nty m p3 mhr m d3t it n sf
^ch^c.n h3.n.f n.s it hk3t 6*

R1.5-1.6

dd.in sh^ty pn n hmt.f tn
mt [...] n.t it hk3t 2(0)
r ^ckw hn^c hrdw.t
irt n.i swt t3 it hk3t 6
m t hⁿkt n hrw nb
k3 ^cnh.i im.f

R1.7-6.1

*h3t pw ir(w).n sh^ty pn r kmt
3tp.n.f ^c3w.f m
i3rw rdmt hsmn hm3t
ht [...]tyw ^cwnt nt t3-i^hw
hnwt nt b3w h3wt nt wnšw
n š3w[...] ^cnw tnm hprwr
s3hwt s3kswt miswt
snt ^cb[...]w ibs3 inbi
mnw n^crw wgs
wbn tbsw gngnt
šny-t3 inst
mh m inw nb nfr n sh^t-hm3t*

R6.2-6.7

*šmt pw ir(w).n sh^ty pn
m hntyt r nni-ns^w
spr pw ir(w).n.f r w n pr-ffi*



r mħty mdnit
gm.n.f s ċħ ħr mryt
nmtý-nħt rn.f s3 s pw isry rn.f
đt pw nt mr-pr wr mrw-s3 rnsi

R6.7-7.6

đđ.in nmtý-nħt pn
m33.f ċw n śħty pn ċbyw ib.f
ħ3 n.i śsp nb
ċw3.i ħnw n śħty pn im.f
ist rf pr nmtý-nħt pn
ħr sm3-t3 n r-w3t
ħns pw
n wśħ is pw ħnn.f r śħw n d3iw
iw w3t.f wċt ħr mw kt ħr it

R7.6-8.3

đđ.in nmtý-nħt pn n śmsw.f
is in n.i ifd m pr.i
in.in.tw.f n.f ħr-ċ
ċħċ.n sš.n.f sw ħr sm3-t3 n r-w3t
ħnn sdb.f ħr mw
npnpt.f ħr it

R8.3-B1.32-35

śmt pw ir(w).n śħty pn
ħr w3t nt rmt(t) nbt
đđ.in nmtý-nħt pn
ir-ħrw śħty n ħnd.k ħr ħbsw.i
đđ.in śħty pn
iry.i ħst.k nfr mtn.i
prt pw ir(w).n.f r-ħrw

B1.35-39

đđ.in nmtý-nħt pn
in iw n.k śmċ.i r w3t
đđ.in śħty pn
nfr mtn.i iħmt k3t mtnw ħr śmċ
ħn.k rf w3tt.n m ħbsw.k
in nn rf di.k sw3.n ħr w3t

B1.39-43

[ph.n.f rf đđ] (R9.3-9.4)
ċħċ.n mh.n wċ m n3 n ċ3 r.f
m b3t nt śmċ(y)
đđ.in nmtý-nħt pn



mk wi r nḥm ʕ3.k sḥty
ḥr wnm.f šmʕ.i
mk sw r hbt ḥr ḵn.f

B1.44-49

ḍd.in sḥty pn
nfr mtn.i wʕt ḥḍt(i)
in.n.i ʕ3.i ḥr šnʕ
it.k sw ḥr mḥw n r.f m b3t nt šmʕ
iw.i grt rḥ.kwi nb n ḍ3tt tn
ns-s(y) mr-pr wr mrw-s3 rnsi
ntf grt ḥsf(w) ʕw3(w) nb m t3 pn r-ḍr.f
in ʕw3.tw.i rf m ḍ3tt.f

B1.49-55

ḍd.in nmt̄y-nḥt pn
in p3 pw ḥn-n-mdt ḍḍw rmt̄
dm.tw rn n ḥwrw ḥr nb.f
ink pw mdw n.k
mr-pr wr pw sḥ3y.k
ʕḥʕ.n t3.n.f nf i33yt nt isr w3ḍ r.f
ʕḥʕ.n ʕ3g.n.f ḥr ʕt.f nbt im.s (R11.3)
nḥm ʕw.f sʕk r ḍ3tt.f

B1.55-58

wn-in sḥty pn ḥr rmyt ʕ3w wrt
n-mr-n irt̄y r.f
ḍd.in nmt̄y-nḥt pn
m ḵ3 ḥrw.k sḥty
mk tw r dmi n nb-sgr

B1.58-63

ḍd.in sḥty pn
ḥ(w).k wi ʕw3.k ḥnw.i
nḥm.k rf nḥwt m r.i
nb-sgr di.k rk n.i ḥt.i
iḥ tm.i sbḥ nrw.k
ir.in sḥty pn ʕḥʕw 10 r ḥrw 10
ḥr spr n nmt̄y-nḥt pn
n rdi.f m3ʕ.f rs

B1.63-67

šmt pw ir.n sḥty pn r nni-ns̄w
r spr n mr-pr wr mrw-s3 rnsy
gm.n.f sw ḥr prt m sb3 n pr.f
r h3t r ḵ3ḵ3w.f n ʕr̄ryt

**B1.67-70**

*dd.in shty pn
 h3 rdi.t(w) swd3.i ib.k
 hr p3 hn-n-mdt
 sp pw rdit iwt n.i šmsw.k n hrt-ib.k
 h3b.i n.k sw hr.s*

B1.70-73

*rdi n mr-pr wr mrw-s3 rnsy
 šm šmsw.f n hrt-ib.f tp im.f
 h3b sw shty pn hr mdt tn mi ki.s nb*

B1.73-80

*wn.in mr-pr wr mrw-s3 rnsy
 hr srht nmty-nht pn n srw nty r gs.f
 dd.in sn n.f
 smwn shty.f pw iw n ky r gs.f
 mk irrt.sn pw r shtyw.sn
 iww n kt-ht r gs.sn
 mk irrt.sn pw
 sp pw n hsf.tw n nmty-nht pn
 hr nhy n hsmn hn^c nhy n hm3t
 wd.tw n.f db3 st db3.f st*

B1.80-82

*gr pw ir(w).n mr-pr wr mrw-s3 rnsy
 n wšb.f n nn srw
 wšb.f n shty pn*

B1.83-102

*iw.in rf shty pn r spr
 n mr-pr wr mrw-s3 rnsy
 dd.f
 mr-pr wr nb.i wr n wrw
 sšmw n iwtt ntt
 ir h3.k r š n m3^ct
 skd.k im.f m m3^cw
 nn kf ndbyt ht3.k
 nn ihm dpwt.k nn iwt iywt m ht.k
 nn sw3 sgrgw.k
 nn shm.k h3^c.k hr t3
 nn iti tw nwyt
 nn dp.k dwt nt itrw
 nn m33.k hr snd
 iw.n.k rmw šn^cyw*



ph.k m 3pdw dd3
 hr-ntt ntk it(f) n nmh(y)
 hi n h3rt sn n wd^ct
 šndyt nt iwtw mwt.f
 imi iry.i rn.k m t3 pn r hp nb nfr
 sšmw šw m ^cwn-ib
 wr šw m ndyt
 šhtm grg shpr m3^ct
 ii hr hrw ^c-r.i
 dd.i sdm.k
 ir m3^ct hsy hss hsyw
 dr s3ir.i
 mk wi 3tp.kw [... i^cnw
 mk wi fnw.i hr.f] (R16.6/7)
 ip wi mk wi m nhw

B1.102-108

ist rf dd.n sh^cty pn mdt tn
 m rk hm n nsw-bit
 nb-k3w-r^c m3^c-hrw
 šmt pw ir(w).n mr-pr wr
 mrw-s3 rnsy tp-m hm.f
 dd.f
 nb.i iw gm.n.i w^c m nn sh^cty
 nfr mdw n wn m3^c
^cw3 hnw.f
 [in s nty r ^ck3w.i] (R17.5)
 mk sw iw r spr.n.i hr.s

B1.109-115

dd.in hm.f
 m mrr.k m3.i snb.kwi
 swdf.k sw ^c3
 nn wšb r ddt.f nbt
 in-mrwt wn.f hr dd
 gr ih in.t(w) nn mdw.f m sš
 sdm.n st
 ir swt ^cnh hmt.f hn^c hrdw.f
 mk iw w^c m n3 n sh^cty
 r šwt pr.f r t3
 ir grt ^cnh sh^cty pn m-h^cw.f
 wnn.k hr rdit di.tw n.f ^ckw
 nn rdit rh.f ntt ntk rdi n.f st

B1.115-118

wn.in.tw hr rdit.n.f



t 10 hnkt ds 2 r^c nb
 dd.st mr-pr wr mrw-s3 rnsy
 dd.f st n hnms.f ntj dd n.f st
 °h^c-n h3b.n
 mr-pr wr mrw-s3 rnsy
 n hk3 n sht-hm3t
 hr irt °kw n hmt shty pn
 m hmt hk3t r^c nb

B1.119-123

iw in rf shty pn r spr n.f sp 2
 dd.f
 mr-pr wr nb.i wr n wrw
 hwd n hwdw
 nty wn wr n wrw.f
 hwd n hwdw.f
 hmw n pt s3w n t3 h3y ßi wdnw
 hmw m sbn s3w m gs3
 h3y m ir nwdw

B1.123-126

nb wr hr itit m iwtt nb.s
 hr h^cd3 hr w^ci
 hrt.k m pr.k
 hnkt hnw 1 hn^c t 3
 ptr pnkt.k m ss3it tw3w.k
 in mt mt hn^c hrw.f
 in iw.k r s n nhh

B1.126-130

n iw is pw iws w gs3w th nnm
 mty m3^c hpr m tnbh
 mk m3^ct wth.s hr.k
 nšt m st.s
 srw hr irt iyt
 tp-hsb n mdt hr rdit hr gs
 sdmyw hr hnp

B1.130-134

it.f si3ty pw n mdt m °k3.s
 hr irt rf nwdw im.s
 rdiw-t3w hr g3wt hr t3
 srfw hr rdit nšp.tw
 psšw m °wnw
 dr-s3ir m wđ irt(w).f
 dmi m wdnw.f



hsf iw bin hr irt iywt

B1.134-135

dd.in mr-pr wr mrw-s3 rnsy
in ʕt pw n.k imy hr ib.k
r it̃i tw šmsw.i

B1.135-139

dd.in shty pn
h3w n(i) ʕhʕw hr si3t.n.f
mh n(i) ky hr hks h3w.f
sšm r hpw hr wđ ʕw3t
n-m irf hsf.f bw-hwrw
dr nw hr irt nwdw
ʕk3 ky hr h3bb
wf3 ky ir iyt

B1.139-142

itr gm.k r.k n.k
hwʕ hsf 3w iyt
iw bi r st.f nt sf
wđ r.f pw
ir(w) n irr r rdit ir.f
dw3-ntr n.f pw hr irt.f
nit ht pw tp-ʕ stit wđ ht pw n nb hnt

B1.142-154

h3 3 3t shtm.s
pnʕ m rwi-i3dt.k ʕnd m 3pdw.k
hb3 m kbhw.k
pr m3w špwt sdmw shiw
sšmw hpr(w) m stnmw
di.n(i) brw 1 in tr snb di.n.k
irr.k r.k irf r m
mk tw nht wsrt
ʕ.k pri ib.k ʕwn
sf sw3 hr.k
nht.wy m3ir sky.k
twt.k n wpwty n hnty
mk tw sw3t hr nbt-idw
nn n.k nn n.s n n.s nn r.k
n irr.k st n irr st
sf nb t nht n hnr
twt t3wt n iwtw ht.f
hnp ht in hnr
sp bin iwty šwiw

**B1.155-157**

nn r.f tsi.tw im.f
 hhy n.f pw
 iw.k swt s3it m t.k
 tht m hnkt.k
 iw.k hwdt m sšrw nbw

B1.157-159

iw hr n hmy r h3t
 sbn dpt r mrr.s
 iw nsw m-hnt(y)
 iw hmw m °.k
 rdi.tw iyt m h3w.k

B1.157-159

3w sprw.i wdn fdk
 išst pw nty im
 k3.tw
 ir ibw snb mryt.k
 mk dmi.k šnw

B1.162-170

°k3 ns.k imi.k tnmw
 t3mw pw n s °t im.f
 m dd grg s3w srw
 mndm 1 pw °dyw sdmyw
 smw.sn pw dd grg
 wn.f isw hr ib.sn
 rh ht n rmtw nbt
 in hm.k Ø m h3w.i
 dr s3ir n mw nds nb
 mk wi hr mtnw iwi
 mni mhi nb
 šdi bg3w
 hdr.k wi m-h3w ir dr.k

B1.170-174

iw in r.f shty pn
 r spr n.f 3 nw sp
 dd.f
 mr-pr wr nb.i
 ntk r° nb pt hn° šnwt.k
 iw hrt bw nb im.k mi nwy
 ntk h°py sw3d š°w
 grg i3dwt hb3wt

**B1.174-179**

hsf ʿw3i nd hr m3ir
m hpr m wdnw r sprw
s3w tkn nhh
mri w3h mi dd
t3w pw n fnd irt m3ʿt
ir hsf r hsfw.n.f
nn sni.tw r tp-hsb.k

B1.179-182

in iw iws w nnm.f
in iw mh3t hr rdit hr gs
in iw rf dhwty sfn.f
ih r ir.k iyt
rdi.k tw 2 nw 3 pn
ir sfn 3 hr.k sfn.k

B1.182-186

m wšb nfrt m bint
m rdi kt m st kt
rdw mdt r snmyt
r dmi n hnm m wšb.s
ntf iyt r rdit rd(w) hbsw

B1.186-190

spw 3 pw r rdit ir.f
irr.k hmw r ndbyt
šdi wdnw r irt m3ʿt
s3w h3.k r.k hr nfryt
ʿk3yt nt t3 irt m3ʿt

B1.190-196

m dd grg iw.k wrt
m is iw.k dnst
m dd grg ntk iws w
m tnbh ntk tp-hsb
mk tw m tp wʿ hnʿ iws w
ir gs3.f hr.k gs3.k
m sbn ir.k hmw
šd hr nfryt
m it(w) ir.k r itw
n wr is pw
wr im ʿwn-ib

B1.197-202



th pw ns.k
dbn pw ib.k
rmnw.f pw spty.ky
ir hbs.k hr.k r nht hr
nm irf hsf.f bw-hwrw
mk tw m hwrw n rhty
wn-ib hr hdit hnms
btn m-^c hnk.f n tw3.f
sn.f pw iy in n.f

B1.202-209

mk tw mhnty d3 nb hmt
k3y k3.f fdkw
mk tw m hry-šn^cw
n rdi n.f sw3 šw hr-^c
mk tw tnh^r n rhty
nh m hwrw nw 3pdw
mk tw wdpw rš.f pw rhs
nn i3tyw iry r.f
mk tw m mniw n dw.s is r.i
n ip.n.k

B1.209-215

ih ir.k nhw m msh skn
ibw tsi r dmi n t3 r-dr.f
sdmw n 3 sdm.n.k
tm.k tr sdm hr-m
iw min 3 hsf n.i 3dw
iw msh hti.f
ptr r.f km iry n.k
gmi.tw imnw m3^ct
rdit s3 grg r t3
m grg dw3 n iit.f
n rh.n.tw iyt im.f

B1.215-218

ist r.f dd.n sh^ty pn mdt tn
mr-pr wr mrw-s3 rnsy
r pg3 n rryt
h^c-n rdi.n.f h^c imy-s3 2 r.f
hr smiw
h^c-n 3g.sn t.f nbt im

B1.218-224

dd.in sh^ty pn
s3 mrw tnm hr.f



hr.f šp r m33t.f shi r sdmt.f
th ib hr sh3yt.n.f
mk tw m niwt nn h33-hwt.s
mi ht nn wr.s
mi dpt nn shry im.s
sm3yt nn sšmw.s
mk tw m šn^c it3
h33-hwt šspw
imy-r w hsf h^cd3
hpr m imy-h3t n irr

B1.225-231

iw in r.f shty pn r spr n.f 4 nw sp
gm.n sw hr prt m sb3
n hwt-ntr nt hry-š.f
dd.f
hsw hs tw hry-š.f
ii.n.k m pr.f
hdi bw-nfr nn ^cbt.f
pth s3 n grg r t3
in iw t3 mhnt.s ^ckt.s
d3.tw irf m
shpr sp m msdd
d3t itrw m-s3 tbwty
d3t nfr nn

B1.232-236

n-m tr sdr r šsp hdi
šmt m grh sby m hrw
rdit ^ch^c s r sp.f
nfr n wn-m3^ct
mk nn km n dd.n.k st
sf sw3 hr.k
nh.wy m3ir sky.k

B1.236-242

mk tw mh^w i^ci ib.f
wdd r irt mrt.f
h3^c dbw sti sm3w
ph rmw sh^t 3pdw
nn h3h r šw m w^crw
nn is-ib dns sh^r-ht
w3h-ib.k rh.k m3^ct
d3ir stpt.k r nfr bss grw

B1.242-248



nn shmw mdd bw-ikr
nn wn h3h-ib ini.tw ˘
sgmh irty swd3.tw ib
m k3hsw hft wsr.k
tm spr bw-dw r.k
sw3 hr sp iw.f r snw
in wnm dp
iw wšdw wšb.f
in sdrw m33 rswt

B1.248-256

ir wd˘-rwt m hsfw n.f
iw.f m imy-h3t n irr
wh3 mk tw pht
hm-ht mk tw wšd.t
pnky-mw mk tw ˘kt
hmy m sbn dpwt.k
š˘nhw m rdi mt.tw
shtmw m rdi htm.tw
šwyt m ir m šw
ibw m rdi itı msh
4 nw sp 3 m spr n.k
in rf wrš.i r.f

B1.256-262

iw in rf shıty pn r spr n.f 5 nw sp
dd.f
mr-pr wr nb.i
iw hwdw hr [...]
nyw hr sm3 iy
sti-rmw hr h3h ˘wbbw
d3bhıw r p3krw
iw wh˘w hb3.f itrw
mk tw m mnt ıry

B1.262-270

m ˘wn hwrw hr ht.f
fn rh.n.k sw
t3w pw n m3ir ht.f
dbi fnd.f pw nhm.st
rdi.n.tw.k r sdm mdt
r wd˘ snw r hsf ˘w3(y) irr.f
mk f3 pw n it3 ıry.k
iw mhı.tw ib im.k
iw.k hpırt m thw
rdi ntk r dnıt n m3ir



s3w mh.f
mk tw m š.f st3w

B1.270-278

iw in rf sh̄ty pn r spr n.f 6 nw sp
đđ.f
mr-pr wr nb.i
nb sis̄y.f grg sh̄pr m3^ct
sh̄pr bw nb nfr sh̄tm bw
m̄i iw s3w đr.f h̄kr
h̄bws đr.f h̄3wt
m̄i h̄tp pt r-s3 đ^c k3
sšmm.s h̄sw nb
m̄i h̄t pst w3đwt
m̄i mw ʿhm ibt

B1.278-287

m33 m h̄r r.k
psšw m ʿwnw
shrr m iri 3hw
stwt m ir mnwt
iw si3t sšrr.f m3^ct
mh̄ nfr n h̄ks n wbn m3^ct
ir in.k imi n snw.k
wgyt šwt m ʿk3
iw 3hw.i sšm.f r iwđt
iw srhy.i inn.f rwwt
n rh̄.n.tw wnnt m ib

B1.288-296

m wsf irr. k r sm̄it fd̄k.k
n-m ts̄.f ʿh3-mw m ʿ.k
m̄i h̄t wn sp n mwy h̄pr
ir ʿk dpt iw šdit.s 3k
3tpw.s n t3 h̄r mryt nbt
iw.k sb3t iw.k hm̄wt iw.k twt
n is n ʿwn
iw.k irr.k tw twt bw-nbw
iw h3w.k m nwdw ʿk3
si3ty n t3 r-đr.f
k3ny n bw-h̄wrw
h̄r ntf h̄sp.f m iwyt
r sh̄pr h̄sp.f m grg
r ntf iywt n đt

B1.297-304



iw in rf sh̄ty pn r spr n.f 7 nw sp
 ḍḍ.f
 mr-pr wr nb.i
 ntk ḥmw n t3 r-ḍr.f
 skḍḍ t3 ḥft wḍ.k
 ntk snw n ḍhwty
 wḍḍ nn rd̄it ḥr gs nb
 w3ḥ.k nis tw s r sp.f n wn-m3ḥ
 m šnt-ib.k nn.k st
 ḥpr 3w ḥr m ḥwḥ-ib
 m w3 n ntt n iit
 m ḥḥw n ntt n ḥprt
 iw wh̄d s3w.f m ḥnms
 sh̄tm sp ḥpr
 n rh̄.n.tw wnnt m ib

B1.305-310

ḥb3 ḥp ḥḍ tp-ḥsb
 nn m3ir ḥḥ ḥḥḍ3w.f
 n wšd sw m3ḥt
 iw grt ḥt.i mḥt
 ib.i 3tp pr is m ḥt.i
 n ḥ iry
 ngt pw m dn̄it mw.s 3sw
 wn r.i r mdt
 ḥḥ 3 ḥ3.n.i mri.i
 pnk̄.n.i mwy.i
 snf̄.n.i ntt m ḥt.i
 iḥ̄.n.i š3mw.i

B1.311-319

ḥn.i ḥpr
 m3irw.i ḍr ḥft-ḥr.k
 ptr ḍ3rw.k
 iw wsf.k r th̄t.k
 iw ḥwn-ib.k r swḥ3.k
 iw snm.k r sh̄pr ḥrwyw.k
 in iw.k swt r gmit ky sh̄ty mitw.i
 in iw wsfw spry r ḥḥ r r n pr.f
 nn gr rdī.n.k mdw.f
 nn sdr rdī.n.k rs.f
 nn ḥb3-ḥr ssp̄d.n.k
 nn tm r wn.n.k
 nn ḥm rdī.n.k rh̄.f
 nn wh̄3 sb3.n.k
 ḥsrw ḍwt pw srw



*nbw bw-nfr pw
 hmwt pw nts hpr ntt
 tsw tp hsk*

B1.320-324

*iw in rf sh̄ty pn r spr n.f 8 nw sp
 dd.f
 mr-pr wr nb.i
 iw hr.tw n hnt w3
 iw ʿwn-ib šw.f m sp
 iw wn sp.f n wht
 iw ʿwn-ib.k nn n.k st
 iw ʿw3i.k nn 3h n.k*

B1.324-331

*rdi 3 ʿhʿ s r sp.f
 nfr n wn-m3ʿ
 hrt.k pw m pr.k
 ht.k mht
 wbn it ttf.s
 3k prw.s n t3
 itw ʿw3y nhmw
 srw ir.n.tw r r hsf r iywt
 ibw pw n 3dw
 srw ir.n.tw r hsf r grg
 n rdi.n snd.k spr n.k
 n si3 n.k ib.i
 grw ʿnn sw r irt tswt n.k
 n snd.n.f n tw3.n.f st
 n ini sn.f r.k m-hnw mrrt*

B1.331-334

*iw 3 šdw.k m sh̄t
 iw fk3.k m dʿtt
 iw ʿkw.k m šnʿw
 iw srw hr rdit n.k
 iw.k hr itt
 in iw.k m ʿw3y
 iw st3.tw n.k skw hnʿ.k
 r psšt šdwt*

B1.334-344

*ir m3ʿt n nb m3ʿt
 nty wn m3ʿt nt m3ʿt.f
 ʿr šfdw gsti dhwt
 hrt-r irt iywt*



nfr nfrt nfr r.f
iw swt m3^ct r nhh
h33.s m-^c irr.sy r hrt-ntr
iw krst.f sm3-t3 im.f
n sin.(n).tw rn.f tp(y)-t3
iw.f iw sh3.tw.f hr bw-nfr
tp-hsb pw n mdw-ntr
in iws w pw n gs3.n.f
in mh3t pw n rdi.n.s hr gs

B1.344-353

mk wi r iwt mk ky.i r iwt wsd.k
m wšbw m wšd grw
m ph nty n ph.n.f
n sf.n.k n mn.n.k
n ski.n.k
n rdi.n.k n.i db3w n mdt tn nfrt
prrt m r n r^c ds.f
dd m3^ct ir m3^ct
dr ntt wr.s 3.s w3h.s
gmw.tw kft.s
sbw.s r im3h

B1.353-357

in gs3 iws w
hnkw.f pw f3yw ht
n hpr.n prw n tp-hsb
n spr.n sp hs r dmi
hry-s3 r s3h t3

B2.91-97

iw in r.f shty pn r spr n.f 9 nw sp
dd.f
mr-pr wr nb.i
mh3t pw nt rmt ns.sn
in iws w d^cr d^ct
iri r hsft r hsfw.n.f
sni.tw tp-hsb r.k
[...] grg hpr
hrt.f nn.s m3^ct r k3.f
ht pw nt grg m3^ct
swd.f pw n nw ... tw.f

B2.98-103

ir sm grg iw.f tnm.f
n d3i.n.f m mhnt



n sš3
ir hwd hr.f
nn msw.f nn iw^cw.f tp t3
ir skdd hr.f
n s3h.n.f t3
n mni n dpwt.f r dmi.s

B2.103-109

m dns n is.k
m ihm n h3h.k
m nm^c m sdm n ib
m hbs hr.k r rh.n.k
m šp hr.k r dgi.n.k
m ni tw3 tw
h3i.k m p3 wsf
smit ts.k
ir n ir.n.k
m sdm n bw-nbw r.f
nis s r sp.f n wn m3^c

B2.109-115

nn sf n wsfw
nn hnms n sh m3^ct
nn hrw nfr n ^cwn-ib
hprw wtsw m m3iry
m3iry r sprw
hpr hfty m sm3w
mk wi hr spr n.k
n sdm.n.k st
iw.i r šmt
spr.i hr.k n inpw

B2.115-122

rdi in mr-pr wr mrw-s3 rnsy
šm imy-s3 2 r ^cnn.f
wn.in sh^ty pn snd
ib.f irrt r hsf n.f
hr mdt tn dd.tn.f
dd.in sh^ty pn
hsfw n ib m mw
d3it r n hrd n sbnt m irtt
ntf mt n nhy m33.f n iy.f
ii wdf mt.f r.f

B2.122-129

dd.in mr-pr wr mrw-s3 rnsy



m snđ shty
mk ir r.k r irt hn^c.i
rdi.in shty pn ^cnh.i hr
wnm.i 3 m t.k
swri.i 3 [hnkt].k r nhh
đđ n mr-pr wr mrw-s3 rnsi
s3 grt ^c3
sđm.k n3y.k n sprwt
rdi in.f šdt hr ^crt m3(w)t
sprt nbt r hrt [...]
s^ck in.s mr-pr wr mrw-s3 rnsi
n hm n nsw-bit nb-k3w-r^c m3^c-hrw
wn.in nfr st hr ib.f
r ht nbt ntt m t3 pn r-dr.f
đđ.in hm.f
wđ^c tw đs.k s3 mrw

B2.133-141

rdi in mr-pr wr mrw-s3 rnsi
šm imy-s3 2 r [...]
^ch^c-n.f in ir wpwt m [...]
^ch^c-n gmi.n.f tpw 6 hrw-r [...]
r šm^c.f r bdy.f
r ^c3w.f r š3w.f r ^cwt [...]
nnty-nht pn n shty pn [...]
[...] t.f nbt đ [...]
n nnty-nht pn [...]

B2.142

iw.f pw [...]

5. As Admoestações de Ipu-uer**1. (Papiro Leiden 344 recto, coluna 1, linhas 1 a 9)**

[... iryw]-^c3w hr [đđ] šm.n h3k n.n
bnrytyw [...]
n đđ rhtyw f3t 3tpw.f n^cyw [...]
grg 3pdw ts n.sn skw.[sn ...]
[imyw i]dhw hr ikmw
^cthw [...] snm
m33 s s3.f m hrwy.f
sh3 [...] swt ky
mi hr hpš wpwt [...] n3yw



š3tw n.tn m rk hr m h3[w psdt ...]
 [... iw] šm nb kd m irtyw m-^c hprwt m t3
 iw šm [...]
 [... iw] h3styw hpr m rmtw m st nb

2. (Papiro Leiden 344 recto, linha 9 da coluna 1, à linha 4 da coluna 2)

iw-ms hr ʕ3dw [...].tw srt.n tpw-^c
 sprw r [...]
iw-ms nn rww [...]
 tp t3 hr sm3yw
 šm s r sk3 mr m ikm.f
iw-ms sfw hr dd sny[-ib.i ...]
 [... spd] hr m nty wn s
iw-ms hr ʕ3dw pdt grg
 ʕd3w m st nbt nn s n sf
iw-ms h3kw hr h^cd3 m st nbt
 b3k hry itt gmt.f
iw-ms h^cpy hr hw n sk3.tw n.f
 s nb hr [dd] n rh.n hprwt ht t3
iw-ms hmwt wšr n iwr.n.tw
 n kd.n hnmw m-^c shrw t3

3. (Papiro Leiden 344 recto, coluna 2, linhas 4 a 9)

iw-ms šm3w hpr m nbw špssw
 tm irit n.f tbwty m nb ʕh^cw
iw-ms hmw iryw ib.sn snmw
 n sn.n wrw rmt.sn nhmw
iw-ms [ib] shm i3dt ht t3 snf m st nb(t)
 n k3n n mt wnhyt hr dd
 n tkn im st
iw-ms mwt ʕš3 krs m itrw
 nwy m h3t hpr is w^cbt m nwy
iw-ms špsw m nhwt šw3w hr ršwt
 niwt nb(t) hr [dd] im m dr.n knw mm.n
iw-ms rmtw mi gmtw sbw ht t3
 nn ms h^cd hbsw m p3 rk
iw-ms t3 hr msnh mi irt nhp
 ʕw3y m nb ʕh^cw [...] m h3kw
iw-ms kf3-ib mi [...]
 nds hry ury.i m

4. (Papiro Leiden 344 recto, coluna 2, linhas 9 a 14)

iw-ms itrw m snfw
 swr.tw im.f nyw.tw m rmt ibi.tw mw
iw-ms sbht wh3w driwt 3mm
 drwt n nsw pr ʕnh wd3 snb mn rwd



iw-ms sw^h(3) dpt rs
 hb³ niwt šm³w hpr m k³yt šwyw
iw-ms mshw hr b³fy p³w n i^{tt}.n.sn
 šm n.sn rmt^t ds iry h^d pw n t³ tw
 dd.tw m dgs ³ mk sy šnw
 mk hnd.tw sht mi rmw
 n tnw sw sn^d m hry ib
iw-ms rmt^t ^{ndw}
 dd sn.f m t³ m st nbt
 mdw rhw ht w^r.f n wdfw
iw-ms s³ s rh rn.f g³w si³.f
 hpr ms nbt.f m s³ hmt.f

5. (Papiro Leiden 344 recto, coluna 3, linhas 1 a 6)

iw-ms dšrt ht t³ sp³wt hb³
 pdt rwty i^{tt}.ti n kmt
iw-ms sprw [...]
 nn ms wn rmt^t m st nb(t)
iw-ms nbw hsb^d h^d mfk³t
 hm³gt hsmn ibht [...] nbw
 mnhw r h^h n hmtw
 špsswt ht t³ nbwt prw hr dd
 h³ n.n wnmw.ti n.n
iw-ms bwt pw ^{nh} n h³tyw špswt h^r.sn
 snmw m isywt
 ibw.sn btkw hr nd hrt.sn [...]
iw-ms gmgm hnw nw hbny
 ssndmw špst sw³.tw.f m 3tw
 [... ...].sn

6. (Papiro Leiden 344 recto, coluna 3, linhas 6 a 10)

iw-ms kdw mrw hpr m ^hwtyw
 wnw m dpt ntr nhbw [...]
 n ms h^d.tw r kpny min
 pw-tri iri.ti.n r ^{šw} n s^hw.n
 krs.tw w^rbw m inw.sn
 sdwh.tw wrw m sft iry r-mn-m kftyw
 n ii.n.sn h^di nbw
 kn [...] inyt nt k³wt nb(t)
 kfw.n.t[w] ht pr nsw ^{nh} w^d3 snb
 wryw iw wh³tyw hr hbyt.sn
 tm³yw msk³w m rdmt w³d
 sgnnw nw 3pdw
 r ib irw h³wt

7. (Papiro Leiden 344 recto, coluna 3, linhas 10 a 13)



iw-ms 3bw tny itrt šm^ct
 n b3k n h3^cyt
 hdi w^chw d^cbt irtyw m3^cw nwt št3w
 k3t hmw d3rw mitw kmw ^ch
 iw pr-hd r-m m-hmt b3kw.f
 nfr is ib n nsw
 iw n.f m3^cwt hr is dd
 h3st nb mw.n pw wd3.n pw
 pw-tri iri.tn r sw3w r 3kw

8. (Papiro Leiden 344 recto, linha 13 da coluna 3, à linha 8 da coluna 4)

iw-ms sbit 3kw n iri.tw.f
 imt pw ntt ht t3 šbn hr nhwt
iw-ms iwty nb m nty wn
 wnw m rmt [hpr m] k3wy di.tw hr w3t
iw-ms šnwy šrr n hr nb
 n tni.n.tw s3 s r iwty.n.f sw
iw-ms idi.n.sn hr hrw
 n ^ck3 hrw m rnpwt nt hrw
 nn phwy n hrw
iw-ms wr šri [hr dd] mr.i mt.i
 hrdw ktt hr [dd] tmw sw r rdt ^cnh
iw-ms msw wrw hwi.tw r s3wt
 hrdw nw nhbt di.[t]w hr k3n-r t3
iw-ms wnw m w^cbt di.tw hr k3n-r t3
 sšt3w pw n wtw hr shrw hr.f
iw-ms nf3y 3kw m33 sf
 t3 spw n gfnw.f
 mi wh3t mhyw
iw-ms idhw r-dr.f nn dgy.tw.f
 mh ib n mhwi m mtnw hwi
 pw tr nty tw r irt n hpr w^crt m st nbt
 hr.tw dd.tw w3t r st št3w
 mk sw m-^c hmw sw mi rhw sw
 h3styw hmw m k3t idhw

9. (Papiro Leiden 344 recto, coluna 4, linhas 8 a 13)

iw-ms di.tw hnmw hr bnwy
 hbsy p3kt hwi.tw m d^cit
 tmy m33 hrw pri n hsf
 wnyw hr hnkyt nt h{3}iw.sn
 im m sdr.sn hr šdw whmw
 dd.i iw.f dns r.i r šdw
 hry ^cntyw iwh st hry ^cndw
 mh hr šrt im m rh.sn kniw
 hr wb3w hd sw



nfr pw p_hrt iry
 snnw n.sn špswt mi b₃kw
 h_n{y}wt m mi ^ctw m-hnw n₃tw
 h_sit.sn n mrt m irtyw
 s_ddw [... hr] bnwyt

10. (Papiro Leiden 344 recto, linha 13 da coluna 4, à linha 2 da coluna 5)

iw-ms hmwt nbt s_hm rw.sn
 mdw hnwt.sn
 dns pw r b₃kw
iw-ms nhwt ski gnw wrw
 iwd.n.i sw hmw n pr.f
 iw rmt r dd s_dm.sn st
 h_di f_k₃w n h₃w n h_rdw
 nn k₃w n_k^cwt šbnw
 iw min dpt iry mi m min

11. (Papiro Leiden 344 recto, coluna 5, linhas 2 a 9)

iw-ms wrw h_krw hr sw
 šms.tw šmswt st [...] hr n_hwt
iw-ms t₃w hr dd ir si₃.i r_h n.i n_r tn
 k₃ iry.i n.f
iw-ms m₃^ct ht t₃ m rn.s pwy
 iw isft pw irr.sn hr grg hr st
iw-ms s_hsw ^ch₃ hr n hnwt.f
^cw₃yt itt.tw ht.f nbt
iw-ms ^cwt nbt ib.sn rmw
 mnmnt hr imt m s_hrw t₃
iw-ms msw wrw h_{wi}{t}.tw r s₃wt
 h_rdw nw n_h[b]t di.tw hr k₃n-r t₃
 h_nmw hr imt hr wrdw.f
iw-ms š^cd sm₃.st
 sndt hr h_sf irw r h_ftyw.tn
 iw grt ^cndw twt tw wd₃w hr nty ktw
 in iw m šms n hnty h_n^c wd^c.f
 in iw m r_hs n m₃yw ₃šr n s_dt
 in [iw] m iw_h n p_h
 itt inyt dd.tn n.f hr-m
 n p_h sw ind is pw dd.tn n.f

12. (Papiro Leiden 344 recto, linha 9 da coluna 5, à linha 1 da coluna 6)

iw-ms hmw hr h_k₃ [... ...] ht t₃
 n_ht hr h₃b n bw nbw
 h_w s sn.f n mwt.f
 išst pw irywt dd.i n ₃k_w
iw-ms w₃wt h_{wi}w m_tnw s₃w



hms.tw hr b3wt r iit.tw h3wy
r itt 3tpw.f
nhmw nty hr.f hnmw m sht nt ht
hdbw m nfw
iw-ms nf3y 3kw m33 sf
t3 spw n gnnwt.f
mi wh3w mhyw
ndsw pryw nmtyw hr swnw
nbyw [...] nw [...]
h3 rf grh pw m rmt n iwr n msit
ih gr t3 m hrw nn hnnw

13. (Papiro Leiden 344 recto, coluna 6, linhas 1 a 5)

iw-ms [wnm.tw] m smw
s^cmw.tw m mw
n gmi.n.tw k33yw smw 3pdw
nhm.tw pryt m r n s^cw
n hr [dd.tw] ^cn n.k st r.i hr hkrw
iw-ms it 3kw hr w3wt nb(t)
sh3iw m hbsw hs3yt m mrht
hr nbw hr [dd] nn wn
wd3w fk s3w.f pd r t3
m smw m rwd pw n ib.i
iw.i dr rssi
h3 rf iri.n.i hrw.i m t3y 3t
nhm.f wi m-^c whdt.i irwt im st

14. (Papiro Leiden 344 recto, coluna 6, linhas 5 a 14)

iw-ms hnr^t dsr šdi sšw.f
sh3w st št3w wnt
iw-ms hk3w sh3w šmw shnw
snh3 tw hr sh3 st in rmt
iw-ms wn h3[w] šdi wpt.sn
hpr rmt dt m nb dt
iw-ms sšw sm3.tw šdi sš.sn
bin wy n.i n indw m rk iry
iw-ms sšw nw tm3 drw sšw.sn
^cnht n[t] kmt m h3y.i int n.i
iw-ms hpw nw hnr^t dw r-hnty
šm.tw ms hr.s m iwwyt
hwrw hr ng^t im m-hnw mrwt
iw-ms hwrw spr r ^c psdt
sh3w sšmw pf m^cb3yt
iw-ms hnr^t wr m pri h3i.f
hwrw hr šmt iyt m hwt-wryt
iw-ms msw wrw h3^c m mrwt



rh hr [dd] tyw wh³ hr [dd] m bi³w
 nty n rh.f sy ^cn m hr.f
 iw-ms wnw m w^cbt di.tw hr k³n-r t³
 sšt³w pw n wtw hr shrw hr.f

15. (Papiro Leiden 344 recto, coluna 7, linhas 1 a 7)

mtn is ht w³w.ti r k³i
 pri wbd.t.s r hftyw t³
 mtn is iri ht n p³ hpr w³w
 šdi nsw in hwrrw
 mtn krs m bik{w} m šfdywt
 iw imnt.n mr šwt
 mtn is hrw-r sšw³w t³ m nsywt
 in nhy n rmt hmw shrw
 mtn is w³ r sbiw hr i^cr^ct
 nht nt r^c shr t³wy
 mtn sšt³w n t³ hmm drw.f
 sh³w hny whn.n.f n wnw
 mtn kmt w³.ti r stt mw
 di mw r t³
 itt.n.f nht ^c m m³irw
 mtn šdw krht m tpht.s
 sh³w sšt³w n nsyt bit
 mtn hnw hr snđt m g³wt
 nb tw rwd h³yt nn hsf^c

16. (Papiro Leiden 344 recto, coluna 7, linhas 7 a 14)

mtn t³ ts n.f hr sm³yw
 kn hsy hr nhmw ht.f
 mtn krht hr mw mi nnyw
 tm iri n.f db³t m nb h³t
 mtn nbw w^cbt dr hr k³n-r t³
 tm iri n.f krs m nb pr-hđ
 mtn is n³ hprw rmt
 tmw kd.n.f ^ct m nb(t) driwt
 mtn knbt nt t³ dr.ti r-ht t³
 dr m prywt nsywt
 mtn špswt hr šdw wrw m šn^c
 tm sdr hr drit m nb hnkyt
 mtn nb ht sdr ibi
 dbh n.f t³hw.f m nb shrw
 mtn nbw d³ywt m isywt
 tm sht n.f m nb p³kt
 mtn tm mđhw n.f imw
 m nb ^ch^cw
 nbt iry hr gmh st nn st m-^c.f



mtn iwty šwyt.f m nb šwyt
nbw šwyt m wh3 n d^cw
mtn hm d3d3t m nb bnt
tm hsy n.f
hr swhi mrt
mtn nbw wdhw m bi3
n wnhw hnw n w^c im

17. (Papiro Leiden 344 recto, linha 14 da coluna 7, à linha 7 da coluna 8)

mtn sdr h3ry m g3w gm.f špss
tm n.f m33 h^c hr swdn
mtn iwty ht.f m nb h^cw
wr hsy.tw.f
mtn šw3w nw t3 hpr m hwdw
[nb] ht m iwty n.f
mtn wdpw hpr m nbw wb3w
wn m wpwty hr h3b ky
mtn iwty p^ct.f m nb mhr
hnt šn^c.f m hwt ky
mtn wšw šny iwty mrht.f
hpr m nb hbbt ntyw ndm
mtn iwtt m pdsw.s m nbt 3tp
gmht hr.s m nw m nbt h^c
mtn ish
mtn nfr s hr wnmw k3w.f
snm ht.k m 3w ib
nn n.k hnhn r.k
3hw pw n s wnmw k3w.f
wd sw ntr n hsy n.f
 [... ..]
[mtn is hm] ntr.f hr wdnw n.f m sntr n ky
n rh.n.f

18. (Papiro Leiden 344 recto, coluna 8, linhas 7 a 14)

mtn špswt wrywt nbt špssw
hr rdi n msw.sn n hnkyt
mtn is s [...] špst m hmt
nhw.n sw it.s iwty hr sm3.f
mtn nsw knbt m is[ywt]
[bhs] nw htw.sn n h3kyw
mtn nsyw hr knkn m iw3w
m3i[r hpr m h3]kwy
mtn tm sft n.f
hr sft wndw
hm hn hr m33 [stpt m shrw] nb
mtn nsyw hr knkn m rw



ddwt ntrw r db3w iw3w
 mtn hmwt [...] hr wdnw 3phw
 špswt iry [...]
 mtn špswt hr šhs[h] m rwwt w^ct [ibw].sn
 pt^hw m snd n mwt
 [mtn] hrw nt t3 hr šhs[h]
 nn hnt.n.sn m-^c g3wt nb hs[wt]

19. (Papiro Leiden 344 recto, coluna 9, linhas 1 a 8)

[mtn] nbw hnkywt hr s3tw
 sdr btkw rf m 3dt n.f šdw
 mtn špswt w3w r hkrw
 nsyw s3it m irit.n.sn
 mtn i3wt nbt nn st r st.s{t}
 mi idr tnb^h nn s3w.f
 mtn k3w m wdyw nn nwyw st
 s nb hr iniwt n.f 3bw m rn.f
 mtn sm3w.tw s r-gs sn.f iw.f hr h3i
 isk sw r mkt h^cw.f
 mtn iwty htr.f m nb m idr
 tm gmi n.f sk3 m nb mnmn(t)
 mtn iwty prt.f m nb šnwwt
 ini n.f i3bt m dd pri st
 mtn iwty s3hw.f m nb mrt
 wn wr m irr.f wpwt ds.f
 mtn knw nw t3 n smi.n.sn
 hrw n rhyt w3w r 3kw
 mtn hmw nb n b3k.sn
 sšw3w hftyww t3 hmwt.f
 [mtn sš] šmw n rh.f im
 tm sk3 n.f [...]
 [...] hr hpr n smi.n.tw.f
 sš [b3giw] ^cwy.fy m hnw.f

20. (Papiro Leiden 344 recto, linha 8 da coluna 9, à linha 3 da coluna 10)

hdi [...].f m rk iry
 m33 s [n sn.f mi] d3yw.f
 fn hr int kb^h [hr t3w ...]
 [rr]yt sndw n [...]
 iw hwrw [...] n t3 hd.s hr.s
 hdi [...] k3w iry m-^c.sn
 [...] snd n hryt.f
 db^h nds [...] wpwty n is [...] rk
 itt.tw.f 3tp m ht.f
 nhmw [... sw3].tw hr sb3.f
 [...] h3y drit m h3



ʕt hry bikw nrwt [...]
 [sšs]p
 in nds rs.f t3 hđ hr.f nn hryt.tw.f
 šhs.tw hr m3ʕw
 hnkw m wryt t3yt m hnw
 im3ww pw ir(w).n.sn mi h3styw
 hđi irt h3b.tw hr.s in šmsw
 m wpwtw nbw.sn nn hryt.sn
 mk 5 s pw dd.sn dd.sn
 šmw hr w3t rh.n.tn iw.n spr.wyn

21. (Papiro Leiden 344 recto, coluna 10, linhas 3 a 6)

rmy rf t3-mh̄w
 šnʕ n nsw h3y.i in.tw n.i n bw nbw
 iw pr nsw ʕnh wd3 snb
 r-dr.s hmt b3kw.f
 ntf it bty 3pdw rmw
 ntf hđt p3kt bi3 mrht
 ntf psš(t) kn sšnw
 kniw b3kw nb nfr ii.f irw irw
 df3w skt st
 m pr nsw ʕnh wd3 snb
 nn šwt m [...] nf

22. (Papiro Leiden 344 recto, coluna 10, linhas 6 a 12)

hđ hftyw nw hnw šps
 sbk knbt
 [...] im.f mi [...]
 šmw ms (i)m(y)-r niwt nn sʕš3 n.f
 hđ hftyw nw hnw špst
 sbk [...]
 hđ hftyw nw pf špst
 ʕš3 hpw
 [...]
 hđ hftyw nw hnw pf špst
 [...]
 hđ hftyw nw hnw pf špst
 [...]
 nn ʕhʕ.n.tw
 [...]
 hđ hftyw nw hnw pf3 špst
 ʕš3 h3[m]w iw-ms [...]

23. (Papiro Leiden 344 recto, linha 12 da coluna 10, à linha 12 da coluna 11)

sh3w thb [...]
 whdyw r mnt.f hʕ.f try n [...]



[...] *hr ntr.f mk.f r [...]*
m_{sw} iry mtyw hr hwi w_dnw
sh₃w shwd šnwt špw m sntr
hrpw mw m hst m nhpw
sh₃w rw dd[3]w trpw stw
w_dnw htpw-ntr n ntrw
sh₃w wš^c hsmn sspd tw h_dw
in s hrw iw_h tp
sh₃w s^ch^c snw hti ^cb₃
w^cb hr twry r-prw
hwt-ntr sk₃h₃.ti mi irtt
sn_dm st 3ht srwd p₃wt
sh₃w ndr_w tp-rdw šbšb sww
šdt bs m w^cb(w)t r hst ht
irt st pw m nf ssw_n ib pw [...]
hrw hnty hh 3bd_t tn ip rnpwt rh
sh₃w sft iw₃w [...] m tp n^c[^cw.tn
sh₃w pri wh₃ s
i^cš n.tn rdt rw hr ht [...]
[...] wpwt dsy dr [...]
mryt nt nwy [...]
[...] nt hmwt [...] mn_hw_t [...]
rdit i₃wt [...] r sh_{tp}.tn
[...] m g₃w rmt_t mi iw [...] n r^c w_dw.n [...]
hr try sw m n^cw r imntt r ^cndw [...]
in ntrw

24. (Papiro Leiden 344 recto, linha 12 da coluna 11, à linha 6 da coluna 12)

mtn sw hr d^cr
kd rmt_t hr-m^c
n tny sn_dw r shmw ib
iw ini n.f kbhw hr t₃
iw dd.tw s₃w pw n bw-nbw
nn bin m ib.f
^cnd i₃dr.f iri.n.f is hrw r nw st
ht n ib iry
h₃ ^cd.f bit.sn m ht tpt
k₃ hwi.f sdbw d₃i.f ^c r.s
sky.f mtwt iry iw^ct.sn
3bb.tw mst r.s nh₃t-ib hpr
s₃ry hr w₃t nbt
nf₃ pw n wni.f wn n₃ ntrw hr-ib iry
pr_r styt m hmwt rmt_t
n gmi.n.tw hr w₃t
hwi ny r hr pri
dri.n iww m shpr.n.sn



*n i^cš-n-ḥ3t m wnwt.sn
in iw rf tny min
in iw.f tr sdr
mtn n m33.n.tw b3w iry*

25. (Papiro Leiden 344 recto, coluna 12, linhas 6 a 12)

*ir snm.n.tw n gmi.n.i tw
n i^cš.n.tw n.i m šw
3dyw r.s ssw n ib pw ḥnt
grt ḥry r n bw-nbw
min is snd st r s ḥḥw m rmt
n m33 [...] r ḥftyw
[...] ḥnnw r ḥnty.f ^ck r ḥwt-ntr [...]
rmi n.f ḥntyw [...] pf
iri sh3 ddt.f pw [...]
n ḥr t3 [...] wbd twtw
^cd iswy iry nwi [...]
m33.f hrw n [...] nb
tm iri.n.f mḥ iwd pt r s3tw
snd ḥr ḥr-nb in iw
ir m iri.f st m ph.ti.n n ms.f r.s
msdd.k ḥm*

26. (Papiro Leiden 344 recto, linha 12 da coluna 12, à linha 2 da coluna 13)

*ḥw s^ci m3^ct ḥn^c.
sh3 pw rdi.k ḥt t3
ḥn^c ḥrw ḥnnw
mk ky ḥr wdi r ky
sny.tw r wd.n.k
ir šmt 3 s ḥr w3t
gmm.tw m 2 s
in ^cš3 sm3w ^cndt
in iw rf s3w mri mt
ḥr k3 wd.k iri.tw
šbi.n mrwt is pw w^c msd ky
^cnd ḥprw.sn pw ḥr w3t nbt
iri.n.k ist r shpr nf3 dd.n.k grg*

27. (Papiro Leiden 344 recto, coluna 13, linhas 2 a 8)

*t3 m k3k3 šḥtmw rmt
n k3i.tw m ^cnh
nn r 3ww n rnpwt m ḥ3^cyw
ḥdb.tw s ḥr tp-ḥwt.f
iw.f rs.f m pr.f n t3š
in kni.f ḥm.f sw ^cnh.f pw
h3b.tw b3wt r ndsw*



šmt.f ḥr mtnw r m33.f wḏnw
 ithw.tw w3t ḥ^c.f snni
 nhm ntw ḥr.f ḥnm m šh nt ḥt
 ḥdbw m nf3
 ḥ3 dpt.k m nhy n m3ir iry
 k3 ḏd.k m ḥt [...]f m-m^c
 ky m inbw m ḥ3w [...]
 [...] šmmw r ḥt rnpwt iri mdt [...]

28. (Papiro Leiden 344 recto, linha 9 da coluna 13, à linha 5 da coluna 14)

iw irf ḥmw nfr ḥ^cw ḥr ḥnty [...]
 [...] ḥr ḥw3yt st
iw irf ḥmw nfr [...]
iw irf ḥmw nfr ithw i3dt
 mh3.tw 3pdw m mšrw
iw irf ḥmw nfr [...]
 s^chw n.sn mtnw ḥr irt šmt
iw irf ḥmw nfr ḥwy rmt
 šhw.sy sn mrw
 šdi mrw iri.tw mnw m nhwt n ntrw
iw irf ḥmw nfr rmt thw
 swri.sn myt ib.sn nfr
iw irf ḥmw nfr nhm m rw
iw bw3w nw sp3t ḥ^c(w)
 ḥr m33 nhmw m pr.sn
 ḥbsw m ḥ3tyw twryt r ḥ3t
 srwḏ m ḥry-ib
iw irf ḥmw nfr 3ḥwtw 3dt
 wrsw n wrw t3r m wḏ3w
 s3rt nt s nb km.ty m ifdy
 m šwyt 3 ḥtmw ḥr.f sḏr m b3y
iw irf ḥmt nfr p3kt sš.ti
 hrw wpt-rnpt
 [...] ḥr wḏbw
 p3kt m sš.ti ḥ3tyw ḥr stt
 imy-r ḥ3tyw [...]
 [...] nhwt ndsw ḥr [...]

29. (Papiro Leiden 344 recto, coluna 14, linhas 6 a 9)

4 linhas perdidas.

30. (Papiro Leiden 344 recto, linha 10 da coluna 14, à linha 5 da coluna 15)

[...] sn sp ḥ3k[w] [...]
 pḥr iry mi styw [...]
 [...] iw.tw ḥr shrw iry
 kn.sn n.sn



nn gmi.n.tw nty r ᶜhᶜw ḥr mkt st
m ṭḥnw ᶜ3mw
ᶜh3 s nb ḥr snt.f mki.f ḥᶜw.f
in nḥsyw k3 iri.n mki.tn
sᶜš3 ᶜh3wtyw r ḥsf pḏt
in iw sm ṭmḥyw k3 iri.n ᶜnnw
mḏ3yw ndmw ḥnᶜ kmt
mi m irf s nb ḥr sm3 sn.f
ḏ3mw ṭs.n n.n ḥprw m pḏtyw
w3w r ḥb3
ḥprt n.f im.f rdit rh styw sšmw n t3
iw grt ḥ3sty nb ḥrt sndw.f
dpt n rḥyt ḥr [ḏd]
nn dit kmt šᶜy
nḥt.s ḥr ḏrw.s [...]
ḏd r.tn m-ḥt rnpwt [...]
ḥr ḥb3 sw ḏs.f in spw sᶜnh prw.sn [...]
[...] im r sᶜnh msw.f wnn [...]
iw [...] ḥprwt.tn [...]
[...] ḏd in ḏ3mw [...]

31. (Papiro Leiden 344 recto, coluna 15, linhas 6 a 11)

6 linhas perdidas.

32. (Papiro Leiden 344 recto, coluna 15, linhas 12 a 13)

[...] kmiw inh3st ᶜryt [...]
[...] m ḥ3w n ᶜkw [...]

33. (Papiro Leiden 344 recto, linha 13 da coluna 15, à linha 1 da coluna 16)

ḏdt.n i-pw-wr
wšb.f n ḥm n nb r-ḏr
[...] km3wt nb
ḥm st pw m ndmt ḥr ib
iw iri.n.k nfr ḥr ib.sn
sᶜnh.n.k rmt im.sn
iw ḥbsw.sn ḥnty.sn
n snd n dw3yt

34. (Papiro Leiden 344 recto, coluna 16, linhas 1 e 2)

wn s pw ṭni tp-ᶜ swḏ3.f
iw s3.f m nḥn n s3rtw.f
š3ᶜ.n.f ḥsf ḥr k3w.f [...] pw [...]
n wpw.f r.f mdw
ḥr.tn itt.tn sw m š3w n ḥpw
rmw [...]

**35. (Papiro Leiden 344 recto, coluna 16, linhas 3 a 11)**

9 linhas perdidas.

36. (Papiro Leiden 344 recto, linha 12 da coluna 16, à linha 23 da coluna 17)

[...] *ht.tn wn t3* [...]
 [...] *hr w3t nbt*
ir i3^c.tn n [...]
rmw rf [...]
 [...] *.sn ^ck r hwt-k3w niwt*
wbdw twt [...] *h3tw nt s^chw*
nty h3ty-^c
n hrp k3t [...]
 [...]

6. Diálogo de um Desesperado com o seu *ba***1. (Papiro Berlin 3024, linhas 1 a 3)**

[...].*tn*
r dd [...]

n nm^c.n [ns.s]n
i[w] r h3[bb ...] db3w
n nm^c.n ns.sn

2. (Papiro Berlin 3024, linhas 3 a 10)

iw wpi.n.i r3.i n b3.i
wšb.i ddt.n.f
iw n3 wr r.i m min
n mdw b3.i hn^c.i
iw grt wr r ^cb^c
iw mi wsf.i
imi šm b3.i
^ch^c.f n.i hr.s

 [...]*f*
nn [...]*f*
 [...]*f m ht.i*
m šnw nwh
nn hpr m-^c.f
rwi.f hrw ksnt

3. (Papiro Berlin 3024, linhas 11 a 17)

mtn b3.i hr thit.i



n sdm.n.i n.f
hr st3.i r mt n iit n.f
hr h3^c hr ht r s3mt.i
[...] mnt.f [...]
[...].f
tkn.f im.i hrw ksnt
h^c.f m pf gs mi iri nhpw
p3 is pw prr ini.f sw r.f

4. (Papiro Berlin 3024, linhas 17 a 22)

b3.i wh3 r sdh 3hw hr nh
ihm wi r mt n iit.i n.f
sndm n.i imnt in iw ksnt pw
phrt pw nh
iw htw hr.sn
hnd r.k hr isft w3h m3ir.i

5. (Papiro Berlin 3024, linhas 23 a 30)

wd^c wi dhwti htp ntrw
hsf hnsu hr.i sš m m3^ct
sdm r^c mdw.i sg wi3
hsf isds hr.i m t dsr[t]
[hr] ntt s3ir.i wdn m [3tpw (?)]
f3i.n.f n.i
ndm hsf ntrw st3w ht.i

6. (Papiro Berlin 3024, linhas 30 a 33)

ddt.n n.i b3.i
n ntk is s
iw.k tr nht ptr km.k mhy.k hr nh
mi nb-h^cw

7. (Papiro Berlin 3024, linhas 33 a 39)

dd.i n sm.i iw nf3 r t3
nhmn tw hr tfyt nn nwit.k
hnr nb hr dd iw.i r itit.k!"
iw grt.k mt rn.k nh
st nf3 nt hnit fd(t) nt ib
dmi pw imnt hnit ks [...] hr

8. (Papiro Berlin 3024, linhas 39 a 55)

ir sdm.n.i b3.i iw[ty] bt3
twt ib.f hn^c.i
iw.f r m^cr
rdi.i ph.f imnt
mi nty m mr.f



ħ^c.n ħry-t3 ħr krs.f
 iw.i r irit ni3i ħr ħ3t.k
 sddm.k ky b3 m nnw
 iw.i r irit ni3i ih tm.f ħsw
 sddm.k ky b3 nty t3w
 swr.i mw ħr b3b3t tsy.i šwyt
 sd[d]m.k ky b3 nty ħkr
 ir ihm.k wi r mt m p3 ki
 nn gmi.k ħnit.k ħr.s m imnt
 w3h-ib.k b3.i sn.i
 r ħprt iw^cw.i
 drpty.fy
 ħ^ct.fy ħr ħ3t ħrw krs
 s3y.f ħnkyt nt ħrt-ntr

9. (Papiro Berlin 3024, linhas 55 a 68)

wpi.n n.i b3.i r3.f
 wšb.f ddt.n.i
 ir šh3.k krs nh3t-ib pw
 init rmyt pw m sind s
 šdit s pw m pr.f
 ħ3^c ħr k33
 nn pri.n.k r ħrw m33.k r^cw
 kdw m inr n m3t
 ħwsiw m nrw nfrw m k3wt nfrwt
 ħpr skdw m ntrw
 ħb3w iry wšw
 mi nnw mtw ħr mryt
 n g3w ħry-t3
 iti.n nwy phwy.fi
 šw m mitt iry
 mdw.n.sn rmw spt n mw
 sdm.r.k n.i mk nfr sdm n rmt
 šms ħrw nfr smh mh

10. (Papiro Berlin 3024, linhas 68 a 85)

iw nds sk3.f šdw.f
 iw.f 3tp.f šmw.f r ħnw dpt
 st3.f skdwt
 ħb.f tkn
 m3n.f prit wħt nt mħyt
 rs m dpt r^c ħr ħ^c
 pri ħn^c ħmt.f msw.f
 3k tp š šn
 m grh ħr mryt
 dr.in.f ħmsi



psš.f m hrw hr dd
 n rmi.i n tʃ mst
 nn n.s prit m imnt
 r kt hr tʃ
 mhy.i hr msw.s
 sdw m swht
 mʒw hr n hnti n nht.sn
 iw nds dbh.f mšrwt
 iw hmt.f dd.s n.f
 iw [...] r [...]
 [...] msyt
 iw.f pri.f r hntw r sst r ʒt
 nn.f sw r pr.f iw.f mi ky)
 ky hmt.f hr šs3.n.f n sdm.n.f n.s
 st.n.f wš ib n wpwtyw

11. (Papiro Berlin 3024, linhas 85 a 103)

iw wpi.n.i rʒ.i n bʒ.i
 wšb.i ddt.n.f
 mk bʕh rn.i m-ʕ.k
 r sti ʒsw
 m hrww šmw pt tʒt
 mk bʕh rn.i m-ʕ.k
 [r sti] šsp sbnw
 m hrw rsf pt tʒt
 mk bʕh rn.i m-ʕ.k
 r sti ʒpsw
 r bwʒt nt triw hr msyt
 mk bʕh rn.i m-ʕ.k
 r sti hʒmw
 r hʒsw nw sšw hʒm.n.sn
 mk bʕh rn.i m-ʕ.k
 r sti mshw
 r hmsit hr idbw hr mrryt
 mk bʕh rn.i m-ʕ.k
 r st hmt
 dd grg r.s n tʕy
 mk bʕh rn.i m-ʕ.k
 r hrd kni
 dd r.f iw.f n msdw.f
 mk bʕh rn.i m-ʕ.k
 [r] dmi n ity
 šnn bštw mʒʒ sʒ.f

12. (Papiro Berlin 3024, linhas 103 a 130)

dd.i n m min



snw bin
hnmsw nw min n mri.ny
dd.i n m min
wn ibw
s nb hr itit ht snw.fy
[dd.i n m min]
iw sf 3k
nht hr h3iw n bw nbw
dd.i n m min
htp hr bin
rdi r.f bw nfr r t3 m st nbt
dd.i n m min
shr s m sp.f bin
ssbt.f bw nbw [m] iw.f dw
dd.i n m min
iw hcd3.tw
s nb hr itit snw.fy
dd.i n m min
bt3w m k-ib
sn irr hnf hpr m hfty
dd.i n m min
n sh3t sf
n irit n ir m t3 3t
dd.i n m min
snw bin
inn.tw m drdrw r mtt nt ib
dd.i n m min
hrw htm
s nb m hr m hrw r snw.f.
dd.i n m min
ibw wn
nn wn ib n s rhn.tw hr.f
dd.i n m min
nn m3tyw
t3 spi n iriw isft
dd.i n m min
iw sw m k-ib
inn.tw m hmm r srht n.f
dd.i n m min
nn hr-ib
pf3 sm hnf nn sw wn
dd.i n m min
iw.i 3tp.kwi hr m3ir
n g3w k-ib.
dd.i n m min
nf hwi t3



nn wn pḥwy.fy

13. (Papiro Berlin 3024, linhas 130 a 142)

*iw mt m ḥr.i {m} min
[mi] snb mr
mi prit r ḥntw r-s3 ihmt
iw mt m ḥr.i min
mi sti ḥntyw
mi ḥmsit ḥr ḥt3w ḥrw t3w
iw mt m ḥr.i min
mi sti sšnw
mi ḥmsit ḥr mryt nt tḥt
iw mt m ḥr.i min
mi w3t ḥwyt
mi iw s m mšḥ r pr.sn
iw mt m ḥr.i min
mi kft pt
mi s šḥt im r ḥmt.n.f
iw mt m ḥr.i min
mi 3bb s m33 pr.sn
iri.n.f rnpwt ḥš3t m ndrṯ*

14. (Papiro Berlin 3024, linhas 142 a 147)

*wnn ms nty im m nṯr ḥnh
ḥr ḥsf iw n irr sw
wnn ms nty im ḥḥḥ m wi3
ḥr rdit dit stpt im r r-prw
wnn ms nty im m rḥ-ḥt n ḥsf.n.t[w].f
ḥr spr n rḥ ḥft mdw.f*

15. (Papiro Berlin 3024, linhas 147 a 154)

*ddt.n n.i b3[.i]
imi r.k nḥwt ḥr ḥ33
n(y)-sw.i pn sn.i
wdn.k ḥr ḥḥ
dmi.k ḥr ḥnh mi dd.k
mri wi ḥ3 win.n.k imnt
mri ḥm pḥ.k imnt
s3ḥ ḥḥw.k t3
ḥny.i r s3 wrd.k
iḥ iri.n dmi n sp*

16. (Papiro Berlin 3024, linhas 154 e 155)

iw.f pw ḥ3t.f r pḥ.fy mi gmyt m sš



7. As Profecias de Neferti

1. (Papiro Hermitage 1116B, linhas 1 a 8)

hpr.n swt wnn hm nsw-bity
snfrw m3^c-hrw
m nsw mn
m t3 pn r-dr.f
w^c m nn hrw hpr
ʕk pw iri.n knbt
nt hnw r pr-ʕ3 ʕnh wd3 snb
r nd hrt
prt pw iri.n.sn nd.sn hrt
mi nt-ʕ.sn nt r^c nb
dd.in hm.f ʕnh wd3 snb
n sd3wty nty r-gs.f
isy in n.i knbt
nt hnw prt ʕ3
r nd hrt m hrw pn
st3 ini.tw.f hr-ʕ
wn.in.sn hr ht.sn
m-b3h hm.f ʕnh wd3 snb
m whm-ʕ dd.in hm.f ʕnh wd3 snb n.sn
rhw mtn rdi.n.i i3^c.tw n.tn
r rdt d^cr.tn n.i s3.tn m s33
sn.tn m ikr
hnms.tn wdi sp nfr
ddty.f n.i nhy n mdwt nfrwt
tsw stpw
wd3y hr n hm.i n sdm st
rdi.in.sn hr ht.sn
m-b3h hm.f ʕnh wd3 snb m whm-ʕ

2. (Papiro Hermitage 1116B, linhas 8 a 17)

dd.in.sn hft hm.f ʕnh wd3 snb
iw hry-hbt ʕ3 n b3stt ity nb.n
nfrty rn.f
nds pw kni g3b.f
sš pw ikr n db^c.f
špss pw ʕ3 n.f ht r mity.f nb
hwy ini.f m33 hm.f
dd.in hm.f ʕnh wd3 snb
isy ini n.i sw
st3.in.tw.f n.f hr-ʕwy



wn.in.f hr ht.f
 m-b3h hm.f nh wd3 snb
 dd.in hm.f nh wd3 snb
 mi m nfrty hnms.i
 dd.k n.i nhy n mdwt nfrwt
 tsw stpw
 wd3y hr n hm.i n sdm st
 dd.in hry-hbt nfrty
 in iw m hprwt
 in iw m hprwt(y){.f}.sy
 ity nh wd3 snb nb.i
 dd.in hm.f nh wd3 snb
 m hprt(y).st swt min is hpr sw3 hr.f
 hc.n dwn.n.f drt.f r hn n hrt-
 hc.n šdi.n.f n.f šfdw hn gsty
 wn.in n.f hr irt m sšw
 ddt.n hry-hbt nfrty
 rh-ht pw n i3b(t)
 n(y)-sw b3stt m wbn.s
 msw pw n hk3t-d

3. (Papiro Hermitage 1116B, linhas 17 a 21)

iw.f mhyw.f hr hprrt m t3
 iw.f sh3.f kni n i3btt
 hpw 3mw m hpšw.sn
 sh.sn ibw n ntyw hr šmw
 nhm.sn htrw hr sk3
 dd.f hwsı ib.i
 rmw.k t3 pn
 š3^c.n.k im.f
 gr m iwh
 mk wn ddti r.f m stryt
 mk r.f wn wr m pth
 š3^c.n.k im t3

4. (Papiro Hermitage 1116B, linhas 21 a 23)

m wrd mk st hft hr.k
 hc.k r ntt m-b3h.k
 mk r.f wn wrw m shrw nw t3
 iryt m tmt iri š3^c r^c m grg
 t3 3kw r-3w n hpr w3dwt
 nn sp kmw n nt m š3yt.f

5. (Papiro Hermitage 1116B, linhas 24 a 26)

hd t3 pn nn mhy hr.f
 nn dd nn iri rmw



wnn t3 pn m-m
 itn ḥbsw
 nn psd.f m33 rhyt
 nn ᵑnh.tw ḥ(b)sw šnᵑ
 wn.in.s ḥr-nb idi m g3w.f
 iw.i r dd nty ḥft ḥr.i
 n sr.n.i ntt n iy

6. (Papiro Hermitage 1116B, linhas 26 a 30)

iw itrw šw nw kmt
 wd3.tw mw ḥr rdwy
 iw.tw r ḥhy mw
 n ᵑhᵑw r skd.f
 w3t.f ḥprti m wdb
 iw wdb r nty mw
 st mw r nty m st wdb
 iw rsw r ḥsf m mhyt
 nn pt m t3w wᵑ
 iw 3pd drdrit r mst
 m ḥ3t nt t3 mḥw
 iri.n.f sšw ḥr-gswy
 stkn sw rmt n g3w

7. (Papiro Hermitage 1116B, linhas 30 a 35)

ḥdi ḥm nf3 n bw nfr
 n3 n šw kᵑhw
 wnyw ḥr wgs
 wbn ḥr rmw 3pdw
 bw nfr nb rwwi
 ptḥw m t3 n ksnt
 m-ᵑ nf3 n df3w
 styw ḥtyw-t3
 iw ḥrw ḥpr ḥr i3bt
 iw ᵑ3mw ḥ3t r kmt
 g3w.tw ḥnrt ky r-gs
 nn sdm mwnf
 tw r isk m3kt m grḥ
 tw r ᵑk ḥnrt
 tw r snbt kdd m irty.i
 sdr.kwi ḥr iw.i rs.kwi

8. (Papiro Hermitage 1116B, linhas 35 a 40)

ᵑwwt ḥ3st r swr ḥr itrw nw kmt
 kbb.sn ḥr wdb.sn
 n g3w striw
 st iw t3 pn [r] iḥ(t)



int n rh bsw hprt(y).fy
imn m dd
ptrw sdm hr idw
iw gr hf(t)-hr
di.i n.k t3 m sn-mnt
tm hpr hpr
tw r šsp h^cw nw ^ch3
^cnh t3 m sh3

9. (Papiro Hermitage 1116B, linhas 40 a 45)

tw r irt ^ch3w m hmt
dbh.tw m t snf
sbt.tw m s(b)t n mr
nn rmw.tw n mwt
nn sdr.tw hkr n mwt
ib n s m-s3.f ds.f
nn iri.tw s3mw min
ib stni n hr.s r-3w
hmsi s r k^ch.f s3.f
ky hr sm3 ky
di.i n.k s3 m hrwy
sn m hft(y) s hr sm3 it.f

10. (Papiro Hermitage 1116B, linhas 45 a 49)

r nb mh m mrw wi
bw nfr nb rwwi
3kw t3 š3.tw r.f hpw
hdd m irt wš.tw m gmyt
irt m tmmt irr.tw
nhm ht s r.f rdiw n-nty m rwty
di.i n.k nb m nhp rwty htp
tm iri mh n.f iri šw
tw r rdt ht m msdd
r sgr r mdw
wšb.tw ts ^c prw hr ht
mdw.tw m sm3 sw

11. (Papiro Hermitage 1116B, linhas 49 a 54)

hn mdwt hr ib mi ht
nn whd.n.tw pri n r
^cnd t3 ^cš3 hrpw.f
wš ^c3 b3kw.f
ktt it wr ipt
h3i.tw.s m wbn
iw r^c iwd.f sw rmt
wbn.f wn wnwt



nn rh.tw hpr mtrt
 nn tni šwyt.f
 nn b3k hr dg3.tw
 iw nn ibh irty m mw
 wnn.f m pt mi i^h
 nn thi nw.f nw sš3w
 wnn is stwt.f m hr
 m spw m imyw-h3t

12. (Papiro Hermitage 1116B, linhas 54 a 57)

di.i n.k t3 m sny-mny
 s3 ^c m nb ^c
 (iw).tw nd-hrt nd-hrt
 di.i n.k hry r hry
 phr.ti m-s3 phr ht
^cnh.tw m hry-ntr
 iw hwrw r irt ^ch^cw
 wrt [...] r hpr
 in šw3w wnm.sn tw
 b3kw bhk3w
 nn wn hk3t-^cd r t3
 mshnt nt ntr nb

13. (Papiro Hermitage 1116B, linhas 57 a 61)

nsw pw r iit n rsy
 imny m3^c-hrw rn.f
 s3 hmt pw n t3-sty
 msi pw n hnw nhn
 iw.f r šsp hdt
 iw.f r wts dšrt
 iw.f sm3 shnty
 iw.f r shtp nbwy
 m mrwt.sn
 phr-ihy m fh^c wsr m nwdt

14. (Papiro Hermitage 1116B, linhas 61 a 65)

ršy rmt nt h3w.f
 s3 n s r irt rn.f
 r nhh hn^c dt
 w3yw r dwt k3y sbiw
 shr.n.sn r.sn n sndw.f
 iw ^c3mw r hr m š^ct.f
 timhw r hr n nswt.f
 iw sbiw nw ndnd.f
 h3kw-ib nw šfšft.f
 iw ^cr^ct imy hnty



hr shryt.f h3kw-ib

15. (Papiro Hermitage 1116B, linhas 65 a 71)

*tw r kd inbw-hk3 nh wd3 snb
 nn rdit h3y 3mw r kmt
 dbh.sn mw mi shrw šs3w
 r rdit swr 3wwt.sn
 iw m3t r iit r st.s
 isft dr sy r-rwty
 ršy gmhty.f
 wnnt.fy hr šms nsw
 iw rh ht r stt n.i mw
 m33.f ddt.n.i hpr*

8. As Lamentações de Khakheperréseneb

Tabuinha B. M. 5645 recto, linhas 1 a 4

*shwy md(w)t kdf tsw
 dr hnw m hhy n ib
 iri.n wcb n iwnw
 sny-s3 hc-hpr-r-3nbw ddw n.f nhw
 dd.f h3 n.i hnw
 tsw hppy m mdt m3wt tmt
 šwt m whmmyt
 nn ts n sbt r hrw ddt.n tpw-3w
 sh3k.i ht.i hr-ntt im.s
 m fh n dd nb hr-ntt rf whmw dddt
 iw dddt dd
 nn 3bw mdt imyw h3tyw
 gmi is imyw htw*

Tabuinha B. M. 5645 recto, linhas 5 a 9

*n dd dd dd ddt.fy gmy ky dd.f
 n mdt n mdt hr-s3 iry iri n.sn dr-3
 nn mdt ntt k3 sdd.s(n) hhy pw r 3k
 grg pw nn sh3t.fy rn.f n kt-hy
 dd.n.i nn hft m3.n.i
 š3t r ht tpyt nfryt r iw hr-s3
 sny.sn r sw3t h3 3 rh.i hm ny kywy
 m tmmt whmy dd.i st wšb n.i ib.i
 shd.i n.f r mn.i
 win.i n.f 3tpw nty hr psd.i
 hnw m sfn n wi šsr.i n.f mnt.i m-3f*



dd.i ih hr srf.i

Tabuinha B. M. 5645 recto, linhas 10 a 14

*ink pw hr nky m hprt shrw hpr ht t3
 hprw hr hpr nn mi rnpt sf
 dns 1 rnpt r snwt.s
 sh3 t3 hpr m hdi{.n.i} irw m [... ...]
 rdi.tw m3t rwti isft m-hnw sh
 hnn.tw shrw ntrw wnt {w} mhrw.sn
 wnn t3 sny-mny i3tyw m nbt
 niwwt sp3wt m i^cnw hr-nb twt hr iw
 šfyt rdw s3 r.s tkw nbw sgrw
 nhpw hr hpr r^c nb
 hr tnbh r hprt di.i r hr.sn
 3tp ^cw.i snw.i hr ib.i
 whdw sw h3p ht.i hr.f
 ksi pw ky ib ir ib kn m st ksnt
 sn pw n nb.f
 h3 n.i ib m rh whdw k3 iry.i shny hr.f
 3tpw sw m mdwt nt m3iw dr.i n.f mn.i*

Tabuinha B. M. 5645 verso, linhas 1 a 4

*dd.f n ib.f mi m ib.i mdw.i n.k
 wšb.k n.i tsw.i wh^c.k n.i n3 nty ht t3
 ntyw hd pth ink pw hr k3y m hprt
 ihw bs m min nhpw n sw3 drdrw
 hr-nbw gr hr.f t3 r-dr.f m shrw ^c3w
 nn ht šwt m iww bw-nbw twt hr irt st
 h3ty snmw dd(w) hr m ddw n.f hr
 ib n sny hrw dw3.tw r.s m hr hrw r^c
 n win.n st ibw hrt sf im mi p3 hrw
 hr sni rs n ^cš3w hr dri
 nn r^ck šs3.f nn dnd di.f r*

Tabuinha B. M. 5645 verso, linhas 4 a 6

*dw3.tw r whdw r^c nb 3ww wdn mn.i
 nn phty n m3ir m r.f m wsr r.f
 h3yt pw gr r sdmt ihw pw wšb n hm
 hsf hn hr shpr rk^w n šsp.n ib m3t
 n whd.tw smi n mdt mri nb s ts.f
 bw-nbw grg hr h3bb btt mtw mdt
 dd.i n.k ib.i wšb.k n.i n gr.n ib ph
 mk hrt b3k mi nb ^cš3 wdn hr.k*



9. Ensino de Amenemhat I ao seu filho Senuseret

1. (Papiro Sallier II, linhas 1 a 2)

h3t-^c m sb3yt irt.n
hm n nsw-bit shtp-ib-r^c
s3 r^c imn-m-h3t m3^c-hrw
dd.f m wpt m3^ct
n s3.f nb-r-dr
dd.f h^c m ntr
sdm n dd.ti.i n.k
nsy.k t3
hk3y.k idbw
irr.k wi m h3w hr nfrw

2. (Papiro Sallier II, linhas 2 a 4)

s3kw tw r smdt r.f tmt hprw
tmmt rdiw ib m-s3 hrw hr st
m tkn im.sn m w^ciw.n.k
m mh-ib.k m sn m rh hnms
m shprw n.k kw nn km n iry

3. (Papiro Sallier II, linhas 4 a 5)

sdr.k s3w n.k ib.k ds.k
hr-nty nn wnn mrw n s
hrw n ksnt.k
iw di.n.i n sw3w shpr.n[.i m] snmh{.n.i}
di.n.i m phwy iwty wn

4. (Papiro Sallier II, linhas 5 a 7)

in wnmw k3w.i iri tst{.n.k}
r di.n.i n.f wy.fy hr shpr hr hr {st} [im]
wnhw pr.i m p3kt.i hr m33 n.i mi swyw
wrhw ntyw.i hr stiw mw mhry.i

5. (Papiro Sallier II, linhas 7 a 9)

snnw.i nhw m ps[.i] m rmt
iw irw n.i k3mdt m iwty n bw sdm.n.tw.f
iw bw-^c3 n h3 n m33.n.tw.f
is tw h3.tw hr mtwn smh sf
nn km n bw-nfr n hm rh.f

6. (Papiro Sallier II, linhas 9 a 11)



r-s3 msyt pw h3yw hprw
 šsp.n.i m wnwyt nty nfr-ib
 sdr.kwi hr hnkyt.i b3gi.n.i
 š3c.n.i h3ty.i hr šms kd.i
 ist sphrw h^cw r nd r-hr.i
 iri.kwi mi syn-t3 n smt

7. (Papiro Sallier II, linhas 11 a 13)

nhsi[.n].i r h3w iw.i n h^cw.i
 gmi.n.i hwny-r-hr pw n m^cwnf
 ir šsp.n.i 3s[i] h^cw m drt.f
 iw di.n.i {n} hti {n} hmw m-^c b3b3{.tw}
 nn swt kni m grht nn h3 {tw} w^cty
 nn hpr sp m^cr m-hmt [.kwi] mkty

8. (Papiro Sallier II, linhas 13 a 14)

mk st3w hpr iw.i m-hmt.k{wi}
 nn sdmt.n.i šnywt hr sw3d.i n.k
 iw hmst tw hn^c.k ih iry.i hr shrw.f
 hr-nty nn hr.[i] st m hmt st
 n inn.i ib.i wsft nty hr b3kw

9. (Papiro Sallier II, linhas 14 a 16)

in iw p3.n hmwt ts hr skyw
 in iw šd.tw {m} hnnw [m] hnw n pr
 in iw hb3.tw im.i c d gbbw
 in iw swh3.tw ndsw{.k} hr irt.sn
 nn iw{t.n.i} iyt h3y.i n dr msyt.[i]
 nn hpr mitt st sp m irt knn

10. (Papiro Sallier II, linhas 16 a 18)

iw h3b.n.i r 3bw hs{t}[i.n.i] r idhw
 h^c.kwi hr drw {hr}{t3} m33.n.i m k3bw.f
 ini.n.i hr drw m hpš tw
 m hpš.i m hprw.i

11. (Papiro Sallier II, linhas 18 a 20)

ink iri it mry npri
 tri.n wi h^cpy hr pg3 nb
 n hkr.tw im.i rnpwt.i n ib.tw im.i
 iw hmsi.tw m irt.n.i hr sdd.tw im.i
 iw wd.n.i nb r st iry.i

12. (Papiro Sallier II, linhas 20 a 21)

iw knb{t3w}[.n].i m3iw ini.n.i mshw



iw di.n.i w3w3yw ini.n.i mḏ3yw
iw di.n.i iry.i {hr} styw hr šmt ṯsmw

13. (Papiro Sallier II, linhas 21 a 22)

iw iri.n.i n pr [s]ḥkrw m nbw
h3wt.f m ḥsbd
s3wt m ḥḏ
s3tw m mnḥ3t
ḥ3w{t}{y} m ḥmt
k3rt [m] ḥsmn {irit}
iri n ḏt ḥryt ḥḥ hr st
iw.i rh.kwi m-ḏryt nb nb-iry-r-ḏr

14. (Papiro Sallier II, linhas 22 a 25)

iw ms msyt ḥ3t m mrrwt
iw rh hr [ḏḏ] tiw wh3 hr [ḏḏ] nfrw.f
hr-nt{y}{t} n rh.f sw šw m hr.k
{n s.i} s3.i n s-n-wsrt ḥnh wḏ3 snb
rdwy.i hr šmt m ntk ib.k ḏs.k
irty[i] hr gmḥ.{n.i}[k]
msyw m wnwnt nt nfr-ib
r-gs ḥnmmt di.sn n.k i3wt

15. (Papiro Sallier II, linhas 25 a 28)

mk{y} irw.n.i hr{y}-ḥḥt ṯs.i n.k m phw
ink mni n[k] nty m ib{k}[i]
tw hr w3ḥ n ḥḏt prt-nṯr
ḥtm r st iry m ṣḥ3.n[i] n.k
h{3}nw m wi3 [n] rḥ
ḥḥ.n {ss} nsyt.k {s} ḥpr hr-ḥ3t.i
nn m irt.n.i iḥnnw
sḥḥ mnw{k} smnh rdw.k
ḥḥ.k wi hr rh.tw hr rh.k wi
hr-nt{y}{t} nn mr.n.{f}[i] {s}tw
r-gs ḥm.{f}[i] ḥnh wḏ3 snb

Cólofon (Papiro Sallier II, linha 28)

iw.s pw nfr m http{w.i}
im k3 [n] ḥsyw iḥr nfr m bi3t
sš pr-ḥḏ k3-g3-bw-ḥt
sš pr-ḥḏ hr.i
sš ini-n3-n3
m ḥ3t-sp 1 3bd 1(-nw n) prt sw 20



10. Ensino Lealista

1. (§1-1 a §1-10)

h3t-^c m sb3yt
irt.n r-p^cty h3ty-^c
it(f)-ntr mry-[ntr]
hry s3t3 n pr nswt ^cnh w33 snb
hry-tp n t3 r-dr.f
sm hrp m šndyt [...].f
m sb3yt hr msw.f
dd.i wrt di.i sdm.tn
di.i rh.tn shr n nhh
sšr ^cnh n m3^cw
sbt ^ch^cw m http

2. (§2-1 a §2-10)

dw3 nsw n(y)-m3^ct-r^c
^cnh dt m hnw n ht.tn
snsn hm.f m ib.tn
imi nrw.f m hrt hrw
km3 n.f hnw r tr nb
si3 pw imy h3tyw
iw irty.f[y] d^cr.sn ht nbt
r^c pw ^cnh hry sšm.f
iw nty hr šwt.f r wr hrw.f
r^c pw m33w m stwt.f
shdw sw t3wy r itn

3. (§3-1 a §3-12)

wbd hh.f r nst n sdt
snw[h] sw 3t.f r ht
sw3dw sw r h^cpy 3
mh.n.f t3wy m nhtw (n) ^cnh
kbb fndw w3.f r nšni
htp.f r tpr t3w
dd.f k3w n ntyw m šms.f
sdf[3y].f mdd mtn.f
iw hsyw.f r nb 3bt
iw rkyw.f iwty.f
iw [...] nsw r im3hy
[...] šntyw.f

4. (§4-1 a §4-9)



in b3w.f ċh3 hr.f

iw s̄c̄d [...] dd [...] šfyt.f

rs hr [...]

[...].n grg hr dw3w nfrw.f

wb3y.f km3 [...]

[...] ib.f

ċnh pw n dd n.f i3yw

iw šntyw.f r hry [...]

iw h3t [...]

5. (§5-1 a §5-14)

k3 pw nsw hw pw r.f

shpr.f pw [m] wnnt.f

iw̄c̄t pw nt ntr nb{t}

ndty km3[w] sw

hww.sn n.f šnty.f

ist{w} hm.f ċnh wd3 snb

m ċh.f ċnh wd3 snb

itm(w) pw n ts wsrwt

iw s3.f r h3 dd b3w.f

hnmw pw n h̄c̄w nb(w)

wttw shpr rhyt

b3st pw hwt t3wy

iw dw3 sw r nhw ċ.f

shmt pw r thi wdt.f

iw sf3.f r hr šm3w.f

6. (§6-1 a §6-12)

ċh3 hr rn.f

twr hr ċnh.f šw.tn m sp n bgsw

iw mr n nsw r im3hy

nn is n sbi hr hm.f

iw h3t.f m km3 n mw

m itnw hr fk3w n dd.f

m3t bit sns w h̄dt.f

sw3š wts shmt

iri.tn nn wd3 h̄c̄w.tn

gmi.tn st n dt

wn tp-t3 nn šnw im.f

m sby ċh̄c̄w m h̄tp

7. (§7-1 a §7-7)

ċk m t3 m dd nsw

h̄tpw hr st n dt

h̄nmt tpht imy nh̄h

iwnn msw.tn hr mrwt.tn



*iw^ct.tn mn hr nst.tn
sny kd.i m wny mdwt.i
smnh tp-rdw iri.n.i*

8. (§8-1 a §8-9)

*ih dd.tn n hrdw.tn
iw r sb3 dr rk ntr
ink s^ch n sdm n.f
k.n nb.f m s3rwt.f
m snty kdw.i
m stni hr bi3t[i]
šww.tn m spw b3gsw
iw s3 sdm{w.i} r iwty dwt.f
n m^cr.n šhrw nb{t} im.f*

9. (§9-1 a §9-10)

*hsyw.tn nn m-ht rnpt
rwd iry m s3h n t3
ky sp m st3t ib.tn
m 3h.tw rs hr hmw.tn
hn n rmt s3k wndwt.tn
t3ry.tn [hr] hmw n iryw
in rmt šhpr ntyw
nh.tw imy m wy.sn
g3y.tw rs šhm šw3w*

10. (§10-1 a §10-9)

*i3t pw irt d3w
šw pr.f tfy snnt.f
iw hrw.sn smn inbw
nb s3t pw sdr r šsp
nn wn kd n w^cty
n h3b.n.tw m3i m wpt
nn idr ddh sw r inbt
iw hrw.f mi ibi h3 šdyt
[...] r.f r-imyw*

11. (§11-1 a §11-12)

*3bb.tw h^cpy gmm.tw st
nn 3ht sk3t hpr sy ds.s
wr k3w wnn [...][mniw ?]
in ddhw hww wšbw
in [...] mni [...]
[...] w^ct s3t nn dr-^c.sn
i3wt [...] n ntr
ir pr im st spd hr*



*m s3t ʿhwty hr b3kw
 ʿby.f gmi.f n.k sw nri
 ir ʿnh.f ʿwy.fy
 wš.k sw k3.f r šm3w*

12. (§12-1 a §12-10)

*nhb b3kw r d3wt šmʿ
 [...] pw hr ib n ntr
 n spi n ʿhʿ n isfty
 n gmi.n msw[t].f wd3t.f
 irw sfn pḥwy ʿnh.f
 nn wn msw.f tkn ib
 iw mrt n sni hr.f
 nn iwʿw n tff ḥ3ty
 wr šfyt nt nb ḥrt
 ʿš3 ḥrw isft hr ib*

13. (§13-1 a §13-8)

*in dw ḥb3 i3t.f
 grg niwt n mryty
 mnw pw n s w3ḥ-ib
 3ḥ gr [...]
 [...] ḥmt iyt
 ʿnn sw šḥm šḥny
 sfn km3.n.f idt
 mniw dwt ʿnd idr.f*

14. (§14-1 a §14-8)

*ʿḥ3 hr rmt m šsrw nb
 ʿwt pw 3ḥt n nb.sn
 ntsn pw gmmw ʿnh.tw im.s
 3ḥ st r-sy n sm3yt-t3
 m33.tn n [...]
 srsi tp.tn hr ḥmw-k3.tn
 b3gsw s3 mnw n wʿb
 i3m pw ddw n.f iwʿw
 bs sʿḥ nis hr rn.f
 [...] 3ḥ ini šbw [...]
 hr ntt 3ḥ(t) n irr r irw n.f
 in smw mkk ḥry t3*

Cólofon (linhas 1 e 2)

*[...] m ḥtpw
 in sš wʿbwt n pr imm [...] ḥri{3}
 sš s3 p3 ir
 sš p3 [...]*



11. Ensino de Kheti

1. (Papiro Sallier II, linha 9 da coluna 3 à linha 1 da coluna 4)

h3t-^c m sb3yt irt.n

s n t3rt dw3wf-s3 hty rn.f

n s3.f ppy rn[.f]

ist rf m hntyt [r]-ntt hnw

r rdit.f m ^ct-sb3 nt sšw

nn k3bw.f msw srw imy hry nt hnw

2. (Papiro Sallier II, coluna 4, linhas 1 a 4)

^ch^c.n dd.n.f n.f

m33.n.i knknw sp-sn

dd.k ib.k m-s3 sšw

dg3.n.i nhm hr b3kw.f

mk{y} nn wn m h3w sšw

mitt hr mw pw

šd r.k m phwy kmyt

gmy.k ts[w] pn im.st m dd

ir sš [m] st.{tw.}f nbt r hnw

nn hwrw.f im.f

3. (Papiro Sallier II, coluna 4, linhas 4 a 6)

iw.f {hr} iri.f s3rt n ky

nn pri[.n].f htpw

[n] m33.n.i i3tw m mitt.st

m ddt ts pn im.st

di.i mry.k sšw [r] mwt.k

di.i ^ck nfrw.[s] m hr.k

wrt sw{t} grt r i3tw nbt

nn wn [mitt.s] m t3 pn mdt

š3^c.n.f w3d{t} iw.f m hrd

tw [r] nd-hrt.tw.f

tw [r] h3b.f r irt wpwt

nn iyt.f sw rdi.f m d3iw

4. (Papiro Sallier II, coluna 4, linhas 6 a 8)

n m33.n.i gnwtyw m wpwt

nbyw h3b.[tw.]f

iw m33.n.i hmtyw hr b3kw.f

r r n hryt.f

db^cw.fy mi ht mshw



hnš sw r swḥwt rmw

5. (Papiro Sallier II, linha 8 da coluna 4, à linha 1 da coluna 5)

ḥmww nb t̄3y ʿnt

wrd sw r mnt

3ḥwt.f m ḥt

ḥnw.f m ḥmt

m grḥt nḥmw.f

iri.n.f m ḥ3w nw ʿwy.fy ḥr irit

m grḥt st3w.f

6. (Papiro Sallier II, coluna 5, linhas 1 a 3)

ms-ʿ3t ḥr wh3 m mnḥt

m ʿ3t nbt rwd

kn.n.f mḥ nw 3ḥt

ʿwy.fy 3kw [n] wrdw.[f] {sw}

iw ḥms.[f] {tw} ḥr ʿkw nw rʿ

m3sty.f[y] [i]3t.f wʿfw

7. (Papiro Sallier II, coluna 5, linhas 3 a 5)

ḥʿkw ḥr ḥʿkw m pḥwy mšrw

dd.f sw n ʿmyt dd.f sw ḥr kʿḥ.f

dd.f sw {r} [m] mrt r mrt

r wh3 r ḥʿkw.f sw

knn.f ʿwy.fy r mḥ ḥt.f

mi bit wnmw r k3tw.st

8. (Papiro Sallier II, coluna 5, linhas 5 a 6)

btyḥ ḥdi.f r idḥw

r it̄i n.f swnw

iri.n.f m ḥ3w nw ʿwy.fy ḥr irit

sm3.n sw ḥnmsw

ḥmyw sfnd.n sw sfnd.f

ḥr wnn.f wdʿ

9. (Papiro Sallier II, coluna 5, linhas 7 a 9)

ikdw-ndswt ḥr 3ḥwt

sʿḥ.f m ʿnḥw

ḥmw {n} sw r š3wt r š3iw

r pst ḥr 3ḥwt.{tw}f

ḥbsw.{tw}f nḥt {tw} m dbn

ʿ3gsw.f m stp

ʿk r t̄3w{.s} fnd.f

pri{.s} [m] t̄3.f wd3

iw.f ḥr tiyt m rdwy.f[y]

shmw im.f ds.f



hmw h n pr nb{t}
 hwi ny n n3 iwt

10. (Papiro Sallier II, coluna 6, linhas 1 a 3)

dd.i n.k mi kd-inbw
 mr dpt
 hr wnn.f m rwty n sm3t
 ikdw.f m d3iw
 3gsw m sšny n3yt
 r w3ww n phwy.f[y]
 wy.fy 3k m mnht
 šbn hs{b}t.f nbt
 wnm.f t {sw} dbw.f{y}
 iw.f sw hr {h}tr w

11. (Papiro Sallier II, coluna 6, linhas 3 a 5)

hs{y} n mdh n dri.f rssy
 sny špw m t
 m t nt {r} mh 10 {r} mh 6
 sny špw m 3bd
 m-s3 w3h sbw m sšny n3yt
 irw k3t.s{t} nbt
 ir kw rdif {sw} n pr.f {pn}
 [nn] pnk sp sn hrdw.f

12. (Papiro Sallier II, coluna 6, linhas 5 a 8)

k3ry hr inn m3hd
 kh.f nb hr tnw
 wt wrt hr nhbt.f
 iw.s {t} hr irt dw
 sdw3.f hr iwh i3kt
 mšrw.f hr š3wt
 iri.n.f hr hrw
 m-s3 ht.f bin
 hpr hnw.f mwt.f rn.f
 tnw r i3{w}t nbt

13. (Papiro Sallier II, linha 8 da coluna 6 à linha 2 da coluna 7)

hwty h{s}b(t) {f} r nhh
 k3 hrw[f r] bw
 dbw.fy irw {n.i wy.fy} [m 3wt]
 hr h3w nb n shbw
 wrdw sw r mtr r {t} idhw
 hr wnn.f m stp
 wd3.f wd3 m m3iw
 mr [r] db3w ir.f



h3w.[f] m hnw.{sn}[f]
 spr.f im m šw
 spr.f r pr.f [h]3{šr}w
 wd^c.n sw hr šmt

14. (Papiro Sallier II, coluna 7, linhas 2 a 4)

kny m-hnw n3yt
 bin sw r st hmt
 m3sty.fy r r-{n}ib.f
 nn tpi n.f t^cw
 ir hb3.tw.[f] m hrw m šht.tw.[f]
 ithw.f m ššny m 50
 iw.f di.[f] kw n{w} iry-^c3w
 r dit ptr.f {t3} [r] h_dwt

15. (Papiro Sallier II, coluna 7, linhas 4 a 6)

irw h3w sfn.f r-sy
 hr prt r h3st
 iw wr dd{yw.tw}.f n{3} t^c.f
 r k3t st r-s3 iry
 iw wr dd{yw}{.f n} imy[t]-š3
 ddyw sw hr w3t
 spr.f r im m šw
 spr.f r pr.f [h]3{šr}w
 wd^c.n sw [hr] šmt

16. (Papiro Sallier II, coluna 7, linhas 6 a 8)

shhty hr prt r h3st
 swdt.n.f 3ht.{tw}.f n msw.f
 sndw m m3iw hn^c ^c3mw
 {i}[r]h[f] sw r.f iw.f hr kmt
 spr.f im š3w
 spr.f r pr.f {3}[m]šrw
 wd^c.n sw šmt
 iw{.f} pryt p3y.f m d3iw m dbt
 nn iy{.f sw} sndm-ib

17. (Papiro Sallier II, linha 9 da coluna 7 à linha 1 da coluna 8)

stny db^cw.fy hw3w
 sty iry m h3w[t]
 irty.fy w^cw m hwrw{n}
 nn h{t}sf.f wrt.f
 wrš.f [m] š^cd n ist
 bwt.f pw hbsw.f

18. (Papiro Sallier II, coluna 8, linhas 1 a 2)



tbww bin sw r-sy
hr dbht.f {m}r nhh
wḏ3.f wḏ3 m ḥ3w[t]
psh.f m {i}msk3.f

19. (Papiro Sallier II, coluna 8, linhas 2 a 6)

rhty hr rht{y} hr mryt
s3ḥ-t3 m ḥntyw
pri it hr mw p3 ʿd {nn ḥsf.f s3.f}
hr s3.f s3t.f
nn i3t ḥtp hr.s
tnw [r] i3t nbt
šbb {hr} šbnw hr ḥsbw.f
nn rmnw {inn iw} wʿb im.f
dd.f [sw] m d3iw [n] st ḥmt {hr}
wnn{t.f} m ḥsmn[.s]
rmyt{k} [n.f] wrš.f m-ʿ g3t
iw inr im.k
ḏd.tw [n.f] š3{n}[m]w tw n.k ms[.tw r.i]
shr spt im.k

20. (Papiro Sallier II, coluna 8, linhas 6 a 7)

whʿw 3pdw sfn r-sy
bw gm[h].f hrp
ir sw3 3pdw ḥnmw m ḥrt.f
hr.f ḏd.f ḥ3-n-r.i m i3dt
nn rdi.n ntr ḥpr m-ʿ.f
sfn.f hr shrw.f

21. (Papiro Sallier II, linha 8 da coluna 6 à linha 2 da coluna 9)

ḏd.i n.k mi whʿ {r} rmw
sfn.f r i3wt nbt
nn wn m b3kw[.f] m itrw
šbnw ḥnʿ mshw
ir ḥpr n.f dmdyt nt ipt.f
hr wnn.f {m} [hr] nhwt
nn ḏd n{tw}[.f iw] mshw ʿhʿ
šp{w}.n sw sndw[.f]
pri.f hr mw pw p3 ʿdw
hr.f mi b3w ntr
mk{y} nn i3wt šw {m} ḥrpw
wp[-hr] sš{w} ntf [pw] ḥrp{w}

22. (Papiro Sallier II, coluna 9, linhas 2 a 5)

ir sw rh.k sšw
wn m nfr n.k st r n3 n i3wt ḏd.i m hr.k



mk{y} iry[-sšm] ḥwrw n.i iry[-sšm]
 nn ḏd n.tw ḥwty ḥr s pw
 m s3w ir.k
 mk{y} ir st m ḥntyt r ḥnw
 mk{y} ir{t} st n mry.k
 3ḥ n.k ḥrw m ḥt-sb3
 iw r nḥḥ k3t.s ḏww
 iw.s{t} 3s sp-sn di.i rḥ.k
 di.i mry[.k] {s}s[n]hp btnw

23. (Papiro Sallier II, coluna 9, linhas 5 a 7)

ḏd.i n.k mi kt-ḥw mdwt
 r sb3.k rḥ.k
 mi ḥḥ.k r bw ḥ3.tw{.k}
 m {ntk n nty ???} [tkn.k] dbt ḥr šḥrw
 ir t3y.tw dbt [ḥr] 3s
 nn rḥ.tw bw ḥsf srf
 mtr ḥr sdmyw
 iri n.f wšb ḥr.f wdf3

24. (Papiro Sallier II, coluna 9, linhas 7 a 9)

ir šm.k m pḥwy srw
 m {n} tkn w3w m rḥ nfrt
 ir {ir} ḥk.k iw nb{t} pr m pr.f
 iw bw ḥwy.fy n ky r ḥ3t.k
 iw ḥmsi.k [wi] ḏrt.k m r.k
 m dbḥ 3ḥt r-gs.f
 iri n.f mi ḏdt im
 m m s3w ts r tt

25. (Papiro Sallier II, linha 9 da coluna 9 à linha 1 da coluna 10)

dns im.k wr šfyt
 m ḏdt mdt n ḥ3pw
 iw ḥ3p{f} ḥt iri n.f ikmw
 m ḏdt mdt n pr-ḥ ib
 iw ḥmsi tw ḥnḥ{.k} ksmw

26. (Papiro Sallier II, coluna 10, linhas 2 a 3)

ir pri.k m ḥt-sb3
 m-ḥt smi.tw n.k mtrt
 ḥr šmt ḥ3i nw[d] n3 iwyt
 ts n.k m pḥwy n bw n[.k] st

27. (Papiro Sallier II, coluna 10, linhas 3 a 4)

ir ḥ3b tw sr m wpwt
 i ḏd.f mi ḏd.f sw



m itt m rdit hr st
iw h3^c.f h3i nwd
nn rn.f w3h-ib
iw.f hr r^ck m bi3t.f nbt
nn wn imm ir.f
nn tnw.f r st.f nbt

28. (Papiro Sallier II, coluna 10, linhas 4 a 6)

m dd grg r mwt.f
3bw srw pw
ir m-ht hprw
3wy.fy twt rdi ib sfn{d}.f
m rdit hr st hn^c ksmw
iw hsy sw r ht sdm.tw n.k
ir s3i tw 3 n t
s^cm hnw 2 n hnkt
nn dr ht r^ch3 hr st
ir s3.tw n ky m r^ch^c
s3w tst r tt

29. (Papiro Sallier II, linha 7 da coluna 10 à linha 1 da coluna 11)

mk{y} h3b.k r^cs3t
sdm.k mdt srw
ih iry.k ki msw rmt
iw.k hr smt r nmmt.sn
m33.n.tw sš [hr] sdm
hpr sdm pr-^c ib nht
r^ch3.k mdt nt r.s
3st rdwy.k iw.k hr smt
nn kf3w ib.k
sm3 mtn r.s {st}
hnmsw s d3mw.k

30. (Papiro Sallier II, coluna 11, linhas 1 a 4)

mk{y} rnnt hr w3t ntr
rnnt sš hr k^ch.f
hrw n msi.f
spr.f r{n}[r]yt
t3 knbt iri n.[f] rmt
mk{y} nn [wn] sš šw [m] wnm
3ht nt{y} pr-nswt r^cnh w3 snb
mshnt w3dt [nt] sš
ddy hr-h3t knbt
dw3-ntr it.[k] mwt.k
ddy hr w3t nt r^cnhw
mk{y} nn {iw}[rdi].i m hr.k



msw n msw[.k]

Cólofon (*Papiro Sallier II*, coluna 11, linha 5)

iw.s pw nfr m ḥtp

12. Hinos a Senuseret III

Primeira Parte

(«página 1», coluna 1)

*ḥr ntr ḥprw nbty ntr mswt
ḥr nbw ḥpr
nsw-bit ḥ^c-k3w-r^c
s3 r^c s-n-wsrt
iti.[.n.]f t3wy m m3^c-ḥrw*

(«página 1», colunas 2 e 3)

*ind-ḥr.k ḥ^c-k3w-r^c
ḥr.n ntr ḥprw
mki t3 swsh t3šw.f
d3ir ḥ3swt m wrrt.f
ink t3wy m r-^cwy.f[y]*

(«página 1», colunas 4 a 6)

*[...] ḥ3swt m rmn[wy].fy
sm3 pdtyw nn sḥt ḥt
sti šsr n itḥ rwd
ḥwi.n nrw.f iwntyw m t3.sn
sm3 snd.f pḏt psḏt
rdi.n s^ct.f mt ḥ3w m pdtyw
[...] pḥw t3š.f*

(«página 1», colunas 7 e 8)

*sti šsr mi iri sḥmt
shr.f ḥ3w m ḥmw b3w.f
nst n ḥm.f rth sty
tsw.f sbh3 styw*

(«página 1», colunas 8 a 10)

*w^c rnpw [nhmt(?)] ḥr t3š.f
tm rdi wrd mrt.f
rdi sḏr p^ct r šsp
d3mw.f n ḳddw.sn*

**(«página 1», colunas 10 e 11)**

h3ty.f m mkty.sn
 iri.n wdwf t3šw.f
 s3k.n mdwf idbwy

Segunda Parte**(«página 2», linha 1 a 9)**

h^cwy ntrw srwd.n.k p3wt.sn
 h^cwy hrdw.k iri.n.k t3š.sn
 h^cwy itw.k imy-b3h s³.n.k psš{t}w.sn
 h^cwy kmtw m hpš.k mk.n.k iswt.sn
 h^cwy p^ct m shr.k iti.n b3w.k h3w.sn
 h^cwy idbwy m nrw.k swsh.n.k hrt.sn
 h^cwy d3mw.k stst rdi.n.k rwd.sn
 h^cwy im3hyw.k rdi.n.k rnpy.sn
 h^cwy t3wy m phty.k mki.n.k inbw.sn

Refrão**(«página 2», linha 10)**

inyt.f hr swsh t3š.f whm.k nhh

Terceira Parte**(«página 2», linha 11 a 20)**

wrwy nb n niwt.f r^c pw nds pw k[y]wy h3w rmt
 wrwy nb n niwt.f isw ^c mw pw dni itrw r wdnw.f nw mw
 wrwy nb n niwt.f isw mnkb pw rdi sdr s nb r šsp
 wrwy nb n niwt.f isw imdr pw m hsmn šsm
 wrwy nb n niwt.f isw ibw pw tmm š3š drt.f
 wrwy nb n niwt.f isw nht pw nhmt snd m-^c hrwy.f
 wrwy nb n niwt.f isw šwt pw 3ht kbt m šmw
 wrwy nb n niwt.f isw k^ch pw šm[m] šw{t} r tr n prt
 wrwy nb n niwt.f isw dw pw mdr d^c r tr n nšnn pt
 wrwy nb n niwt.f isw shmt pw r hryw hndw hr t3š.f

Quarta Parte**(«página 3», linha 1 a 10)**

ii.n.f n.n iti.f t3 šm^cw hnm.n shnty m tp.f
 sm3.n.f t3wy 3bh.n.f swt n bit
 hk3.n.f kmt rdi.n.f dšrt m ^cb.f
 mki.n.f t3wy sgrh.n.f idbwy
 s^cnh.n.f kmt hsr.n.f šnw.s
 s^cnh.n.f p^ct srk.n.f htyt rhyt
 ptpt.n.f h3swt hwi.n.f iwntyw hmw snd.f
 s^ch3.n.f t3š.f nhm.n.f ^cw3
 [...] ^cwy.f im3h n inn.n.n hpš.f
 [...] hrdw.n krs.n i3w.n hr [...]



Quinta Parte
(«página 3», linha 11 a 20)

[...]

mr.tn ḥ^c-k3w-r^c ḥnh dt r nhḥ [...]

wdd iri.f k3w.tn nhm [...]

s3w.n rh snfy ḥpr [...]

db3.tn n.f m ḥnh w3s ḥḥw n [...]

ḥst ḥ^c-k3w-r^c ḥnh dt r nhḥ [...]

f3t ḥ nfw m wi[3] [...]

ḥkry m ḏ^cm r [...]

[...].n idbwy r shs [...]

[...].n.sn mtnw [...]



HINOS A SENUSERET III

